



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Viver e Deixar as Testemunhas de Jeová - Doutrina, Transformação Pessoal,
Sofrimento Psicológico e Autodeterminação

Inês Magalhães Lopes

Doutoramento em Antropologia

Orientador:

José Filipe Pinheiro Chagas Verde, Professor Auxiliar com Agregação
ISCTE-IUL

Julho, 2023



CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS

Departamento de Antropologia

Viver e Deixar as Testemunhas de Jeová - Doutrina, Transformação Pessoal,
Sofrimento Psicológico e Autodeterminação

Inês Magalhães Lopes

Doutoramento em Antropologia

Júri:

Doutor Miguel Vale de Almeida, Professor Catedrático
ISCTE-IUL (Presidente do Júri)

Doutora Helena Vilaça, Professora Associada com Agregação
Faculdade de Letras, Universidade do Porto

Doutor João Vasconcelos, Investigador Auxiliar
Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa

Doutor Ruy Llera Blanes, Investigador Principal
Centro em Rede de Investigação em Antropologia, ISCTE-IUL

Doutor José Filipe Pinheiro Chagas Verde, Professor Auxiliar com Agregação
ISCTE-IUL (Orientador)

Resumo

Esta tese resulta de uma investigação sobre os impactos objetivos e subjetivos de viver e deixar a religião Testemunhas de Jeová, cuja doutrina apresenta um caráter milenarista e ascético específico, que se traduz na subordinação e controlo de todos os aspetos mais significativos das vidas dos seus membros em função da prioridade nela concedida à vida e ação religiosa. Esta vivência comporta transformações na perspetiva do indivíduo sobre si próprio, os outros e a sociedade, que assumem um caráter distinto e evidente nas Testemunhas de Jeová e revelam o profundo impacto que a religião tem sobre o sujeito.

Os seus objetivos principais são a descrição detalhada dos trajetos biográficos de quem integrou e abandonou essa confissão religiosa e como os padrões que estes exibem tipificam a experiência da pertença ao grupo, a par da clarificação do impacto pessoal e interpessoal dessa pertença e o que caracteriza as diferentes fases desta e do processo de abandono, destacando-se a conversão, a vida e atividade como membro, a emergência de dúvidas e incerteza sobre o valor e efeito destas, a perda de fé, a desvinculação do grupo, e as suas consequências para a necessária reconstituição da vida posterior.

Tendo por base empírica narrativas autobiográficas de 17 ex-membros, recolhidas por meio de entrevistas aprofundadas e de caráter aberto, e tendo como enquadramento uma perspetiva antropológica informada pela fenomenologia da religião, foi construída como um texto de caráter monográfico que se estrutura de acordo as diferentes fases dos trajetos biográficos dos entrevistados.

Palavras-chave: Testemunhas de Jeová, Transformação Pessoal, Experiência Religiosa, Antropologia da Religião, Fenomenologia da Religião.

Abstract

This thesis is the result of an investigation on the subjective and objective impacts of living and leaving the religion Jehovah's Witnesses, whose doctrine shows a millenarist and ascetic character, which translates into the subordination and control of all significant aspects of its members lives, in function of the priority in it dedicated to religious action and life. This type of living signifies transformations in the individual's perspective of himself, others, and society, which assume a distinct and clear character in the Jehovah's Witnesses, and reveal the profound impact that religion has on the subject.

Its main goals are: the detailed description of the biographical trajectories of whom has integrated and abandoned this religious confession and how the patterns exhibited typify the experience of belonging to this group, and, simultaneously the clarification of the personal and interpersonal impact of belonging and what characterizes its different stages and of the process of abandonment, with an emphasis on conversion, life and activity as a member, the emergence of doubts and the uncertainty of their worth and effect, loss of faith, group detachment and its consequences for the necessary reconstitution of posterior life.

Possessing as an empirical basis the autobiographical narratives of 17 former members, gathered through extensive and open character interviews, and framed with an anthropological perspective informed by phenomenology of religion, it was constructed as a text of monographical character which is structured according to the different phases of the biographical trajectories of the interviewees.

Keywords: Jehovah's Witnesses, Personal Transformation, Religious Experience, Anthropology of Religion, Phenomenology of Religion.

Índice

	<i>Página</i>
Prefácio.....	1
Primeira Parte – As Testemunhas de Jeová, Ser Testemunha de Jeová	
I – As Testemunhas de Jeová – Dos EUA a Portugal.....	5
I.I. Russell, Estudantes da Bíblia.....	5
Fundação, Doutrina Inicial.....	5
O Fim da Era de Charles Taze Russell.....	16
I.II. Joseph F. Rutherford e as Testemunhas de Jeová, Uma Teocracia.....	19
I.III. Portugal e as Testemunhas de Jeová.....	26
Do Global ao Individual.....	31
II – Tornar-se Testemunha de Jeová – Processos de Conversão.....	41
II.I. Primeiros Contactos.....	44
II.II. Motivações.....	49
O Intelectual.....	51
O Emocional/ Afetivo.....	56
II.III. Continuação do Contacto e Primeiros Passos na Integração no Grupo.....	61
II.IV. Formalização do Compromisso – O Batismo.....	68
III – Ser Testemunha de Jeová.....	75
III.I. Um Novo Quotidiano, Objetivos, Propósitos.....	87
III.II. Um Novo Eu.....	99
O Teológico.....	101
Riscos de Desvio.....	109

“Vestês” e Comportamentos Corretos.....	116
Interesses Adequados e Pensamentos “Limpos”.....	118
III.III. Uma Nova Percepção do Mundo, e de Si.....	124
Segunda Parte – Deixar de ser Testemunha de Jeová, e a Vida Depois	
IV – O Processo de Perda de Fé.....	137
IV.I. Motivos.....	140
Questões Pessoais.....	141
Tensões e Traumas Físicos e Psicológicos.....	141
Orientação Sexual e Doutrina.....	144
Inibições, Inconformidades e Riscos sobre Relacionamentos.....	145
Doença Negligenciada.....	147
Inconformidade de Ambições, Distanciamento Intelectual.....	147
Questões Intelectuais e Morais.....	148
IV.II. Negociação, Mediação.....	163
IV.III. Desvinculação.....	172
Afastamento Definitivo.....	173
Desassociação.....	174
Dissociação.....	178
V – Após as Testemunhas de Jeová.....	181
V.I. Consequências.....	183
O Social.....	183
O Psicológico.....	190
Habilitações Práticas.....	196
V.II. Transformação.....	198

Relação com o Divino.....	201
Um Outro Eu, e Visão do Mundo.....	205
Considerações Finais.....	221
Bibliografia.....	225
Bibliografia – Testemunhas de Jeová.....	239
Anexo I.....	245
Anexo II.....	251
Anexo III.....	251

Prefácio

Quase seis anos se passaram desde os primeiros passos da investigação que está na base desta dissertação, cujo trabalho de preparação teve início em 2018. Inicialmente foi pensada como um estudo dos impactos do desenvolvimento e socialização da criança no contexto de um grupo religioso, as Testemunhas de Jeová. Mas logo após a realização da primeira entrevista junto de um contacto pessoal no final do mesmo ano, algo mudaria: ao serem dados os primeiros passos na busca de mais voluntários em comunidades de discussão online dedicadas a ex-membros das Testemunhas de Jeová, defrontei-me com uma realidade que determinou uma mudança de foco. O teor de assuntos aí recorrentes – centrados na indignação, revolta, e manifestações de sofrimento psicológico –, os pedidos de ajuda e a urgência e perfis das pessoas que se iam oferecendo para participar no estudo, mostraram que o carácter singular do impacto pessoal e interpessoal deste grupo religioso *ao longo de vidas inteiras* revelar-se-ia uma realidade de maior relevância a ser estudada.

Depois de ter sido confirmada a presença residual do tema e até mesmo da confissão na produção académica, e tanto mais na antropologia e em Portugal, a busca pela caracterização da doutrina e práticas das Testemunhas de Jeová e da totalidade do percurso altamente marcante e transformativo associado à passagem pelo mesmo por parte dos ex-membros foi assim escolhido como o objeto da investigação. O convite à participação neste projeto seria então também estendido a quem fez a decisão de se converter, e 17 longas narrativas autobiográficas – cedidas num contexto em que foi dada completa autonomia de relato ao entrevistado, com mínima intervenção com questões espontâneas – foram assim recolhidas ao longo de dois anos, tendo sido esta fase finalizada em 2020. Estas entrevistas foram inicialmente conduzidas presencialmente – com a exceção de alguns entrevistados com residência fora da área de Lisboa –, mas as conduzidas em 2020 acabam todas por impor o recurso ao uso de plataformas de videochamada, tendo-se entretanto colocado as limitações associadas à pandemia de Covid-19.

Face a esta nova situação global, ao mesmo tempo dar-se-iam no grupo mudanças importantes, como a suspensão total da prática do proselitismo, assim como das reuniões em modo presencial. Por esta ocasião ter-se-á chegado a sentir novamente a possibilidade do apocalipse que a sua doutrina prevê como eminente, adotando a crise que a pandemia trouxe

como um fator indicativo da tribulação mundial que o precederia¹, e observando também a necessidade de suspensão do proselitismo – algo que nunca tinha acontecido a nível mundial – como uma evidência da vinda desse fim, visto ser o proselitismo a missão suprema das Testemunhas de Jeová até a vinda do apocalipse forçar o seu término. A modificação destas práticas foi, na opinião de alguns participantes, algo que terá contribuído para uma perda de interesse e decréscimo dos números totais do grupo², mas, à data da conclusão deste trabalho, verifica-se que a realização das reuniões e do proselitismo já voltou ao seu estado regular, tal como o era antes da pandemia. Não se voltaria a colocar a hipótese de forma explícita de um apocalipse nas publicações das Testemunhas de Jeová, mas a expectativa entre membros seria reacendida, tal como o foi em vários momentos da história recente, e para milhões de pessoas por todo o mundo ainda permanece a crença de que a sociedade estará a viver os seus “últimos dias”, conforme o acreditam desde 1876.

Depois das últimas entrevistas foi possível concluir o longo processo de transcrição das mesmas para a sua inclusão num esboço inicial do texto da tese, a qual apenas seria possível concluir três anos depois. Chegamos hoje a um texto final construído com a intenção de permitir ao leitor uma total imersão e acompanhamento gradual dos trajetos relatados, estruturado de acordo com os mesmos. Mas antes, naturalmente, um retrato das Testemunhas de Jeová e da sua doutrina seria necessário para contextualização, e assim, no primeiro capítulo procurou-se apresentar a história da origem dos Estudantes da Bíblia, da mudança doutrinária e prática e desagregação desta forma inicial para o que hoje conhecemos como Testemunhas de Jeová, assim como a sua posterior expansão mundial e implementação em Portugal.

No segundo capítulo começamos a acompanhar os trajetos em causa, analisando, em primeiro lugar, o processo de conversão neste contexto, por meio da identificação dos motivos dos sujeitos, dos tipos de abordagem e estratégias de atração do grupo, assim como dos

¹ Esta crença é baseada nos ensinamentos do grupo sobre o que serão os “sinais dos últimos dias”, entre os quais as doenças e o aumento da mortalidade, conforme, por exemplo, o notam no contexto dos textos bíblicos (versão *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*) de Lucas 21: 11 “Haverá [...] pestilências”, e de Revelação 6: 8, que descreve um dos “quatro cavaleiros do apocalipse” da seguinte forma: “E vi um cavalo descorado. Aquele que o montava chamava-se Morte, e a Sepultura seguia-o de perto. Foi-lhes dada autoridade [...] para matar com [...] praga mortífera.” Do artigo “O que é que a Bíblia diz sobre pandemias?”, disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/perguntas/biblia-sobre-pandemias-doencas/>. No artigo “Qual é o sinal dos ‘últimos dias’, ou do ‘fim dos tempos’?” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/perguntas/sinal-dos-ultimos-dias-profecias/>), poderá ser encontrada uma listagem de outros “sinais” identificados pelo grupo, como o aumento das guerras, fome, criminalidade, desastres naturais e da apatia religiosa, por exemplo, entre outros.

² Esta informação poderá ser encontrada nas páginas 214 e 215 do presente trabalho.

processos de integração e compromisso, conforme inteiramente relatado em primeira mão por aqueles que o protagonizaram e a partir da fase de integração para quem cresceu no grupo, complementando ainda o modo como recordam o abraçar da religião pela família ou alguns dos seus membros.

Dedica-se o terceiro capítulo a uma caracterização do compromisso formal com o grupo e as consequências e significado da fase de plenitude como membro, tanto de acordo com a expectativa do grupo como com a experiência pessoal dos sujeitos. Aqui evidenciamos a capacidade das Testemunhas de Jeová em transformar todas os aspetos da vida do membro, no seu quotidiano e rotinas, nos modos de expressão pessoal e da construção da sociabilidade, nos termos como se projeta e compreende a sua vida e percurso biográfico. Esta é uma fase por alguns descrita como de satisfação e até felicidade, que notaremos em toda a sua complexidade facilitada pelo sucesso do fechamento do grupo sobre si mesmo e pela crença de este se afigurar como a única religião “verdadeira”.

Mas esta plenitude é eventualmente quebrada com o aparecimento da dúvida, e em alguns casos mais complexos, com o acumular de dificuldades a um ponto insustentáveis. Esta fase é fundamentalmente marcada pelo romper com toda uma realidade anterior, da qual não haverá retorno. Percebemos como surgem e que aspeto assumem estas dúvidas e tensões, como são recebidas no grupo: como atos e desvio ou apostasia que focam a atenção crítica, censória e por fim persecutória da organização que, visando a reintegração do membro, gera porém uma maior alienação deste em relação ao grupo. A insatisfação e frustração crescente, aliada à incapacidade em cumprir corretamente o seu papel como membro, apenas acaba por efetivamente levá-lo a castigos ou até à expulsão, ou à desvinculação voluntária, processos que serão acompanhados no quarto capítulo.

Descrita largamente como dolorosa e confusa, a desvinculação do grupo significa a perda repentina de laços de amizade e familiares – nomeadamente por meio da prática da ostracização total pelo grupo –, o adensamento do sofrimento psicológico, o confronto com a falta de preparação para lidar com uma vida independente sem a rede de suporte social anterior, bem como uma mudança da relação com o divino, um elemento até então basilar na sua conceção da realidade. Este suceder de eventos é o processo de projeção e criação do que é literalmente uma nova vida, num mundo até então olhado com desconfiança e quando não denegrido, no qual, como então se descobre concretamente, a integração não é fácil, como se mostra no quinto capítulo.

As entrevistas, realizadas na maior parte dos casos, alguns ou muitos anos depois da desvinculação, foram inevitavelmente um pretexto e momento para uma reflexão sobre esse processo de reconstituição pessoal e interpessoal, especificamente do seu entendimento de si, dos outros e do mundo, no que alguns descreveram como uma “libertação”, ainda que definida por um longo trabalho de desconstrução de percepções, de cura psicológica e encontro de paz com o seu passado, com familiares, amigos e a religião em si, um processo largamente ainda hoje em curso, numa vida sempre vivida à luz deste passado sempre presente – o tema do sexto e último capítulo.

Primeira Parte – As Testemunhas de Jeová, Ser Testemunha de Jeová

I

As Testemunhas de Jeová – Dos EUA a Portugal

I.I.

Russell, Estudantes da Bíblia

Fundação, Doutrina Inicial

Foi em 1852, na cidade Allegheny, no estado da Pensilvânia, EUA, que nasceu Charles Taze Russell, prolífico escritor de teologia cristã e figura que ficou principalmente conhecida como originadora do grupo que viria a ser as Testemunhas de Jeová, a pais cristãos cuja fé traçava a sua raiz ao Protestantismo Ulster³.

A sua mãe teria desejado para o filho um futuro no ministério cristão mas, antes que pudesse ver o destino deste desenrolar-se, falece pouco antes de Russell se tornar parceiro de negócios no comércio do pai. Na década de 1870 já havia alcançado uma fortuna considerável, mas não foi neste sucesso que encontrou a sua paixão e vocação, sendo que em paralelo procurava conhecer melhor a teologia cristã. Em jovem apresentava-se como um devoto Calvinista, e posteriormente Russell e o seu pai Joseph juntam-se à Igreja Congregacional⁴ local, que lhes parecia ser menos austera que a Presbiteriana, numa altura em que o seu pai começa a demonstrar interesse no Protestantismo Adventista. No entanto, por volta dos seus 16 anos de idade, Russell começa a ter dúvidas sobre as doutrinas que conhecia. Ter-se-á entretanto apresentado um momento fulcral, em que, na tentativa de uma conversão, Russell é incapaz de defender com sucesso as suas crenças, e acaba por pôr em causa a sua própria fé. Decide então iniciar uma busca pessoal pelo que deveria ser a “verdade” (Penton 2015: 14), ou *Verdade*, tal como se passará a referir a partir deste ponto, dada a importância particular deste termo no presente trabalho.

³ Ramificação do protestantismo com origem na região de Ulster, na Irlanda (Coy et al. 2000: 93, 94).

⁴ Pode-se dizer que o Congregacionalismo se situa, teologicamente, entre o Presbiterianismo e o Protestantismo Batista e Quaker. Coloca a ênfase em cada congregação ser independente e autónoma, sem depender de ordens de uma autoridade superior. Conhecida por uma postura de reprovação das práticas religião organizada maioritária, nomeadamente do seu sistema hierárquico (Jenkins 2019).

A Verdade. A Verdade sobre Deus, a origem da vida, da Terra, o Cristianismo, os eventos da Bíblia, o que é certo ou errado, a história da humanidade e o destino da mesma, o nosso destino pessoal, a função e finalidade da nossa existência, o sofrimento e a procura de felicidade, como deveremos viver, agir, ser, e coexistir, e para que fim. Qual é a verdade acerca da existência humana e da vida no geral tal como ela é? Que tipo de rumo de vida é suposto levarmos? Em que devemos acreditar? E porquê? A busca por esta Verdade foi o que Russell se propôs fazer, ao ter fundado o que inicialmente era em essência um pequeno grupo de trabalho dedicado ao estudo da Bíblia, com a intenção de procurar formular um restabelecimento do “cristianismo original, com doutrinas somente baseadas na Bíblia”, ou seja, caracterizado por uma “matriz restauracionista” (Pinto 2012: 128).

A ênfase no estudo e relação estreita com o texto da Bíblia seria o meio essencial para a realização deste objetivo como parte da concretização do mesmo. A proximidade da Bíblia e o conhecimento da mesma foi ao longo de séculos um assunto sujeito a larga discussão e disputa em diversas confissões do cristianismo, seja, conforme Russell acreditava, no sentido do reconhecimento da necessidade da compreensão direta da mesma para a pessoa poder aceder a uma crença informada e dotada de maior autenticidade, ou pela defesa desse conhecimento dever ser obtido por meio da mediação de pessoas apontadas como mais capazes e autorizadas por virtude da sua formação na religião, e por vezes também servindo interesses superiores na produção e seleção de interpretações dos evangelhos e da formação de dogmas.

Estas tipologias da interpretação são abordadas pela hermenêutica, especificamente enquanto estudo do “*locus* e princípios da interpretação”⁵ (Ferguson 1986: 4) da Bíblia, provavelmente a manifestação mais antiga registrada⁶ do que é a hermenêutica (Palmer 1969: 34), a qual veio a adquirir dois significados distintos no tempo: o primeiro, mais antigo, refere-se aos princípios teológicos da exegese bíblica; o segundo, e mais recente, surge aquando o desenvolvimento do racionalismo, e trata a compreensão do processo de interpretação em si, no sentido em que os princípios de entendimento de qualquer texto possam ser aplicados igualmente à Bíblia (ibid. 38). Poder-se-á também dizer que, em termos gerais, quatro tipos de abordagem surgiram neste contexto: a literal, moral, alegórica e anagógica. A interpretação

⁵ Esta e todas as restantes citações originalmente em inglês foram traduzidas pela autora do presente estudo.

⁶ Richard E. Palmer (1969) nota que a ocorrência mais antiga do termo “hermenêutica” terá sido em 1654, na obra de J. C. Dannhauer *Hermeneutica sacra sive methodus exponendarum sacrarum litterarum* (Dannhauer 1654).

literal refere-se ao entendimento do texto tal como se apresenta, frequentemente associada à crença na inspiração divina, como as palavras tendo sido escolhidas pelo divino e querendo dizer precisamente o que comunicam; a moral ao estudo das orientações morais aplicáveis ao quotidiano que o texto bíblico possa comunicar; a alegórica aborda a Bíblia – ou pelo menos partes da mesma – como contendo um significado metafórico; e a anagógica refere-se aos eventos descritos na Bíblia como relacionados com ou prefigurativos de eventos futuros, o significado espiritual além do literal, sendo uma forma especializada da alegórica, que interpreta o texto como uma forma de escatologia (Baldick 2008). Próximo deste sentido encontra-se o empreendimento na interpretação de textos bíblicos como profecias relacionadas com eventos do tempo presente que precedem o apocalipse, o qual se afigura na abordagem das Testemunhas de Jeová.

Em termos de algumas diferenças em redor da interpretação da Bíblia entre denominações, no catolicismo a Igreja Católica assume-se como o única e suprema intérprete da Bíblia, devendo ser os seus ensinamentos o único guia do crente. No caso das Testemunhas de Jeová, a sua liderança assume igualmente a responsabilidade da interpretação bíblica, mas nas suas publicações as suas conclusões são apresentadas como fruto de uma revelação progressiva da vontade de Deus. Apesar do peso das interpretações da liderança, nas Testemunhas de Jeová a Bíblia é considerada como a autoridade sobre todas as suas crenças, assim como uma fonte de conhecimento histórico e científico privilegiado, e a sua interpretação é muitas vezes literal, mas por vezes também de raiz alegórica e anagógica.

Nas Testemunhas de Jeová, o estudo regular individual da Bíblia é fortemente incentivado, ainda que não a tentativa de formulação de interpretações independentes dos ensinamentos comunicados nas suas publicações. Mas um facto é que a relação individual com a Bíblia é uma constante, numa tendência que se distancia do observado no catolicismo e se aproxima do que se poderá encontrar no adventismo em geral, protestantismo e evangelismo, e um fator fulcral no tipo de relação que a pessoa estabelece com a sua fé.

De acordo com o que o próprio Charles Russell escreveu sobre a sua busca pessoal, o “espírito racionalista” da época tornou-se uma grande influência para ele, sendo também influenciado por dúvidas centrais tais como, por exemplo, a possibilidade do Deus que sempre conheceu como “amoroso” ser capaz de condenar as pessoas a um castigo em fogo eterno (Penton 2015: 14). Na perspetiva de Russell, esta foi uma das possibilidades não parecia ser

justificável perante a Bíblia, e tampouco parecia fazer sentido enquanto possível destino para a humanidade segundo a mesma.

Em 1869 assiste a um discurso do ministro adventista Jonas Wendell em Allegheny, o qual inspira Russell à restauração da sua fé. Não se converteu ao Adventismo mas, contando com o apoio de alguns amigos, pouco depois inicia então o seu próprio estudo aprofundado da Bíblia, iniciativa que levaria à eventual formação de um movimento distinto. Além do conhecimento que adquiriu por meio de Wendell, Russell atribuiu também um grande mérito à “assistência espiritual” de duas pessoas em particular: George Stetson e George Storrs, tendo sido o primeiro um ministro adventista próximo de Jonas Wendell e o segundo fundador do chamado Life and Advent Union⁷ (ibid. 15, 16). Enquanto ministrava em Allegheny entre 1871 e 1873, Stetson torna-se próximo de Russell, e eventualmente no seu mentor, ensinando-lhe doutrinas⁸ do Neo-Arianismo⁹, conforme advogadas por Henry Grew¹⁰. Russell parece ter constituído a partir da influência de Stetson a sua doutrina não-trinitária e baseada na ideia do resgate dado por Jesus Cristo¹¹, sumarizada na noção de *condicionalismo*, algo em que Storrs também veio a acreditar, influenciado pela obra de Henry Grew por volta de 1837 (Grew 1855), que afirmava a “ideia de que os seres humanos não têm uma alma imortal mas que antes alcançam a vida eterna na condição de a receber enquanto dádiva de Deus concedida através de Cristo”. No seguimento da aprendizagem dessa noção, Storrs veio também a defender a crença de que os mortos estão

⁷ Grupo baseado nos ensinamentos de William Miller (ver nota 7), que se origina em simultâneo com outros três grupos por diferenças teológicas, sendo os outros grupos os Evangelical Adventists, a Igreja Cristã Adventista e a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Em 1964 o Life and Advent Union funde-se com a Igreja Cristã Adventista. Informação de arquivo disponibilizada pela ARDA – Association of Religion Data Archives, disponível em http://www.thearda.com/Denoms/D_1397.asp.

⁸ Utiliza-se neste trabalho as palavras “doutrina” e “doutrinas” deliberadamente, descrevendo tanto a crença como o conjunto das mesmas.

⁹ Ou simplesmente designado por Arianismo por alguns, conhecido nomeadamente pela doutrina que ressalva que Jesus Cristo teria sido o filho de Deus, uma pessoa distinta do mesmo, negando a doutrina da Trindade. Perspetiva teológica que cuja origem é atribuída a Arius (256 DC-336 DC), presbítero libanês que exerceu as suas funções religiosas em Alexandria (Berndt 2016).

¹⁰ Ministro cristão inicialmente pertencente à Igreja Batista que se destacou por ter apresentado uma defesa da falsidade da ideia de Trindade, da imortalidade da alma e da existência de um inferno, onde a alma arderia para a eternidade. Conforme salientado em artigo da autoria das Testemunhas de Jeová, intitulado “Cultivaram o ‘campo’ antes da colheita” (Testemunhas de Jeová 2000a).

¹¹ De forma muito sucinta, mais especificamente de acordo com a perspetiva geral adventista – e a das Testemunhas de Jeová –, a ideia de que a morte de Jesus Cristo foi um sacrifício de resgate da humanidade por a mesma ter herdado o pecado de Adão e Eva, por se crer que apenas o sacrifício de um “ser perfeito” poderia expiar a herança dessa pecado da humanidade, concedendo-lhe então a chance de poder evitar a morte, ou seja, de posteriormente poder viver num Paraíso eterno. Neste contexto Jesus é por vezes descrito como o “último Adão”, numa aparente analogia à ideia de Adão ter sido criado também como um “ser perfeito”, e o seu pecado apenas poder então ser compensado pela vinda de outro à Terra para ser sacrificado em nome de tal fim.

na verdade “inconscientes ou a dormir até à ressurreição” (Penton 2015: 16), pois de acordo com a doutrina do resgate, os que já tiverem morrido e que tenham aceitado a “dádiva” do sacrifício de Cristo em vida, ou que não tenham tido a oportunidade de a conhecer, merecerão então a ressurreição num paraíso terreno.

A relevância da influência de Storrs em Russell vem também por meio da sua passagem em 1842 por um movimento batista liderado por William Miller¹², que, através de cálculos sobre uma cronologia que teria construído com base em informações recolhidas na Bíblia, acreditava que a segunda vinda de Cristo deveria ter lugar entre março de 1843 e março de 1844, cálculo que conquistou a crença de Storrs na escatologia¹³ de Miller. Mas, após esse e outro cálculo referente a outubro de 1844 terem falhado, Storrs passou a recusar-se a considerar uma data para o retorno de Cristo (ibid. 17). Apesar desta decisão, Russell poderá ter conhecido o ensinamento do condicionalismo através de Storrs, assim como outro ensinamento seguido ainda hoje pelos Estudantes da Bíblia e as Testemunhas de Jeová: a celebração anual da morte de Cristo, a 14 de Nisã¹⁴, num evento conhecido atualmente como *memorial*.

Mas o mérito e estatuto central que veio a ser reconhecido a Russell não podia basear-se em ideias integralmente aprendidas de outros, mas antes nas várias modificações que este trouxe a doutrinas existentes. Russell, em conjunto com os seus companheiros no estudo da Bíblia, começou a desenvolver algumas novas interpretações a partir das de Storrs. Uma parte central da doutrina assim desenvolvida prende-se com o seu carácter milenarista¹⁵ (ibid. 18), parte de

¹² Batista americano, cuja popularidade dos seus cálculos à altura deu origem a um grupo de seguidores então apelidados de “Millerites”, tendo mesmo as suas ideias dado origem ao Adventismo no geral, enquanto movimento religioso marcado pela crença da segunda vinda de Jesus Cristo à Terra, tendo posteriormente se dividido nos grupos mencionados na nota 3, com base em diferenças de opinião teológicas.

¹³ Termo geral que caracteriza qualquer doutrina que se refira aos acontecimentos que trarão o final da existência humana conforme é, enquanto marcada por uma condição pecaminosa, vulgarmente referido como o “fim do mundo” ou “apocalipse”. Se estes acontecimentos trazem um fim definitivo da vida na Terra, o início de um milénio e uma vida imortal terrena ou uma ascensão celestial, tais ideias dependem da doutrina em questão.

¹⁴ Conforme o descrito numa publicação das próprias Testemunhas de Jeová, 14 de Nisã é o dia que creem que Jesus Cristo faleceu: “Este acontecimento de importância universal ocorreu há mil novecentos e cinquenta e dois anos, no dia 14 de Nisã, o primeiro mês lunar do calendário sagrado judeu.” (Do artigo “14 de Nisã – dia de recordações” – Testemunhas de Jeová 1985) Descrevem que este seria já o dia de celebração da Páscoa, e que a ceia com os apóstolos que teria ocorrido na madrugada desse dia seria uma celebração da mesma.

¹⁵ O milenarismo tem-se expressado na crença religiosa enquanto enquadrável em duas correntes, designadas por pré-milenarismo e pós-milenarismo. Dentro do pós-milenarismo acredita-se que “o Milénio será gradualmente alcançado e que atualmente o mundo está em progresso em direção a esse objetivo”, pelo que o cristão deve não apenas pregar mas tentar ter um papel nesse processo de transformação por meio do envolvimento político e “ativismo social”. As Testemunhas de Jeová

uma doutrina escatológica particular, a qual não descreve neste caso uma literal destruição do planeta, mas antes “o fim da humanidade apartada de Deus” (Pinto 2012: 128). Em 1877, Russell escreve um pequeno livro intitulado *The Object and Manner of our Lord's Return* (Russell 1877), no qual apresenta uma interpretação historicista do livro de Revelação, sendo de particular relevância a sua adoção da ideia de que o segundo advento de Jesus Cristo deverá incluir um “reinado milenar”, e de que haverá um “arrebatamento” numa fase de “pré-tribulação”, ou seja, que antes da vinda do milénio Jesus Cristo tornar-se-á presente de forma “invisível” (Penton 2015: 26). Em 1876 Russell tinha também lido uma cópia de um artigo de uma revista intitulada *Herald of the Morning*, da autoria de Nelson H. Barbour, ministro adventista que defendia que o ano 1873 marcaria 6000 anos desde a criação de Adão, e que deveria essa então ser a data do segundo advento de Cristo e da “consumação da terra pelo fogo”. Quando nada aconteceu nesse ano, Barbour passou a afirmar que seria no ano seguinte, 1874, mas nada voltou a acontecer. Para clarificar desde já alguns aspetos a ter em mente sobre esta noção complexa que, mesmo com algumas diferenças, se torna recorrente e central na perspetiva do grupo, a fase designada por “pré-tribulação” era utilizada por Russell para indicar o momento em que a presença invisível de Jesus Cristo teria começado na Terra, o que depois passou a achar ser o verdadeiro significado da data de 1874, “tribulação” que se prolongaria até 1914, data que posteriormente defendeu como sendo a da vinda de Cristo. Por não se alinharem com este entendimento inicial de Russell, mas antes com aquele que viria a desenvolver posteriormente, as Testemunhas de Jeová atualmente já não utilizam o termo “pré-tribulação”, mas continuam a utilizar o termo “grande tribulação”, designando o início de uma sucessão de eventos¹⁶ profetizados no livro de Revelação que levariam ao momento do efetivo retorno de Cristo e da batalha de Armageddon. Estes acontecimentos teriam por consequência a gradual dissolução das instituições humanas entendidas como “apartadas” de Deus (exemplos comumente referidos: governos seculares, outras religiões) e de quem possa ter recusado a mensagem de salvação¹⁷. Esta fase terminaria na vinda de Jesus para aprisionar o Diabo e os

poderão ser entendidas como inseridas no pré-milenarismo, evitando o envolvimento com atividades como as mencionadas pois consideram que o mundo atual se encontra “apartado de Deus”, sendo que é “iníquo e piora a cada dia”, pelo que aguardam o segundo advento de Cristo, o qual eventualmente trará o Armageddon e um período de mil anos que servirá de transição para o desenvolvimento de um paraíso terreno. Enquanto aguardam o retorno de Cristo, as Testemunhas de Jeová creem ser o seu dever divulgar a mensagem de salvação ao maior número possível de pessoas (Pinto 2012: 129). Para uma referência visual sobre diferentes perspetivas milenaristas existentes consultar o Anexo I, Figura 1. O ensinamento das Testemunhas de Jeová situa-se mais próximo do ponto 2 da imagem.

¹⁶ Conforme também sucintamente exemplificado em Chryssides 2008: xiv.

¹⁷ Tal como é possível ler no artigo “A Colheita no ‘Tempo do Fim’” (Testemunhas de Jeová 1981a), é argumentado que os discípulos terão perguntado a Cristo quais seriam os sinais da sua presença, e

demónios, dando então espaço para os sobreviventes construírem ao longo de mil anos um paraíso terreno para viverem eternamente¹⁸.

Apesar dos cálculos de Barbour não terem apresentado os resultados pretendidos inicialmente, Russell convida-o para esclarecer os mesmos (Penton 2015: 27, 28). Essencialmente, Barbour aplicou a escala de tempo que Deus deveria ter demorado na criação ao período de tempo desde Adão até ao presente, conforme escrito no início do livro de Génesis¹⁹, constituído por seis dias com descanso ao sétimo dia – o milénio do “grande Sabbath de restituição” –, mas tendo em conta a noção de que um dia para Deus deverá corresponder a mil anos²⁰ (ibid. 29). O aspeto da interpretação de Barbour que possivelmente mais intrigou Russell – e o qual as Testemunhas de Jeová ainda reproduzem – refere-se ao cálculo da extensão do “tempo dos Gentios”, ideia retirada da interpretação do adventista inglês John Aquila Brown, apresentada em um livro intitulado *Even-Tide* (Brown 1823). De acordo com Brown, o reino da Judeia teria sido submetido ao domínio gentio²¹ em 604 AC, e a partir desse momento não haveria um domínio divino na Terra até que “quatro grandes impérios – os de Babilónia, Aqueménida, Macedónia e Roma – tivessem terminado”, e a resposta para quando este tempo terminaria foi encontrada por Brown no livro de Daniel. No quarto capítulo do livro de Daniel é relatado que o rei Nabucodonosor II da Babilónia tem um sonho, sonho no qual vê uma grande árvore que por ordem divina teria sido cortada e tapada para que não voltasse a crescer até que “‘sete tempos’ tivessem passado”, sonho apresentado em Daniel como significando que Nabucodonosor deveria passar por sete “tempos” – presume-se anos²² – “de loucura até poder ser restituído ao seu trono”, uma passagem na qual Brown viu uma possível descrição

que a Bíblia mostra que “em resposta à questão dos seus discípulos, Jesus enumerou as guerras internacionais, escassez de alimento, pestilências, grandes terremotos, ausência de lei e um clima geral de medo.”

¹⁸ Para uma clarificação visual da ordem destes acontecimentos e comparação com outras perspetivas sobre a doutrina da tribulação pré-milenarista consultar o Anexo I, Figura 2. O ensinamento das Testemunhas de Jeová situa-se mais próximo do ponto 1 da imagem.

¹⁹ Refere-se Génesis 2:2, 3 (*Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*): “E havendo Deus acabado no dia sétimo a obra que fizera, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo, e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra que Deus criara e fizera.”

²⁰ Por base a esta ideia temos o versículo bíblico de 2 Pedro 3:8 (*Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*): “Mas, amados, não ignoreis uma coisa, que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia.”

²¹ Entende-se aqui por Gentios como o termo normalmente utilizado para se fazer referência a povos distintos da nação israelita da Bíblia.

²² Conforme a interpretação das Testemunhas de Jeová, no artigo online “O que é que a cronologia bíblica indica sobre o ano de 1914?”, disponível em: <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/perguntas/daniel-4-cronologia-biblica-1914/>.

cronológica de eventos da história da humanidade. Na interpretação de Brown, os setes anos de loucura de Nabucodonosor representariam a “teocracia judaica”, e que durante esses sete anos esta simbolizaria as nações gentias, para se erguer depois como um símbolo do “reino messiânico de Jesus Cristo”. Para Brown, os “sete tempos” (Penton 2015: 30) deveriam ser sete anos, anos de 360 dias, o que multiplicando por sete lhe permite chegar ao total de 2520 anos, os quais, contando desde 604 AC, culminariam no ano 1917 DC, data que então definiu como sendo a provável da segunda vinda de Cristo. Na interpretação de Barbour, a posição de J. A. Brown estaria correta, à exceção de que a data definida deveria ser dois anos antes, pois entendia que a contagem deveria começar com a destruição de Jerusalém por Nabucodonosor. Assim é fundamentada a ideia de que o segundo advento seria então no ano de 1914, interpretação que Russell passou a defender ao longo do resto da sua vida (ibid. 31). Russell passou a pregar as ideias expostas por Barbour ao mesmo tempo que este, pelos menos até surgirem alguns desacordos entre os dois. O principal ponto de divisão foi a questão da doutrina de “expição substitutiva”, pois Barbour não aceitava que a morte de Jesus Cristo teria sido o preço de “resgate” da humanidade pelo pecado de Adão (ibid. 32), mas esta divergência tornar-se-ia em apenas mais um passo no caminho de Russell para a consolidação do seu próprio movimento.

1879 veio a ser um ano decisivo no percurso de Russell. A 1 de julho lança a sua revista *Zion's Watch Tower and Herald of Christ's Presence* – publicação ainda de uso central no grupo, hoje intitulada em inglês apenas *The Watchtower*, e como *A Sentinela* em português (Pinto 2012: 128) –, onde passou a divulgar uma mensagem diferente do *Herald of the Morning* de Barbour. Além da sua revista, Russell publica também uma obra importante, intitulada *Food for Thinking Christians* (Penton 2015: 34), primeiro como edição especial da *Zion's Watch Tower* e mais tarde como livro (Russell 1881). Em *Food for Thinking Christians*, Russell apresenta a sua posição sobre assuntos como a “expição, a predestinação, o livre-arbítrio, a ressurreição (...) e o ‘plano das eras’ de Deus”, esboçando o que viria a ser uma aparente primeira sistematização da doutrina de um novo grupo religioso, ideias que viriam a ser incorporadas no seu primeiro livro, *The Divine Plan of the Ages*²³ (Russell 1886).

Um dos ensinamentos de Russell então apresentado foi que a “igreja como um corpo celestial, assim como os que seriam ressuscitados durante o milénio, participaria na expiação

²³ Por “plano das eras” Charles T. Russell referia a sua defesa de que haveria um plano divino para as diferentes eras de existência da humanidade, e apresenta-o na forma de uma tabela (Anexo I, Figura 3) recorrendo à imagem da Grande Pirâmide de Gizé, que via como imagem do “desenho” desse plano divino nas suas “formas e passagens” (Penton 2015: 65)

dos pecados dos que ultrapassaram a grande tribulação e a batalha de Armageddon.” (ibid. 35) Russell acreditava também que quando os “santos que ainda viviam” morressem seriam imediatamente ascendidos a “seres espirituais celestiais”, os quais se juntariam aos ressuscitados escolhidos para constituírem o que refere por “noiva de Cristo”, ou mais conhecido atualmente nas Testemunhas de Jeová simplesmente por “os 144 000”, ou “ungidos”, um grupo de pessoas escolhidas a que está reservada a “esperança” de ajuda na governação do reino celestial de Jesus Cristo²⁴, em contraste com a “esperança” de vida eterna terrena. Nos volumes da *Zion’s Watch Tower*, Russell acabaria também por enunciar o que seria uma “doutrina de *theosis*”²⁵ – sucintamente, a ideia da aproximação ao divino por meio da adoção dos ensinamentos de Cristo e da sua colocação na prática (*praxis*) do quotidiano –, assim como a oposição à doutrina da Trindade. Em 1982 publica na mesma revista um artigo intitulado “Hear Oh Israel! Jehovah Our God is One – Jehovah”, no qual se apresenta como separando-se completamente do protestantismo evangélico na sua “teologia Neo-Ariana no que refere à natureza unitária de Deus.” (ibid. 36)

²⁴ “Casamento” pode ser uma metáfora por vezes utilizada por Russell para designar o “reino” vindouro de Cristo, e a “noiva” a “Igreja”, a não confundir no entanto com a Igreja enquanto instituição humana, pois Russell referia-se ao “pequeno rebanho”, a “esposa do Cordeiro” (outra designação dada a Jesus), o que continua hoje a ser identificado pelas Testemunhas de Jeová como os 144 000, um grupo excepcional de humanos escolhidos por Deus que irão governar ao lado de Jesus no seu reino celestial, os únicos a terem a oportunidade de uma existência eterna celestial. A interpretação sobre os 144 000 tem por base os versículos 1 a 4 do livro de Revelação 14 (*Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*): “E olhei, e eis que estava o Cordeiro sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, que em suas testas tinham escrito o nome de seu Pai. E ouvi uma voz do céu, como a voz de muitas águas, e como a voz de um grande trovão; e ouvi uma voz de harpistas, que tocavam com as suas harpas. E cantavam um como cântico novo diante do trono, e diante dos quatro animais e dos anciãos; e ninguém podia aprender aquele cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra. Estes são os que não estão contaminados com mulheres; porque são virgens. Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vá. Estes são os que dentre os homens foram comprados como primícias para Deus e para o Cordeiro.”

Segundo as Testemunhas de Jeová os 144 000 serão cristãos que enquanto “escolhidos” são descritos como “ungidos”, aos quais está reservada o que muitas vezes descrevem como uma de “duas esperanças”. Para algumas pessoas que sobrevivam ao apocalipse e que mereçam a ressurreição estará reservada a “esperança” de vida terrena eterna, e a outras de serem parte deste grupo. Para mais informações sobre esta doutrina das Testemunhas poder-se-á consultar, por exemplo, o artigo “Quem vai para o céu?”, disponível em: <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/perguntas/quem-vai-para-o-ceu/>

²⁵ Na teologia cristã *Theosis* refere-se vulgarmente à ideia de que na pessoa que adota e põe em prática os ensinamentos dos evangelhos se dá uma transformação que a aproxima do divino, uma “iluminação”. Na teologia esta noção refere, a rigor, três etapas no processo de “divinização” da pessoa: a primeira é a purificação/*katharsis* e a segunda a iluminação/*theoria*, sendo a *theosis* a terceira, que é consumada no caso de ressurreição do crente, que terá então expiado todos os seus pecados (Jersak e Hardin 2007)

Também foi no ano de 1879 que o percurso de Russell como líder religioso se começou a expressar. Cerca de trinta grupos de estudo distribuídos por sete estados estavam a ser organizados – congregações designadas então por “*ecclesias*”²⁶ –, e Russell fazia visitas a todas para acompanhar longas sessões de estudo, e começou a definir um “padrão” sobre as reuniões a ser seguido por todos os grupos de estudo, à imagem do seu em Allegheny. Não muito tempo depois começou a ser conhecido como “Pastor”, posição para a qual “foi eleito pelos seus associados em Allegheny-Pittsburg em 1882, e mais tarde em muitos outros centros.” Em 1881 já procurava recrutar 1000 ministros para a sua organização (ibid. 37), a qual crescia rapidamente. Num primeiro momento, Russell não parecia ter particular interesse em constituir uma nova denominação, tendo apenas interesse em trazer mais pessoas para o que ele considerava ser a “verdadeira igreja”, mas a dimensão que o grupo estava a adquirir, em conjunto com a preponderância das suas diferenças doutrinárias – a sua aceitação do condicionalismo e entendimento da redenção, a sua particular escatologia milenar e, de forma ainda mais flagrante, a sua negação da Trindade/aceitação do Neo-Arianismo – e de rotina congregacional, assim como a formação dos seus próprios modos de governação, tornava inevitável que o grupo seguisse outra direção. Além dos traços referidos, outra dimensão que distinguiria o grupo começava a tomar forma: o entenderem-se como uma “irmandade de pregadores”, pois tornava-se cada vez mais expectável dos membros que pregassem a doutrina do grupo de “qualquer modo possível”, uma prática que ainda hoje é central às Testemunhas de Jeová, havendo apenas uma diferença, o facto de no movimento de Russell esta prática não ser ainda entendida como o “dever” principal do grupo, o que o é nas Testemunhas de Jeová. Russell e outros membros “acreditavam que à vasta maioria da humanidade seria dada a oportunidade de obtenção da salvação durante o milénio”, pelo que não seria uma prioridade fazer chegar a mensagem doutrinária a todas as pessoas.

Em 1886 Russell lança outra obra relevante para o movimento (ibid. 38), o primeiro volume da *Millennial Dawn Series*, que mais tarde viria então a ser conhecida como *The Divine Plan of the Ages*, livro do qual à altura da morte de Russell teriam sido distribuídas cerca de 4 817 000 cópias. Entre 1889 e 1904 são publicados os restantes cinco volumes, período em que a *Zion’s Watch Tower* também era cada vez mais distribuída pelos membros, assim como outros pequenos livros e folhetos. Em 1881 já tinham sido enviados dois missionários para Inglaterra,

²⁶ Com raiz na palavra grega *ekklēsia* (“assembleia de cidadãos”), e com origem na posterior *ecclesia* em latim, que aplicada ao âmbito da religião veio a significar “assembleia de cristãos” ou “igreja” (Encyclopædia Britannica 2019).

e poucos anos mais tarde também já tinham congregações no Canadá, então já se chamando a si próprios Estudantes da Bíblia. O movimento prova a sua importância como organização ao em 1884 Russell ter visto a necessidade de transformar as suas atividades numa corporação, então de nome Zion's Watch Tower and Tract Society of Pennsylvania, tendo mais tarde movido a sede da sociedade para Brooklyn, em Nova Iorque, onde cria uma outra corporação em 1909, a People's Pulpit Association, sendo a corporação Zion's Watch Tower hoje conhecida como Watch Tower Bible and Tract Society of New York Inc. (ibid. 39), a atual sede central das Testemunhas de Jeová. Russell não procurou desde logo formar uma nova denominação porque tinha uma perspectiva negativa sobre a religião cristã organizada, descrevendo-a como "Babilónia a Grande"²⁷. Num primeiro momento acreditava que uma pessoa poderia ser um membro da "igreja verdadeira" – a de Cristo – mesmo enquanto membro de uma outra igreja cristã, mas mais tarde veio a entender que apenas os membros dos Estudantes da Bíblia expressam devidamente a crença e comportamento entendido como mais corretos por Russell, crendo que a procura dos mesmos forçaria outros cristãos a deixar os seus grupos, impressão que o fez gradualmente deixar de lado a ideia de que uma nova denominação não seria relevante (ibid. 40).

No que concerne à forma como lidavam com comportamentos desviantes no grupo, no início a "disciplina na igreja" não deveria ser responsabilidade de terceiros entre os membros. Russell não achava que devesse haver algum tipo de inquirição ou intervenção por parte dos anciãos²⁸, defendendo que a maior parte dos problemas deveria ser de resolução possível através

²⁷ A expressão "Babilónia a Grande" é ainda utilizada pelas Testemunhas de Jeová no mesmo sentido, para descrever o que consideram ser as "religiões falsas". O grupo recorre à apresentação de textos do livro de Revelação (14: 2-7 da *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*) que falam de uma "mulher sentada numa fera de cor escarlate", "a mãe das prostitutas", e que dizem chamar-se "Babilónia a Grande". A "fera" onde está sentada é descrita como tendo sete cabeças e dez chifres, e está escrito nos versículos 12 a 15: "Os dez chifres que viste representam dez reis, que ainda não receberam um reino, mas recebem autoridade como reis por uma hora, juntamente com a fera. Eles têm um só pensamento; assim, dão o seu poder e autoridade à fera. Eles batalharão contra o Cordeiro, mas, visto que ele é Senhor dos senhores e Rei dos reis, o Cordeiro irá vencê-los. Os que estão com ele, que são chamados, escolhidos e fiéis, também vencerão." Ele disse-me: 'As águas que viste, onde a prostituta está sentada, representam povos, multidões, nações e línguas.'" A expressão é nomeadamente utilizada nesta base pelo grupo para literalmente descrever qualquer religião que não seja as Testemunhas de Jeová embora o texto não torne explícita a referência a religiões, e a "fera" é normalmente pensada como metáfora dos governos seculares. Uma explicação geral oficial do grupo pode ser encontrada no artigo "O que é Babilónia, a Grande?", disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/perguntas/babilonia-a-grande/>.

²⁸ O estatuto mais alto no seio da congregação, ainda existente pelo mesmo nome. Pelas pessoas que detêm este cargo são distribuídas várias funções. São todos rotativamente responsáveis por redigirem os discursos nas reuniões, mas determinadas funções são atribuídas a cada pessoa, sendo algumas: a direção do estudo de *A Sentinela*, a administração da congregação, tesouraria, a distribuição e receção

do “amor”, e estritamente entre as pessoas que faziam diretamente parte do problema. Apenas se tal falhasse é que uma das partes envolvidas poderia fazer-se acompanhar por outros dois ou três membros para ajudar na reconciliação e, no caso de essa abordagem também falhar, poderia então levar o caso para ser julgado perante toda a congregação. Se a pessoa apontada como fonte do problema não se arrependesse do “seu pecado, o que sofreu esse pecado e a *ecclesia* legitimamente o tratariam como ‘iníquo’”, ou seja, como se não membro e não cristão. Se o pecado da pessoa fosse percebido como indo contra a totalidade da congregação, perante a falta de arrependimento, dar-se-ia a desfiliação da congregação (ibid. 41), sem no entanto se dar um total corte de contacto com a pessoa e proibição da sua presença nas reuniões, ao contrário da prática atual das Testemunhas de Jeová. Adicionalmente, para Russell, desde que o membro entendesse as noções fundamentais deveria ser reconhecido como “irmão”, não sendo o batismo²⁹ essencial, e até teria liberdade para expressar as suas opiniões, desde que o fizesse de forma ordeira.

O Fim da Era de Charles Taze Russell

No entanto, com o passar do tempo, Russell foi apresentando uma tendência para cada vez mais impor a limitação do estudo às suas próprias ideias. Em 1895 propôs que as congregações estudassem o que viria a ser o livro *The Divine Plan of the Ages*, “parágrafo por parágrafo”. Em 1910 inicia a publicação da série de pequenos livros *Berean Studies*, que se afigurava como uma sistematização e planificação de tópicos de estudo que o grupo deveria seguir. Gradualmente, o estudo direto da Bíblia foi sendo substituído por material da autoria de Russell (ibid. 42), ainda que, é de relevância notar, mais por força da sugestão do que pela imposição, embora tivesse tido o mesmo efeito. Os seus comentários também começavam a parecer-se demasiado com posições que outrora parecia desprezar, afirmando claramente que outras

da literatura, organização e atribuição dos territórios a cobrir na pregação, etc. Qualquer homem batizado que se destaque pelas suas boas práticas e potencial discursivo pode vir a tornar-se ancião, sendo esse cargo proposto pelos outros anciãos. Uma descrição mais detalhada sobre a hierarquia das Testemunhas de Jeová será fornecida nos capítulos 2 e 3. Para uma esquematização da mesma consultar o Anexo I, Figuras 4, 5 e 6.

²⁹ De forma distinta da perspectiva de Russell e dos Estudantes da Bíblia, as Testemunhas de Jeová vieram a tornar essencial a prática do batismo pela imersão em água, o qual é feito por decisão da pessoa (Associação das Testemunhas de Jeová 2000: 2). O batismo é o passo essencial para a pessoa se tornar membro do grupo e poder progredir para outros estatutos nos mesmo além de publicador. Qualquer pessoa que esteja a estudar e a fazer pregação, mesmo sem ser batizada, é considerada como “publicadora” (Anexo I, Figura 6). Uma descrição mais detalhada sobre o batismo poderá ser encontrada no ponto 4 do capítulo 2.

organizações percebiam os ensinamentos de Cristo de forma enviesada, e que a forma de entendimento do movimento dos Estudantes seria diferente, como se conseguisse ser livre de qualquer interpretação que não fosse verdadeira (ibid. 43).

Ao contrário de como também se percebia a si próprio anteriormente, Russell pareceu também começar a demonstrar concordar que deveria estar a receber algum tipo de orientação divina. A sua esposa, Maria Russell, veio a defender na forma de artigos na revista da sociedade que o seu marido deveria ser o “servo fiel e sábio”, conforme escrito em Mateus 24:45-7³⁰, onde se lê: “Quem é afinal o servo fiel e sábio, a quem o seu Senhor tinha tornado governante da sua casa, para lhes dar alimento na devida altura? Abençoado seja esse servo, a quem o Senhor na sua vinda o encontrará a fazer tal. Verdadeiramente vos digo, que Ele o fará governar sobre todos os seus bens.” A partir deste texto, Maria Russell considerou que o termo se aplicaria ao seu marido. Charles Russell tinha antes considerado que o “servo” seria uma “ilustração da igreja – o pequeno rebanho de 144,000 mencionado em Revelação”, mas Maria Russell sublinhou o facto de o “servo” estar no singular, e que se Cristo já estaria presente de forma invisível desde 1878, a “casa de fé” já estaria desde então a ser fornecida com “alimento na devida altura” por um “servo” (ibid. 47). Mais tarde, a Sociedade tornou clara a sua adoção desta perspetiva na edição de memorial da *Watch Tower* de 1 de dezembro de 1916, ao afirmar: “‘Milhares de leitores dos escritos do Pastor Russell acreditam que ele ocupou o lugar do ‘servo fiel e sábio’, e que a sua grandiosa obra dava à casa da fé alimento na devida altura. A sua modéstia e humildade não o deixaram reclamar o título publicamente, mas admitiu-o em privado.’” Mas, independentemente de quaisquer títulos em particular que lhe pudessem ser atribuídos, a certeza que existe é que Charles Russell permaneceu para os Estudantes da Bíblia como um ministro de grande capacidade de interpretação e eloquência, que lhes forneceu “alimento espiritual” de forma singular (ibid. 48).

Além de algumas inconsistências na sua posição que parecia apresentar, ultimamente, vendo o ano de 1914 a chegar, Russell começou a temer a perspetiva de ver a profecia sobre o fim do Tempo dos Gentios não se concretizar, o que seria demasiado grave, pois invalidaria muito dos seus ensinamentos, os quais tinham largamente por base a perspetiva da vinda do milénio. Os “santos” deveriam ascender ao céu com Cristo e o seu governo milenar na Terra deveria começar. Conforme o ano chegava, no entanto, Russell começava a demonstrar uma

³⁰ Versão King James.

postura de menor certeza sobre a data (ibid. 66). O historiador de religião James Penton chama aqui a atenção para o que Melvin Curry descreveu:

Russell usou vários métodos para antecipadamente negar a possibilidade de falha profética. Primeiro, negou que tinha sido inspirado e defendeu que as suas previsões eram baseadas na fé e que, portanto, não eram infalíveis, mas continuou a afirmar que a evidência bíblica era tão forte que ‘a fé na cronologia quase se torna em conhecimento’. Segundo, afirmou que a sua falha em prever os eventos de 1914 ‘meramente provaria que a nossa cronologia, o nosso ‘despertador’, tinha tocado um pouco antes do tempo’, e que ‘o erro não podia ser muito grande.’ Por exemplo, ele reconheceu que o Tempo dos Gentios ‘poderia acabar em outubro de 1914, ou em outubro de 1915.’ Terceiro, ele restringiu as previsões de forma que apenas se referissem a eventos sobrenaturais não-empíricos, como por exemplo, a expiração do ‘poder concedido às nações Gêntias’ e o fim do ‘período de colheita da Era dos Evangelhos.’³¹ Quarto, em 1904 ele reverteu a sequência dos eventos esperados e defendeu que uma ‘anarquia mundial’ se seguiria ao fim do Tempo dos Gentios em 1914, ao invés de o proceder. Quinto, ele mudou a sua previsão de que o colapso da Cristandade seria ‘repentino e horrível’ para uma negação de que as nações ‘se desfariam em pedaços naquele ano.’ Passou a afirmar que a fase terrena do reino seria estabelecida mais tarde que 1914; isto deixava um período de tempo após o expirar do poder dos Gentios para a queda das nações e o ‘estabelecimento gradual do reino na terra’. Finalmente, relacionou o seu possível erro cronológico com incertezas bíblicas. (Curry 1992: 157, 158 cit. por Penton op. cit. 66, 67)

Não obstante as incertezas de Russell, em 1913 não deixava de haver uma grande antecipação no grupo, e quando a primeira guerra mundial começa em 1914, Russell tomou desde logo esse acontecimento por um sinal de confirmação de que a sua cronologia não estaria inteiramente errada, impressão que também permaneceu entre outros membros do grupo. Ainda que em 1914 não tenha acontecido propriamente um apocalipse mundial da forma como seria esperado, afinal, poderia ter sido antes um evento que marcasse o início do período da “tribulação” que seria esperada antes do segundo advento. Mas um outro fator de desilusão se afiguraria em breve, com a morte de Russel em outubro de 1916 (ibid. 67). Russell acreditava então que a Primeira Guerra Mundial terminaria em 1918 com a batalha de Armageddon e,

³¹ Outro termo para o fim do período da “presença invisível” Jesus Cristo. No artigo “A Colheita no ‘Tempo do Fim’” lê-se a seguinte explicação: “Esta mesma palavra é usada em Mateus 24:3, quando os discípulos perguntaram a Jesus: ‘Diz-nos, quando serão estes eventos, e qual será o sinal da tua presença e da conclusão (...) do sistema de coisas?’ Então a ‘época de colheita’ encontra-se conectada com a presença invisível de Cristo como Ceifeiro.” (Testemunhas de Jeová 1981a)

embora não tivesse vivido para ver a guerra acabar sem “a igreja ser levada ao céu, sem os Judeus serem restituídos à Palestina, e sem o fim das nações”, a desilusão foi vivida pelos restantes membros do grupo, em adição à aparente inconsistência de verem o “servo” falecer antes do fim do mundo, não os podendo acompanhar durante um acontecimento tão importante, estando este tão perto (ibid. 68).

Charles Taze Russell acreditava ter encontrado a Verdade acerca da crença e da interpretação bíblica, algo que as Testemunhas de Jeová continuaram a afirmar ter encontrado e oferecer, mas foram as Testemunhas de Jeová que vieram a oferecer – e impor -, em adição à anterior, o que parecem acreditar ser uma extensão da possibilidade de se viver essa Verdade: todo um conjunto de regras sobre a manifestação e abordagem a todas as dimensões da vida quotidiana interpessoal e individual, sem as quais não será possível, nas palavras do próprio grupo, “viver na Verdade”, e que profundamente vieram a definir e distinguir as experiências de quem passa pelo mesmo.

I.II.

Joseph F. Rutherford e as Testemunhas de Jeová, Uma Teocracia

Joseph Franklin Rutherford, advogado de Charles Russell durante alguns anos, foi escolhido em 6 de janeiro de 1917 como segundo presidente da Watch Tower Bible and Tract Society e corporações associadas, decisão que traria mudanças profundamente marcantes para o futuro dos Estudantes da Bíblia, as quais perdurariam até à atualidade. Rutherford é descrito pela história oficial da Sociedade como uma pessoa “direta”, cuja confiança e audácia “causou que alguns se sentissem ofendidos”, o que poderá ser uma descrição um pouco incompleta, pois veio a ser conhecido como uma pessoa de temperamento problemático, ambiciosa e autoritária, mas ultimamente reconhecido por com o seu “braço de ferro” ter conseguido realizar mudanças na Sociedade que, possivelmente, não teriam sido conseguidas de outro modo (ibid. 69, 70).

Rutherford conhece os Estudantes da Bíblia em 1894 e batiza-se em 1906, tendo-se tornado algo popular no grupo enquanto advogado de Russell. Foi a sua “habilidade, retórica dinâmica e disposição para lidar com adversários dos Estudantes da Bíblia como um Jeremias do século XX que o tornou num sucessor óbvio a Russell”, tendo obtido essa posição apenas dois meses após a sua morte, embora Russell não o tenha nomeado como sucessor em vida. Russell tinha

antes esperado que pudesse ser sucedido por uma liderança coletiva, um “comité editorial de cinco, sendo que nenhum artigo deveria ser publicado sem o aval de pelo menos três membros desse comité.” Rutherford tinha, no entanto, outro entendimento da sua posição. Acreditava que para o bem da Sociedade devia ter mais poder do que a mera administração de decisões de um comité (ibid. 70).

Em Maio de 1919, Rutherford inicia uma reorganização das atividades dos Estudantes da Bíblia. Anuncia numa convenção em Cedar Point, Ohio, que os membros devem pregar a mensagem da salvação ao mundo inteiro, anunciando a publicação de uma nova revista intitulada *The Golden Age* como apoio a esse fim. No outono desse ano os membros do grupo começaram a distribuir regularmente cópias da nova publicação de porta em porta, e em 1920 as atividades de “evangelismo público” começam a ser reportadas à Sociedade na forma de um relatório semanal (ibid. 80) entregue na congregação, sendo também definida a atribuição de territórios a cobrir. Neste ano de início da possivelmente maior campanha de proselitismo existente até hoje registaram-se 350 pioneiros³². Também houve por parte de Rutherford um incentivo à expansão internacional do grupo, e em 1921 a Sociedade contava com “dezoito filiais estrangeiras e doze americanas, feitas para servir grupos de língua estrangeira nos Estados Unidos.”

Um outro fator decisivo no crescimento do número de membros do grupo foi a apresentação de uma nova doutrina em 1920, com a publicação de um livro com o nome *Millions Now Living Will Never Die* (Rutherford 1920). Nesta publicação foi sugerido que o milénio começaria em 1925 (ibid. 81). Perante a aproximação do ano em causa houve grande expectativa entre os membros, chegando alguns até mesmo a “desistir dos seus negócios, empregos, e a vender as suas casas na expectativa de que em breve seriam levados para o céu e de que muitos humanos (...) vivessem num paraíso terreno após o Armageddon”, mas a 15 de fevereiro de 1925, na revista *Watch Tower*, Rutherford admitiu que talvez tivesse havido uma expectativa exagerada para aquele ano, e a chegada de 1926 sem eventualidades acabou por trazer uma grande desilusão para o grupo, levando à gradual saída de vários membros nos anos seguintes. No entanto, esta falha não impediu Rutherford de continuar a insistir em sugerir novas datas, nem o levou a anunciar qualquer mudança nas práticas ou crenças dos Estudantes da Bíblia (ibid. 82).

³² Anexo I, Figura 6.

De certo modo, à semelhança do papel que Russell veio a desempenhar para o grupo – enquanto fornecedor de material interpretativo e de estudo bíblico –, depois de 1925 Rutherford torna-se num escritor prolífico de publicações do grupo, publicando aproximadamente um livro por ano até 1941, encontrando também uma eficiente forma de disseminação da sua palavra em múltiplos discursos em convenções e através de emissões nacionais e internacionais de rádio. Rutherford tornou ainda as convenções em eventos que acabavam por servir um propósito publicitário, assumindo uma tal dimensão em números de presentes e uma oportunidade de apresentação de ideias novas e audaciosas que as Testemunhas de Jeová atualmente descrevem um conjunto de convenções dadas entre 1922 e 1928 como “o sétimo toque de trompeta angelical”³³ mencionados no livro de Revelação (ibid. 83). O denominador comum é que cada uma das convenções veio a reforçar publicamente e de forma clara quem o grupo consideraria como parte da “organização de Satanás ou como o próprio.” Em 1922, em Cedar Point, o “apoio do clero à Liga das Nações foi condenado como infidelidade ao reino de Cristo”; em 1923, em Los Angeles, foi aprovada uma resolução que atacava o clero para ser circulada internacionalmente; em 1924, em Columbus, Ohio, foi “adotada uma denúncia” contra o clero; em 1925, em Indianápolis, foi apresentada uma “mensagem de esperança” para a humanidade, e reforçada uma condenação de outras confissões cristãs; em 1926, em Londres, foi apresentada uma censura da “Grã-Bretanha e do mundo”³⁴; em 1927, em Toronto, Rutherford leu uma “resolução” dirigida aos seguidores do Cristianismo no geral a um número considerado impressionante de 15,000 presentes, leitura simultaneamente passada em cinquenta e três estações de rádio; e em 1928, em Detroit, foi apresentada a aceitação de um documento intitulado “Declaração contra Satanás e por Jeová”³⁵. Outras convenções se sucederam, com cada vez mais aderência, sendo que em 1941, a última a que Rutherford iria, estiveram cerca de 115,000 presentes.

O segundo presidente veio então gradualmente a ganhar cada vez mais poder na Sociedade e sobre os Estudantes da Bíblia. Em 1917 consegue conquistar uma totalidade de controlo sobre os negócios da Sociedade, e em 1925 tinha acabado por adquirir o poder de decidir sobre que

³³ Crença literal, não somente uma expressão, que ultimamente sublinha a preponderância destes eventos na história do grupo. No livro de Revelação, é descrita uma visão tida por João de Patmos (descrito como autor desse livro, e na teologia como possivelmente a mesma pessoa que o apóstolo João), na qual sete anjos tocam sete trompetes após se abrir o sétimo selo, numa visão descrita como profética, na qual os sete toques de trompeta marcariam eventos constituintes do início do apocalipse.

³⁴ Esclarece-se que não com motivos específicos contra a Grã-Bretanha mas como exemplo da reprovação do grupo das ações dos governos seculares e de distanciamento dos mesmos.

³⁵ Mencionada no contexto destas convenções no arquivo online das Testemunhas de Jeová, disponível em: <https://wol.jw.org/en/wol/pc/r1/lp-e/1200271597/0/0>

doutrinas deveriam ser ensinadas nas publicações (ibid. 84). De modo a determinar de forma absoluta o seu poder e silenciar qualquer oposição que pudesse surgir contra ele do interior, Rutherford procurou centralizar o poder na Sociedade na forma do que “ele mais tarde decidiu chamar ‘Governo Teocrático’.” Para o “juiz”, o propósito maior dos Estudantes da Bíblia era o proselitismo, o qual deveria ser feito em qualquer ocasião possível, nomeadamente porta a porta de forma regular, mensagem constante que veio a criar a impressão nos membros de que se não o fizessem de forma suficiente não estariam a cumprir devidamente o seu papel como Estudantes. Mas muitos Estudantes resistiram, e mantiveram como mais verdadeira a crença da era de C. T. Russell, de que o “desenvolvimento do caráter ou a santificação cristã seriam mais importantes que o proselitismo”, e muitos anciãos também guardaram uma impressão negativa do crescimento da autoridade de Rutherford e da Sociedade sobre as congregações. Procurou então destruir a legitimidade das noções de santificação e de desenvolvimento de caráter, assim como, de modo a abordar de forma mais eficaz a raiz do “problema”, a ideia de que Russell teria sido o “servo fiel e sábio”. Na forma de artigos na *Watch Tower*, desacreditou a validade do possível significado de “desenvolvimento de caráter” e o mérito da “santificação” como apenas o ter-se “retidão no trabalho”, procurando colocar com estas palavras ênfase na prioridade: a dedicação da pessoa ao proselitismo. No que concerne a Russell, em 1917 procurou salientar a “reverência a um homem” como um desvio da dedicação a Deus, como uma armadilha do Diabo para desviar o cristão (ibid. 85). Não muito tempo depois a ideia de que Russell seria o “servo” foi abandonada definitivamente pela Sociedade, devendo essa expressão bíblica passar a ser entendida como uma referência ao conjunto dos 144 000 “santos de Revelação” que se deveriam juntar a Cristo no seu reinado³⁶.

Com efeito, com o passar do tempo Rutherford conseguiu gradualmente chegar efetivamente ao que pretendia: um governo centralizado, uma denominação constituída por uma verdadeira teocracia, uma forma de governação “perfeita”, para citar as palavras do grupo³⁷. Em 1940, lia-se numa das publicações da Sociedade: “‘A Teocracia é presentemente administrada pela Watch Tower Bible and Tract Society, da qual o Juiz Rutherford é o presidente e gerente.’” (ibid. 86)

³⁶ Nesta altura era frequentemente utilizado o termo “santos” no lugar que atualmente as Testemunhas de Jeová utilizam “ungidos”.

³⁷ No artigo intitulado “Perfect Government At Last!”, onde são elaborados os motivos para a teocracia ser nesta perspetiva uma forma de governação ideal, e como identificam a história da mesma (Testemunhas de Jeová 1990).

Face à questão da crescente discordância e desobediência de muitos membros dos Estudantes perante Rutherford, assim como o abandono por parte dos mesmos, que gradualmente procuravam continuar uma denominação mais fiel à era de Russell – tendo sido iniciada nesta tendência uma nova denominação entre 1929 e 1930, a Dawn Bible Students Association (ibid. 94) –, Rutherford sente eventualmente uma necessidade de criar uma distinção oficial mais clara entre este grupo de pessoas e os seus seguidores. Assim, em 1931, numa convenção em Columbus, Ohio, Rutherford apresenta uma nova resolução, a mudança do nome do “seu” grupo de Estudantes da Bíblia para Testemunhas de Jeová³⁸ (ibid. 86).

Posteriormente, Rutherford continua o seu esforço em diminuir a autonomia das congregações por meio da imposição de mudanças na estrutura das reuniões. Foi sugerido que as mesmas passassem a ser divididas em duas partes, sendo que uma deveria ser dedicada exclusivamente à promoção do trabalho de proselitismo e a outra, normalmente sermões dados pelos anciãos sobre temas selecionados pelos mesmos, deveria passar a ser estudos de pergunta e resposta sobre as revistas *Watch Tower* (ibid. 88). Em 1932, o sistema até então existente de eleição de anciãos dentro das congregações foi terminado e os anciãos substituídos por comités, até que por 1938 todas as pessoas de maior estatuto na congregação seriam escolhidas pela Sociedade³⁹, parecendo a determinação e organização dos membros da congregação também evidenciar cada vez mais a aproximação da governação do grupo como uma teocracia (ibid. 89).

Outras mudanças no grupo vieram a perfazer o que se tornou então também num dos traços mais particulares e reconhecíveis às Testemunhas de Jeová, além do seu empreendimento no proselitismo: a alienação social – ou ascetismo – e austeridade⁴⁰. A dado ponto, Rutherford

³⁸ As Testemunhas de Jeová apresentam atualmente um outro conjunto de razões para a adoção e permanência deste nome, justificando-o nomeadamente com o uso do termo “testemunhas” na Bíblia no contexto de referência aos “servos do único Deus verdadeiro”. Existe uma referência por base ao texto bíblico de Isaías 43:10, que diz: “‘Vocês são as minhas testemunhas’, diz Jeová; ‘Sim, meu servo a quem escolhi; Para que vocês me conheçam e tenham fé em mim; E entendam que eu sou o mesmo; Antes de mim não foi formado nenhum Deus; E depois de mim continuou a não haver nenhum.’” (da versão *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*) (Testemunhas de Jeová 2015a: 5)

³⁹ De salientar que, no entanto, esta é uma prática introduzida na altura que não é hoje continuada exatamente da mesma forma. Embora haja um estudo semanal de *A Sentinela*, continuam a haver discursos de temas variados decididos entre os anciãos de cada congregação, e para se ser ancião, embora o aval final venha da sede, existe uma chance quase garantida de o conseguir a partir do momento que a pessoa é recomendada para tal por outros anciões da congregação. Para mais informação sobre estes procedimentos consultar a primeira parte do capítulo 3.

⁴⁰ Para um retrato abrangente focado na relação com e resposta das Testemunhas de Jeová ao mundo secular, consultar Knox 2018.

começa a afirmar que menos pessoas seriam ressuscitadas do que Russell acreditava, aparentemente adotando um entendimento mais rígido do Salmo 37:29, muitas vezes utilizado para justificar a doutrina: “Os justos vão possuir a terra e nela habitarão para sempre.” (Associação das Testemunhas de Jeová 2000: 2) À semelhança das afirmações relatadas acima, em 1923, para choque de alguns membros do grupo, numa edição da *Watch Tower* foi afirmado que não havia “esperança para o clero do Cristianismo”, e os membros que vieram a discordar foram rapidamente descritos como “condenados à destruição eterna”. A literatura da Sociedade na altura começa de facto a afirmar que qualquer pessoa que rejeitasse a mensagem das Testemunhas de Jeová – e até “crianças e bebês” que morressem no Armageddon – não teria qualquer esperança de ressurreição. Em 1929, na *Watch Tower* foram apresentadas por Rutherford interpretações bíblicas que reforçavam a crença de que o estado secular seria algo demoníaco; em 1932, a Sociedade abandona o ensinamento de que os judeus e o Sionismo teriam tido um “papel especial no plano divino de Jeová”, sendo que apenas as Testemunhas deveriam passar a ser entendidas como a “Israel de Deus”; e em 1935, mais uma vez por incentivo do presidente da Sociedade, as Testemunhas começam então a recusar fazer saudações a bandeiras e a participar na entoação de hinos nacionais (Penton 2015: 90), em mais uma demonstração da sua intenção de distanciamento de qualquer forma de tributo a governos seculares, e também da sua reprovação do que consideram ser atos de adoração indevidos, pois entendem os mesmos como apenas devidos a Deus. A celebração do Natal, de aniversários e quaisquer outros feriados ou costumes veio a ser proibida também, descrevendo tais celebrações como pagãs, nas quais um “cristão correto” não deveria participar. Até mesmo, por exemplo, o uso de barba pelos homens veio a ser proibido, descrito como um sinal de pecado de vaidade, descuido da imagem ou adoração indevida, enquanto forma de tributo à imagem de Russell (ibid. 91).

Apesar do caráter aparentemente negativo das mudanças que foram sendo introduzidas no grupo, após um momento mais atribulado de abandono por parte dos seguidores de Russell, as Testemunhas de Jeová começaram a ter um crescimento constante. Algumas das razões encontradas para as novas conversões foram precisamente a organização mais rígida e a atração das novas doutrinas para alguns, que não tinham conhecido o grupo de Russell, mas também a procura de esclarecimento e apoio perante o preocupante contexto de então, da Grande Depressão e do começo da Segunda Guerra Mundial, além de que a postura resiliente das

Testemunhas de Jeová perante a adversidade e “perseguição”⁴¹ também tinha atraído alguma admiração (ibid. 94; Associação das Testemunhas de Jeová 2000: 10). Não seria surpreendente, visto Rutherford ter tornado constante a afirmação de que, ao cumprir as práticas que lhes eram esperadas, os membros fariam justiça ao nome de Deus, que representariam e perpetuariam o seu “desígnio” para a humanidade e que poderiam ser assim recompensados com a vida eterna, chegando mesmo a afirmar que esta obrigação seria “secundária à bondade e amor dirigidos à humanidade”. A questão apresentava-se como uma “simples” decisão: a pessoa ou “juntava-se a Jeová, Cristo e a Teocracia, ou pereceria com o Diabo e o seu sistema na batalha do grande dia de Deus.” Esta expectativa no futuro e a impressão de poderem estar a desempenhar um papel ativo num propósito divino sem dúvida contribuiu para uma acentuação no zelo das atividades dos membros (Penton op. cit. 95), mas a mensagem e as mudanças de Rutherford – que em larga parte permanecem até hoje – também vieram a fundamentar nos membros uma crescente intolerância de tudo o que não se alinhasse com a mensagem do grupo e os seus propósitos. Até falecer, em 1942, Rutherford continuou a insistir em ataques ao que descrevia como os “três principais instrumentos do Diabo”, o “comércio, a política e a religião” (ibid. 96).

Charles Russell e Joseph Rutherford são possivelmente os dois presidentes da Sociedade de maior destaque por motivos que acabaram por ser profundamente determinantes para o movimento, pois enquanto que o primeiro fundou os Estudantes da Bíblia e – embora algumas mudanças se tenham verificado mais tarde – teve como principal objetivo um empreendimento num estudo mais próximo do que poderia ser a mensagem da Bíblia, Rutherford conseguiu fundar aquilo de que Russell se procurou distanciar, e o que o próprio Rutherford tantas vezes condenou publicamente: toda uma nova religião organizada, profundamente estruturada, hierarquizada e até mesmo, seja nas suas doutrinas ou práticas impostas aos seus membros, autoritária. Estes traços podem ter causado a alienação de muitas pessoas do grupo, mas para tantas outras ajudaram a que o grupo assumisse um caráter positivo a seus olhos, satisfazendo a sua necessidade de algo que procuravam e não encontraram noutros.

Apesar do seu sucesso, aquando da morte de Rutherford em 1942 as Testemunhas de Jeová continuavam banidas em muitas partes do mundo, nomeadamente por causa da sua atitude

⁴¹ Referência à repressão e ostracização do grupo em vários países na altura, nomeadamente pela sua recusa de participação no serviço militar e na política, e em saudações à bandeira e entoação de hinos, tal como será esclarecido nas próximas páginas. Os casos dos regimes totalitários são mais vezes alvo de descrições. Para retratos mais compreensivos dos casos dos regimes soviético e hitleriano consultar Baran 2014 e Penton 2004.

desafiante face aos governos locais, pela sua recusa na participação na política e na guerra (ibid. 104). As Testemunhas de Jeová não promovem uma desobediência sistemática ao governo secular, mas preveem-na na eventualidade de o Estado lhes colocar proibições ou obrigações que impeçam a realização do seu dever prático ou obrigue os membros a praticar ações que considerem desviantes ou pecaminosas, sendo que justificam a sua atitude nessas instâncias com a referência ao texto de Atos 5:29, “quando os discípulos de Jesus se recusaram a parar de pregar sobre Cristo mesmo sob ameaça dos líderes judaicos, e se arrogaram ao direito de ‘obedecer antes a Deus que aos homens’.” (Pinto 2012: 129) Foi precisamente com um cenário desta natureza e outras dificuldades com que o grupo se deparou na sua introdução e estabelecimento em Portugal.

I.III.

Portugal e as Testemunhas de Jeová

Em março de 1925, George Young, colportor canadiano da Sociedade Torre de Vigia, deslocase a Portugal e Espanha com a intenção de preparar a primeira visita do presidente da organização aos dois países, momento em que então se daria o primeiro contacto da Sociedade com Portugal, quando J. F. Rutherford vem a Lisboa depois de passar por Madrid para uma conferência de divulgação das doutrinas do grupo, de entrada livre, dada a 13 de Maio desse ano, numa escolha de data arrojada apenas oito anos após os relatos das aparições de Fátima (Associação das Testemunhas de Jeová 2002: 2; Pinto op. cit. 130). Foi obtida autorização governamental para utilizar um edifício público – o Liceu Camões, na Praça José Fontana –, tendo a conferência sido anunciada com o nome “Como Viver na Terra para Sempre”, com a intenção de, conforme anunciado, esclarecer a questão “poderia a humanidade viver em paz na Terra por toda a eternidade?” (ibid. 133) Numa altura de instabilidade política e social⁴², este anúncio suscita interesse em milhares de pessoas, tendo sido relatado que cerca de 2000 pessoas

⁴² O historiador Pedro Pinto descreve os anos desde o fim da monarquia até à constituição do regime do Estado Novo, anos de conflito entre defensores da monarquia e da república, de vários governos de curta duração e tensões sobre a religiosidade, nomeadamente sobre a igreja católica, tida por alguns como a raiz da falta de progresso no país. Foi poucos anos depois do assassinato de Sidónio Pais, tendo sido sucedido por uma governação mais longa do PRP, o ano em que sucedeu uma tentativa de golpe de estado contra tal governo, tendo sido declarado estado de sítio em Lisboa uma mês antes da chegada de Rutherford (Pinto 2012: 132, 133).

entraram no liceu para ouvir a palestra, e tantas outras não conseguiram assegurar um lugar. Começou às 21.45 e apenas terminou por volta da meia-noite, “em virtude das frequentes interrupções de alguns dos presentes que disputavam as propostas de Rutherford, acusando-o de ser um propagandista protestante”, enquanto “uns protestaram a concessão de autorização de um edifício público para eventos religiosos, ao passo que outros vaiavam os Jesuítas e Protestantes, dando vivas à República” (ibid. 134). No seu discurso Rutherford explica como as profecias bíblicas apontariam para 1914 como uma data que marcou o início de um desenrolar de eventos a nível mundial relacionado com a “presença invisível” de Cristo, mas foi relatado que a acumulação de protestos na audiência não permitiu a Rutherford concluir, tendo abandonado o palco deixando um convite para que os interessados em obter mais informações deixassem o seu endereço, convite ao qual responderam 1252 pessoas (ibid. 134).

Face à confirmação desta demonstração de interesse, é anunciada em vários jornais a morada do primeiro escritório dos Estudantes da Bíblia em Portugal – em Lisboa, na Rua de Santa Justa –, e é pedida a transcrição de todo o discurso que Rutherford tinha preparado para publicação no *O Século*, saindo a 15 de Maio. Também foram no mesmo ano impressos o livro de Rutherford *Milhões que Agora Vivem Jamais Morrerão* e os tratados *Can the Living Talk With the Dead?* e *Hell – What is it? Who are there? Can they get out?*, além de iniciada a distribuição, em português, da revista *Watch Tower*, traduzida então para *A Torre de Vigia* (Associação das Testemunhas de Jeová 2000: 3; Pinto op. cit. 136) antes de passar a ser *Luz e Verdade* (ibid. 138) e, eventualmente, *A Sentinela*. Além destas publicações começaram também em 1926 a ser publicados e distribuídos diversos panfletos traduzidos para português, os quais, entre temas referentes aos objetivos do grupo, frequentemente “expunham as crenças da Igreja Católica e Protestante que consideravam não ter fundamento bíblico” (ibid. 137). Em abril de 1926 foram também iniciadas as reuniões do grupo, as quais começaram por ocorrer três vezes por semana na sede, em Lisboa. Nesse ano é relatado que *A Torre de Vigia* chegou a ter 450 subscritores (ibid. 136). Em 1927 ocorreram os primeiros batismos, tendo sido batizadas catorze pessoas por imersão na praia de Caxias (ibid. 137). Num país dominado pelo catolicismo, o discurso de Rutherford e as publicações da Sociedade conseguiram atingir um determinado grau de sucesso desde logo face à sua demonstração de conhecimento da Bíblia e ênfase no seu estudo pela própria pessoa, oferecendo à mesma uma oportunidade de leitura e interpretação dos textos sagrados que então muito se diferenciava da que estavam habituadas na prática e rituais da Igreja Católica (ibid. 131), concedendo-lhes satisfação e realização na

sensação de poderem desempenhar um papel ativo e reciprocamente valorizado na constituição da sua fé.

No entanto, com o início da guerra civil espanhola e da Segunda Guerra Mundial, o grupo vê a sua atividade reduzida em Portugal, acabando as reuniões restringidas a algumas no domicílio de alguns membros. Apenas em meados dos anos 40 voltaria a abrir uma localização pública para a realização das reuniões, tendo sido esta primeira em Lisboa, na Estefânia, e eventualmente a segunda apenas em 1949, na Rua Passos Manuel. Até 1956 foram feitas várias visitas de representantes a Portugal com a finalidade de reorganizar o movimento, assim como feitos vários pedidos de legalização. Nessa fase formaram-se vários grupos fora de Lisboa, como, por exemplo, em Vila Nova de Gaia, nos Açores, ou em Braga, e em 1959 chegam quatro casais missionários, sendo que em 1960 se registava um total de 800 membros. A presença e atividades das Testemunhas de Jeová foram autorizadas pelo Governo Civil em 1927 mas, no entanto, não pelo Ministério do Interior, e a partir de 1961 o grupo começa a sentir uma maior tensão com as autoridades (ibid. 139), largamente motivada não pelos protestos de representantes de outras confissões – nomeadamente católica e protestante – mas pela forma como as Testemunhas de Jeová se vieram a apresentar como uma aparente influência “subversiva” no contexto do conflito que então se iniciava em Angola. É neste ponto que a neutralidade política e militar das Testemunhas de Jeová (ibid. 140) – a constante atitude de sanção do grupo das ações perpetradas nesses contextos, assim como a sua mensagem de que um “novo reino estabeleceria a paz mundial”, aparentemente equivalente à “predição da queda do império português”, ou concretamente a sua recusa em saudar a bandeira, cantar o hino ou realizar serviço militar (ibid. 161) –, se torna absolutamente inaceitável para o regime ditatorial de então.. Desde a sua introdução em África pelo missionário Joseph Booth, que defendia o princípio de “África para os Africanos”, as Testemunhas de Jeová viram-se associadas a causas políticas e sociais incómodas para o contexto político e institucional de então (ibid. 140)⁴³. A sua postura doutrinal veio a traduzir-se como motivação para vários habitantes de Angola e Moçambique adotarem uma atitude desafiante para com os agentes do regime colonial, diminuindo também assim a influência do catolicismo, tido pelos mesmos como uma parte fundamental da concretização dos seus “objetivos políticos e económicos”, pois dizia-se que “apenas os missionários nacionais compreendiam a missão civilizadora portuguesa, ao passo

⁴³ Para mais informações sobre a presença das Testemunhas de Jeová em África, destaca-se Wilson 1973 no contexto do colonialismo britânico, e Poewe 1978 sobre a influência das suas doutrinas na sociedade na Zâmbia.

que os de outras denominações concediam aos nativos africanos um espaço de debate e de consciencialização da sua sujeição ao domínio europeu.” (ibid. 141) A então cimentação da perceção das Testemunhas de Jeová como uma ameaça à soberania do regime ditatorial e da Igreja Católica veio a despoletar um esforço de constante vigilância e impedimento das atividades do grupo por parte da PIDE e outras agências governamentais, tendo em 1962 sido expulsos os missionários, suspensa a distribuição de publicações e realização de reuniões, assim como proibida a circulação de Testemunhas nos então territórios “ultramarinos”, e ocorrido alguns dos primeiros julgamentos e encarceramento de membros (ibid. 140), que continuavam a reunir-se em casas particulares, a pregar ou a recusarem-se a realizar o serviço militar (ibid. 162; Associação das Testemunhas de Jeová 2000: 9). Logo em 1962 foram submetidas várias exposições ao Ministério do Interior de defesa das Testemunhas pelos seus responsáveis portugueses (Pinto op. cit. 164), mas em 1964 é oficialmente decretado pelo ministro do interior o “fim das suas atividades e dissolução dos locais de culto”, o que leva a um aumento nas rusgas policíacas à casa de membros suspeitos de albergarem reuniões, registando-se cerca de 130 face às 70 do ano anterior, e um total de cerca de 100 pessoas detidas, chegando a cerca de 150 em 1965.

Nesta altura as Testemunhas de Jeová não deixaram de realizar a sua atividade, continuando a reunirem-se em casas particulares, em grupos pequenos, optando pela estratégia de definição de horas de entrada diferentes para cada pessoa, e “adotando-se protocolos de evasão e camuflagem de publicações em caso de rusgas”, havendo também uma maior atenção à forma como se faziam convites face à chance de haver agentes da polícia infiltrados. Vários membros optaram mesmo por usar pseudónimos, e o proselitismo porta a porta deixou de feito de forma linear pelas casas/apartamentos, optando-se por uma seleção aleatória, mudando os pregadores constantemente de rua de forma a não levantarem suspeitas. Começaram-se também a realizar relatórios sobre a situação que eram enviados para a sede nos EUA (ibid. 168).

Um caso em particular atraiu atenção suficiente – em Portugal e além das suas fronteiras⁴⁴ – para marcar o início de uma onda de mudança. A detenção de uma congregação inteira, a do Feijó, a primeira a ser levada ao Tribunal Plenário da Boa-Hora – tribunal político cujos juízes eram descritos como seguindo as recomendações da PIDE –, atraiu atenção internacional (ibid. 170-173) para o uso frequente da violência nas detenções, inclusivamente com mulheres grávidas e menores (ibid. 170), levando a relatos que chamavam a atenção para a situação

⁴⁴ Noticiado, por exemplo, no *The New York Times* a 24 de junho de 1966, com o título “Jehovah's Witnesses Go Before Lisbon Court” (New York Times 1966).

discriminada em que as Testemunhas de Jeová viviam. Estes foram relatos que o regime ditatorial veio a considerar como “má propaganda”, o que causou subsequentemente uma descida gradual na frequência com que as forças policiais faziam rusgas e detenções, principalmente na década de 70 (ibid. 173).

Em 1968, altura em que Marcello Caetano tinha substituído o ditador Oliveira Salazar como Presidente do Conselho, as Testemunhas de Jeová contavam com um total de 77 congregações, 4300 membros batizados e 5700 a estudar a doutrina. Em 1970 é apresentada pelo governo uma proposta de lei com a finalidade de melhorar a regulamentação dos direitos das “confissões religiosas não-católicas”, tendo sido emitido um despacho esclarecendo que, no entanto, a proposta não alteraria a continuação do impedimento das atividades das Testemunhas de Jeová (ibid. 174). Em 1972 a GNR voltou a intensificar a sua intervenção, especialmente pela ocasião da realização do Memorial, tendo sido detidas três congregações em Lisboa, ainda que sem culminarem em encarcerações. A verdade é que até à revolução de abril de 1974 não se dá uma extinção da perseguição, mas apenas menos instâncias de intervenções. Apenas após esse acontecimento é que as Testemunhas de Jeová teriam a oportunidade de realizarem livremente as suas atividades e serem reconhecidas em Portugal como confissão religiosa (ibid. 177). No entanto, apesar de a ilegalidade, repressão policial e política das Testemunhas de Jeová em Portugal ter encontrado o seu fim após a revolução, a obtenção do estatuto legal pleno que procuravam demoraria mais tempo a vir. Após sucessivos pedidos, incluindo, por exemplo em 1999, conforme exposição divulgada pelo próprio grupo (Associação das Testemunhas de Jeová 2000: 1), foi apenas em 2007 que conseguiram registar-se como Pessoa Coletiva Religiosa – conforme veio a permitir a Lei da Liberdade Religiosa introduzida em 2001 –, sendo que em 2009 obtêm finalmente o estatuto “jurídico-religioso” mais elevado que a lei do país atualmente oferece, o de “comunidade religiosa radicada em Portugal”, um estatuto permitiu, por exemplo, que as Testemunhas pudessem passar a prestar “assistência religiosa nos hospitais públicos, prisões e Forças Armadas e de segurança” (Lusa 2009a; 2009b).

De acordo com o último relatório anual de atividade divulgado pelo grupo (sendo estes os últimos totais emitidos pela organização a que se tem acesso), no ano de 2022 existiam 86 sedes das Testemunhas de Jeová, 117 960 congregações, 145 552 novos membros batizados (Testemunhas de Jeová 2022d: 2), e em Portugal um auge de 51 334 publicadores, dos quais 676 novos batizados e 656 congregações (ibid. 3), sendo a sua sede localizada em Alcabideche

(Associação das Testemunhas de Jeová 2000: 6, 7), a qual é chamada *Betel*⁴⁵, tal como todas as suas outras sedes espalhadas pelo mundo.

Após a era de Charles Taze Russell, as mudanças introduzidas na organização, política e doutrina do grupo foram tão significativas que alguns consideram as Testemunhas de Jeová não a continuação mas antes uma derivação do que Russell começou (Stark e Iannacone 1997: 134), continuando mesmo hoje em dia a existir grupos de Estudantes da Bíblia que escolheram permanecer fiéis aos ensinamentos de Russell. Mas a verdade é que as Testemunhas de Jeová encontraram um sucesso maior no tempo, e continuam a ser um grupo de significativo sucesso e expressão no âmbito do Cristianismo por todo o mundo, e as suas doutrinas e práticas mantêm-se largamente semelhantes desde a introdução das mudanças de Joseph Rutherford.

Do Global ao Individual

Apesar da sua notável visibilidade no espaço público, se não existir algum tipo de proximidade às Testemunhas de Jeová, é provável que, na verdade, pouco se conheça sobre o que o grupo é, as suas crenças e práticas. Para alguém nesta posição, a sua organização e membros caracterizam-se por uma notável discricção sobre a sua atuação e vivência quotidiana que cobre o grupo com uma faceta enigmática, que suscita mais questões que esclarecimentos face a uma sensação de distanciamento aparentemente irrevogável a qualquer olhar exterior.

Ser Testemunha de Jeová é viver uma vida que é distinta, conforme a mesma é determinada pelas normas e ensinamentos do grupo, elaborados de acordo com a sua interpretação da Bíblia e do que deverá ser correto no ponto de vista do divino, e ser uma boa Testemunha resume-se na noção de se ser uma “boa cristã”, e assim merecedora da salvação na vinda do apocalipse. O incumprimento deste ideal, além de retirar à pessoa a sua chance de uma vida eterna no paraíso

⁴⁵ Nome de origem hebraica, que significa “casa de Deus”. Várias fontes das Testemunhas de Jeová descrevem o que é *Betel* e que tipo de atividades são desenvolvidas nessas localizações, de que é exemplo o artigo “O que é Betel?” (Testemunhas de Jeová 2015a: 24).

terreno, significará a inconformação com as normas do grupo, o que, dependendo do tipo de aspeto que assuma, poderá traduzir-se em sanções menores ou mais graves e permanentes, como a excomunhão, também conhecida como a prática do *shunning*.

Em suma, ao conhecer a vida como Testemunha de Jeová apercebemo-nos que temos em mãos a expectativa por parte do grupo da conformação absoluta da forma de ser, estar e pensar do indivíduo às suas diretrizes, e a priorização da atividade religiosa na sua vida, mesmo acima da convivência familiar ou vida profissional. Observa-se um envolvimento total que significa um fechamento ao “mundo” exterior, o mundo determinado pelo mal cuja influência deve ser evitada, que nesta perspetiva passa a existir em oposição do mundo das Testemunhas de Jeová, cuja autoperceção é de ser a única religião verdadeira, um “povo escolhido”, parte integral do que é comumente designado no seu seio por “reino de Deus”, e assim, a representação da vontade divina na Terra, dotado da missão de oferecer a oportunidade de salvação ao maior número possível de pessoas antes do apocalipse, por meio do seu empreendimento proselitista. A autoridade que o grupo assume aos olhos do crente, aliada à dimensão da influência das suas normas e exigências, concede-lhe sucesso enquanto o que se pode descrever como um grupo de carácter totalitário ou, para utilizar um designação de uso mais comum recentemente, de “alto custo”, um tipo de natureza de um grupo religioso que o sociólogo J. Todd Ormsbee (2020) descreve como possuindo “laços comunais muito mais estreitos, assim como regulações e obrigações sociais, que potencialmente tornam a aderência e o abandono mais difíceis” (ibid. 297). Como exemplos desta natureza, além do foco do seu artigo, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, o autor refere o judaísmo hassídico, o islamismo ortodoxo, e as Testemunhas de Jeová (ibid. 299).

É a procura da satisfação da curiosidade sobre este intrigante mundo privado que tem motivado em algumas instâncias a produção escrita sobre as Testemunhas de Jeová, ainda que com motivações diferentes. A totalidade do que se tem escrito sobre as Testemunhas de Jeová poderá ser dividido em duas grandes categorias: a produção científica e os relatos autobiográficos e/ou análises críticas doutriniais por ex-membros.

A avassaladora maioria da produção científica sobre as Testemunhas de Jeová nas ciências sociais⁴⁶ encontra a sua origem na sociologia. É neste contexto que encontramos o autor de

⁴⁶ Existe uma exceção, que é a da enorme produção que é feita na área da bioética, maioritariamente devido à crença na recusa de transfusões de sangue por parte do grupo, uma ideia que será melhor esclarecida posteriormente. Aqui foca-se o esclarecimento do posicionamento do presente trabalho na literatura das ciências sociais, pelo que a menção a esta dimensão permanece de importância

alguns dos trabalhos mais antigos conhecidos, Theodore W. Sprague (1942, 1943 e 1946), cujas descrições da doutrina e organização do grupo nos anos 40 ainda se mantêm em larga parte atuais. Já uma menção menor ao grupo é possível encontrar em um artigo intitulado “Sects and Cults”, da autoria de Martin E. Marty (1960), o qual destacamos como parte de uma aparente tendência anterior na área em caracterizar o grupo como “seita” ou “culto”, ou como similar a outros designados como tal. Outras análises sociológicas e estudos de caso surgem nos anos seguintes (como, por exemplo, Rogerson 1969, Zygmunt 1970 e Wilson 1973), sendo que surge nesta altura uma obra que mantém ainda relevância como um dos principais retratos sobre o grupo na disciplina, *The Trumpet of Prophecy*, da autoria de James Beckford (1975). Outras das maiores contribuições de conhecimento sociológico sobre as Testemunhas de Jeová são publicadas nos anos seguintes, de que é exemplo a sistematização bibliográfica e análise comparativa focada oferecida por Jerry Bergman em *Jehovah's Witnesses and Kindred Groups: A Historical Compendium and Bibliography* (1984), o estudo sobre o seu sucesso da autoria de Rodney Stark e Laurence Iannaccone (1997), e *New Religious Movements – Challenge e Response* (1999) de Bryan Wilson e Jamie Cresswell, sendo que se chama a atenção para este último por, apesar de não ser uma análise centrada nas Testemunhas de Jeová, incluir menções de diferentes autores ao grupo no contexto de uma então nova tendência na terminologia sociológica que se introduzia, a do uso do termo *novo movimento religioso* no lugar de “seita” ou “culto”, face à admissão do carácter pejorativo destes termos no seu uso quotidiano. Esta designação parece pretender cobrir toda a variedade de grupos de carácter religioso que surgiram no século XX e, apesar de poder se assemelhar a alguns destes grupos na sua doutrina milenarista e ascética, algumas incertezas são relatadas no livro em relação à adequação do termo às Testemunhas de Jeová, nomeadamente devido à sua maior antiguidade e dimensão, mas tais incertezas não parecem ter totalmente desencorajado a perduração do uso do mesmo, conforme se verifica posteriormente em Dawson 2013 e Daschke e Aschcraft 2005, por exemplo. Alguns autores apresentaram ainda a ideia de associação do grupo a uma forma de fundamentalismo, como em Emerson e Hartman 2006, descrição que não se revela ter sido reproduzida em outros textos científicos. Devido às suas reveladas fragilidades e face à falta de fundamentação clara do uso de tais designações, assume-se neste texto a simples designação do

marginal mas, não obstante, anexam-se algumas referências de exemplo, os artigos de Howell e Bamber 2013, Rajtar 2013, Redmann et al. 2018. Um exemplo de abordagem à questão no contexto português é a dissertação de Viegas 2008.

grupo religioso pelo seu nome ou pelo que incontestavelmente é (um grupo, confissão, religião, etc.).

Por sua vez, na sua apresentação de um retrato geral da doutrina e práticas da religião em causa e da comunidade que a constitui, destaca-se a obra de Andrew Holden (2002), *Jehovah's Witnesses – Portrait of a Contemporary Religious Movement*, possivelmente um dos mais compreensivos estudos descritivos na área. Poucos anos depois outra obra de carácter distinto surge por parte de George D. Chryssides, com a publicação do *Historical Dictionary of the Jehovah's Witnesses* (2008), a primeira ferramenta bibliográfica do género sobre o grupo, e em 2015 os autores Samuel Hookway e Daphne Habibis (2015) sistematizam a ideia de mudança identitária após o abandono do grupo.

No caso da produção sociológica portuguesa as menções ao grupo são escassas, mas destacam-se os contributos de Helena Vilaça (2013) e do estudo *Identidades Religiosas e Dinâmica Social na Área Metropolitana de Lisboa* (Teixeira et al. 2019), que nos fornecem igualmente contributos à descrição da doutrina do grupo e ainda sobre o histórico da sua presença em Portugal, além de dados concretos quantitativos sobre a mesma e sobre a forma como o seu posicionamento sobre diferentes questões difere de outros grupos religiosos presentes no país.

No que concerne a outras áreas de estudo, no caso dos trabalhos desenvolvidos na história, embora estes sejam uma minoria, constituem alguns dos contributos ao conhecimento sobre o grupo mais ricos. O primeiro nome que naturalmente surge é o de James Penton, historiador e antigo membro do grupo cuja descrição (2015) da história e doutrinas do mesmo, largamente resultante da extensa análise de material em primeira mão, permanece a que se crê ser ainda a mais exaustiva e informativa entre os restantes trabalhos científicos publicados sobre as Testemunhas de Jeová até à data. O mesmo autor também merece menção por mérito de outra obra publicada sobre as Testemunhas de Jeová no âmbito do tema da sua perseguição no Terceiro Reich (2004), do qual uma variante se poderá encontrar no trabalho de Emily Baran (2014), sobre a vivência das Testemunhas de Jeová na União Soviética. Outra autora na área que mais recentemente tem também oferecido uma produção significativa sobre diversos temas referentes ao grupo é Zoe Knox (2011a, 2011b, 2017, 2018), e no caso do contexto português a única menção de maior destaque encontra-se no trabalho de Pedro Pinto (2012), cujo artigo reflete também um extenso trabalho de recolha de material em primeira mão que resulta numa

informativa descrição da presença das Testemunhas de Jeová em Portugal e em alguns países de África, aquando da ocupação colonial portuguesa.

Já na antropologia não é possível encontrar retratos abrangentes como em outras disciplinas, mas sim alguns estudos de caso, verificando-se maior destaque em alguns encontrados que descrevem a inserção das Testemunhas de Jeová e o seu impacto cultural em lugares de empreendimento missionário (Hooker 1965; Poewe 1978), ou o relacionamento dos seus membros com outros grupos majoritários (Andrews-Swann 2011).

Alguns trabalhos sobre o grupo surgiram também na psicologia, principalmente na intenção de apresentar conclusões gerais sobre a saúde mental dos seus membros (Spencer 1975; Montague 1977), trabalhos cujas conclusões, no entanto, posteriormente revelam algumas fragilidades generalizadoras, e que não foram alvo de reprodução em outras análises na disciplina. Mais recentemente encontramos como exemplo de destaque o estudo de Ransom et al. (2021), cujo artigo intitulado “Life after Social Death: Leaving the Jehovah’s Witnesses, Identity Transition and Recovery” apresenta uma breve análise da forma como o abandono das Testemunhas de Jeová é vivido e que tipo de impacto psicológico poderá ter.

Não obstante, fora do âmbito da produção científica existem dois autores de relevante menção pela importância que vieram a assumir na crítica doutrinal ao grupo, e também como leitura determinante na maioria dos relatos reunidos, no processo de abandono do grupo. O nome mais relevante aqui é o de Raymond Franz, ex-membro das Testemunhas de Jeová e do seu Corpo Governante, que escreveu *Em Busca da Liberdade Cristã* (1991) e a obra autobiográfica *Crise de Consciência* (2002), que se revela um olhar crítico privilegiado sobre o funcionamento das Testemunhas de Jeová, até hoje absolutamente inédito. Com menos frequência é citado ainda Carl Olof Jonsson, autor de *O Tempo dos Gentios Reconsiderado* (2021), uma análise minuciosa de algumas das interpretações bíblicas mais fundamentais ao grupo.

Apesar de ser uma denominação com uma dimensão e presença significativa, ao se realizar uma pesquisa sobre o mesmo, crê-se continuar a ser notável, de modo global, o reduzido número de obras científicas produzidas com foco no grupo – tal como R. Stark e L. Iannacone já o haviam notado em 1997⁴⁷ –, e como entre as mesmas várias se encontram agora desatualizadas,

⁴⁷ “Por exemplo, durante a sua história de 34 anos, o *Journal for the Scientific Study of Religion* publicou artigos dedicados a uma imensidão de movimentos religiosos obscuros, mas nenhum dedicado às Testemunhas de Jeová. Quando o mundo não acabou em 1975, tal como muitas Testemunhas de Jeová o esperavam, isto fez o *Social Compass* (1977) dedicar uma edição às Testemunhas de Jeová e a

usam de uma linguagem à qual carece neutralidade, são excessivamente parceladas no seu foco, insuficientemente suportadas por dados empiricamente recolhidos, ou demasiado dependentes de questionários previamente estruturados ou dados estatísticos. Para mais, face à impressão reunida dos trabalhos existentes sobre as Testemunhas de Jeová, na sua generalidade, parece revelar-se a falta de um aprofundamento geral de um ponto fundamental quando se pensa esta religião. Não nos referimos à redação da história das Testemunhas de Jeová ou à explicação da doutrina, ou até mesmo do seu papel sociológico, pontos que, como demonstrado, já têm sido suficientemente explorados. Referimo-nos sim, para o colocar em termos sucintos, à questão da experiência religiosa, da relação do indivíduo com o divino, à doutrina na perspetiva da experiência pessoal, neste contexto em particular. É claro que não se refere uma inexistência total de abordagens à questão – Andrew Holden, por exemplo, dedica algumas partes do seu livro a perceber o entendimento dos membros das doutrinas e do grupo, e apresenta até numa parte final alguns relatos de ex-membros, abordando as suas razões para deixarem o grupo e o percurso pessoal que os levou a essa decisão, assim como a abordagem do grupo aos mesmos e a forma como reconstituíram a sua vida após o abandono; Nicholas Hookway e Daphne Habibis (2015) apresentaram um breve argumento sobre a forma como a pessoa pensa a sua identidade como membro em relação à liberdade que concedem a si próprias de experiência em lugares e relacionamentos fora da religião no quotidiano. Para colocar a questão em outras palavras, parece-nos faltar na ciência uma reflexão e esclarecimento do que tanto parece mais intrigar o público que nunca pertenceu às Testemunhas de Jeová ou outro grupo de natureza similar. A pertença voluntária a um grupo fechado, ascético e de carácter autoritário causa curiosidade sobre as motivações individuais de quem o faz, e traduz-se efetivamente em diversos processos com impacto subjetivo e interpessoal, processos que significam um conjunto de motivações e transformações na perspetiva do indivíduo sobre si próprio, os outros e as dimensões onde se insere e que observa. Estes processos revelam o profundo impacto que a religião é capaz de ter no sujeito, vivência de si próprio e do mundo, processos que assumem um carácter distinto e evidente nas Testemunhas de Jeová.

profecias falhadas. No entanto, com a exceção destes artigos similares, especialmente um ensaio por Richard Singelenberg (1989), os cientistas sociais apenas produziram dois estudos substanciais das Testemunhas de Jeová nos últimos 50 anos. Um destes é uma dissertação não publicada baseada em diversas congregações locais no Minnesota (Zellner 1981). O outro é a monografia de James A. Beckford (1975), baseada no seu trabalho de terreno entre várias congregações britânicas. (...) A falta de investigação sobre as Testemunhas de Jeová vem a par pela sua quase total omissão de manuais sobre a sociologia da religião, assim como dos dedicados à história religiosa americana.” (Stark e Iannacone 1997: 133)

Crê-se ser possível uma tentativa extensa e detalhada de clarificação destes processos que se encontram na base da experiência individual do grupo e doutrina em causa por meio da elaboração de uma monografia sobre o tema, de um ponto de vista antropológico, com base num esforço de descrição extensiva, centrado no reconhecimento da autoridade do entendimento do ponto de vista do sujeito, e pensando a religião enquanto fenómeno cultural, indivisível da observação da relação mútua entre *ethos* e visão do mundo, conforme revela a ainda atual definição de religião pelo antropólogo Clifford Geertz:

... (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer humores e motivações poderosas, pervasivas e duradoras nas pessoas por meio da (3) formulação de concepções sobre uma ordem geral de existência e por (4) cobrir estas concepções com uma tal aura de factualidade que (5) os humores e motivações parecem unicamente realistas. (Geertz 1973: 90)

Resumidamente, convida-se o leitor a perceber em detalhe os trajetos destas pessoas e o que têm em comum em função da partilha da mesma fé e do que existe de padronizado na experiência deste trajeto, o sucesso da doutrina e métodos do grupo, assim como os traços da experiência religiosa presentes. Entender-se-á que tipo de impacto pessoal e interpessoal poderá significar a pertença às Testemunhas de Jeová, assim como que processos e padrões se revelam nas fases de conversão e total consagração como membro, e na eventual constituição de dúvidas, perda de fé, saída do grupo e reconstituição da vida pessoal e interpessoal após o abandono. Para este fim procurou-se precisamente produzir um texto de carácter monográfico com uma forte componente descritiva dos elementos biográficos e das suas transversalidades como enquadramento e estruturação da análise sobre o fenómeno em causa, situando-se os conhecimentos encontrados na teoria antropológica e filosófica, seguindo a tradição da influência do pensamento fenomenológico na teoria cultural sobre religião – condensando-se essencialmente na perspectiva subjetiva, no ponto de vista da pessoa em questão.

Já outros objetivos de destaque deste estudo são:

- A apreensão das dimensões subjetivas e intersubjetivas da experiência da apostasia, evidenciando-se como remetem para conflitos no plano da fé religiosa e dos valores ético-morais, bem como no plano relacional, de forma a apreender as origens e significado das vivências de dor psicológica e dos processos de reconfiguração identitária que os relatos denotam.
- Entender que abordagem o grupo assume perante o indivíduo ao longo das diferentes fases do seu trajeto, elaborando-se sobre a realidade das relações de poder hierárquico

no grupo, as estratégias de manutenção do mesmo e da sua imagem pública, e especificamente as disciplinares, revelando-se que impacto estas abordagens pretendem ter e efetivamente têm; em parte relacionado com estas, também se percebe como existe um esforço global de manutenção do grupo, seja pela sua exigência de afastamento do mundo exterior e conformação aos seus ideais como pelas suas formas de punição e expulsão de quem não cumpre as suas expectativas.

- Oferecer uma descrição das crenças e práticas das Testemunhas de Jeová, partindo-se de uma síntese da história do grupo e da fundamentação das suas doutrinas, assim como da descrição da sua organização. Assim é também possível entender como determinados aspetos na sua interpretação teológica e práticas se têm vindo a modificar ao longo do tempo.
- Clarificar como esta confissão se relaciona com o resto da sociedade, e como a crença religiosa impacta a vida da pessoa e as suas decisões no que concerne à sua perceção da educação, ciência, saúde física e mental, família, assim como do seu papel a desempenhar na sociedade.
- Simultaneamente constituir contributos a outros diversos temas do âmbito das ciências sociais, tais como: o fenómeno de conversão religiosa, a transmissão cultural e a integração da criança no grupo, o papel socialmente e subjetivamente estruturante da religião, papéis de género, perda e mudança de fé, perceções do divino, e a relação da religião com o mundo secular e outras religiões.

Como material empírico utilizaram-se narrativas autobiográficas de ex-membros. Estas narrativas foram recolhidas em contexto de entrevistas abertas (tendo por base o exemplo do modelo *BNIM – Biographical-Narrative Interviewing Method*, o qual se caracteriza pela intervenção minimalista, número reduzido de perguntas e incentivo à continuação da narrativa e da sua elaboração por parte de quem a produz (Wengraf 2001: 118-148), formulando-se a estrutura do texto em função dos marcos biográficos partilhados pelos mesmos, evidenciando-se simultaneamente o que se constitui como padrões e diferenciações nestes percursos subjetivos. As entrevistas realizadas foram repetidas e extensivas.

Os primeiros contactos para o convite à participação neste estudo foram feitos pessoalmente e em grupos dedicados a ex-membros das Testemunhas de Jeová online, e após esta fase foi relativamente fácil encontrar participantes, por passagem de palavra e recomendação. Os contactos foram também facilitados pelo grande interesse manifestado pelas pessoas em causa, mas o mesmo trouxe um desafio: por vezes largamente motivado por

sentimentos adversos ao grupo e pela intenção de alertar outros para aspetos negativos do mesmo, e para dar a sua experiência como exemplo e exposição do carácter do grupo, ou apenas pela possibilidade de ajudar outras pessoas que pudessem vir a encontrar-se em situações similares às suas. A presença deste aspeto apresentou o risco de influenciar a viabilidade de algumas informações dadas, as quais foram cuidadosamente geridas e avaliadas.

A decisão de cingir a recolha de narrativas a ex-membros colocou-se por um motivo concreto: a chance de um membro ativo deste grupo se voluntariar para oferecer um relato completo, em todos os seus possíveis aspetos positivos e negativos, é muito reduzida, por ser expectável que os seus membros não falem de forma negativa do grupo ou da crença, assim como por medo de esta atitude ser descoberta e face à existência de uma forte crença na vigilância e onnipresença de Deus, que inibe o seu comportamento mesmo em um ambiente privado. Um outro desafio seria colocado face à tentativa de contacto com a própria organização, a qual é conhecida por dificilmente colaborar com quaisquer projetos ou entidades exteriores e preferir uma posição discreta face ao público mesmo perante a exposição de situações que potencialmente causem dano à sua imagem, como, por exemplo, no surgimento da notícia a nível mundial da existência de uma rede de pedofilia no seio do grupo na Austrália⁴⁸, caso que será repetidamente recordado pelos participantes. Esta postura da organização é essencialmente justificada pela sua perceção de que não devem explicações a outra entidade senão Deus, a única a quem reconhecem legitimidade para ultimamente julgar, pois ainda que a mesma incentive nos seus conteúdos ao respeito pelas autoridades seculares, é sempre considerada uma exceção quando a posição destas de algum modo coloca em causa o seu modo de adoração, credibilidade ou funcionamento⁴⁹.

⁴⁸ Conforme noticiado, por exemplo, pelo *The Guardian* a 12 de agosto de 2016, com o título “Jehovah's Witnesses under pressure over handling of sexual abuse claims” (Ross 2016). O relatório oficial da Royal Commission into Institutional Responses to Child Sexual Abuse, denominado “Public Hearing Into The Jehovah's Witnesses And Watchtower Bible And Tract Society of Australia Ltd”, foi posteriormente tornado acessível ao público (Royal Commission 2016).

⁴⁹ Segundo o esclarecimento do artigo ‘O cabeça de todo o homem é o Cristo’ (Testemunhas de Jeová 2021a), “Jeová é ‘o cabeça’, ou a autoridade máxima, e todos os seus filhos, tanto no céu como na Terra, devem prestar-lhe contas”, seguindo o que é possível ler em 1 Coríntios 11: 3 (versão *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*): “No entanto, quero que saibam que o cabeça de todo o homem é o Cristo; o cabeça da mulher é o homem; e o cabeça do Cristo é Deus.” No artigo “Porque é que as Testemunhas de Jeová respeitadamente não participam em cerimónias nacionais?” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/porque-respeitadamente-cerimonias-nacionais-bandeira/>), lê-se o seguinte: “Mas, e se existir um conflito entre as leis seculares e as leis de Deus? Em alguns casos, é possível submeter um pedido legal ao governo para que essas leis sejam ajustadas. Quando isso não é possível, as Testemunhas de Jeová, respeitadamente, escolhem ‘obedecer a Deus como governante em vez de a homens’ - Atos 5:29.” Em outro artigo, intitulado “Aceite a autoridade de Jeová” (Testemunhas de Jeová 2008b), pode-se

A amostra é composta por dezassete pessoas, onze mulheres e seis homens: Mariana, Carlos, Florbela, Rafael, Rute, Tiago, Maria, David, Gabriel, Cláudia, Madalena, Susana, Cíntia, Raquel, João, Laura e Sofia. Cerca de 6% encontravam-se à altura das entrevistas na casa dos 20 anos, assim como na dos 30 e dos 60, 65% na dos 40, e 18% na dos 50; entre os participantes evidencia-se um mínimo de 16 anos passados no grupo e um máximo de cerca de 50; todos os homens chegaram a anciãos, o estatuto mais elevado na congregação, e 8 das mulheres chegaram a pioneiras, o estatuto mais elevado disponível para as mesmas; todos os participantes têm ou tiveram familiares na religião, 12 com pais, 5 com avós, 1 com bisavós; 8 dos participantes nasceram na mesma, 6 foram inseridos em crianças, e 3 converteram-se. Por respeito à sua privacidade e dos seus familiares – muitos ainda na religião –, a todos os participantes foram atribuídos pseudónimos e as localizações dos eventos descritos não serão reveladas.

ler também: “...estamos decididos a aceitar a autoridade de Jeová acima da de qualquer humano. Quando a lei do homem entra em choque com a lei de Deus, não é difícil decidir o que fazer. Como os apóstolos no primeiro século, obedecemos a Deus como governante antes que aos homens.”

II

Tornar-se Testemunha de Jeová – Processos de Conversão

A Conversão Religiosa – Um Fenômeno de Múltiplas Gradações

À noção de conversão religiosa não é fácil atribuir uma definição que expresse mais do que o seu significado essencial. O antropólogo Henri Gooren esclarece que a palavra “conversão”, à luz do cristianismo,

deriva do latim *convertere*, o que significa ‘girar, inverter’, ou ‘ir numa direção diferente.’ Este significado básico também é válido para a palavra hebraica bíblica *shub* (‘virar, retornar’) e para as palavras gregas *strephe* e *epistrephe*. Duas outras palavras gregas [são descritas] no Novo Testamento... *metamelomai* (‘estar ansioso, arrependido’) descreve o estado do sujeito que vive uma experiência de conversão... *metanoia* (‘mudar de ideias’) descreve o estado positivo ou atitude de quem viveu uma conversão. (Gooren 2010: 10)

Pioneiro na investigação sobre a experiência religiosa, em 1902 William James (1985) descreveu a conversão do seguinte modo:

Ser convertido, regenerado, receber graça, experimentar a religião, conquistar uma segurança, são tantas as expressões que denotam o processo, gradual ou súbito, pelo qual um eu dividido, e conscientemente errado, inferior e infeliz, se torna unificado e conscientemente certo, superior e feliz, em consequência da sua mais firme compreensão das realidades religiosas. Isto é pelo menos o que a conversão significa em termos gerais, quer acreditemos ou não que uma operação direta divina é necessária para originar uma mudança moral tão significativa. (ibid. 189)

No âmbito da antropologia, Paul Hiebert distinguiu no contexto da conversão ao catolicismo o que designou como “três níveis principais”: o “comportamento e ritual (...), a crença e sistema de crenças”, e a “transformação da anterior (...) visão do mundo numa visão bíblica do mundo.” (Hiebert 2008 apud. Gooren 2014: 16) Por sua vez, Manuela Cantón descreveu a conversão enquanto “uma aquisição global e radical de uma nova forma de vida, drasticamente separada da forma anterior de existência.” (Cantón 1998 cit. por Gooren op. cit. 18), e Salvatore Cucchiari “considerou a conversão uma criativa ‘transformação do eu, marcada por uma nova consciência, um novo ser social, e uma nova relação com o sagrado.’” (Cucchiari 1988 cit. por Gooren op. cit. 20) Para mais, segundo as palavras do historiador John D. Barbour,

uma conversão religiosa é uma mudança profunda em crença e ação em relação ao que uma pessoa concebe como realidade última. (...) O termo foi apropriado pela tradição cristã como uma metáfora para como Deus refaz o crente que tem fé. Por exemplo, Agostinho confessou a Deus: ‘Converteste-me a ti, e assim não desejei mais uma esposa ou coloquei qualquer esperança neste mundo, mas mantive-me firme na fé.’⁵⁰ (Barbour 1994: 1)

Ao referir o significado de conversão no cristianismo, Henri Gooren nota ainda como surge na Bíblia a menção a um estado de ansiedade e arrependimento em associação à conversão. William James descreveu-a como resultando na união de um *eu* dividido, anteriormente “errado, inferior e infeliz”. Em outros estudos (Beckford 1978; Stromberg 2014; Leone 2004; Buckser e Glazier 2003; Kling 2014; Taylor 2018: 744) é elaborada de forma semelhante como o fenómeno de conversão é descrito pelo sujeito como um ponto de viragem na sua vida, pelo qual encontra finalmente o seu rumo e salvação após ter vivido em perdição, ou como o resultado de uma busca intensiva por alívio numa fase de crise pessoal, consolidado pelo encontro de uma epifania que o leva a colocar a uma nova luz a sua vida anterior e a aperceber-se do que deve ser a sua vida futura, epifania por vezes relatada como tendo como origem um contacto direto com o divino. Ou seja, talvez em um ou mais momentos de tristeza no percurso de vida, a perda de saúde, de bens ou pessoas, ambições ou projetos frustrados, se apresente como um aparentemente infundável sofrimento psicológico e/ou físico, e na dificuldade em perceber o seu propósito no mundo. Mas pode acontecer que estas experiências ganhem um novo sentido na descoberta da fé religiosa, ou de uma nova. No discurso do convertido, o alívio, o consolo, a felicidade plena, poderá ter sido encontrada na crença religiosa, na subjugação da sua vida a uma doutrina e à vontade divina, assumindo o seu passado o significado de um percurso que se encaminha para um clímax, o que neste caso é a conversão, alcançando resolução e plenitude após a mesma. Esta é uma forma recorrente do modo como os indivíduos contextualizam e valorizam a sua experiência da conversão, o significado que é atribuído pelas mesmas e frequentemente celebrado entre os grupos religiosos que integram mas que é, não obstante, muitas vezes uma visão idealizada, que não abrange a complexidade da realidade do fenómeno.

H. Gooren (2014: 5, 15) fez um resumo de alguns exemplos de maior relevância na tentativa de sistematizar o processo de conversão, integrando o modelo de sete estágios de

⁵⁰ Augustine of Hippo 1961

compromisso a movimentos religiosos e sociais de Gerlach e Hine⁵¹ (1968, 1970), o dos antropólogos Charles H. Kraft⁵² (1979) e Paul Hiebert (2008), antes de concluir que o de Lewis R. Rambo é ainda o mais compreensivo e versátil. Professor de psicologia e teologia, Lewis R. Rambo pensou o processo de conversão enquanto um modelo com base na identificação e descrição de fases (sendo estas: contexto, crise, busca, encontro, interação, compromisso e consequências), consagrado no seu livro *Understanding Religious Conversion* (1993). Este modelo surge largamente da influência dos tipos de conversão enumerados pelos sociólogos Lofland e Skonovd (1981) (intelectual, místico, experimental, afetivo, revivalista e coercivo), e pelo missionário e antropólogo Alan R. Tippett (1977) (período de consciencialização, período de decisão; rejeição ou sincretismo; período de incorporação, sincretismo, período de maturidade). No entanto, na medida em que nem todas as experiências de conversão se processam da mesma forma, não se subscreve aqui nenhum modelo, pois na verdade nenhum deles permite integrar a variabilidade que encontrámos na conversão às Testemunhas de Jeová.

Algo que se pode descrever como uma epifania parece ser um efeito possível da tomada de contacto com a doutrina das Testemunhas de Jeová. Mas essa epifania poderá não ter lugar se as condições certas não estiverem reunidas, ou se simplesmente não existir uma predisposição ou abertura à religiosidade, pois mesmo que a pessoa se descreva como atea, terá de estar pelo menos recetiva à descoberta da possibilidade de conversão. Nos casos descritos neste estudo, também não são oferecidas descrições de contactos diretos com o divino, como visões, à semelhança de alguns exemplos dados por W. James (1985: 189-216). Nem a descrição de uma vida infeliz e em perdição anterior, que é orientada para um novo desígnio, um *eu* que é “unificado”. O que verdadeiramente podemos afirmar é que acima de tudo se encontram respostas ou conexões significativas ao nível emocional e intelectual. O sujeito poderá de facto

⁵¹ Os autores definiram *compromisso* como sendo constituído por quatro elementos, “força de convicção, capacidade de tomar riscos, carisma pessoal e mudança de comportamento”. Também identificaram sete estágios no processo de conversão, sendo os mesmos: “contacto inicial com um participante; foco nas necessidades por meio de demonstração; reeducação por meio da interação com o grupo; decisão e rendição; o evento de compromisso; testemunho da sua experiência; apoio do grupo para mudanças cognitivas e comportamentais.” (Gooren 2014: 5)

⁵² Charles H. Kraft apresentou “cinco ‘constantes’ do processo de conversão, as quais afirmou serem bíblicas e universais”, que são: “(1) uma aliança consciente (compromisso de fé) a Deus, a qual leva a (2) uma interação dinâmica entre Deus e os seres humanos. Conforme Deus trabalha com os convertidos, (3) um processo a longo prazo de crescimento e maturação segue-se. (4) Este processo de maturação precisava de ter lugar numa comunidade cristã, normalmente uma igreja (...). O último ponto de Kraft era cultural: (5) ‘a parte do processo de conversão do ser humano é manter a cultura em que se encontra imerso.’ Caso contrário, uma conversão cultural seguir-se-ia: uma poderosa (sub)cultura impõe o seu próprio modelo de conversão a outras (sub)culturas em nome de Cristo.” (Gooren 2014: 15, 16)

descrever-se, o que iremos comprovar, como tendo encontrado uma nova orientação e motivação na sua vida mediante a descoberta de uma nova doutrina, mas não necessariamente descrevendo a uma luz negativa o seu percurso de vida até então. No entanto, independentemente de como o crente possa compreender a sua experiência, processos intelectuais e emocionais humanos encontram-se aqui muito mais presentes que a ideia de uma intervenção divina.

Observemos então em que se traduz especificamente a concretização do fenómeno da conversão religiosa nas Testemunhas de Jeová. Será assim possível conhecer os detalhes de cada passo dado pelos sujeitos ao longo dos seus processos de conversão, contando com relatos em primeira mão de uma amostra variada em idades, género, e outros fatores que poderão influenciar a experiência individual, tal como notaremos. Enfatiza-se também tanto o papel do que é estritamente individual como o da organização religiosa, procurando-se a abordagem mais compreensiva, holista, que “reconhece que cada conversão é o resultado da interação entre o indivíduo e a organização religiosa, e que assim necessariamente incorpora elementos tanto ativos como passivos, como parte de um continuum.” (Gooren 2010: 40)

II.I. Primeiros Contactos

Dadas as circunstâncias adequadas, talvez pudesse o leitor pensar que haveria uma forma de resolver as suas aflições, de responder às suas questões e dilemas mais difíceis, que ainda não tivesse considerado. Talvez até acreditasse ter encontrado forma de coexistir com tais dificuldades, ou até superá-las, deixando de as considerar como tal. Talvez até nem sentisse urgência em ter respostas, mas talvez porque as questões certas ainda não tinham sido colocadas. Mas e se um dia, subitamente, se deparasse com uma pessoa que as colocasse? Que notasse a sua fragilidade e lhe estendesse ajuda? Alguém que lhe falasse de uma nova religião, a si, que nunca questionou a crença que sempre teve, ou que nem tem uma inclinação religiosa de todo, e que lhe fala parecendo saber exatamente o que precisa ouvir. Além disso, é eloquente, parece saber responder a qualquer questão com confiança e fundamento, tem bom aspeto, e uma simpatia e sinceridade que rapidamente quase se confundem com amizade. O que esta pessoa lhe explica e promete é objetivamente muito atraente – afinal, quem não quereria encontrar paz, saúde, felicidade, realização, amor, fraternidade? Saber o sentido da vida, a sua origem, o seu propósito? A verdade sobre a religião e a Bíblia, sobre o divino? Talvez outras

vias para a obtenção destes bens e conhecimentos já tenham sido visitadas, sem obter o sucesso esperado. Talvez tenha aceitado a sua ausência ou existência menos ideal como parte natural da vida. Esta desconhecida possibilidade acaba por o surpreender, e aceita conhecer mais – afinal, não há qualquer mal em conversar mais um pouco. Outras visitas e conversas sucedem a primeira. Sabe que existem mais pessoas como esta, talvez fosse interessante conhecê-las. Começa a ir ao local onde se reúnem, e surpreende-o encontrar o que se parece com uma grande família feliz, na qual lhe é oferecido imediatamente um lugar. Aliás, a bondade e familiaridade com que é rodeado é avassaladora, como se há muito esperassem a sua chegada. Os assuntos que o intrigaram inicialmente são aqui estudados a fundo, é interessante e agradável, e talvez volte mais vezes. Lentamente esta comunidade torna-se num lugar seguro, um escape, da qual a sua vida exterior não faz parte, e onde partilha uma sensação de afinidade e pertença com um conjunto de pessoas que procuram o mesmo, e muitas com motivos e passados semelhantes. As interrogações e respostas oferecidas por este grupo apenas parecem ser continuamente confirmadas no seu quotidiano. A vontade de continuar a fazer parte dele apenas se adensa e, entre a nova sensação de esclarecimento, afeto, consolo e esperança que agora guiam a sua vida, não parece haver outra opção razoável senão a de continuar, de tornar público o seu compromisso e, por sua vez, procurar oferecer a mesma sensação a outros, a alegria de se ser Testemunha de Jeová.

Por contexto em que o potencial convertido é encontrado, refere-se o descrito por L. R. Rambo como o “vasto panorama de fatores dialéticos, confluentes e em conflito que tanto facilitam como reprimem o processo de conversão”. O contexto não é tanto uma fase que se ultrapassa como a totalidade do cenário no qual se desenrola a conversão e que continuamente a influencia, uma matriz de “pessoas, eventos, experiências e instituições” que nela operam (Rambo 1993: 20). Constituindo o *contexto* distingue duas facetas que se informam mutuamente, o *macrocontexto* e o *microcontexto*. Por *macrocontexto* o autor refere o “ambiente total, incluindo elementos tais como sistemas políticos, organizações religiosas, considerações ecológicas relevantes, corporações transnacionais e sistemas económicos”, e por *microcontexto* “o mundo imediato da pessoa, a sua família, amigos, grupo étnico, comunidade religiosa e vizinhança”, as “influências imediatas que desempenham um papel importante na criação de

um sentido de identidade e pertença e na determinação dos pensamentos, sentimentos e ações da pessoa.” Como exemplo de macrocontexto, é notada a influência da “industrialização, comunicação em massa e a diminuição das esferas de influência tradicionais do cristianismo”, e a presença do massivo pluralismo religioso; e da interação entre as duas dimensões, dá o exemplo de como uma organização religiosa pode ser uma influência significativa na comunidade no apoio ou desafio de uma realidade política. Por vezes esta atitude desafiante não é tanto a de incentivo a uma ação proativa contra um governo ou esfera política e indivíduos específicos, mas simplesmente a preferência de um grupo em se “isolar do mundo, protegendo (ou controlando) a comunicação dos seus membros e interação com o mundo exterior de modo a encorajar um foco intenso na relação individual e grupal com o divino.” (ibid. 22) Relacionar-se-á esta definição de contexto com o descrito pelas narrativas na secção seguinte do presente capítulo, na consideração do que motivou as pessoas em questão a se converterem, pois é na ponderação desses motivos que se revela com maior clareza o papel desempenhado pelo macrocontexto e microcontexto.

Apesar de não ter sido tanto descrita uma fase de crise que precede a conversão, em alguns casos uma “crise” é na verdade trazida pelo contacto com quem dá a conhecer a doutrina das Testemunhas de Jeová à pessoa – que coloca a sua realidade a uma nova luz –, ou seja, é posterior ao contacto e não anterior (ibid. 44), e que se encontra intrinsecamente relacionada com os motivos com os quais a pessoa se confronta na sua decisão em prosseguir com o contacto com a nova religião e a sua conversão. Assim, também não se encontraram descrições do que se possa propriamente designar por uma crise precursora da conversão que motive a pessoa a procurar a nova fé ou grupo. Não se deseja afirmar que seja este o caso de qualquer pessoa que se converta às Testemunhas de Jeová, mas foi o que se verificou nos casos em questão. Comumente, conhecer uma Testemunha de Jeová não é algo que seja procurado ou de algum modo previsível, mas fruto de uma abordagem inesperada.

Deste encontro, ou encontros, pela parte do recetor pode dar-se uma rejeição ou aceitação imediata ou gradual. Pela parte do representante (ibid. 66), pode haver um argumento ou estratégia que tenha um resultado positivo imediato ou que seja alterada em resposta a interações anteriores para fazer novas tentativas. Nos casos em questão, o primeiro contacto com o representante ocorre de uma de duas formas: por meio da apresentação da religião por um familiar ou outra pessoa próxima, ou no âmbito da atividade de proselitismo ao domicílio das Testemunhas de Jeová. À semelhança do caso de Laura – contactada pela primeira vez numa visita a sua casa aos 15 anos –, este proselitismo é descrito como a forma como o

convertido conheceu o grupo na maior parte dos casos (conforme relatado, em 10 casos é descrita a introdução da religião na família por um contacto iniciado desta forma, e em 6 é antes salientada a influência de um familiar ou parceiro já membro). Um outro padrão notável é a recorrência da introdução da família à religião por meio de uma figura feminina, na maior parte das vezes a mãe, que por vezes seria doméstica e/ou passaria mais tempo a cuidar da casa e dos filhos do que o pai. Este foi o caso de Maria, que quando tinha 6 anos a sua mãe conhece a religião numa visita ao domicílio e a encontraram sozinha, como costumava estar durante o dia, enquanto o seu pai trabalhava; assim como a de Carlos, Sofia e de Mariana, quando esta última tinha 6 anos, altura em que também se converteram algumas vizinhas suas em condições semelhantes; quando Rute tinha 9 anos a sua mãe conhece as Testemunhas de Jeová também numa visita a sua casa; já a mãe de Rafael conhece a religião por meio de uma vizinha com quem mantinha um contacto regular. Por sua vez David não sabe precisar detalhes, mas relata que a religião foi introduzida pelos seus pais, contactados pela mesma abordagem, assim como as suas tias e avós. Já no caso de Gabriel a sua introdução dá-se por causa da sua avó, quem recebia visitas regulares das Testemunhas de Jeová e mantinha literatura do grupo em sua casa, a qual Gabriel gostava de ler quando a ia visitar, e recorda-se de ser particularmente cativado pelos conteúdos do volume dirigido a crianças intitulado *O Meu Livro de Histórias Bíblicas*, com cerca de 8 anos. Mas passado algum tempo as Testemunhas de Jeová visitam a sua casa, e encontram na sua mãe receptividade à mensagem, e em Gabriel curiosidade, a quem com os seus 10 anos cativavam com as histórias da Bíblia e respostas a questões difíceis tais como “Será que Deus existe?”.

Relembrando o facto referido no primeiro capítulo de que as Testemunhas de Jeová se definem, acima de tudo, como um grupo de pregadores – até mesmo como um “movimento” ao invés de uma “religião” –, é notório que o proselitismo assume então um papel absolutamente fulcral em ser-se Testemunha de Jeová. Esta prática obedece a determinados preceitos e é altamente expectável dos seus membros, encontrando-se também intrinsecamente ligada ao processo de integração e evolução na hierarquia do grupo. Assim, nos relatos reunidos, os narradores ou seus familiares tomaram todos conhecimento do grupo por mero acaso e não como fruto da procura voluntária, por meio da atividade de proselitismo. O termo preferido pelo grupo é *pregação*, e esta é tida pelo grupo como – baseando-se nas palavras da Bíblia – “parte essencial da sua adoração, um meio de louvar a Deus, um requisito para obter a salvação” e, como tal, é expectável a participação na mesma por “todos os discípulos, homens e mulheres, até à ‘terminação do sistema de coisas’.” Este empreendimento é descrito como tendo a

finalidade de “dar glória a Deus e tornar conhecido o Seu nome”, e como sendo da maior importância porque “os ensinamentos bíblicos salvam vidas”. Afirmam seguir as palavras do texto de Mateus 28: 19, 20, onde é encontrada a seguinte afirmação de Jesus Cristo: “Portanto, vão e façam discípulos de pessoas de todas as nações (...), ensinando-as a obedecer a todas as coisas que lhes ordenei” (Testemunhas de Jeová 2015c). Mas, não obstante, esta prática não deverá ser confundida com uma mera obrigação ou requisito, pois será antes para o membro uma forma de realização pessoal e de aquisição de um propósito maior na sua vida, afigurando-se nesse momento como um agente da maior importância na sociedade, parte de um esforço coordenado a nível mundial que crê encontrar-se na capacidade exclusiva de oferecer a oportunidade para o resto da humanidade poder ter o conhecimento necessário para obter a salvação quando o apocalipse vier.

Esta ênfase na pregação, no entanto, não se cinge a saídas regulares formais: a pregação pode adquirir um caráter mais informal, pois pode ser uma atividade realizada de forma não programada, individualmente e sem ser numa saída ao campo, pois é expectável que seja um ato voluntário realizado em qualquer oportunidade que se apresente – estas não se tratam de ocasiões em que se contem horas de pregação, mas do chamado *testemunho informal*, o ter voluntarismo para *dar testemunho* a qualquer pessoa no quotidiano que possa afigurar-se como receptiva aos ensinamentos do grupo, em si o segundo âmbito mais frequentemente apontado como de tomada de conhecimento do grupo. Assim, a pregação então não deve ser entendida como uma mera obrigação, mas como parte integral do comportamento e ambição da Testemunha de Jeová em qualquer momento. Este aspeto leva-nos também ao tipo de cenário menos formal em que a pessoa encontra o representante: num amigo, familiar, ou outra pessoa próxima, como por exemplo, com quem mantenha uma relação amorosa. Encontrar um representante nestas figuras poderá até revelar-se uma situação mais favorável à conversão face à relação de confiança já existente e capacidade de influência, e é precisamente este tipo de situação que as palavras de algumas pessoas descrevem, à semelhança do que Madalena descreve como um “processo natural” que veio com o contacto prolongado com a sua prima.

“Eu nasci em França (...) e entrei cá para Portugal com 6 anos. O meu núcleo, as pessoas de referência quando vim (...) eram as minhas tias e os meus primos. (...) Tenho uma prima, que foi quem me colocou efetivamente em contacto com a religião das Testemunhas de Jeová, pois vivíamos inclusivamente quase porta com porta, éramos como irmãs.”

Já Susana conta que foi por intermédio de uma tia que a religião entrou na família, sendo que a seguir se converte o seu tio e o seu pai, quem acaba por introduzir a sua mãe também,

enquanto namoravam. João também conhece a religião através da sua namorada na adolescência – hoje sua esposa –, e ao passo que o seu afeto se aprofunda acaba por aceitar assistir a uma das suas sessões de estudo bíblico, ainda que com algum ceticismo. Por sua vez Cíntia apresenta-se como a pessoa com o maior histórico familiar dos casos presentes neste estudo, contando com cerca de 60 anos de pertença da família às Testemunhas de Jeová, uma história iniciada por uma tia-avó e que envolve a sua geração e as seguintes.

Efetivamente, o trabalho de proselitismo das Testemunhas de Jeová tem por alvo qualquer pessoa, mas é igualmente um facto que é particularmente eficaz nestas circunstâncias de proximidade. Além do poder da influência de relações próximas, existem argumentos, interpretações e práticas oferecidos pelas Testemunhas de Jeová precisamente como dotados da virtude de serem distintos dos de outros grupos, algo que não é apenas afirmado pelo representante mas em que o mesmo acredita e que é objetivamente factual, e assim altamente persuasivo para o potencial convertido.

As Testemunhas de Jeová obtiveram sucesso em angariar membros por efetivamente terem conseguido destacar-se de outros grupos e oferecer-se como uma alternativa, nomeadamente por meio da apresentação de respostas diferentes e cativantes a diversos problemas emocionais e questões fulcrais sobre a doutrina e prática religiosa e, em geral, sobre a existência humana. E o que a torna para muitos uma alternativa convidativa e sedutora é a reiterada afirmação de que se está perante um quadro doutrinário e institucional que detém e preserva um conhecimento privilegiado desse bem supremo que se apresenta como a Verdade. Mas, no entanto, é também um facto que esta Verdade poderá não ser entendida como tal por qualquer pessoa. Perceberemos que a chance de se aceitar esta informação enquanto Verdade é facilitada por diversos fatores particulares a cada percurso de vida, a cada personalidade, contexto familiar, cultural e económico, ou o que poderá ser descrito pelo macro e microcontexto de cada caso.

II.II. Motivações

L. R. Rambo apresenta também uma listagem do que considera um resumo de alguns “benefícios” obtidos por meio da conversão mais comuns: “um sistema de significado; gratificação emocional (o afetivo); técnicas para viver (volição); carisma (liderança); e poder.”

(ibid. 81) Por sua vez, Henri Gooren identifica cinco grupos de “fatores que influenciam mudanças ao nível individual da atividade religiosa”, que são:

Fatores Sociais

1. A influência de familiares, amigos, e/ou conhecidos no juntar-se ou deixar um grupo religioso (redes sociais).
2. A influência de membros do grupo religioso através da socialização e aprendizagem de papéis.

1. Fatores Institucionais:

1. Insatisfação com um grupo religioso atual ou com a inatividade religiosa.
2. A presença de diferentes grupos religiosos.
3. Métodos de recrutamento deste grupos religiosos (evangelização, mensagens de televisão ou rádio).
4. Atratividade dos seus líderes, organização, práticas, rituais, regras de conduta, ética, valores e doutrina (...).

2. Fatores Culturais e Políticos

1. Atratividade das políticas culturais de um grupo religioso (a sua posição sobre a cultura local e sociedade; a sua posição sobre a política local).
2. A tensão entre grupo religioso e sociedade e/ou um específico grupo étnico ou país.

3. Fatores Individuais:

1. Uma visão do mundo religiosa ou a necessidade de se envolver religiosamente (socialização anterior).
2. Uma necessidade pessoal de dar uma expressão concreta a sentimentos de significação (ou de falta de significado).
3. Uma necessidade pessoal de procurar significado e/ou espiritualidade num grupo religioso.
4. Uma necessidade pessoal de mudar a sua situação de vida.
5. Determinados traços de personalidade que induzem a participação religiosa (por exemplo, insegurança (...)).

4. Fatores de Contingência

1. Uma forte crise ou ponto de viragem (por exemplo, doença, problemas de álcool, desemprego, casamento, divórcio, migração).
2. Uma solução baseada ou inspirada na religião para a crise (por exemplo, cura, encontrar um novo emprego através de um membro do grupo).
3. Um encontro ao acaso com representantes de um grupo religioso (por exemplo, missionários). (Gooren 2010 51, 52)

Neste contexto, observaremos que o descrito por “benefícios” poderá aproximar-se dos motivos identificados pelos narradores. Alguns dos fatores enumerados por Gooren poderão ser por sua vez mais evidentes. Não obstante, é um facto que qualquer uma das perspetivas sublinha o que são padrões fundamentais e mais frequentemente observados, mas que podem não descrever inteiramente as particularidades de cada caso. Mas um facto é que desde o princípio foi possível identificar alguns temas recorrentes na identificação de motivos para a conversão, os quais poderemos pensar enquanto pertencendo às duas categorias enunciadas anteriormente: de foro intelectual e emocional.

O Intelectual

Sob este âmbito situam-se algumas das primeiras impressões relatadas e um aspeto definidor da abordagem do representante das Testemunhas de Jeová, assim como dos conteúdos das suas publicações: o apelo à lógica.

Para Charles Taze Russell, foi a insatisfação com a religião então conhecida que conduziu a sua busca por essa Verdade, e que o levou à fundação de um novo grupo de estudo bíblico. Esta insatisfação com a condição religiosa ou com a religião de pertença é em si um motivo fundamental no interesse numa nova religião, e pode mesmo ser, em essência, o mais importante, mas outros motivos circunstanciais particulares a cada vida poderão constituir-se como razões adicionais que motivam este interesse, ou até mesmo como as principais. Não obstante, o que neste âmbito sempre se revela é que a Verdade não é algo que se procura, mas antes se revela e descobre no processo de adesão à nova religião. A pessoa que crê ter finalmente conhecido a Verdade entende ter vivido até então de uma forma que agora se revela como inautêntica.

Conhecer um modo de viver à luz de motivos sustentados de forma clara na autoridade suprema da Bíblia, de uma compreensão do que são as melhores escolhas, dos objetivos certos e dos meios certos para atingir os mesmos, agradando a Deus e obtendo a salvação, ou seja, ter o *conhecimento verdadeiro que leva a tal* – é isto que de uma ou outra forma diferentes instituições religiosas cristãs dizem oferecer, e algo central nas Testemunhas de Jeová.

A ideia de que as Testemunhas de Jeová é a única religião verdadeira – ou seja, precisamente a única capaz de oferecer o conhecimento correto da Bíblia, sobre Deus e a vida humana que leva à salvação – é continuamente afirmada, seja em contexto de pregação, como

nas suas publicações⁵³ ou discursos, é diariamente encontrada por quem mantém contacto com a religião. Esta convicção e justificação é uma parte fulcral do seu sucesso, especialmente por ser tão detalhadamente fundamentada por meio do recurso à demonstração de que as suas práticas e crenças são explícitas na Bíblia, e pela prática da constante comparação e reprovação de outras confissões. Esta afirmação não é, no entanto, normalmente feita de forma explícita nas suas publicações – ocorrendo mais frequentemente em discursos e conversas pessoais –, mas é clara a intenção, num aparente argumento aberto que no entanto comporta sempre na sua constituição a resposta de forma implícita, de conduzir o leitor à conclusão pretendida. Note-se como, por exemplo, num artigo intitulado “Como Posso Encontrar a Religião Verdadeira?”⁵⁴ é explicado que a “religião verdadeira” pode ser diferenciada da “falsa” de acordo com os seguintes aspetos:

1. A religião verdadeira ensina a verdade com base na Bíblia, não em filosofias humanas. (João 4:24; 17:17) Isso inclui verdades bíblicas sobre a alma e a esperança da vida eterna num paraíso na Terra. (Salmo 37:29; Isaías 35:5, 6; Ezequiel 18:4) Ela também expõe a falsidade religiosa. — Mateus 15:9; 23:27, 28.
2. A religião verdadeira ajuda as pessoas a conhecer a Deus e também lhes ensina o nome dele, Jeová. (Salmo 83:18; Isaías 42:8; João 17:3, 6) Ela não ensina que ele é um mistério ou uma pessoa indiferente. Em vez disso, ela ensina que Deus quer que tenhamos um relacionamento com ele. — Tiago 4:8.
3. A religião verdadeira ensina que Jesus Cristo é o meio pelo qual Deus dá a salvação. (Atos 4:10, 12) Os seguidores da religião verdadeira obedecem aos mandamentos de Jesus e se esforçam em seguir seu exemplo. — João 13:15; 15:14.
4. A religião verdadeira acredita que o Reino de Deus é a única esperança para a humanidade. Seus seguidores pregam ativamente sobre esse Reino. — Mateus 10:7; 24:14.
5. A religião verdadeira incentiva o amor sem egoísmo. (João 13:35) Ela ensina o respeito por todos os grupos étnicos e aceita pessoas de todas as raças, culturas, idiomas e níveis sociais. (Atos 10:34, 35) Motivados pelo amor, seus seguidores não participam em guerras. — Miqueias 4:3; 1 João 3:11, 12.
6. A religião verdadeira não tem um clero assalariado e não dá títulos religiosos ostentosos aos seus ministros. — Mateus 23:8-12; 1 Pedro 5:2, 3.

⁵³ Alguns exemplos poderão ser encontrados na sua versão online, nos artigos intitulados “A Verdade vos Libertará” (Testemunhas de Jeová 2013e), “A Verdade Pode Mudar sua Vida” (Testemunhas de Jeová 2020b), e “Em Busca da Verdade” (Testemunhas de Jeová 2020c).

⁵⁴ O artigo poderá ser consultado online em <https://www.jw.org/pt/ensinos-biblicos/perguntas/qual-e-a-religiao-verdadeira/>

7. A religião verdadeira é totalmente neutra em assuntos políticos. (João 17:16; 18:36) Mas seus seguidores respeitam e obedecem ao governo do país onde vivem. Eles seguem o mandamento da Bíblia: “Paguem a César o que é de César [representando as autoridades civis], mas a Deus o que é de Deus.” — Marcos 12:17; Romanos 13:1, 2.
8. A religião verdadeira é um modo de vida, não apenas um ritual ou uma formalidade. Seus seguidores obedecem aos altos padrões de moral da Bíblia em todos os aspetos de sua vida. (Efésios 5:3-5; 1 João 3:18) Mas, em vez de serem sérios demais, eles têm alegria ao adorar o “Deus feliz”. — 1 Timóteo 1:11.
9. Os que praticam a religião verdadeira seriam a minoria. (Mateus 7:13, 14) Os seguidores da religião verdadeira muitas vezes seriam desprezados e sofreriam perseguição e zombaria por fazerem a vontade de Deus. — Mateus 5:10-12.

Outro artigo intitulado “Qual é a Religião Verdadeira?” (Testemunhas de Jeová 2018f: 20) oferece uma versão semelhante da mesma lista, acrescentando no seu final as questões “Conseguiu descobrir qual é a religião verdadeira? Que religião segue a Bíblia e usa o nome de Deus? Que religião prega que o Reino é a única solução para os nossos problemas? Quem são as pessoas que amam umas às outras e não participam em guerras? Você sabe?”, sem fornecer uma resposta explícita – mas implicitamente dada. Num outro artigo, “Existe Alguma Religião Digna de Confiança?” (Testemunhas de Jeová 2013f), as palavras são dirigidas a quem possa já ter sentido desilusão em relação à religião, deixando a esperança de que, no entanto, “ainda existem seguidores verdadeiros de Cristo”, e de que eles podem ser encontrados, após a qual são oferecidas descrições de casos de pessoas que contam como encontraram pela primeira vez satisfação na religião com o estudo da Bíblia conduzido pelo grupo. O pequeno texto é concluído com as seguintes palavras: “Na próxima vez que encontrar as Testemunhas de Jeová, que tal perguntar se elas confiam na religião a que pertencem? Examine os ensinamentos e a conduta delas. Então, decida por si mesmo se existe uma religião digna de confiança.”

Essa relação de confiança com uma nova religião poderá encontrar uma base, nos seus primeiros momentos, no aliar de uma postura de confiança da parte do representante à evidência da sua capacidade de responder com recurso à Bíblia a questões fundamentais de forma aparentemente mais clara, estimulante e racional que outras religiões – sendo o termo de comparação mais comum o catolicismo⁵⁵ –, pelo apelo a uma lógica clara e simples, e no modo

⁵⁵ Em todos os casos que se baseia este trabalho – exceto um –, a confissão anteriormente identificada é a católica, a incontornavelmente mais presente no seu quotidiano e herdada por gerações num país onde ao longo da sua história foi a confissão maioritária e continua a ser (Franco 2016; Dix 2009; Instituto Nacional de Estatística 2022). Notemos alguns exemplos. No caso de David, Cíntia, Rafael e Tiago apenas mencionam que os seus familiares que se juntaram às Testemunhas de Jeová eram

como a sua interpretação dos textos bíblicos, acontecimentos e desconstrução de outras doutrinas religiosas parece sempre fazer *sentido*:

“...de facto abordava logo aquelas questões, quem era Deus, onde estava escrito na Bíblia, todas aquelas coisas... a questão da divina trindade, que não fazia de facto sentido... e isto (...) começou-me a fazer sentido. Tudo estava justificado com os capítulos, todas as coisas (...)” – *Madalena*

Após o primeiro contacto com quem a sua namorada estudava a Bíblia – a sua *instrutora*, figura que esclareceremos na secção seguinte – o ceticismo de João foi rapidamente abalado. João acreditava que conseguiria colocar questões que deixariam esta pessoa sem uma resposta, mas foi surpreendido pela sua habilidade no manuseio e conhecimento da Bíblia, e as suas respostas assertivas e claras apenas o deixaram mais curioso. Desejou conhecer mais, e acabou por ser completamente cativado pelas interpretações bíblicas das Testemunhas de Jeová, pela noção de finalmente ter conhecido a Verdade, e toda uma mudança de perspetiva se seguiu.

“...comecei a estudar e a mensagem bíblica das Testemunhas de Jeová, que entrou em mim com uma força brutal. (...) ...dava-me uma perspetiva de futuro que eu não tinha até ali, e na qual eu acreditava plenamente. Não tinha a menor dúvida no que eu estava a ler e a aprender, de que realmente era assim. A questão das profecias, o facto de as profecias se terem cumprido (...) ...para as pessoas que se convertem, o impacto da Verdade é muito grande, é quase como tomar uma dose de heroína pela primeira vez, aquela sensação de euforia, é quase a mesma coisa. (...) Tudo fazia sentido, tudo batia certo, os acontecimentos mundiais... lembre-se que isto foi na altura da Guerra do Golfo, e tudo estava a indicar que o fim do mundo estava ali à porta, olhe, eu por exemplo, nessa altura tinha 20 anos e jamais pensaria que chegaria aos 30 antes da nova ordem vir, eu achava plenamente que a nova ordem viria, no máximo, em uns 6 ou 7 anos... e o senso de urgência era de facto muito grande porque tudo batia certo.”

Rafael sublinha como as Testemunhas de Jeová efetivamente obtêm mais sucesso entre pessoas que melhor conhecem o catolicismo neste caso, precisamente, desde logo, pelo seu domínio da Bíblia e prontidão em apresentar os fundamentos para o que afirmam na mesma. Madalena recorda ter sido surpreendida pela facilidade que a sua prima demonstrava em

católicos, assim como Laura nota que foi criada como católica e João que cresceu numa família na qual a sua mãe também era muito devota à mesma confissão. Já Maria Rebelo, Sofia e Maria notam como as suas mães não eram “muito religiosas”, sendo que pela parte do pai de Maria é que se encontrava a exceção de ele ser protestante, conversão que Maria atribui ao facto de terem vivido em Moçambique e à convivência do seu pai com ingleses também aí residentes, ainda que, mesmo assim, nas suas palavras, “não havia grande hábito da religião em casa.” Pela parte de Susana não é feita menção à crença anterior dos seus pais, à exceção de mencionar que a sua mãe ensinava na catequese na sua aldeia de origem. Mas no caso do próprio João, conforme se descreve, era “ateu e anticlerical”.

consultar a Bíblia, assim como por a convidar a oferecer a sua opinião sobre o que liam e a colocar questões, questões estas que eram prontamente respondidas, verificando Madalena uma dinâmica que era para si nova e bastante atraente. Carlos chama a atenção para o facto de por vezes a religião recorrer à distinção entre “religião verdadeira” e “religião falsa” como abordagem ao potencial convertido, e conta também como a sua mãe foi surpreendida pelos ensinamentos das Testemunhas de Jeová, os quais com brevidade a levaram a colocar em causa a veracidade dos que tinha aprendido no catolicismo.

Percebemos também que a cativação da pessoa nos primeiros contactos é frequentemente relatada como resultante da confrontação da mesma com novas informações ou perspetivas sobre aspetos importantes que nunca tinha considerado ou que em princípio não conheceria de outro modo, sendo um exemplo o nome de Deus, para o qual há que ceder algum destaque devido à frequência com que é citado, e tão particular como estratégia de cativação no proselitismo das Testemunhas de Jeová. Este é um dos ensinamentos que mais eficazmente leva a pessoa a colocar em causa a veracidade da doutrina do catolicismo, e por si dos que mais impacto imediato tem, tal como teve para a mãe de Carlos, assim como para a de Rute, a qual apesar de ser católica desconhecia até então o nome Jeová, tal como a mãe de Rafael, mesmo apesar de ter sido catequista. Rafael elabora um pouco mais sobre a importância deste ensinamento e abordagem, e o seu fundamento:

“A minha mãe gostava muito, mas uma dia uma vizinha dela é que lhe mostra o nome de Jeová na Bíblia, e aquilo para a minha mãe...: – ‘Ah, então Deus tem nome?’; ‘Tem sim, o Diabo é que não quer que se saiba!’ (...) A minha mãe pensava que Deus era Deus (...) ...ela tinha uma Bíblia – a versão dos capuchinhos – e o nome Jeová realmente aparece numa nota de rodapé, acho que é em Êxodo 6:3. As Testemunhas de Jeová que realmente são boas pregadoras estão sempre munidas de uma ou duas traduções que não são as nossas, normalmente uma tradução católica e uma tradução protestante, que é para poderem dizer que ‘a nossa tradução é igual às outras, mas melhor, porque a nossa tradução tem o nome Jeová onde as outras esconderam’. (...) A história é mais ou menos esta: até aos primeiros apóstolos o cristianismo foi genuíno, morrendo aqueles primeiros apóstolos que conviveram com Cristo instalou-se a chamada grande apostasia, e uma das coisas decorrentes dessa dita apostasia foi que o nome de Deus teria sido escondido da Bíblia. (...) *A posteriori* a pessoa vê que isto tem a ver com a velha guerra entre cristianismo e judaísmo, inicialmente entendia-se que Jesus era Deus, e que portanto o nome de Jesus é *Yeshua*, e não tem nada a ver com *Yawé*, que era o deus dos judeus. Para os cristãos Jesus toma o lugar do Deus dos judeus, e portanto deixou de ser usado, não foi quase nunca usado no novo testamento e nas versões do antigo testamento. *Yawé* - o tetragrama -

começou a ser substituído por outros termos, como Adonai, etc. Isso aconteceu porque, deliberadamente, os cristãos trinitários teriam esbatido as diferenças entre Jesus e *Yawé*, para que no fundo parecessem a mesma coisa. Havia dificuldades nos textos originais, onde claramente se via que Jesus e *Yawé* não eram a mesma pessoa, e então retiram o nome divino. Jesus era o Senhor e *Yawé* também era o Senhor, e fica assim. E as Testemunhas de Jeová têm uma narrativa de que isto foi um plano do Diabo para esconder... Então, para as Testemunhas de Jeová, elas são como quem dá novamente ao mundo o nome de Jeová, e então têm um senso de superioridade, que acham que a coisa mais importante deste universo é o nome de Deus, e então serem aquelas que ainda por cima carregam o nome de Deus no nome da religião (...)"

Nestes exemplos torna-se possível notar como é transmitida e apreendida uma percepção de superioridade da doutrina e práticas do grupo, no seu domínio da Bíblia, de respostas a variadas questões, da apresentação de trunfos como o uso do nome de Deus e, em geral, como detentores exclusivos da *Verdade*.

O Emocional/ Afetivo

Estes exemplos conduzem-nos também ao destaque de um aspeto já mencionado que é transversal para Testemunhas de Jeová e potenciais membros: apesar da quantidade de práticas diferenciadoras e de algumas interpretações bíblicas atrativas, as mesmas surgem quase sempre de algum modo relacionadas com a oferta de alívio em circunstâncias difíceis e esperança no futuro, numa renovada motivação no seu quotidiano, o que se prende com a promessa de a pessoa poder vir a ter uma vida em função de um propósito que vale a pena, a dar os passos certos para fazer parte de um esforço conjunto que é recompensado com a possibilidade de viver num paraíso terreno, sem sofrimento, e poder ter pessoas falecidas ressuscitadas, e vir ela própria a ter nesse paraíso o que não conseguiu nesta vida. A antropóloga Manuela Cantón verificou que as principais motivações para a conversão são pessoais, como a insatisfação com o catolicismo, “estados de crise e grande sofrimento pessoal (económico, social, ou problemas familiares), a necessidade de uma espiritualidade e controlo pessoal. Um evento especial – uma doença grave (...) – pode servir como catalisador para a conversão (...)” (Cantón 1998 cit. por Gooren 2014: 18) A perspetiva de poder viver – ou voltar a viver – num lugar assim e recomeçar a sua vida é extremamente persuasiva e reconfortante, e para a maior parte dos membros a maior força motivadora de adesão ao grupo e à religião. Uma questão que o grupo frequentemente se propõe a esclarecer, “Porque é que as pessoas morrem?”, pode ser encontrada como título de

um dos artigos da autoria do mesmo⁵⁶, onde é feita a conexão entre o começo da existência da morte e a origem do pecado, e uma referência a como a morte irá deixar de existir. A mesma questão constitui-se como título de um capítulo da obra *Ordered Universes – Approaches to the Anthropology of Religion* de Morton Klass (1995), onde o autor nota como a respostas à mesma e outras questões como “porque existe sofrimento?”, “porque existe o mal?”, “porque existe injustiça?”, são frequentemente avançadas por grupos religiosos, evidenciando o seu conhecimento do que é procurado na conversão por muitos dos seus membros, sendo a sua capacidade de lhes responder um fator determinante no seu sucesso, e as Testemunhas de Jeová são um exemplo dessa capacidade.

Carlos ressalva como a conversão a esta religião nada tem a ver com “inteligência (...), com cultura, com conhecimentos...”, mas antes com

“...as fragilidades, com as emoções humanas que todos nós temos, todos nós desejamos, no fundo, ser aceites, pertencer a algo... e isso muitas vezes aliado a problemas que a pessoa tem na vida – como um divórcio, problemas familiares, falta de emprego, a morte de um familiar...”

De forma semelhante Raquel também sublinha como o grupo tem sucesso em cativar quem procura respostas sobre a existência e o futuro, e quem se encontra mais fragilizado. De acordo com a sua própria experiência:

“As Testemunhas de Jeová têm mais sucesso com as pessoas fragilizadas, eu sei que eu dei muitos estudos bíblicos, e a minha mensagem só ficava mesmo bem passada a quem estava frágil naquele momento. Portanto, a mensagem foi um consolo. Uma pessoa formada, adulta, só irá ser convertida porque está frágil de alguma maneira na sua vida. (...) Ou aquelas pessoas com aquelas dúvidas existenciais, e a pessoa só tem essas dúvidas porque na sua vida houve algo que a fez parar para pensar nisso.”

Igualmente, Rafael refere também lhe parecer existir maior sucesso na conversão junto de pessoas que se encontram num determinado estado de vulnerabilidade, e existe de facto um consciência deste aspeto dentro do grupo no seu proselitismo.

“Ou seja, alguém perdeu o cônjuge... (...) As pessoas estão sós, estão numa dor profunda, querem uma resposta, e as Testemunhas de Jeová apresentam-se com as respostas. (...) é que têm respostas para tudo. E, portanto, as Testemunhas de Jeová aproximam-se destas pessoas. Porque é que as Testemunhas de Jeová continuam a insistir, a ir bater à porta de pessoas que já sabem que não as atendem? Porque elas dizem assim: ‘as circunstâncias das pessoas mudam, nunca se sabe’, eu próprio

⁵⁶ Disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/perguntas/porque-pessoas-morrem/>

disse isto na tribuna tantas vezes... Aquela pessoa mudou de casa, agora mora lá outra, ou morreu alguém naquela família, ou perdeu o emprego...”

No seguimento desta ideia, a perspetiva da vida eterna num paraíso terreno, com saúde e paz, e a possibilidade de voltar a encontrar pessoas que já morreram é também um dos aspetos mais cativantes acerca da doutrina das Testemunhas de Jeová. A ideia deste tipo de paraíso, desde logo, é tanto mais atraente por, tal como Rafael também explica, se basear no que a humanidade já conhece – não se trata de ir para o Céu, no fundo uma imagem difícil de precisar, mas antes de continuar na Terra, no meio que as pessoas já conhecem, mas numa versão idealizada, precisamente o que a maioria mais desejaria:

“Haverá de ser uma grande felicidade, estar com Cristo, com Deus, com os anjos... o que é isso de estar no céu? Não sei, ninguém viu ainda, ninguém veio cá contar. Ao passo que viver aqui na Terra é uma coisa que já conhecemos. No fundo é viver uma vida que já conhecemos, mas boa. Com tudo o que desejamos de bom. Um paisagens lindas, comida para todos, boa saúde, ninguém envelhece...”

Rute recorda as belas imagens que tantas vezes encontrava nas publicações do grupo, e Gabriel como a mesma perspetiva atraiu a sua mãe, fator que se tornou no mais importante para a mãe de Mariana, que ansiava manter a sua juventude, e para a avó de Florbela, que chegou a ter apenas uma filha e sonhava poder voltar a ser mãe nesse paraíso. Para as mães de Tiago e Rute esta esperança assume ainda uma importância concreta maior: a mãe de Tiago tinha perdido o seu primeiro bebé, e Rute crê que sua mãe encontrou aqui força para lidar durante anos com um diagnóstico de cancro.

Os mesmos benefícios de solução para traumas ou doenças encontrados nesta esperança de um mundo melhor, sem sofrimento, morte e com os mortos ressuscitados, evidenciam-se de diferentes formas em casos em que a pessoa se encontra a lidar com algum tipo de distúrbio psicológico, como no caso da frequentemente referida depressão, pois a doutrina pode ser sedutora e o perfilhar do estilo de vida e perceção da realidade das Testemunhas de Jeová poderá ajudar a pessoa a dar um sentido ao seu sofrimento e a contrariá-lo ou amenizá-lo.

Depois de fazer serviço militar na guerra na Guiné, o pai de Carlos volta para casa uma pessoa mudada, traumatizada, e refugia-se na adição ao álcool. Pouco tempo depois, quando Carlos nasce, apresenta problemas de saúde, e a sua mãe vê-se obrigada a deixar o seu emprego para cuidar dele, o que, aliado ao que já sofria ao lidar com a situação do seu marido, a deixou numa depressão profunda, a ponto de planear o seu suicídio, até que entretanto conhece as Testemunhas de Jeová.

“...mas de vez em quando as Testemunhas de Jeová batiam à porta, e o que é que acontece? Por volta do ano 1974 ela então recebe uma senhora das Testemunhas de Jeová que começa a falar com ela, e coloca-lhe o livro *A Verdade que Conduz à Vida Eterna*. As pessoas chamavam-lhe bomba azul, foi na altura em que as Testemunhas de Jeová estavam a apontar o ano de 1975 como possível ano do Armageddon, e pronto, isto foi em 1974, uma altura em que a religião estava cheia de força a pregar e a tentar fazer novos convertidos, e a minha mãe foi nessa leva. (...) Foi uma esperança, tanto que ela estava a pensar no suicídio e não chegou a concretizá-lo, esse aspeto é muito positivo, obviamente. (...) ...nessa altura falam com ela e lá está, a esperança do Paraíso, de não haver mais doença, não haver mais morte... para uma pessoa que está depressiva e desanimada é uma luz ao fundo do túnel.”

Por outro lado, a doutrina pode mesmo vir a parecer justificar esse distúrbio e a legitimar para a pessoa a sua possível falta de vontade em o confrontar. A ideia de permanecer eternamente jovem e não morrer, vivendo no paraíso terreno que viria após o apocalipse, então previsto para 1975⁵⁷, veio a deixar uma impressão na mãe de Mariana de grande esperança, pois à altura faltariam apenas cerca de 9/10 anos. Mas houve outros fatores de importância. Mariana acredita que essa perspetiva veio a ser uma “ferramenta muito útil” para a sua mãe, como uma “justificação de que nada valia a pena”, uma perspetiva que se alinharia com o seu carácter, sendo, na descrição de Mariana, “uma pessoa muito pouco decidida, com pouca disposição, com pouca voluntariedade, muito passiva (...), se pudesse evitar fazer não fazia”. Descreve uma pessoa que, olhando para trás, crê que sofreria de uma depressão que nunca foi diagnosticada, para quem a perspetiva da vinda do apocalipse e de um paraíso – e o ensinamento das Testemunhas de Jeová de que não vale a pena a pessoa fazer várias coisas “neste mundo” face à crença do apocalipse iminente – veio a conformar-se com a sua falta de iniciativa em mudar a sua condição para melhor. Na opinião de Mariana:

“Mas a própria religião, que se apresenta como solução, é o problema. Porque eu acho que a minha mãe teria sido muito mais feliz, talvez tivesse melhorado esse problema – que eu acredito que a minha mãe sofresse de depressão crónica há muitos anos – se não fosse a religião. Tinha se calhar saído de casa, teria tentado fazer mais alguma coisa por ela, mas assim não, porque lá está, ou é o Diabo, e quando não é o Diabo é da vontade do senhor Jeová, também não vale a pena fazer muito mais porque entretanto vem o novo mundo e todos os nossos problemas vão ser curados...”

⁵⁷ Carlos oferece uma explicação sobre o fundamento para esta data: “...na altura fizeram cálculos ao tempo de existência do homem, desde a criação de Adão, fazendo as contas, em 1975 fazia 6000 anos desde a criação do homem, ou seja, segundo os cálculos deles, este seria o fim do sexto dia... (...) ou seja, o dia de descanso de Deus estava a terminar... (...) e seria apropriado que Deus interviesse nos assuntos humanos nessa data. Basicamente era isto. Acreditavam que aí entrava o novo milénio, o apocalipse.”

Uma outra razão que é citada de forma recorrente como um fator decisivo na sua escolha em entrar e permanência é a solidão, ou seja, o encontro de uma rede de apoio e convivência, ou mesmo a necessidade de encontrar novos objetivos e um sentido de valor pessoal. Além da esperança na ressurreição, um outro fator decisivo para os pais de Tiago foi precisamente este, pois estavam emigrados e sozinhos quando conhecem as Testemunhas de Jeová, que os fizeram sentir desejados no seu seio; e para a mãe de Maria terá também sido fundamental, pois encontrava-se longe de casa, e o seu marido, enquanto marinheiro, ausentava-se por largos períodos de tempo, e a religião acaba por também lhe vir a dar “um grupo”, “um sentido”, conforme as suas próprias palavras.

Outro motivo particularmente específico ocasionalmente referido é a perturbação pelo que é comumente identificado como “problemas espirituais”, uma questão à qual as Testemunhas de Jeová oferecem uma interpretação e solução distinta. Madalena recorda sentir-se “incomodada com luzes” e “com presenças” em criança, e de ter muito medo, especialmente quando tentava dormir à noite, mas afirma que quando se junta às Testemunhas de Jeová tudo desaparece. Para Madalena bastava orar, invocar o nome Jeová, e sentia-se logo “mais em paz, menos atormentada com coisas estranhas” à sua volta. Em suma, foi um alívio para si neste sentido, assim como para a avó de Cláudia, quem teria problemas semelhantes e relatara terem também parado quando entra para o grupo, e igualmente um alívio para a avó de Gabriel, que explica:

“...a minha avó tinha histórias na família de problemas com espiritismo, de pessoas... penso que uma irmã dela ou do meu avô que desmaiava, e tinha ataques, confronto com espíritos ou uma coisa assim, e penso que a religião foi uma forma de... tentar acalmar essas influências. Essa foi a razão pela qual a minha avó manifestou interesse. (...) Segundo a teologia a única possibilidade para combater os espíritos e o mal é através da leitura da Bíblia, da oração, etc. Portanto a minha avó sentiu-se... confortada com o pensamento de que ter a Bíblia, aqueles livros em casa era uma proteção contra espíritos maus.”

Numa nota menor mas não de pouca importância, há que notar como a vivência do próprio grupo poderá ter sido um fator de maior atração, ou seja, como a obtenção de um novo propósito no desempenho de um papel relevante na comunidade religiosa, conforme a reflexão de Cláudia:

“...é uma análise que eu faço agora... O meu avô era uma pessoa que não seria ninguém – muitas aspas nisto – se não fossem as Testemunhas de Jeová. As Testemunhas de Jeová eram o veículo pelo qual ele podia ter algum poder, porque subiu na hierarquia, obteve poder, portanto, o meu avô era uma

pessoa normal, com uma vida... chamemos-lhe assim, desinteressante, quer-se dizer, uma vida perfeitamente adequada à idade que tinha e ao tempo em que viveu, mas era pessoa a quem aquele poder – que aquilo é um poder – satisfazia.”

II.III. Continuação do Contacto e Primeiros Passos na Integração no Grupo

Após a abordagem inicial o passo seguinte – em caso de se verificar vontade numa eventual conversão – é o começo de um *estudo* domiciliário, o qual poderá mesmo preceder uma primeira visita a uma reunião do grupo, podendo servir para melhor avaliar a vontade e intenções da pessoa antes de a deixar envolver-se com o grupo. À pessoa interessada é atribuída a figura de um/a *instrutor/a*, dependendo do seu género, pois apenas em caso de total impossibilidade é dado um estudo a uma pessoa do sexo oposto⁵⁸. O instrutor ou instrutora é muitas vezes a mesma pessoa que iniciou o contato ou o continuou, por virtude do fomento de uma familiaridade e relação de confiança. Esse estudo é normalmente realizado no domicílio de quem o recebe, com uma frequência semanal e com a duração de cerca de uma hora, embora possa ser adaptado a cada caso. O *estudo* assim é chamado por ser definido pelo foco na análise de uma ou mais publicações do grupo utilizadas para esse fim – tendo o recurso constante à Bíblia como suporte –, as quais podem ser atualizadas ao longo do tempo e adaptadas à pessoa conforme a sua idade, existindo, por exemplo, publicações feitas com o propósito de serem mais acessíveis e relevantes para crianças e adolescentes/jovens. Estas “análises” são verdadeiros estudos pois, como passo seguinte no aprofundamento do seu envolvimento com o grupo, é nele que se começa a conhecer em profundidade a doutrina, para preparar a pessoa para o papel que é expectável vir a desempenhar no seu futuro, enquanto cristã, Testemunha de

⁵⁸ Sendo os estudos bíblicos momentos que poderão implicar que instrutor e estudante se encontrem sozinhos, o grupo prefere que estes estudos sejam dados pelo mesmo sexo com a intenção de prevenir potenciais contactos considerados inadequados à situação, e, por outro lado, por ser a perspectiva do grupo que um homem e uma mulher têm necessidades diferentes e por isso deverão encontrar uma orientação melhor no mesmo género. Conforme dois exemplos das palavras do grupo: “...as mulheres maduras são aconselhadas a ensinar as mulheres mais jovens o ‘que é bom’. (Tito 2:3-5) Os pais cristãos também procuram criar os filhos ‘na disciplina e na regulação mental de Jeová’ — algo que requer muita arte de ensino. (Efésios 6:4; Deuteronomio 6:6-8)” (Testemunhas de Jeová 1985b); “As mulheres mais jovens, para exemplificar, podiam ser ensinadas pelas mulheres mais idosas em assuntos tais como ‘amar o marido, amar os filhos, ser ajuizada, casta, operosa em casa, boa, sujeitando-se ao seu próprio marido, para que não se falasse da palavra de Deus de modo ultrajante.’” (Da entrada “Instrutor, Ensino”, da publicação *Estudo Perspicaz das Escrituras*, Vol. 1, pp. 1231-1234)

Jeová, e pregadora. É expectável que a pessoa aprenda os conteúdos oferecidos e os saiba evocar em resposta a ocasionais questões colocadas pelo instrutor, e que preparem a pessoa para manusear facilmente a Bíblia e utilizar os conhecimentos adquiridos no futuro para os oferecer a outras pessoas. A observação do progresso no estudo pelo instrutor é também fundamental para a mesma poder progredir na hierarquia do grupo, provando o seu valor nos seus conhecimentos, capacidade de pesquisa de conteúdos nas publicações do grupo e na Bíblia, e na sua capacidade de comunicação e explicação, não sendo de todo possível progredir como membro sem passar por esta fase. Apesar de ser norma a análise de determinadas publicações, esta ocasião – nomeadamente num momento inicial – poderá ter um carácter mais informal e servir para responder a dúvidas específicas que a pessoa interessada tenha. Atualmente, no website oficial das Testemunhas de Jeová, esta prática é mesmo referida como parte do seu “programa de estudo bíblico”⁵⁹, que é apresentado como podendo ser dado pontualmente e sem qualquer compromisso de continuidade. No entanto, tal como os relatos esclarecem, na circunstância da interrupção e não prosseguimento, e se não for tornada explícita a vontade de não voltar a ser visitado o mais provável é tal continuar a acontecer mesmo sem solicitação.

O que é descrito sobre esta fase tanto é vivido pelo potencial convertido como por quem cresce na religião, como é manifesto na maioria dos relatos. Para muitos membros das Testemunhas de Jeová, a adesão à religião não foi uma opção tomada em algum momento da vida, mas um aspeto da vida familiar desde o seu nascimento, parte da “atmosfera” que conheceram desde a infância, transmitido na sua educação. Henri Gooren identifica como um tipo de “carreira de conversão” a “religião parental”, ou seja, os casos em que as pessoas permanecem na religião dos seus progenitores ou outros cuidadores, que são “socializadas” com sucesso na mesma, conforme a escolha de palavras do autor (Gooren 2010: 70). Nestes casos, até à sua adolescência ou até muitos anos depois a sua fé nunca é colocada em causa, esta é a realidade que conhecem e a crença sinónimo de muitas das suas certezas e interpretações sobre si e o mundo. As atividades do grupo fazem parte do seu quotidiano desde muito cedo na sua vida, a sua família e amigos no mesmo são na maior parte dos casos a maioria dos seus relacionamentos ou os únicos.

Conforme temos percebido, Carlos, Maria, Mariana, Gabriel, Rafael e Rute são iniciados em crianças, mas Florbela nasce no grupo, tal como Susana, Sofia, David, Tiago, Raquel, Cíntia

⁵⁹ Uma referência pode ser encontrada no artigo “Como funciona o curso bíblico oferecido pelas Testemunhas de Jeová?”, disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/o-que-e-um-estudo-biblico/>

e, de certo modo, Cláudia, que é introduzida na religião por intermédio dos seus avós, com quem passava os dias de trabalho dos pais por causa dos seus horários, para que Cláudia pudesse ter mais estabilidade. Desde cedo recorda ir às reuniões, e de sempre conhecer o seu avô já ancião. Conforme o diz Florbela, não conheceu outro mundo em criança, tendo já sido a sua mãe educada na religião, e criada com os seus avós, com quem a sua mãe habitava. Já David nasce dois anos depois do primeiro contacto dos seus pais com a religião, no seu primeiro aniversário os pais de Susana são batizados na religião – noção que clarificaremos na secção seguinte –, Sofia nasce enquanto a sua mãe estudava, aquando do nascimento de Tiago o seu pai já era ancião, e do de Raquel e Cíntia já os seus pais e outros familiares eram Testemunhas de Jeová.

A criança é então introduzida a este estudo pelos seus educadores ou outros familiares ou até a par destes, evidenciando-se a integração da geração seguinte no grupo. É iniciado um estudo em família quando Rute tinha 9 anos e a sua irmã 8, já tinham feito a sua primeira comunhão e abandonam de imediato o catolicismo Mas não muito tempo depois, quando a mãe de Rute se batiza, passa ela própria a dar o estudo às filhas. Carlos também começa por assistir ao estudo da sua mãe, e pouco depois a mesma começa a instruir o filho. Carlos resume a sua experiência nesta fase:

“...logo que eu começo a perceber as coisas – a minha mãe começa a dar-me um estudo bíblico, a conversar comigo através de um livro que era o *Aprenda do Grande Instrutor*, que era o livro que as Testemunhas de Jeová queriam mais para as crianças. Depois veio o *O Meu Livro de Histórias Bíblicas*, de capa amarela... Mas pronto, então eu cresci naquilo, cheguei a uma certa idade, aí por volta dos meus 10 anos e a minha mãe sentiu a necessidade de passar o meu estudo para um homem. Eu estava a começar a entrar na adolescência, as minhas necessidades são outras, e a minha mãe achou bom ser um ‘varão’ – tal como se usa o termo – a dar-me o estudo da Bíblia. E eu comecei a ter um estudo regular, certinho, todas as semanas uma hora de estudo bíblico com um ancião. Isto é assim, com esta idade uma pessoa também não leva assim as coisas muito a sério, mas eu comecei a estudar, e lá está, a ser formatado em tudo aquilo, também desde pequenino não conheces mais nada, e comecei a levar aquilo a sério.”

David também iniciou o seu estudo bíblico com o seu pai antes de passar a outro instrutor, Rafael começa a estudar com a sua mãe e irmã mais velha mas sem interesse do seu pai, e Gabriel, após declarar aos seus pais que gostaria de aprender mais além das pequenas conversas com membros que tinha tido até então, começa um estudo bíblico em conjunto com a sua mãe,

mesmo com a oposição do seu pai e desinteresse da sua irmã, na altura já com cerca de 13 anos de idade.

Depois de começar um estudo é expectável que, se a pessoa continuar a demonstrar interesse, eventualmente comece a participar nas reuniões – ou nos rituais do grupo – com regularidade. A assiduidade nas reuniões é altamente expectável de um membro, sendo as ausências notadas como uma irregularidade e suscitando rapidamente algum tipo de questionamento sobre tal, e a falta de uma justificação clara poderá ser recebida com desconfiança sobre o seu comportamento e dedicação. As reuniões nas Testemunhas de Jeová costumavam ocorrer em três vezes por semana, mantendo-se agora duas⁶⁰. Ao longo de um ano realizam-se também congressos e assembleias de distrito, e esporadicamente os chamados congressos internacionais⁶¹, participação assídua nos quais é igualmente expectável. Esta é uma fase em que para quem cresce na religião já é uma realidade bem conhecida, mas para quem se encontra em processo de conversão um momento em que normalmente já tem a sua decisão feita ou quase consolidada, apenas se sentindo cada vez mais convencida pelos ensinamentos que vai adquirindo, e mais integrada pela forma como é bem recebida e afavelmente abordada pelos membros da congregação que visita.

⁶⁰ Conforme explicado na publicação do grupo *Organizados para fazer a Vontade de Jeová* (2019a), as reuniões das Testemunhas de Jeová atualmente pretendem seguir o que é afirmado como um “modelo estabelecido no tempo dos apóstolos”, ao se reunirem regularmente para se manterem “fortes em sentido espiritual e íntegros como cristãos”. Existe uma reunião ao fim de semana, a qual consiste primeiro num discurso público e numa segunda parte dedicada ao estudo da publicação *A Sentinela*; durante a semana dá-se outra reunião no salão do reino marcada por um programa intitulado “Vida e Ministério Cristãos”, cujos conteúdos são divulgados mensalmente por uma publicação com o mesmo nome. Esta reunião divide-se em três partes, sendo a primeira dedicada “a conhecer o fundo histórico e contexto de relatos bíblicos”, a segunda a melhorar a “habilidade de pregar e ensinar”, e a terceira a aprender a “aplicar os princípios bíblicos na vida diária”. Há alguns anos extinguiu-se uma terceira reunião, a qual ocorria durante a semana em casa de membros da congregação que se voluntariavam para tal, em grupos mais pequenos, as quais pretendiam homenagear os tempos em que os membros eram obrigados a juntar-se em segredo por a sua adoração ser proibida. Estas reuniões eram baseadas no estudo de outras publicações do grupo para esse fim, à semelhança de *A Sentinela*.

⁶¹ As assembleias e congressos são eventos que reúnem centenas ou milhares de membros de várias congregações de um distrito ou concelhos – sendo os internacionais de maior envergadura por serem um convite à afluência de membros de outros países –, os quais costumam ter a duração de dias inteiros, normalmente três. À semelhança do que acontece nas reuniões semanais, estes eventos consistem em vários discursos e dramatizações, sendo um evento particular aos mesmos a realização de batismos. Estes eventos constituem-se como uma oportunidade de conhecer membros do grupo de outras congregações, assim como uma oportunidade de exposição do grupo no que é percebido como uma manifestação de grandiosidade do mesmo, ao comumente serem alvo de cobertura jornalística quando os congressos acontecem, conforme se poderá reparar no seguinte exemplo de uma notícia intitulada “Crentes de mais de 40 países a ‘falar a mesma língua’ num estádio cheio” (Nunes 2019).

Pouco depois de iniciarem o seu estudo, Carlos e a sua mãe começam a frequentar as reuniões, ainda que por vezes a sua mãe não pudesse ir por causa do seu pai, que não se junta nesta altura. Mas este fator não foi impeditivo para Carlos, que com cerca de 14 anos começa mesmo a ir sozinho. Gabriel e a sua mãe rapidamente começam também a ir às reuniões, o que Gabriel gostava muito, por conhecer novas pessoas e se identificar como uma pessoa facilmente socializável. Madalena começa a ir às reuniões com cerca de 12 anos, motivada pelo seu grande “interesse e curiosidade”, e passado um ano começa a ir também a sua irmã, entretanto com 11 anos, e a sua mãe com os seus 50.

Ao começar a frequentar a congregação da sua localidade a pessoa irá começar a desenvolver relações com os outros membros e a conhecer melhor a vida como Testemunha de Jeová na sua totalidade. Após algum tempo de estudo, havendo ainda interesse e sucesso na aprendizagem do novo potencial membro e demonstrando este, além dos seus conhecimentos, uma assiduidade na sua participação nas reuniões, será eventualmente nesta qualidade avaliado pelo/a instrutor/a como potencialmente apto para começar a sair para a pregação, capacidade fundamental a se provar perante o grupo, para muitos uma atividade na realidade menos apreciada, mas para outros apenas um gosto novo que descobrem, encontrando satisfação no sucesso da sua argumentação e ensino.

Esta experiência é recordada no nervosismo que suscitou para a criança, como no caso de Cláudia ou de Maria, que foi levada para esta atividade pela primeira vez com 7 anos. Cerca de um ano e meio depois de começar a frequentar as reuniões Madalena começa nesta atividade, e Laura aos 22 anos, um momento de destaque para si, uma primeira provação para a sua fé, relembrando a experiência que teve com a sua mãe:

“...só me lembro de ela ter dito assim: ‘então, a partir do momento que saias daquela porta escusas de voltar’ (...) E eu não queria mostrar fraqueza, portanto peguei nas chaves de casa e meti-as em cima da sapateira da entrada (...) e disse: ‘então se escuso de voltar, escuso de levar isto comigo’. E saí porta fora toda contente, a pensar que ‘isto é uma provação’ e que ‘não, o Diabo não manipula a minha mãe contra mim’. Isto era o meu pensamento. (...) Comecei a pregação, no início custa bastante porque é desagradável, não estamos à vontade, não estamos bem, tocamos à campainha e estamos ali a tremer, mas desenrasquei-me muito bem. O primeiro contacto que tive foi uma pessoa que me questionou... li-lhe um texto sobre o apocalipse, o 21:3⁶², salvo erro (...). Mas ele já estava a ser bastante agressivo, não mostrei nervosismo e li-lhe o texto, e ele respondeu-me: ‘Olhe, agora calou-me. Agora vou ter de a ouvir mesmo’. Eu fiquei assim... isto convence-nos de que a palavra de Deus

⁶² Do livro Revelação, ou Apocalipse.

é que tem o poder e que nós vamos ser mensageiros e partilhá-la, e eu estava toda contente a pensar que ia começar já um estudo. Claro que não, não aconteceu nada disso, ele só queria ouvir e depois foi para dentro, foi à vida dele. Mas nós sentimo-nos como que aprovados no grupo, que estamos a evoluir e a fazer a coisa certa, e então ficamos com muito mais determinação, e eu assim continuei.”

Ao aceitar essa nova fase no seu desenvolvimento como potencial membro, e continuando a demonstrar sucesso nestas etapas de desenvolvimento, se a pessoa se qualificar para tal e assim o desejar, poderá continuar o seu percurso no grupo e iniciar-se como parte da mesma progredindo para *publicador não batizado*. Laura cede uma breve explicação dos passos a dar:

“Quando um publicador, ou neste caso, quando um estudante quer ser publicador e começar a pregação, eles primeiro analisam com o instrutor se o estudante já deu alguns passos que demonstrem que está apto para a pregação. O que é que acontece: dão-nos um livrinho de capa verde chamado *Organizados para Fazer a Vontade a Jeová*⁶³, e nesse livro, quando um estudante se quer tornar num publicador, há lá uma secção de poucas perguntas só para que a pessoa se expresse, e se entenda, se a pessoa está apta para ser um publicador não batizado. É o primeiro passo, lêem-se alguns textos, fazem-se algumas questões, com o instrutor ao nosso lado e perante os anciãos, vê-se se está tudo bem, dizem que a partir dali já se pode começar a pregação, explicam-nos o que é o relatório (...).”

E de acordo com as palavras do grupo:

Antes de o estudante ser aprovado como publicador não batizado, os anciãos devem confirmar se ele:

(1) Acredita que a Bíblia é a inspirada Palavra de Deus. — 2 Tim. 3:16.

(2) Conhece os principais ensinamentos da Bíblia e acredita neles. Assim, quando lhe fizerem perguntas, ele responderá em harmonia com a Bíblia e não de acordo com ensinamentos religiosos falsos ou suas próprias ideias. — Mat. 7:21-23; 2 Tim. 2:15.

(3) Obedece à ordem bíblica de se reunir com o povo de Jeová nas reuniões se tiver condições para isso. — Sal. 122:1; Heb. 10:24, 25.

(4) Sabe o que a Bíblia ensina sobre imoralidade sexual, incluindo adultério, poligamia e homossexualismo, e vive em harmonia com esses ensinamentos. Se mora com alguém do sexo oposto com quem mantém relações sexuais, os dois devem estar devidamente casados. — Mat. 19:9; 1 Cor. 6:9, 10; 1 Tim. 3:2, 12; Heb. 13:4.

⁶³ Testemunhas de Jeová 2019a

(5) Obedece à ordem bíblica contra ficar bêbado. Também não usa sem prescrição médica substâncias que viciam ou alteram a mente. — 2 Cor. 7:1; Efé. 5:18; 1 Ped. 4:3, 4.

(6) Entende a importância de evitar más companhias. — 1 Cor. 15:33.

(7) Desligou-se definitivamente de todas as organizações religiosas falsas das quais talvez tenha sido membro. Deixou de comparecer aos seus cultos e de participar em suas atividades ou apoiá-las. — 2 Cor. 6:14-18; Apo. 18:4.

(8) Não tem nenhum envolvimento com a política do mundo. — João 6:15; 15:19; Tia. 1:27.

(9) Permanece neutro com respeito a questões militares ou qualquer outra coisa relacionada a guerras. — Isa. 2:4.

(10) Deseja sinceramente ser Testemunha de Jeová. — Sal. 110:3. (Testemunhas de Jeová 2019a: 74, 75)

Chegada a pessoa a esse ponto, enquanto não se batizar, outras posições na hierarquia das Testemunhas de Jeová encontram-se vedadas. Tiago torna-se publicador não batizado com 12 anos, e encontra motivação até para ir mais longe:

“...antes de me batizar já servia como pioneiro mas não oficial. Eu escrevi numa folha de papel num caderno qualquer: ‘Eu prometo a Jeová fazer 70 horas na altura no mês tal’, e entregava aos anciãos e pronto, não era pioneiro porque não era batizado, mas era anunciado na tribuna que eu também estava a fazer as horas.”

Rute torna-se publicadora não batizada com 11 anos, Madalena com cerca de 14, Sofia antes dos seus 16, Rafael aos 9, sendo que com 7 já fazia pequenos discursos na congregação, e salienta como: “...ser publicador já é uma espécie de pré-identificação para ser Testemunha de Jeová. Se a pessoa não passa o teste de ser publicadora também não consegue ser Testemunha de Jeová.”

Gabriel tinha 12 anos chegou a este estatuto, motivado tanto pela sua crença como em deixar a sua mãe orgulhosa. David e Mariana não sabem precisar a idade com que se tornaram publicadores não batizados, mas foram-no durante vários anos ainda, “com muito esforço”, tal como recorda David, mas para Mariana “sem grande entusiasmo”, pois não gostava de ir à pregação, era muito conflagrador para si, e considera ter acabado por nesta altura ter apenas cumprido o percurso que era esperado. Aqui a grande exceção a esta linearidade é o caso de Cláudia, que por sua iniciativa abandona o grupo na adolescência, voltando mais tarde ao mesmo.

“Depois com 14 anos, aquelas coisas típicas da adolescência, apaixonei-me. (...) ...portanto, eu saio com 14 anos, não era batizada, e quando digo que não quero continuar a ir às reuniões, etc., torna-se impossível de continuar a conviver... não com a minha avó, mas a relação com o meu avô torna-se muito difícil. Eu optei por ir viver com a minha mãe porque era impossível continuar em casa com aquele ambiente. (...) Entre os 14 e os 15 eu saio e continuei afastada, completamente. Mas eu continuei a achar este tempo todo – embora tenha tido a vida de adolescente normal, fiz os disparates todos que um adolescente faz – que aquilo era a Verdade, e que aquilo estava certo.”

Ultimamente convencidas da sua crença, capacidades ou até vocação, e tendo havido tempo suficiente para o demonstrar perante o grupo, o passo seguinte para qualquer pessoa que deseje converter-se às Testemunhas de Jeová deverá ser o batismo. Poder-se-ia afirmar que a conversão é um processo, no fundo, inteiramente pessoal, visto ser o mais essencial para a conversão o aceitar e assumir uma nova doutrina. Em algumas confissões a manutenção da crença e adesão poderá ser possível de um modo mais informal, com contacto mais ocasional com os seus rituais e membros, ou até mesmo na ausência deste contacto. Mas no caso de um grupo como as Testemunhas de Jeová, o conhecimento da doutrina, o seu seguimento e colocação em prática são indivisíveis da participação assídua nas atividades religiosas e, mesmo que a pessoa já possa se entender como parte do grupo antes do batismo, nunca é reconhecida como um membro completo pelo grupo até à realização deste.

II.IV. Formalização do Compromisso – O Batismo

Neste ponto então temos uma decisão feita, e terão de ser dados os passos necessários para se poder realizar, neste caso, um batismo, para o qual a pessoa se deve preparar de acordo com padrões impostos pelo grupo. Acompanhada pelo/a instrutor/a e pelo conselho de anciãos em todo o processo, é-lhe apresentado um conjunto de questões que servem para a ajudar a tomar essa decisão, a perceber se está realmente pronta para o que a mesma significa e para as suas consequências. Estas questões poderão ser encontradas na publicação *Organizados para Fazer a Vontade de Jeová* (Testemunhas de Jeová 2019a: 185-207), e são conhecidas vulgarmente como as “questões para o batismo”, as quais incidem sobre diversas esferas do conhecimento doutrinal e sobre a preparação para este passo. Se a pessoa conseguir responder a estas questões com segurança e demonstrar conhecimentos suficientes da doutrina e aptidão para a pregação,

perante a concordância do/a instrutor/a e a recomendação de anciãos (ibid. 208-212), a sua candidatura a batismo é aprovada e realiza-se no próximo congresso ou assembleia. O batismo neste contexto, além do seu significado simbólico, é em essência uma formalização de um compromisso, absolutamente determinante no futuro de quem a faz, tal como Gabriel o salienta:

“...um batismo nessa igreja significa uma responsabilidade enorme de viver de acordo com as normas do grupo. (...) É uma formalização mas com uma pequena diferença. O batismo significa: ‘A partir de agora tu és completamente responsável pelos teus atos e não há forma de contornar o grupo e de teres perdão caso queiras abandonar o grupo.’”

Nas Testemunhas de Jeová o ritual do batismo tem sempre lugar num evento público, perante centenas de pessoas ou mais, numa espécie de afirmação pública e solene da decisão que a pessoa tomou, da sua apresentação como novo membro. Efetivamente, é a partir deste momento que é reconhecido como membro do grupo. No rito o novo membro é completamente submerso e emergido da água, numa metáfora de renascimento, de morte para uma vida anterior e começo de uma nova. É neste momento que a conversão às Testemunhas de Jeová se considera formalmente completa, e no caso de quem nasce ou cresce no grupo também é realizado o batismo depois de passar por etapas semelhantes, conforme o jovem vai demonstrando capacidade, e é neste ponto que os percursos de convertidos e nascidos ou criados na religião convergem.

O “renascimento” ou “morte para uma vida anterior” que simboliza o batismo traduz-se para o membro em algo bastante preciso, não apenas uma breve declaração simbólica no momento mas uma verdadeira transformação pessoal que a pessoa passa a evidenciar, um fenómeno que assume uma dimensão notável neste grupo religioso. Tornar-se Testemunha de Jeová é renunciar ao que conheceu até então fora do grupo, assumir todo um estilo de vida, um quotidiano, forma de ser, de estar, e uma perceção da sua realidade pessoal e do mundo que é determinada pelo grupo, uma forma de existir que é ensinada como a mais correta e necessária para a pessoa provar que merece as recompensas prometidas, acima de tudo a salvação e um lugar no paraíso. Assim, tornar-se Testemunha de Jeová afigura-se numa decisão com um significativo impacto subjetivo e interpessoal, que abrange todas as dimensões da vida da pessoa, numa visão do mundo e de si particular a esta confissão.

Identificando-se nesta fase já como bastante devoto, Carlos chega a batizar-se antes da sua mãe. Susana batiza-se com 15 anos, David com 17 – nomeadamente preocupado com a chegada do serviço militar obrigatório –, Tiago com 14, tal como Raquel, e Cíntia também na sua

adolescência, embora não precise a sua idade. Já de acordo com Mariana, o batismo veio no seguimento de ver os seus amigos a fazer o mesmo, e resolve fazê-lo com 16 anos, ainda que, ressalva, “sem grande convicção”, “mais por emoção do que propriamente por fé”:

“...fui a última daquela leva naquele dia. Mas não senti aquela emoção, quer-se dizer, tudo bem, estou com os meus amigos, com a minha família, é uma alegria, e eu sempre a dizer que era uma alegria, enfim, aquela sensação, convencemo-nos das coisas. E pronto, assim foi, batizei-me.”

Por sua vez Gabriel batiza-se com 13 anos, o que afirma ter sido inteiramente da sua vontade, apesar da sua idade precoce. Mas o relato mais precoce de batismo que temos é o do filho de Rafael e Rute, que o faz com 11 anos, evento sobre o qual Rafael reflete:

“As Testemunhas de Jeová orgulhavam-se de não batizar bebés e crianças. Agora quase que batizam... já batizam crianças com 8 anos, o que é que uma criança de 8 anos escolhe? Com consciência? Vai assinar um contrato para a vida toda com 8 anos? (...) O nosso filho batizou-se aos 11 anos, foi por iniciativa dele, mas foi para agradar... aos pais, à avó... (...) ...é sinistro que uma criança seja recrutada para o batismo não tendo a noção de que está a assinar um contrato com uma corporação a dizer ‘eu sou vosso’.”

Em 1978, num congresso internacional em Lisboa muito relevante por ter sido o primeiro depois de haver liberdade de adoração religiosa em Portugal, contando com a presença de cerca de 30 mil pessoas, a mãe e irmã de Rafael batizam-se. Já Rafael batiza-se aos 16 anos, e Rute e a sua irmã com 14 anos. A mãe de Rute também se batiza, mas o seu pai não acompanha o seu progresso à altura pois, apesar de partilhar da crença, tinha um impedimento, que era o facto de fumar⁶⁴, além de não se conseguir imaginar a fazer pregação. O pai de Rute apenas se batiza cerca de 30 anos depois, por volta de 2013, principalmente motivado pela doença da sua esposa, que se encontrava em fase terminal. Esta decisão poderá ter vindo apenas para lhe agradar, de acordo com Rute, ou talvez por outro motivo, mas não tem a certeza. No caso de João, como não podia batizar-se ao mesmo tempo que cumpria o seu serviço militar, leva cerca de um ano até o fazer, e fá-lo ao mesmo tempo que a sua esposa. Este dia foi muito importante para João, e descreve o que sentia da seguinte forma:

“...foi um dia de êxtase para mim, porque eu podia dizer que a partir daquele momento eu era de pleno direito uma Testemunha de Jeová, com todos os prémios inerentes a isso: a vida eterna, nasci de novo, morri para a velha vida, dediquei-me a Jeová... tudo isso é claro que... foi um dia felicíssimo para mim. (...) Nessa altura não havia pontos negativos. Quando nós nos batizamos dessa forma, como

⁶⁴ Uma questão explicada no quarto capítulo deste trabalho. Fumar é uma prática expressamente proibida nas Testemunhas de Jeová, e determinante na pertença ao grupo.

eu me batizei, e quando aprendemos a Verdade já na fase adulta, durante um espaço bem largo, durante um ano ou dois, é tudo bonito, é tudo lindo, não há defeitos.”

Por sua vez, Madalena afirma não ter sentido “nada de arrebatador” quando se batiza, com os seus 18 anos. Foi principalmente atraída pelos privilégios que são trazidos pelo batismo:

“... já podia fazer demonstrações, e isso era algo que queria, de facto. Achava que era a progressão natural... Cheguei a participar em demonstrações de cenas bíblicas (...), em assembleias, era um tipo de privilégios que eu achava que estaria a perder se não seguisse o percurso natural. (...) ...a minha mãe costumava dizer-me ‘tu batizada já foste’, mas eu disse ‘aí não tive escolha, batizaste-me em bebé, portanto sei lá eu... se eu estou a assumir esta religião como minha acho que este é o próximo passo que faz sentido e tem de ser uma decisão minha’.”

Cláudia, que até dos seus 14 aos 18 anos tinha vivido fora da religião, depara-se entretanto com o diagnóstico de cancro da sua avó, uma pessoa muito importante na sua vida. Fica muito abalada, a sua avó vive ainda sete meses, período durante o qual recebeu várias visitas de membros da congregação, e Cláudia, que sempre tinha acreditado ter deixado a Verdade, não demora a voltar à religião. Deixa imediatamente de fumar, a sua avó falece no mês de janeiro, Cláudia casa-se em março – para não continuar a “viver em pecado” – e no congresso de distrito desse verão batiza-se, pouco tempo depois de fazer os 19 anos. O batismo de Laura é também acelerado por uma perda, a da sua mãe. É também diagnosticada com cancro, e conforme a sua saúde fica cada vez mais debilitada, mais receptiva se torna à mensagem do grupo. Entretanto, Laura tinha começado a fazer as suas perguntas para o batismo, aos 23 anos, e quando tinha já realizado a segunda sessão e tinha a terceira marcada, a sua mãe falece, e Laura concentra-se mais do que nunca na sua fé:

“Eu foquei-me na esperança da ressurreição (...), os anciãos estavam muito preocupados, queriam adiar o meu batismo porque achavam que eu poderia ter alguma fragilidade e ir-me abaixo. Mas eu não, estava tão forte e tão firme, pensei, o que me impede de ser batizada? Usei aquele texto de Atos que fala daquele eunuco que se vira para o rio e diz a Filipe ‘está aqui este corpo de água, o que é que me impede de ser batizado?’ E foi essa pergunta que eu fiz a eles. (...) Deu-me mais um empurrão para o batismo. Porque eu queria voltar a vê-la na ressurreição... foi o que eu disse na altura, ‘a minha mãe já tem a ressurreição garantida, eu é que tenho de fazer por lá chegar’, era o meu raciocínio. (...) Então eles aprovam-me para o batismo (...). Foi um dia que me ficou muito marcado porque eu pensava muito na minha mãe, eu nem queria que me tirassem fotografias...”

Um momento para alguns que pareceu maioritariamente significar o cumprimento de uma expectativa de terceiros, para agradar aos seus familiares, e para outros de verdadeiro êxtase e

plena felicidade na sua manifestação de dedicação da sua vida à vontade de Deus desse momento em diante, a caminhar na Verdade e ser Sua testemunha em todos os momentos e aspetos da sua vida, acreditando genuinamente ter feito a Sua vontade nesta decisão, rendendo-se à mesma sem reservas e acreditando ser efetivamente o melhor destino para a sua vida. Por *rendição* é referido o facto de algumas tradições religiosas “requererem que o convertido se submeta à autoridade de um guru, professor, instituição ou outra forma de autoridade que irá guiar as ações, associações e crenças do convertido. (...) A rendição é uma forma de autocontrolo, a aceitação da autoridade de um líder, grupo ou tradição, que permite ao convertido dedicar-se completamente ao grupo.” (Rambo 1993: 132)

Conforme referido por Lewis R. Rambo, o sociólogo James Beckford (1978), na sua observação das Testemunhas de Jeová, notou que o processo de conversão dos seus membros tende a ser expresso pelos mesmos não tanto como implicando um “profundo sentido de pecado, crise e subjugação a Cristo”, mas antes como uma

...progressiva iluminação e descoberta de uma verdade cognitiva, como realização e trabalho dentro de uma organização. A sua conversão é um processo gradual de aprendizagem sobre as Testemunhas e a Bíblia, conforme a interpretam. Para ser um bom convertido, uma pessoa tem de querer procurar a ‘verdade’. Conforme o seu conhecimento aumenta, o potencial convertido envolve-se num programa deliberado e autodirigido de autoreforma. Não é uma conversão súbita. (...) Além disto, a conversão encontra-se intimamente envolvida com o trabalho na organização para desenvolver os objetivos da igreja institucional, especialmente através da disseminação de literatura da igreja ou da ‘publicação’ da verdade sobre a vontade de Deus, literalmente ‘testemunhar’. (Rambo 1993: 138)

Com a noção de *reformulação da motivação*, L. R. Rambo pretende afirmar que a motivação em si poderá ser transformada a par dos processos citados anteriormente. Nota como um representante da religião poderá questionar a pessoa sobre as suas verdadeiras intenções, conforme referido anteriormente. Mas com este aspeto o autor apenas pretende apontar os casos em que, possivelmente, a pessoa, por exemplo, possa entrar em contacto com o grupo religioso “para atingir prestígio, um sentido de pertença, ou outras recompensas extrínsecas”, mas, após um determinado período de contacto, a pessoa “poderá mudar a retórica sobre os seus motivos, conforme profundos desejos e aspirações religiosas ou espirituais são estimulados”, acabando

também por adquirir um “novo vocabulário que se alinha melhor com os requerimentos e expectativas do grupo.” (ibid. 140)

Assim, a ideia a que se fez referência no início do capítulo, de mudança, transformação, torna-se efetivamente cada vez mais presente e incontornável. Para a pessoa poder ser reconhecida e pensar-se como uma verdadeira Testemunha de Jeová, grandes mudanças exteriores semelhantes às exemplificadas com a referência ao judaísmo ortodoxo e outras – conforme iremos ver em detalhe – têm de se dar, mas ser uma Testemunha de Jeová não se trata só de adquirir novos hábitos, retórica, e tomar algumas decisões radicais por exigência do grupo. Mais do que isso, percebemos que temos em mãos algo de que a crença religiosa, ou antes, a doutrina de um grupo consegue ser capaz com o sucesso na conversão: de ter um impacto profundamente estruturante ou reconstrutivo da mente da pessoa, de desencadear uma verdadeira transformação da sua perceção de si, dos outros, e do mundo.

O aspeto de variabilidade da conversão prende-se também, por exemplo, precisamente com a forma como a mudança impacta cada pessoa, e com que dimensão. A representação da conversão na narrativa individual poderá refletir um fenómeno que desencadeia e concretiza o que é um conjunto de processos interiores e exteriores profundamente impactantes, capacidade que a conversão religiosa guarda conforme a doutrina e os representantes de um grupo que consegue abordar e responder às fragilidades e ambições de cada um. E exemplos flagrantes deste tipo de caso são encontrados entre os relatos recolhidos, encontrando-se mesmo descrições do mesmo presentes em todos, pois, conforme descobriremos, a conversão às Testemunhas de Jeová não é possível sem grandes mudanças na perceção da pessoa e na sua vida, pois o mesmo é de facto exigido pelo grupo. Henri Gooren descreveu a conversão religiosa como “uma compreensiva mudança pessoal de visão do mundo religiosa e identidade, baseada tanto na interpretação pessoal como na atribuição por outros. Estes outros podem, obviamente, ser pessoas do mesmo grupo religioso, mas também podem ser outras pessoas próximas que não sejam membros.” (Gooren 2010: 3)

A extensão desta transformação, no entanto, não é de imediato visível, só se demonstrando, neste contexto, pelo envolvimento total com o grupo, no assumir do compromisso e seu cumprimento.

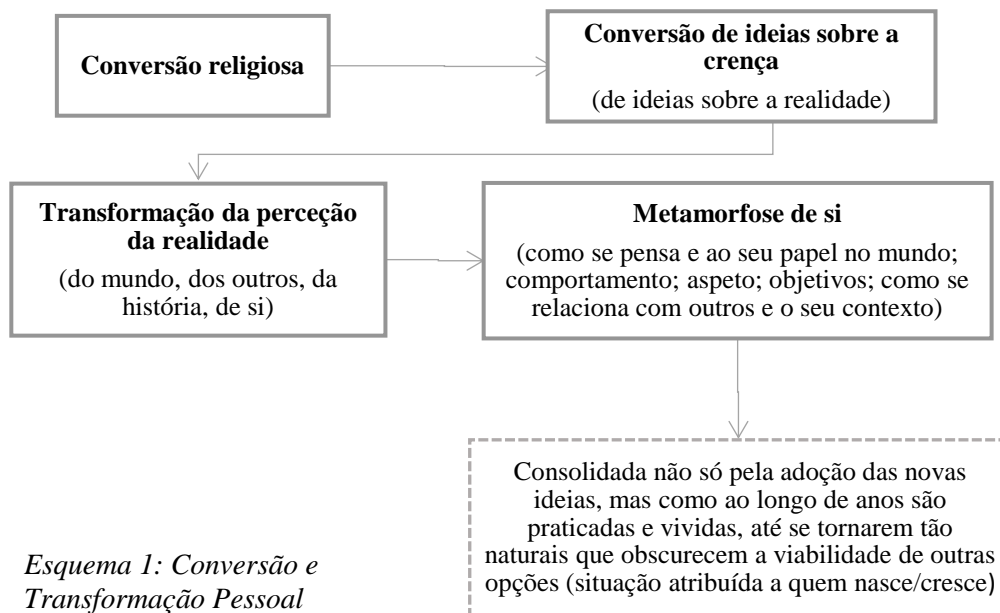
III

Ser Testemunha de Jeová

“O mudar de religião de uma pessoa é um mudar do seu mundo, e voluntariamente modificar os pressupostos básicos por meio dos quais tanto o eu como os outros são entendidos.” (Buckser e Glazier 2003: xi)

Da Conversão à Transformação

A crença religiosa é muitas vezes uma das dimensões fundamentais da vida humana, marcando profundamente aspetos subjetivos e objetivos da identidade individual, da socialidade, e até dos parâmetros metafísicos que enquadram a apreensão da realidade. Perante tal capacidade, é evidente que uma conversão religiosa não implica apenas uma mera conversão de crenças, ou uma mudança de ideias sem alcance além do seu domínio, pois se tais ideias são sobre a constituição da própria realidade, uma conversão religiosa terá o potencial de causar uma verdadeira metamorfose na pessoa e no seu universo relacional.



Tomando como exemplo ilustrativo o caso de Lev Tolstoi (2014), William James nota como os textos daquele sobre a sua conversão apresentam uma estrutura similar a uma “típica” narrativa do processo de conversão, que afirma dividir-se essencialmente em duas etapas: a primeira é uma fase de “*anhedonia*, a passiva perda de apetite por todos os valores da vida”, e a segunda

“demonstra como o aspeto alterado e estranho que o mundo assumiu em consequência disto estimula o intelecto a um questionamento exaustivo e um esforço pela procura de obtenção de alívio filosófico.” (James 1985: 149) Este questionamento acabaria por levar Tolstoi a vivenciar uma “transformação de toda a expressão da realidade”: “um novo céu parece iluminar uma nova terra.” (ibid. 151) O autor procurou detalhar as características desta etapa, a qual surge à pessoa como o que especificamente intitulou como “estado de asseguaração” (ibid. 247). A sua característica principal é a “perda de todas as preocupações, o sentido de que ultimamente tudo está bem, a paz, a harmonia, e a *disposição para assim estar*, ainda que as condições exteriores permaneçam as mesmas”, e aqui refere-se à certeza da “graça” ou “salvação” divina; a segunda característica é a impressão de se “perceber verdades não conhecidas antes”, sendo que “os mistérios da vida tornam-se lúcidos”; um terceiro aspeto é a “mudança objetiva que se parece operar no mundo”, uma impressão de algo “novo, belo e limpo por dentro e por fora que é uma das mais comuns afirmações em relatos de conversão.” (ibid. 248) Finalmente, o último elemento deste estado descrito por W. James é o “êxtase de felicidade que é produzido” (ibid. 254). Notemos as palavras de um dos casos citados pelo autor:

Fui levada para uma reunião, onde a minha mãe e amigos religiosos procuravam e oravam pela minha conversão. A minha natureza emocional foi abalada profundamente; confissões de depravação e súplicas a Deus por salvação do pecado tornaram-me abstraída de tudo o que me rodeava. Supliquei por misericórdia, e tive uma vívida clarificação de um perdão e renovação da minha natureza. Quando me levantei dos meus joelhos exclamei, ‘tudo o que era velho passou, todas as coisas tornaram-se novas.’ Foi como entrar num outro mundo, um novo estado de existência. Os objetos naturais tornaram-se glorificados, a minha visão espiritual tornou-se tão clara que vi beleza em qualquer objeto material do universo, as florestas emitiam música celestial; a minha alma fora exaltada no amor de Deus, e quis que todas as pessoas partilhassem da minha alegria. (ibid. 249, 250)

Noutro caso, W. James descreve como todo o futuro de um homem acabara por ser moldado por esse momento: “Ele desistiu dos planos para o seu casamento, tornou-se padre, fundou em Jerusalém, para onde foi viver, uma missão de freiras para a conversão de judeus (...).” (ibid. 257) Ao viver este tipo de experiência, ao descobrir uma nova fé ou tê-la renovada numa nova aproximação ao divino, se a pessoa assim o desejar ou a nova fé de algum modo o exigir, conforme o exemplo anterior do homem que se torna padre e nas palavras de W. James, subitamente “não custa nada deixar amizades, renunciar a privilégios e possessões, romper com laços sociais. Antes, uma obstinada alegria é encontrada na austeridade e desolação; e o que chamamos fraqueza de carácter parece na maioria dos casos referir-se à inaptidão a estes

humores sacrificiais, dos quais o eu inferior e as suas fraquezas devem frequentemente ser alvos e vítimas.” (ibid. 264) No mesmo sentido, o autor elabora:

O homem que vive no seu centro religioso de energia pessoal, e que é acometido por entusiasmos espirituais, difere do seu eu carnal anterior em formas perfeitamente definitivas. O novo ardor que arde no seu peito consome no seu brilho os inferiores ‘nãos’ que anteriormente o fustigavam, e mantém-no imune contra a infeção de toda a porção inferior da sua natureza. Magnanimidades antes impossíveis são agora fáceis; convenções triviais e maus incentivos outrora tirânicos não o persuadem. O muro de pedra dentro dele caiu, a dureza do seu coração fragmentou-se. (...) Tal como o é com as lágrimas e humores lamuriosos, assim o é com outras afeições exaltadas. O seu reino poderá vir por meio de um crescimento gradual ou uma crise; mas em qualquer dos casos poderá ter ‘vindo para ficar.’ (ibid. 267, 268)

Com esta mudança revela-se o que W. James designa como os “frutos da fé”, o que coletivamente constituem o que chama de caráter de “santidade”⁶⁵ (ibid. 271), cujos aspetos definidores enumera:

1. A sensação de se encontrar numa vida que vai além dos interesses egoístas e mesquinhos deste mundo (...) Na virtuosidade cristã este poder é sempre personificado por Deus; mas ideais morais abstratos, utopias civis ou patrióticas, ou visões interiores de santidade ou do que é certo poderão também ser sentidos como os verdadeiros regentes e elevadores da nossa vida (...).

2. A sensação da amigável continuidade do poder ideal na nossa vida, e uma disposição para a rendição ao seu controlo.

3. Uma imensa elação e liberdade, conforme os limites contidos da personalidade se desfazem.

4. Uma inclinação do centro emocional para afeições amorosas e harmoniosas, no sentido do ‘sim, sim’ e longe do ‘não’, no que concerne às reivindicações exteriores ao ego.

Estas condições interiores fundamentais têm consequências práticas características, sendo essas:

a. *Ascetismo* – A rendição pode tornar-se numa paixão tão significativa a ponto de se traduzir numa autoimolação. Pode obscurecer tanto as inibições comuns da carne que o virtuoso encontra

⁶⁵ O autor faz uso dos termos *saintlyness* e *saintly*, o que constituiu uma dificuldade de tradução. Optou-se pelo uso dos termos “santidade” e “virtuoso” no seu lugar, de forma a manter a proximidade aos termos originais mas também da intenção do autor, que não procurava evocar a busca de um estado sagrado literal com a descrição da conquista dos “frutos da fé”, mas antes o esforço de afastamento do que seria percebido pelo sujeito como a sua tendência pecaminosa, e a aproximação de um estilo de vida que consideraria mais alinhado com um ideal divino para a humanidade.

prazer positivo no sacrifício e ascetismo, afigurando-se para si estes medida e expressão do seu grau de lealdade ao poder absoluto.

b. Força da Alma – A sensação de elevação da vida pode ser tão animadora que motivos pessoais e inibições, comumente onnipotentes, tornam-se demasiado insignificantes para serem notados, e novos limites alargados de paciência e fortitude constituem-se. Medos e ansiedades desvanecem-se, e uma plena equanimidade toma o seu lugar. (...)

c. Pureza – A mudança do centro emocional traz consigo, primeiro, um aumento da pureza. A sensibilidade a desacordos espirituais torna-se mais acentuada, e a limpeza da existência de elementos brutais e sensuais torna-se imperativa. Ocasões de contacto com tais elementos são evitadas: a vida virtuosa deve aprofundar a sua consistência espiritual e manter-se imaculada do mundo. Em alguns temperamentos esta necessidade de pureza de espírito assume um rumo ascético, e as fraquezas da carne são abordadas com incessante severidade.

d. Caridade – A mudança do centro emocional traz, em segundo lugar, um aumento da caridade, simpatia por outros. Os motivos comuns para a antipatia (...) são inibidos. O virtuoso ama os seus inimigos, e trata os carenciados como seus irmãos. (ibid. 272-274)

Continuando a elaborar sobre este retrato, W. James afirma que para esta pessoa “a sensação da Presença de um maior ou amigável Poder parece ser o aspeto fundamental da vida espiritual” (ibid. 274), e um elemento motivador determinante do “êxtase religioso, o entusiasmo moral, a admiração ontológica e a emoção cósmica”, que se afiguram como o que designa por “estados unificadores da mente” – uma mente mudada, “na qual a rugosidade da individualidade se inclina a desaparecer, a ternura a reinar.” (ibid. 279) Um foco no amor é continuamente sublinhado como um dos traços centrais da doutrina cristã, e alguns dos principais ensinamentos de Jesus Cristo, conforme citados na Bíblia – amar o próximo, tratar o outro como se trataria a si, amar o seu inimigo, a importância da caridade –, constituem-se como princípios e ações cativadoras e emocionalmente recompensadoras para o crente que as coloca em prática, e de cumprimento essencial se desejar tornar-se no que é entendido como um *bom cristão*.

A fé na realidade espiritual e profetizada conforme descrita na Bíblia, num poder supremo onnisciente, na vontade divina e na sua perfeição, faz dessa fé uma poderosa força na adoção de outros aspetos igualmente fundamentais à disposição de um bom cristão. Pela noção de bom cristão não se implica tão somente o que se possa entender como um conjunto de normas ditadas por uma doutrina às quais o crente obedece por um mero sentido de obrigação – antes, a fé na verdade dos ensinamentos bíblicos e na ordem divina tornam estas aparentes obrigações em

aspectos que naturalmente integra no seu comportamento e entendimento. Estes aspectos poderão perfazer uma dimensão mais difícil de colocar em prática, se observados fora do contexto da fé.

Sob o poder da fé, sentindo a presença da força divina, a pessoa experimenta uma sensação de segurança que torna o “abandono do eu a este poder” total, conforme podemos encontrar no extremo da sua manifestação os exemplos daqueles que ficaram conhecidos como mártires, e menos extremos mas também de imenso impacto na vida pessoal os dos missionários e dos que dedicaram a sua vida à interpretação, orientação e reforma religiosa, casos que, nas palavras do autor, provam a “tranquilidade de mente que a rendição traz em circunstâncias naturalmente agitantes ou angustiantes.” (ibid. 285) Trata-se da “transição da tensão, responsabilidade e preocupação para equanimidade, recetividade, e paz”, o que descreve como “a mais maravilhosa de todas as mudanças de um equilíbrio interior”. Ainda conforme as suas palavras, enfatiza que “os cristãos que o praticam vivem no que é designado como ‘recolecção’⁶⁶, e nunca estão ansiosos sobre o futuro, ou se preocupam com o desfecho do dia.” (ibid. 269) Trata-se aqui precisamente dos aspectos “Equanimidade, Resignação, Fortitude e Paciência que traz” (ibid. 284), conforme James afirma.

O próximo aspeto que menciona é o que designou como “Pureza de Vida”, que descreve da seguinte forma:

A pessoa virtuosa torna-se enormemente sensível à inconsistência ou desacordo interior, e a desordem e confusão tornam-se intoleráveis. (...) O que não seja espiritual mancha a pureza da água da alma e é repugnante. (...) ...também existe um ardor pelo sacrifício de tudo o que seja indigno da divindade adorada. (ibid. 290)

Esta disposição da pessoa torna-a assim propensa a vir a achar ser impossível coexistir com o mundo exterior, crendo que apenas poderá manter a sua conduta e pensamento imaculados e corretos segundo a vontade divina no distanciamento do mundo – ou seja, praticando de algum modo do que é especificamente designado como ascetismo religioso. Este distanciamento, ou ascetismo, poderá assumir formas diversas, podendo esse distanciamento ser mais ou menos pronunciado, evidência que leva W. James à necessidade de fazer uma enumeração

⁶⁶ Uma forma de meditação. A prática da tentativa de exclusão de todas as distrações exteriores e interiores, e do foco na introspeção e no poder do divino, ou no seu efeito, tal como descrito, por exemplo, por Teresa de Ávila (1991: 83).

compreensiva destas formas, uma lista longa, da qual citamos algumas partes selecionadas pela sua maior relevância ao argumento deste texto:

(...) 2. Moderação na carne e bebida, simplicidade nas vestes, castidade (...), poderão ser frutos do amor pela pureza, que colidem com quaisquer aspetos do sensual.

3. Poderão ser também frutos de amor, ou seja, poderão atrair o sujeito à luz dos sacrifícios que faz com gosto para a divindade que adora.

4. (...) O devoto poderá crer que está a comprar a sua liberdade, ou a escapar sofrimentos maiores posteriores, ao se penitenciar agora.” (ibid. 296, 297)

Com estas palavras o autor sublinha a adoção de um comportamento considerado mais alinhado com a noção de pureza, repudiando o sujeito tudo o que possa associar ao seu contrário, como por exemplo o consumo de determinados alimentos e de substâncias que o levem a estados alterados, o materialismo e a vaidade, assim como a soberba que os poderá acompanhar, e a cedência à impureza dos “prazeres da carne”. Mas, ao mesmo tempo, sublinha igualmente a importância da noção de sacrifício neste contexto, como este sacrifício é verdadeiramente vivido, como não é fácil manter-se neste rumo de pureza, assim como a escolha deste caminho poderá ser de facto uma de sofrimento, um sofrimento que é racionalizado como natural por contrariar o que é a natureza pecadora do ser humano, e a ordem pecaminosa do mundo, este cheio de formas de sedução da pessoa para a desviar do seu objetivo.

A vida do crente poderá tornar-se assim numa de constante vigilância e desconfiança de situações encontradas no seu quotidiano, e o impacto da sua crença e receio poderá levá-la a efetivamente fazer escolhas que causem o seu sofrimento e até o de outros, mas estas escolhas tornam-se fáceis na racionalização de que o seu sofrimento é necessário para escapar a forças do mal que continuamente procuram fazer desobedecer à doutrina, e para agradar a Deus. O que fundamenta este entendimento é o facto de no cristianismo a “noção dominante de perfeição” ser de “natureza negativa”, ou seja, centrar-se no evitamento do pecado. Conforme W. James resumiu, “o pecado vem da concupiscência, e a concupiscência das nossas paixões carnis e tentações, sobre as quais reinam o orgulho, a sensualidade em todas as suas formas, e o apreço dos prazeres e posses mundanas. Todas estas fontes de pecado devem ser resistidas; e a disciplina e austeridade são uma forma eficaz de o fazer.” (ibid. 304) A fé torna uma ação ou juízo outrora difícil em algo fácil, o impensável numa possibilidade, e traz novos fundamentos de interpretação sobre o que é bom ou mau. Estas são novas perspetivas que no ponto de vista

do crente dificilmente são questionadas, pois vêm de uma vontade perfeita que transcende a capacidade e inerente imperfeição do ser humano, vontade essa que assim nunca será possível de realmente estar no alcance da pessoa de inteiramente entender, e assim, a poder colocar em causa.

No caso das Testemunhas de Jeová, é possível encontrar entre os seus membros exemplos claros do poder que a fé e a doutrina conseguem ter na mudança pessoal, e do tipo de vivência descrito por William James. São neste contexto igualmente fundamentais os aspetos da humildade, do amor, e da busca da pureza, à semelhança de outras doutrinas cristãs. Como formas de busca dessa pureza na conduta e pensamento – ou, conforme termos mais utilizado no grupo, para os manter “limpos” e “corretos” –, encontramos também o incentivo por parte do grupo à constante vigilância de ameaças desviantes e ao policiamento da conduta pessoal. Encontramos em essência o que é uma manifestação particular a este grupo de ascetismo, de busca da rejeição de tudo o que é “do mundo” e de ensinamento de formas para esse fim, de “como se manter separado do mundo”, conforme as suas próprias palavras⁶⁷. Este traço é fundamental à doutrina das Testemunhas de Jeová, fundamentando muitos dos seus ensinamentos, e um aspeto que a torna distinta, a par de algumas outras particulares interpretações doutrinárias. Sucintamente, algo que distingue o grupo é o facto de precisamente se procurar este evitamento, ao mesmo tempo que os seus membros levam a sua vida no seio do mundo, visto não se tratar de um grupo mais pequeno que se limite a uma área isolada, como outros o fizeram⁶⁸. Trata-se então, de diversas formas, de um desafio diário ao membro de manter a sua “retidão” face à constante tentação. Uma forma de se evitar estas influências exteriores é oferecida por meio da sugestão e inevitável ocupação do seu tempo, dedicando-o ao máximo à religião. A par deste princípio vem a necessidade do citado policiamento de si, ou seja, de se manter atento ao que se poderá afigurar como qualquer decisão, situação ou contexto que possa levar a pessoa a pecar, seja esta na forma da exploração de determinadas inclinações, preferências pessoais ou interesses, ou em avaliar os seus relacionamentos, quer estes casuais, de amizade ou até mesmo familiares. Visto o desafio que se coloca ao membro no cumprimento do seu papel, estes ensinamentos são continuamente enquadrados na noção de sacrifício, de que tudo o que é triste e difícil de fazer pela fé assim o é porque a pessoa se encontra a fazer o correto, porque é o contrariar da inclinação pecaminosa natural do ser humano, e porque, como

⁶⁷ Do capítulo “Como se manter separado do mundo”, da publicação *‘Mantenha-se no Amor de Deus’* (2017b: 50-61).

⁶⁸ Como o caso do estilo de vida em comuna do Peoples Temple (Melton 2023b) ou Children of God/The Family (Melton 2023a), por exemplo.

seguidora da Verdade, é expectável que seja um alvo contínuo de perseguição pelo mal, e que tenha de sofrer de várias formas para poder obter a salvação através da Verdade.

O conhecimento desse bem supremo que é a Verdade – assim como a obtenção da salvação que poderá significar –, apesar de se apresentar como uma dádiva da religião, não se usufrui sem um preço. Diferentes versões deste conhecimento último e do modo como o mesmo deve ser utilizado para obter a salvação ou redenção da pessoa ou da alma – ou tão simplesmente agradar ao divino – são dadas por diversas confissões, e a versão das Testemunhas de Jeová é notável, por um lado, pelo detalhe e exatidão que oferece, e, por outro, pela dimensão da sua exigência. À pessoa que se converte e cresce impõe-se a expectativa de continuamente se provar digna de carregar essa identificação – *Testemunha de Jeová* –, ou seja, o fardo de representar a religião verdadeira, a “única que agrada a Deus”. Perante o privilégio de pertencer a tal religião, acresce um requisito proporcional do seu membro, pois não basta a pessoa tentar fazer mais vezes o bem ao próximo, evitar mentir, enganar, ou causar outro tipo de dano, por exemplo, mas torna-se antes necessária uma total *transformação e dedicação da sua vida*. Existe uma distinção informalmente utilizada sobre o crente no catolicismo, a noção de “católico praticante” e “não-praticante” – para ajudar a clarificar, esta é uma noção que não seria de algum modo adequada em relação a ser-se Testemunha de Jeová. Ou se é, ou se não se pode sê-lo de forma absoluta, não se é.

De acordo com o grupo, Deus de facto deseja que a humanidade viva para a eternidade “em paz e felicidade num paraíso na terra”, que Ele “quer o melhor para nós”. Este é um facto pois será o que significa o “Reino de Deus”, a aprendizagem do qual será igualmente da vontade de Deus. Deus também desejará que aprendamos a andar “no seu caminho”, e para estes fins de aprendizagem Deus “organizou ‘um povo para o Seu nome’ com a missão de divulgar a sua vontade em toda a Terra”⁶⁹, entenda-se, as Testemunhas de Jeová. De modo a então obter esta recompensa de vida eterna num paraíso, a pessoa tem de conseguir agradar a Deus, e visto que as instruções corretas para esse fim se encontram na posse das Testemunhas de Jeová, o membro procura segui-las e adaptar-se e, ainda que possa ser um processo difícil, o deslumbramento com a descoberta da Verdade e a perspetiva da recompensa mantêm a pessoa motivada. A sua mudança, ou a sua transformação, são então essenciais para obter a felicidade, pois a primeira é o “caminho” e a segunda o seu destino.

⁶⁹ Do artigo “Qual é a vontade de Deus?”, da publicação *Quem Está Fazendo a Vontade de Jeová Hoje?* (2015a).

Não obstante, além destes aspetos é colocada uma forte ênfase na absoluta obediência e rendição, o que, tal como o cumprimento das orientações referidas anteriormente, pode vir naturalmente pela cativação que a pessoa sente por meio da crença, mas também são exigidas pela autoridade do grupo, o qual, apresentando-se como oferecendo a única religião verdadeira se coloca numa posição de autoridade altamente persuasiva para quem crê e, como poderemos verificar, a sua persuasão é admiravelmente eficaz, pelo que aqui se defende ser o que é em essência o sucesso em conseguir fundir a sua autoridade com a do divino, que no seu discurso acaba por se tornar na representação terrena do divino, inseparável da noção de “reino” de Deus.

Mais que uma mudança, poderemos então observar o que é uma verdadeira metamorfose individual. Por definição, temos metamorfose como uma “completa mudança de carácter, aspeto ou condição” (Cambridge University Press 2009), e para se atingir esta dimensão é preciso dar-se uma mudança de perceção como a que ocorre na conversão às Testemunhas de Jeová, do mundo e de si próprio, um mudança assim também da sua relação com esse mundo e da forma como a pessoa se pensa no *seu mundo*, se entende e busca, e como percebe o que é outro por oposição, na adoção de um tipo de perspectiva cultivada pelo grupo, profundamente polarizada, que se resume ao dualismo bom/mau, entre o que é “de Deus” ou o seio do grupo, e tudo o que lhe exterior e alheio aos seus ensinamentos. Ao longo do presente capítulo explorar-se-á em detalhe todos estes aspetos que no seu conjunto operam sinergicamente na concretização desta metamorfose do convertido, e que, noutros casos, simplesmente e constituem o que é necessário para se ser uma *boa* Testemunha de Jeová.

Poder-se-á então resumir o objeto fundamental deste capítulo à resposta das questões “O que significa ser Testemunha de Jeová?” e “De que forma ser Testemunha de Jeová impactua o sujeito?”. A par da resposta a estas questões, poderemos entretanto perceber o que leva o convertido ou o indivíduo que cresce na religião a permanecer, o que a experiência da vida no grupo significa especificamente nesta situação, e o que fundamenta a pertença a longo prazo ao grupo.

Conheceremos então o que é ser plenamente Testemunha de Jeová, o que tal implica em mudanças, esforços e exigências, e o que motiva estes na pessoa, além de que consideraremos os ensinamentos e requerimentos que informam os mesmos. Fá-lo-emos por meio de três secções que compõem um retrato que é gradualmente aprofundado, desde os seus aspetos mais notórios e exteriormente manifestos aos processos interiores mais íntimos e complexos, o que nos permitirá progressivamente clarificar a raiz desta imensa metamorfose que se apresenta.

Assim, começaremos por observar a forma como o quotidiano, objetivos, ambições e projetos de vida do convertido se começam a modificar – e como os do nascido no grupo são completamente determinados – conforme se integra no grupo e assimila a sua doutrina e padrões; em seguida perceberemos como esta assimilação leva a mudanças no aspeto, comportamento e interesses da pessoa, ou seja, na sua expressão individual; e, finalmente, revela-se como a sua perceção de si e do seu contexto muda, que é simultaneamente fruto deste processo de assimilação e o seu alicerce, e um fenómeno e processo para o qual encontramos no pensamento fenomenológico uma valiosa ajuda na sua clarificação.

A relação com o mundo, com os outros e consigo é determinada em diferentes aspetos pela religião, e de diversas formas. O sujeito informa-se no seu contexto, ou seja, no seu mundo, cujo significado é determinado pela religião, significado este caracterizado pelo ascetismo que permeia a sua doutrina. Assumindo o carácter do mundo e a relação das Testemunhas de Jeová com o mesmo um papel tão fundamental no seu conjunto de crenças, enquanto membro este transfigura-se aos seus olhos, transparecendo uma relação fenomenológica com o mesmo – determinada e mediada pela doutrina – que informa o *Eu*.

Além dos objetivos gerais apontados, iremos procurar ilustrar de modo detalhado da complexidade e relevância que o termo *mundo* assume na doutrina das Testemunhas de Jeová. O mundo é constituído pela totalidade que é exterior ao grupo, e informa a sua doutrina e torna-o distinto na sua posição fundamental de oposição face ao mesmo. Mas este papel que o mundo desempenha para o grupo, e esta relação que o mesmo mantém com ele, assim como esposada pelo indivíduo, é uma questão para a qual poderemos encontrar esclarecimento na fenomenologia – um movimento filosófico que se define pelo estudo da experiência, mais especificamente, “o estudo das estruturas da consciência conforme experienciadas na perspetiva da primeira pessoa” (Smith 2018) –, e com a ajuda da mesma, poderemos perceber melhor os processos que se encontram em questão por detrás desta transformação do membro.

Um dos autores mais prolíficos desta corrente, senão o mais notável, foi Martin Heidegger, e são as suas ideias que nos serão aqui das mais importantes para fundamentar a desconstrução de fenómeno enunciado. Central à sua obra é o foco no que designa de *Dasein* – *Dasein*, o “lá” (Da) onde o ser (Sein) se mostra (Dostal 1993: 153) –, que se define como *ser-no-mundo* e pelo seu carácter de historicidade (ibid. 151). Em *Ser e Tempo* (2016), Heidegger procura, acima de tudo, clarificar o “significado do Ser”, e na introdução desta obra apresenta a fenomenologia como significando “primariamente uma conceção metodológica”, “um método descritivo que

permite que as coisas se mostrem como são”, buscando a “ontologia fundamental” que significa “conhecimento a priori ou necessário”, ou seja, que estabelece os “conceitos e pressupostos básicos destas áreas ao tornar claras as estruturas básicas ou ‘formas’ do ser.” (Dostal op. cit. 152) Elaborando sobre este tema, Heidegger afirma que a “questão do Ser” evidencia que a “problemática central de toda a ontologia se encontra enraizada no fenómeno do tempo.” (Heidegger 2016: 40) Descreve o Ser como intrinsecamente temporal, sendo a sua capacidade em “encontrar as coisas *como* isto ou aquilo” também temporal (Dostal op. cit. 154). Assim, a sua compreensão constitui-se nos termos da temporalidade (*Zeitlichkeit*), e para podermos compreender o Ser o nosso entendimento deve assumir um carácter semelhante.

O Dasein, como *ser-no-mundo*, define-se pelo facto de para Heidegger o Eu e o mundo serem unos. O mundo não é externo mas constituinte do Dasein, pois o seu contexto material e social, história e produção cultural, fazem parte integral de si. Dada esta certeza, uma parte fundamental da análise do Dasein pelo autor foca-se precisamente na “explicação do que quer dizer estar no mundo, de como nos encontramos por relação a coisas no mundo no ‘quotidiano comum’”, e é este “‘estar em relação’” que se revela o “carácter mundano” (*worldly*) do Dasein. O indivíduo compreende-se a si próprio e ao seu mundo por meio dos seus “envolvimentos práticos e projetos”, e por estado de espírito – ou “disposição” (*Befindlichkeit*) – refere-se “a forma pela qual nos encontramos já predispostos a coisas nesta ou aquela maneira”. Os dois são aspetos da dimensão de cuidado (*Sorge*) do Dasein:

Heidegger define ‘cuidado’ como o Ser do Dasein. É um nome para o todo estrutural da existência em todos os seus modos, para as mais gerais e básicas possibilidades de descoberta e revelação do eu e do mundo. Sentido com mais agudez no fenómeno da ansiedade – o que não é medo de nada presente mas a consciência do meu ser-no-mundo como tal – ‘cuidado’ descreve as formas como me envolvo na questão do meu nascimento, vida e morte, seja por meio dos meus projetos, inclinações, introspeções ou ilusões. ‘Cuidado’ é a designação compreensiva de toda a minha preocupação por outras pessoas, preocupações com coisas, e da consciência do meu próprio Ser. Expressa o movimento da minha vida, que sai de um passado e entra em um futuro, através do presente.” (ibid. 200)

Sorge contém em si a descrição de três estruturas do Dasein: “(1) à sua frente (compreensão), (2) já em (disposição), e (3) a par”, às quais Heidegger se refere como “existencialidade, facticidade, e enredamento⁷⁰”. Estes três aspetos de *Sorge* possuem

⁷⁰ Tradução do termo “*fallenness*”, conforme a versão inglesa de John Macquarrie e Edward Robinson (2016). Na base do mesmo encontra-se originalmente o termo *Verfallen* de Heidegger, que numa tradução literal do alemão – dependendo do contexto – poderá significar expirar, desmoronar, decair ou degenerar, mas que, de acordo com a tradução mais recente de *Ser e Tempo*, de Joan Stambaugh

igualmente um caráter temporal e correspondem às três dimensões do tempo, sendo, pela mesma ordem, referente ao futuro, ao passado e ao presente, e é assim concretamente em *Sorge* que encontramos a unidade do Dasein. Qualquer momento da vida do Dasein contextualiza-se nestas três dimensões, e o presente é sempre um “cruzamento do passado e do futuro”, revelando o seu caráter de transcendência, pois o presente transcende o que poderia ser meramente o presente, e é “ao mesmo tempo o passado e o futuro.” Não obstante, outro aspeto que Heidegger nota é que o Dasein poderá “viver a sua temporalidade de forma autêntica ou inautêntica”, pois: “muitas vezes o Dasein é inautêntico e enredado, envolvido e perdido no presente de uma forma que o afasta do seu autêntico futuro (...) e do seu passado.” Uma certeza que o futuro guarda para o Dasein é a morte – o que leva o autor a notar outra possível definição do Dasein, como ser-para-a-morte –, e no “momento autêntico” (ibid. 156) o Dasein “reconhece e aceita” a sua mortalidade, e enquanto o presente guarda como prioridade a inautenticidade, o futuro aproxima-se da autenticidade (ibid. 157).

Para ilustrar o seu argumento, em *Ser e Tempo* Heidegger exemplifica a relação do Dasein com o mundo com o trabalho numa oficina. Em primeiro lugar as coisas são experienciadas de forma prática, como equipamento (*Zeug*). O equipamento da oficina é *zuhanden*, ou “está-à-mão”. Apenas quando uma ferramenta se danifica ou não pode ser encontrada é que a encaramos como presente de certa forma, “ou seja, como tendo certas propriedades, ou como não estando presente de todo.” (ibid. 161) As ferramentas são construções humanas e são definidas por uma rede de envolvimentos humanos. Mas noutro exemplo Heidegger fala de um agricultor que olha para o céu em busca de sinais de chuva. Nas “coisas da agricultura o vento é descoberto no seu Ser” (Heidegger 2016: 112). “A oficina e os campos são parte do mundo do Dasein. O Dasein é ontologicamente definido como mundano no seu ser-no-mundo.” Ser mundano não é uma propriedade ontológica da natureza, mas o Dasein apenas encontra a natureza no mundo, pelo que a chama “intramundana”. (Dostal op. cit. 162) Os movimentos da natureza são independentes do tempo. A natureza apenas se encontra no tempo conforme é encontrada pelo Dasein no seu mundo, enquanto parte da história e cultura. (ibid. 163) Com isto salienta como não podemos conhecer as coisas em si, apenas conforme nos aparecem. (ibid. 164)

(2010), deve assumir outro significado, de acordo com a intenção específica de Heidegger. Ao contrário do sentido literal de “*falling*” (cair, cair em) em inglês, deverá ser antes entendido como “*falling prey*” (tornar-se presa) de algo, referindo-se a um dos aspetos da condição do Dasein no seu “quotidiano”, de “*entanglement*”, ou seja, em português, de “emaranhamento” ou “enredamento” nesse “quotidiano”, sendo comunicada a ideia de aprisionamento no mesmo.

De acordo com estas evidências, Heidegger salienta que “a visão cristã de que ‘estamos no mundo, mas não somos do mundo’ é transformada. Tanto estamos no mundo como somos do mundo.” Explica: “O cristão vê a humanidade do ser humano, a *humanitas* do *homo*, em distinção de *Deitas*. É o ser humano da história da redenção, o qual, como ‘filho de Deus’, ouve e aceita o chamamento do Pai em Cristo. O humano não é deste mundo, pois o ‘mundo’, nos termos da teoria Platónica, é apenas uma passagem temporária para o além.” (ibid. 200) Mas seja qual for a perspectiva, a *humanitas* do *homo humanus* é determinada por relação a uma “interpretação já estabelecida da natureza, história, mundo e o terreno do mundo, ou seja, dos seres enquanto um todo.” (ibid. 202)

Se adotarmos este mesmo entendimento sobre o mundo e o seu papel na vida da pessoa, então poderemos compreender melhor como membro das Testemunhas de Jeová e crente na sua doutrina vê a sua perceção do mundo alterada enquanto determinada por tal e, por sua vez, esta perceção resulta igualmente num entendimento alterado de si, enquanto determinado pela sua relação com o mesmo, conforme Heidegger nota. Tanto o entendimento do mundo e de si, como o tipo de relação que mantém com o primeiro revela-se no membro deste grupo como um fruto específico da sua doutrina.

Nesse sentido, iniciamos a nossa exposição com uma reflexão sobre o papel que o *tempo* assume no grupo.

III.I.

Um Novo Quotidiano, Objetivos, Propósitos

O Tempo, o Divino e o Crente – “A Bênção é Proporcional ao Esforço”

Notámos que no olhar da Testemunha de Jeová o passado assume um significado renovado na conversão: uma vida pecaminosa, menos significativa ou que apenas se revela ter sido um suceder de acontecimentos que foram necessários para o encontro e aceitação da verdadeira fé; e para quem cresceu na religião, até ao seu batismo, estes são anos de estudo e desenvolvimento, para se preparar para uma vida como Testemunha de Jeová. Em qualquer um dos casos, após o batismo chegamos a uma fase de plenitude como membro das Testemunhas de Jeová – a perspectiva de uma nova vida na Verdade, novas hipóteses de desenvolvimento e responsabilidades dentro do grupo apresentam-se, assim como o dever da correta representação

do mesmo. A vida como Testemunha de Jeová é repleta de deveres e encontra-se sujeita ao cumprimento rigoroso de expectativas, tanto estritamente perante o grupo como perante o divino, e todo o cotidiano e a percepção do trajeto de vida da pessoa é determinado pelas mesmas e pela crença que vive um tempo que lhe é particularmente precioso.

Para algumas Testemunhas de Jeová, a realização do seu batismo é também um momento em que a sua motivação para continuar e crescer como membro, e a sua devoção, são reforçadas. Esta fase do seu percurso é capaz de trazer uma força ainda maior para investir em si e no seu futuro neste sentido. Conforme as palavras de Gabriel, por exemplo, face a este evento afirma ter-se sentido feliz, porque acreditava que Deus o tinha escolhido, que ia “ser daqueles que vai viver para sempre.” Para Laura foi um verdadeiro ponto de viragem: no rescaldo da morte da sua mãe, após o seu batismo afirma ter tido pela primeira vez capacidade para assistir a todos os dias dos congressos, apegou-se ainda mais às suas amigas na religião, ficou “ainda mais determinada”, e não muito tempo depois conhece o seu marido, também Testemunha de Jeová à altura. Seja no caso de Laura, Gabriel ou outro, e independentemente do que o motiva, para o recém batizado membro uma nova realidade abre-se perante si, a qual na sua dimensão mais elementar e imediata se pauta pelo seu esforço de dedicação ao grupo. Dedicar-se exclusivamente à fé das Testemunhas de Jeová significa não apenas exclusividade na escolha da adoração religiosa, mas também a dedicação máxima do quotidiano e a construção dos objetivos de vida e ambições em torno da concretização do que é então percebido como sendo a vontade divina para a vida da pessoa.

O tempo é um fator significativo na vida do membro das Testemunhas de Jeová, para o qual tem uma dupla importância: enquanto algo que é constantemente vivido como se estivesse escasseando, dando assim um sentido de urgência que acompanha a sua missão evangelizadora; e face a esta sensação de eminente resolução do mundo e importância da sua missão, como uma oferta preciosa, à luz da consciência da importância de não perder o “tempo que resta” com preocupações consideradas marginais em relação à obra religiosa. Num artigo intitulado “Você fará sacrifícios pelo reino?” (Testemunhas de Jeová 2013a), o grupo afirma que Jesus Cristo terá sacrificado na sua vida coisas que lhe seriam importantes – tais como, para citar, “uma vida de luxo” ou “ter filhos” – para se focar em “promover os interesses do Reino”, assim como os

seus seguidores “abriram mão de muita coisa para apoiar o Reino de Deus.” Face a este exemplo, o texto confronta o leitor com a necessidade de se perguntar “O que é mais importante na minha vida?”, questão à qual logo em seguida responde, afirmando que para se ser um “cristão verdadeiro” e manter “uma boa relação com Jeová”, a pessoa deve “tirar tempo e fazer esforços para orar, ler a Bíblia, realizar a adoração em família, assistir às reuniões e participar no ministério de campo”, e até “para servir em Betel, apoiar construções de Salões do Reino e Salões de Assembleias, organizar congressos”, por exemplo, pois ainda que este exemplo de esforço adicional não seja “um requisito” para conseguir a salvação, “ele é vital para os interesses do Reino.” Conforme é possível notar na escolha de palavras do grupo, o limite entre o que é o “Reino de Deus” efetivamente referido na Bíblia e a organização religiosa Testemunhas de Jeová parece frequentemente desvanecer-se. Atividades e ações que se referem estritamente aos interesses da organização são frequentemente descritas como se relacionando diretamente com o benefício do “Reino”, ou como o comportamento correto para que se possa manter uma adequada posição perante Deus e as suas exigências. Acreditando que esta é a única religião verdadeira existente e a única comunidade capaz de oferecer a oportunidade de salvação, a argumentação não suscitará dúvidas, e fazer “sacrifícios voluntários” pelo “Reino” é algo que certamente “aumentará a (...) alegria” do membro, que nesse sentido deve considerar seriamente como utiliza o seu “dinheiro, energia e habilidades”, assim como o seu tempo.

No caso do artigo em causa, por necessidade de dedicação de tempo é entendida a necessidade de haver quem se possa dedicar à tradução e publicação do material textual do grupo, à construção dos salões do reino e organização de congressos e assembleias, por exemplo, entre outras atividades; no que concerne ao uso do dinheiro, é lembrado que uma determinada quantia é necessária para manter as atividades do grupo (o termo utilizado no texto é “Reino”), como as anteriormente citadas e as despesas de superintendentes, pioneiros especiais e missionários, custos cuja cobertura dependerá dos donativos dos membros; em último lugar, ao mencionar as “energias e habilidades” o texto salienta o quanto Deus apoia o membro quando o mesmo as usa a “favor do Reino”, em, por exemplo, trabalhos relacionados com a construção de salões do reino. “É bom analisarmos se as nossas prioridades estão em harmonia com as prioridades de Jeová”, sublinha o texto, e mesmo que a pessoa viva com algumas dificuldades financeiras ou até mesmo em situação de pobreza, é lembrado o valor do sacrifício dos que se encontram em tais situações em darem o pouco que podem em termos de dinheiro e/ou trabalho, pois “Jeová se agrada quando os que são pobres em sentido material se sentem motivados a dar com alegria”, e cada um deve dar “de modo proporcional à bênção

que Jeová” lhes dá. Dedicar o seu tempo ao grupo implica ainda o que é necessário para o cumprimento mínimo das atividades religiosas esperado do membro, o que é absolutamente vital e inquestionável para o mesmo, até porque, conforme João explica, o seu incumprimento coloca desde logo o indivíduo numa posição problemática:

“...uma pessoa que seja inativa, ou antes, não inativa, mas improdutiva, isso é mal-encarado, como uma justificação de que a pessoa não está bem espiritualmente. Por exemplo, se a pessoa não assistir às reuniões todas, se tiver menos atividade de serviço de campo, é logo rotulada como estando mal espiritualmente.”

A consciência deste facto e adoção da mesma perspetiva traduzem-se frequentemente na conclusão de John D. Barbour, de que “a distração, esquecimento e performance negligente tornam-se ocasiões de imenso desprezo de si próprio.” (Barbour 1994: 19), e assim a ocupação do tempo acaba por assumir um papel central, envolvendo a vida de cada membro em todas as suas dimensões, impondo limitações à forma como podem ser vividos vários dos seus aspetos não relacionados com a religião. Mariana exemplifica:

“(...) é assim: duas reuniões por semana, e as pessoas são ensinadas a prepararem-se em casa, a estudar... e depois mais a reunião em família, todas as famílias devem fazer a adoração em família – mais tempo. Depois o fim de semana é para a reunião, outro tempo livre é para ir à pregação, depois de 6 em 6 meses, intervalados com o congresso de distrito, são as assembleias de circuito... (...) Portanto, não sobra tempo nem energia para mais.”

O artigo é, não obstante, finalizado com um lembrete de que estes “sacrifícios” não devem colocar em causa o equilíbrio entre o que é considerado como as principais responsabilidades da pessoa, as familiares e espirituais, pois esta dádiva de tempo e recursos não deverá negligenciar o “bem-estar físico e espiritual” da mesma e da sua família. Poder-se-ia dizer que dar, ainda que pouco, já será certamente suficiente para a pessoa poder ser uma boa Testemunha de Jeová, ou antes, poder dar provas de que deseja fazer o correto perante Deus, e que o seu bom carácter é digno da sua bênção. Mas a potencial dádiva de trabalho e/ou dinheiro de acordo com as possibilidades da pessoa não é em si o suficiente para poder dar provas do seu valor, dada a necessidade, progredir enquanto membro e não levar um estilo de vida desadequado a uma Testemunha de Jeová. Conforme o próprio artigo afirma, não se trata apenas de dar conforme “se pode”, mas de cada pessoa ter as suas prioridades definidas de acordo com o que mais agrada a Deus. O que será então preciso para se poder atingir este requisito? E como se torna possível encontrar tempo suficiente para ser uma Testemunha de Jeová exemplar e ao mesmo tempo manter uma vida pessoal com equilíbrio? Conforme uma expressão que tem sido

comumente utilizada pelo grupo, uma Testemunha de Jeová dedicada a agradar a Deus deverá ter bem definidos os seus “alvos espirituais”⁷¹, e cumpri-los.

Estes “alvos” são normalmente citados em referência ao estudo da Bíblia e das publicações das Testemunhas de Jeová, ao batismo, ao serviço em Betel, ou seja, de forma geral, em aprofundar o conhecimento doutrinal e o envolvimento na religião, aspeto que é invariavelmente marcado pelo progresso do membro na hierarquia do grupo. Numa perspetiva global sobre o sistema hierárquico das Testemunhas de Jeová, o sociólogo Rodney Stark e o economista Laurence Iannacone sumaram a sua essência com as seguintes palavras: “Num sentido importante, todos são membros leigos e, noutra sentido, todos pertencem ao clero. Os líderes (chamados anciãos) de uma dada congregação são selecionados de dentro e existe rotina e frequente mudança. (...) Não obstante, todos os membros servem como clero para o mundo.” (Stark e Iannacone 1997: 146) Apesar da veracidade desta descrição de um carácter comum aos membros apesar dos seus diferentes estatutos, é igualmente verdade que as Testemunhas de Jeová são um grupo fortemente hierarquizado. A progressão na hierarquia do grupo é um esforço desejado por ser entendido como não apenas significando a dedicação ao grupo, mas também do desejo de se mostrar como uma pessoa digna perante o divino, e tanto uma coisa como outra encontram o seu modo de verificação no acréscimo de responsabilidades e influência no grupo, e esta progressão afigura-se também como uma nova força motivadora, ou objetivo de vida.

Logo após o batismo, o crente fica instantaneamente estabelecido no grupo como publicador batizado, estatuto que efetivamente marca o início do seu progresso na hierarquia do grupo, agora efetivamente como membro. Algum tempo depois, se continuar a desempenhar corretamente as atividades religiosas, a ser assíduo nas reuniões, estudos e na pregação, e a manter no geral um comportamento e prestação positivas, brevemente deparar-se-á com a sugestão de progredir para pioneiro, se não procurar essa possibilidade antes. Sobre este ponto Rafael recorda algumas palavras marcantes: “Havia uma pergunta que era terrível, que faziam na tribuna, que era: ‘Pode justificar perante a Jeová que não é pioneiro?’”

⁷¹ Conforme explicado por Laura: “Nas matérias que são publicadas o que é incutido e dado como exemplos de alvos espirituais é aumentar horas de pregação, fazer de pioneira auxiliar, tornar-se pioneira regular, porque não missionário? Se é homem porque não dar passos para ser servo ministerial? Porque não dar passos para ser ancião? Isso está muito nas publicações e fica-nos gravado que ter alvos espirituais é como disse, é ter cargos, é ter privilégios, como eles chamam, para podermos ser pessoas, espiritualmente, consideradas fortes.” Um artigo de exemplo da autoria das Testemunhas de Jeová que menciona o tema intitula-se “Por que os cristãos se devem esforçar para fazer mais?” (Testemunhas de Jeová 2022a).

Tornar-se pioneira/o é o passo seguinte tanto para homens como para mulheres, se assim o desejarem. Todos os membros das Testemunhas de Jeová são publicadores e é expectável que façam um mínimo de serviço de pregação, mas um pioneiro distingue-se por ser um “evangelizador a tempo integral”. Existem três categorias de pioneiros, sendo a mais convencional a de *pioneiro regular*, o que significa que a pessoa assume o compromisso de fazer um mínimo de 70 horas mensais de pregação, o que para muitas pessoas desde logo significa a impossibilidade de, por exemplo, manter um emprego a *full-time*. Para outras pessoas que desejem demonstrar esta dedicação mas que de facto não possam sacrificar o mesmo número de horas, existe uma categoria suplementar, a dos *pioneiros auxiliares*, o que significa que se comprometem a fazer um mínimo de 30 ou 50 horas mensais nos meses em que o desejarem, bastando para tal manifestarem a intenção e se comprometerem a atingir esse objetivo antes de começar o período em que o mesmo decorrerá. Além destas duas categorias existe a possibilidade da pessoa se tornar *pioneira especial*, que é uma pessoa que não trabalha de todo e que é suposta dedicar o seu quotidiano inteiramente ao grupo, sendo enviada por Betel para áreas do país que estejam mais carenciadas de membros, prestando apoio às atividades da congregação de diversas formas, e que deve fazer um mínimo de 130 horas mensais de pregação⁷². Um pioneiro especial é assim uma pessoa cujas necessidades básicas são suportadas pelo grupo, devendo o local onde vive ser oferecido pela congregação que a recebe, recebendo uma pequena compensação mensal por parte da organização para cobrir custos pessoais e outras ajudas esporádicas por parte dos membros da congregação de acolhimento⁷³.

⁷² Conforme elaborado no artigo “O que é um pioneiro?”, da publicação *Quem Está Fazendo a Vontade de Jeová Hoje?* (2015a: 16).

⁷³ Gabriel oferece uma explicação mais aprofundada sobre este estatuto: “Um pioneiro especial é uma pessoa que vive para a congregação, não tem emprego, e portanto tem que fazer umas quantas horas de pregação por mês, bastantes até, é como um trabalho de tempo inteiro para a congregação, e a congregação paga as despesas da casa, uma casa, enfim, modesta, havia um limite que se podia gastar para alojamento. (...) Sim, há um processo de escolha. Portanto, essas pessoas que fazem esse curso como eu fiz – que são normalmente 25, 22, 23 –, nesse curso há sempre pessoas que se destacam nos exames, ou porque são mais empenhadas, ou porque... enfim, são mais leais, e comportam-se de acordo com aquilo que se espera. Portanto, se a pessoa for muito indagadora ou conflituosa é à partida excluída, só interessam pessoas que são leais à organização. E, portanto, dentro desses são escolhidos alguns que manifestem interesse em dedicarem-se mais à causa e nesse ano havia quatro pessoas, que era eu e mais três pessoas que foram escolhidas para poderem ser – diga-se assim – missionários ou pregadores a tempo inteiro. Na altura perguntaram se eu tinha interesse em fazer isso e eu aceitei. (...) Normalmente eram escolhidos de acordo com a necessidade do país. As congregações são visitadas por um superintendente de circuito e esse homem que faz visitas de uma semana em cada cidade é que vai ver onde é que há necessidade de haver uma pessoa dedicada à pregação a tempo inteiro e depois faz uma recomendação a Betel: ‘olhem, na cidade tal fazia falta alguém para ajudar a congregação’, e de acordo com esses pedidos são escolhidas as pessoas que são enviadas (...) ...normalmente dessas escolas podem ir diretamente para missionários, mas os missionários quase

Florbela relata ter chegado a ser pioneira regular, assim como Mariana, Madalena e Susana, aos 16 anos, Gabriel desde os 14, e Cláudia, que apenas alguns meses depois de se batizar atinge esse estatuto. Já João explica que gostava de ter sido pioneiro à altura mas que nunca chegou a ser por precisar dedicar mais tempo à sua atividade profissional, mas a sua esposa chega a ser. Rafael também não se tornou pioneiro, mas no seu caso por acima de tudo afirmar que na verdade nunca sentiu uma grande inclinação para a evangelização, embora tenha servido como pioneiro auxiliar ocasionalmente. Por sua vez, Rute desiste do seu percurso escolar ao acabar o 9º ano e começa a trabalhar, inteiramente por sua vontade, conforme enfatiza, pois não existiria qualquer pressão da sua mãe para esse fim. Torna-se então pioneira, e continua durante 10 anos, entre os 16 e 26 anos, parando somente a partir do nascimento do seu filho. Rute explica a sua motivação:

“...é assim, estava iminente o fim do sistema, eu acreditava piamente nisso, e queria servir durante os últimos anos do sistema na obra da evangelização para avisar o maior número possível de pessoas de que isso se iria passar. Eu acreditava a cem por cento nisso, por isso eu fiz com fé. (...) Comecei a trabalhar ainda com 15 anos, no meu primeiro emprego a part-time. (...) Foi sempre em part-time até aos... cerca dos 20 anos de idade. Depois comecei a trabalhar a tempo inteiro, a ser pioneira ainda (...). Eu respirava religião, a religião era a minha vida.”

Depois de se batizar Laura torna-se publicadora batizada, e poucos meses depois é entrevistada numa assembleia de circuito, na qual recorda ter afirmado que um dos seus alvos espirituais era torna-se pioneira regular, à semelhança da sua instrutora, e esforça-se para o conseguir. Na sua altura o número mínimo de horas era superior ao atual, sendo então 70, e procura emprego a part-time e começa a sair em horários tardios para ter a possibilidade de atingir essa meta, mas acaba por desistir por não conseguir suportar o cansaço que este quotidiano lhe trazia. Começa então apenas a servir como pioneira auxiliar quando havia essa hipótese, função que na sua altura exigia ainda um mínimo de 50 horas mas que a partir de 2011 passa para 30, exigência que então acreditava não deixar lugar para haver desculpas para não o fazer.

sempre passam algum tempo como pioneiro especial para ganhar alguma experiência a trabalhar a tempo inteiro para a organização. A diferença entre pioneiros especiais e missionários é que os pioneiros especiais trabalham dentro do país e os missionários são enviados para outro país e... o que acontecia é que muitas vezes eram enviados como pioneiros especiais para as ilhas, e esse era o primeiro passo para serem enviados como missionários para países de expressão portuguesa ou para Macau, etc. Mas as pessoas que falam muito bem inglês podiam ser convidadas para fazer uma escola missionária nos Estados Unidos, a escola de *Gilead*.”

Aos 18 anos Tiago intensifica a sua atividade, e começa a declarar uma média de 20 horas mensais, e por várias vezes chega a fazer 50. Serve assim várias vezes como pioneiro auxiliar enquanto estudava, cerca de três a quatro meses por ano, até começar a trabalhar a tempo inteiro, e um ano e nove meses depois desiste:

“Porque lá no curso diziam que o pioneiro tinha de ter uma rotina saudável, equilibrada, e eu não tinha. Eu era trabalhar até às 6 da tarde (...), eu já apanhava um trânsito horrível, tinha irmãs que esperavam por mim... e depois ia pregar até às 10/11 da noite. À hora de almoço é que eu estudava as reuniões. Até que eu, em 2005, estou quase a cair para o lado e desisti. Desisti de ser pioneiro mas continuava como publicador.”

Quando termina o ensino secundário, Raquel não continua os seus estudos e passado alguns meses torna-se pioneira regular, e permanece como tal até um ano depois de se casar. Já os seus pais tinham sido pioneiros especiais. Mas Raquel acaba por não conseguir conciliar esse serviço com as suas responsabilidades laborais e familiares, mas sublinha que continuou igualmente dedicada, procurando servir como pioneira auxiliar quando era possível, mesmo com tempo limitado:

“...na época do memorial, que estava como pioneira auxiliar - como trabalhava as horas eram feitas em intervalos, horas de almoço (...) ...e tinha duas horas de almoço e comia uma sopa em dez minutos... elas viam-me a vestir a sainha, a mudar de roupa e a ir... hoje uso saia e vestido, mas aquelas saias e vestido eram sempre abaixo do joelho, não ia trabalhar assim, não me sentia confortável. (...) ...eu levava a religião mesmo de coração, eu era muito zelosa, eu gostava de pregar, de dar estudos bíblicos, de ensinar as pessoas, eu acreditava mesmo naquilo.”

Mas Carlos e Laura recordam igualmente como a dado momento era difícil equacionar a sua vida laboral com a religião:

“Entrava em conflito no sentido dos horários. Na altura trabalhava numa agência que era muito complicado em termos de horário, eu sabia a que horas entrava mas nunca sabia a que horas saía, fazíamos muitos serões, diretas, era horrível. Eu nunca podia fazer planos, era muito complicado. (...) Às vezes pedia a alguém para me substituir, ia para o trabalho, saía para ir à reunião e ainda voltava ao trabalho, foi muito sacrifício...” – *Carlos*

“Não durou muitos meses, acho que tive meio ano até me começar a cansar e pensei para mim: 'Não, eu tenho é que fazer o melhor que puder e mais nada, eu acho que isto não está a fazer sentido.' E foi quando eu comecei também a pensar: 'A Bíblia não fala em horas, então também não tenho que estar focada em horas', e então larguei essa ideia. (...) Ser pioneiro, ter de fazer tantas horas para não

ser visto como fraco espiritualmente... (...) Isto não é uma fé vivida, é uma fé sofrida. (...) Acham que têm de continuar assim, isto fica muito gravado.” – *Laura*

Por sua vez, Gabriel oferece um testemunho na primeira pessoa sobre o que é tornar-se pioneiro especial. Antes disso, Gabriel havia terminado a sua licenciatura e continuado para o mestrado, mas ao mesmo tempo recebe um convite para fazer um curso de duração de dois meses em Betel, chamado *Escola de Treinamento Ministerial*, ou ETM, a qual se afigura como “um curso que prepara as pessoas para funções de liderança nas Testemunhas de Jeová”⁷⁴. Tem sucesso neste curso e a demonstração das suas capacidades levam-no a ter a oportunidade de ficar alguns meses em Betel a trabalhar no escritório de traduções, mas sente necessidade de mudar, pois “não gostava de estar em um sítio apenas”, e pede para ficar neste tipo de serviço a tempo inteiro mas noutra localidade. Então é posteriormente enviado para uma localidade numa zona distante no país, iniciando assim o seu percurso como pioneiro especial, e adquirindo o cargo de presidente de uma congregação.

Para a mulher, tornar-se qualquer tipo de pioneira é a posição mais alta que pode atingir no grupo, isto é, à exceção de se poder tornar missionária ou betelita. Mas, para o homem, existem outras opções. Nas Testemunhas de Jeová apenas os homens podem ter a responsabilidade de pastorear e de ministério, e também são os únicos que podem deter posições de carácter administrativo na congregação e nas sedes (Betel), e para se iniciar neste caminho o membro em causa precisa de primeiro chegar a *servo ministerial*. Para ser servo ministerial o membro não tem de ter sido pioneiro antes, mas conforme se nota na publicação *Organizados para Fazer a Vontade de Jeová* (2019a), dos servos ministeriais é esperado que “tenham uma vida cristã exemplar, sejam homens responsáveis e cuidem bem das suas designações” (ibid. 53); devem ser “ativos no ministério todos os meses” pois, à semelhança do exemplo de Jesus, “eles demonstram zelo pelo ministério”, zelo que “reflete o interesse de Jeová na salvação da humanidade”; e devem ser igualmente “exemplares na forma de se vestirem e arranjamem, no falar, na atitude e na conduta.” Neste caso a pessoa poderá ter iniciativa e procurar ativamente este caminho, ou se o seu potencial for notado o mesmo poderá ser-lhe proposto. Enquanto

⁷⁴ Conforme elaborado por Gabriel: “...essa escola é um curso que prepara as pessoas para funções de liderança nas Testemunhas de Jeová, como pioneiros especiais, que são pessoas que vivem a cem por cento a religião, que não têm emprego mas que têm, digamos, exclusividade dentro da religião, fazem descontos para a segurança social... (...) Esse curso eram dois meses de treino intensivo sobre história da religião, tínhamos aulas, éramos cerca de 20 pessoas de todo o país e havia duas pessoas a instruir-nos, que tinham sido superintendentes de circuito. Esse curso era em Betel, nós tivemos de ficar lá a dormir durante dois meses, e eu fiz esse curso sobre como ser bons anciãos, como fundar congregações, fazer a administração, a organização... a história moderna das Testemunhas de Jeová, interpretação de textos bíblicos, etc.”

servo ministerial o membro desempenha um papel de assistência ao corpo de anciãos da sua congregação, realizando tarefas maioritariamente relacionadas com a manutenção da atividade da congregação, conforme Carlos explica:

“O servo ministerial, de modo resumido, é um auxiliar dos anciãos, ou seja, é aquela pessoa que é incumbida de certas tarefas mais práticas no salão do reino, como por exemplo, ser responsável pela limpeza do salão, ser responsável pela literatura, obter a literatura e dar aos irmãos, ser encarregue do território – cada congregação tem mapas de território que são entregues nas reuniões de saída ao campo –, é assim, digamos, este trabalho mais manual.”

O seu caso de é um exemplo: conforme se vai integrando nas atividades do grupo, o seu potencial começa a ser notado pelos anciãos, e inicia-se na *escola do ministério teocrático*⁷⁵. Nesta “escola”, Carlos desenvolve e demonstra a sua capacidade de oratória, e aos 20 anos de idade recebe a designação de servo ministerial, assim como Tiago é designado aos 18 anos, a idade mínima para tal, Rafael aos 22 e João apenas um ano após o seu batismo⁷⁶.

Tendo-se continuado a mostrar exemplar como servo ministerial, o membro poderá então ser considerado para ancião. Os anciãos são as pessoas que realizam discursos de ensino nas reuniões e em assembleias e congressos, são os ministros e os responsáveis pelo “pastoreio”, ou seja, a quem cabe guiar e “proteger a congregação no sentido espiritual” (Testemunhas de Jeová 2015a: 18), acompanhando cada membro em momentos que precise de aconselhamento

⁷⁵ Carlos explica como se afigura esta “escola”: “A escola do ministério teocrático visa dois aspetos: visa treinar bons oradores, ou seja, preparar as pessoas para depois saberem falar às portas – isto são tudo reuniões feitas no salão (...) –, e é claro que ao mesmo tempo servia para destacar os que eram realmente bons e potenciais servos ministeriais e futuros anciãos. (...) ...enquanto os homens faziam os discursos em tribuna, as mulheres faziam designações, dramatizações de situações que se poderiam encontrar. Isto porquê? Nas Testemunhas de Jeová só os homens podem ensinar, só os homens têm o papel de ensinar, as mulheres não têm o papel de ensinar, apenas têm o papel de ensinar num contexto diferente, num contexto de estudo bíblico, de andar às portas e falar com as pessoas, mas não no papel de um ancião ou servo ministerial, isso só cabe aos homens. Neste caso os homens que fazem estes papéis são sempre vistos como potenciais servos ministeriais e anciãos, o que foi o meu caso.”

⁷⁶ Tiago elabora sobre como este convite normalmente surge, e como as pessoas são escolhidas: “Os anciãos comentam... sempre que há uma visita do superintendente de circuito os anciãos têm de se reunir para preparar a visita uns dias antes. Hoje tem de ser com mais tempo porque os superintendentes exigem que se envie com tempo as coisas para eles se prepararem para a visita. Antigamente não era assim. Os anciãos reuniram-se e são obrigados a ver os ‘varões’, e os varões que são exemplares têm de vir todos para cima da mesa, entre aspas, e abre-se a Bíblia – há lá uma carta do apóstolo Paulo que supostamente diz o que anciões devem ter, e a única coisa que os diferencia dos outros é o ensino de pastoreio –, há uma lista também, e a Bíblia é lida ao mesmo tempo, ‘vamos ler um versículo ao mesmo tempo que pensamos na pessoa, e vemos até que ponto, não se espera perfeição da pessoa, mas vemos até que ponto a pessoa anda a cumprir com estes requisitos’. Eles chegam a um acordo e decidem recomendar, e depois vem o superintendente de circuito e vê, pode dizer ‘você não estão a ter em consideração que ele disse isto ou fez aquilo’, mas se ele não disser isso, a pessoa é recomendada.”

ou conforto. Por outro lado, ao ancião também cabe a responsabilidade de intervir e punir o membro em caso de desvio, e de avaliar quando tais atitudes deverão ser tomadas. Cada congregação tem um corpo de anciãos que divide várias tarefas entre si, sendo que existe sempre um “coordenador do corpo de anciãos, um secretário, um superintendente do serviço e um dirigente do estudo de *A Sentinela* ou superintendente da reunião Vida e Ministério Cristãos” (Testemunhas de Jeová 2019a: 40, 41), sendo que poderão servir nestes cargos por tempo indeterminado. O coordenador “preside as reuniões do corpo”, o secretário “cuida dos registos da congregação e mantém os anciãos a par de informações importantes recebidas”, e o superintendente do serviço supervisiona “a programação do serviço de campo e outros assuntos relacionados” (ibid. 41).

Assim como para se tornar servo ministerial, para se tornar ancião o membro deverá ter a recomendação de outros e passar por um período de treino que poderá ser oferecido na ETM ou pela Escola de Anciãos. Este foi o caso de Carlos, Tiago, Gabriel, Rafael e João. Para Carlos esta designação vem aos 25 anos, logo após o seu casamento⁷⁷, e durante as suas funções foi durante dez anos superintendente da escola de ministério teocrático, dirigindo por várias vezes o estudo da *Sentinela*, ainda que a convite do dirigente. Dois anos após se casar Tiago também se torna ancião; no caso de G., após assumir o serviço de pioneiro especial rapidamente recebe a mesma designação; por sua vez, Rafael torna-se ancião aos 27 anos, e João, que não sabe exatamente precisar mas afirma ter sido entre os seus 35 a 37 anos.

Um ancião com mais experiência poderá eventualmente tornar-se superintendente de circuito, o qual é um ancião que se encontra em constante deslocação, passando um curto período em cada congregação de um determinado circuito que lhe é designado, informando-se da situação de cada congregação, dos seus números, do estado dos seus membros, e, enquanto uma pessoa dotada de uma maior maturidade e conhecimento na religião, facultando diversas orientações a nível particular e de carácter informal. De acordo com o grupo, esta posição imita o que é entendido que Barnabé e o apóstolo Paulo teriam feito a dado momento, servindo como “superintendentes viajantes” que visitavam as “congregações no primeiro século”. Cada superintendente tem a seu cargo 20 congregações e deverá passar cerca de uma semana em cada uma, duas vezes por ano, e enquanto estão em cada congregação, além de cederem orientações, a rigor, também participam em visitas de pastoreio com anciãos, discursam, e reúnem-se com

⁷⁷ Quando questionado sobre se este fator seria relevante para ser convidado para ser ancião, Carlos afirma que: “...uma pessoa casada já mostrou ser exemplar, ser uma boa referência na congregação, ser querida... Ser casado é importante, sim.”

estes para conhecer o “progresso espiritual” da congregação, procurando saber se existem problemas entre os membros, conhecer novos membros e perceber a sua motivação, e outras questões gerais sobre a organização, sucesso e bem-estar da congregação, questões sobre as quais oferece direções, ou ordens (Testemunhas de Jeová 2015a: 20). O superintendente serve, no fundo, como um supervisor no terreno, que monitoriza as congregações e comunica informações sobre as mesmas a Betel. Acima do superintendente de circuito encontram-se apenas algumas pessoas que trabalham na sede de cada país, em Betel, e acima destes o corpo governante das Testemunhas de Jeová, o qual fornece as “instruções e orientações bíblicas”⁷⁸ do grupo.

Assumir as novas responsabilidades que advêm de se tornar Testemunha de Jeová, envolver-se nas atividades do grupo, demonstrar sucesso na progressão dentro do mesmo – são para muitos convertidos processos gratificantes, valorizados pelos outros membros e que dão à pessoa um novo sentido de propósito na sua vida, assim como de valor pessoal, encontrando neste âmbito uma realização, respeito e até poder que poderiam não vir conhecer de outro modo nas suas vidas. A mensagem comunicada é de que “a bênção é proporcional ao esforço”⁷⁹, que a pessoa que se dedica exclusiva ou quase exclusivamente ao grupo se aproxima da vontade divina e que não apenas terá uma maior chance de salvação como no seu dia a dia se prova merecedora da proteção e dádiva divina.

Assim, entende-se como a transformação necessária e esperada do convertido se constitui em parte por um grande esforço de trabalho e objetivos de natureza prática, de ocupação do seu tempo com a religião, o que se traduz no facto de a sua vida cada vez mais decorrer nos espaços relacionais e físicos da religião – na companhia de outros membros, no salão do reino ou no “campo” da pregação, tornando-se inevitavelmente cada vez mais centrada no grupo, por um lado porque a dedicação ao mesmo acaba por absorver a maior parte do tempo da pessoa, e por outro porque assim o membro ocupa a sua vida de forma a evitar da melhor forma possível tudo o que é exterior ao grupo.

⁷⁸ Do artigo “Como as congregações das Testemunhas de Jeová estão organizadas?”, disponível online em <https://www.jw.org/pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/congregacoes-organizadas/>

⁷⁹ De acordo com as palavras de Mariana: “...se fizemos bem o mérito não é nosso porque foi o senhor Jeová, se fizemos mal foi porque não nos esforçamos, que não tivemos fé, não fizemos as coisas como deve de ser... e a mensagem nos últimos anos até era: a bênção é proporcional ao esforço.”

A ocupação deste tempo e o investimento no desempenho de determinados papéis no grupo significa e exige também uma ocupação da mente. Conforme já notado, segundo as palavras do mesmo, “um cristão exemplar é um bom exemplo para outros em todos os aspetos da sua vida, como na assistência às reuniões, na participação no ministério, na vida familiar, nas escolhas de entretenimento, no modo de se vestir e se arranjar e assim por diante” (Testemunhas de Jeová 2019a: 55, 56), ou seja, não apenas no seu investimento nas atividades e objetivos da religião, mas também no seu aspeto, hábitos, relacionamentos e diversas escolhas e comportamentos que têm de emergir de uma dimensão mais profunda que um novo entendimento do seu quotidiano e futuro – um novo entendimento de si próprio.

III.II.

Um Novo Eu

Considerámos uma parte do que significa a noção de ser um bom cristão, ou mais especificamente uma Testemunha de Jeová exemplar. Percebemos em ser um bom cristão é também uma forma de o crente se proteger e à sua família de potenciais danos vindos por meio de um envolvimento maior com o mundo exterior ao grupo. Na fundamentação da ideia de ser um bom cristão encontra-se o cumprimento rigoroso de um conjunto de princípios ético-morais orientadores, fornecidos pelo grupo religioso. J. D. Eller escreveu que:

“A moralidade é frequentemente presumida como a essência ou a maior contribuição da religião. As pessoas que conhecem ou valorizam pouco mais acerca da religião poderão estimá-la pelas suas qualidades morais; pais poderão expor os seus filhos à religião apenas pelo propósito de as fazer ‘boas’. (...) Durkheim, por outro lado, colocou a moralidade na definição da religião: ‘crenças e práticas que se unem numa única comunidade moral chamada igreja, a em todos os que aderem a ela’.” (Eller 2007: 134)

Mas ser um bom exemplo em todos os aspetos da sua vida significa também sê-lo na sua apresentação pessoal, assim como na sua vida sexual, nos relacionamentos que mantém, comportamentos, hábitos, celebrações, escolhas de entretenimento, educativas, laborais, e no tipo de opiniões e pensamentos que esposa.

Uma ideia fundamental que traça a sua raiz até à história do pecado original de Adão e Eva, é a de que a religião presume que qualquer pessoa é por defeito imperfeita e inclinada para pecar, incapaz de realmente discernir o certo e o errado e de levar uma vida aceitável a não ser que se conforme sem questionar à orientação da doutrina, ao que o grupo entende que a Bíblia pede, o que é a absoluta Verdade. Permanecer na Verdade é uma necessidade vital, um esforço que contraria a tendência inata que o ser humano terá em, conforme um texto citado da Bíblia, agradar ao seu “pai”, o Diabo, que “não permaneceu na verdade”⁸⁰. O leitor perceberá o porquê de algumas pessoas descreverem o ser-se Testemunha de Jeová como um constante esforço em contrariar a própria natureza humana, pois o que lhes é exigido traduz-se num esforço sobre-humano em procurar uma forma de perfeição na existência que o próprio grupo admite que a pessoa não possui mas que, mesmo assim, lhe pede para tentar atingir, pois, afinal, não é este o maior e logo o mais louvável sacrifício de todos? Ao convertido é passada a mensagem de que se não for pela dignidade que adquire em se esforçar em ser um bom cristão/Testemunha de Jeová apenas lhe restará sucumbir à sua natureza pecadora e dotada de fraqueza, e que esse esforço será a única forma de contrariar este impulso inato, deparando-nos aqui de facto não apenas com uma mensagem de salvação no apocalipse, mas possivelmente, em essência, de si próprio, como se sem a orientação da doutrina estivesse condenado a uma vida menos feliz e digna. Neste sentido a pessoa acaba por experienciar a necessidade de viver um quotidiano em constante avaliação do certo e do errado, policiamento de si e desconfiança de tudo o que a rodeia, precisando de fazer decisões e avaliações ao que possa ser mau para o seu progresso e integridade cristã que tanto podem ser quase insignificantes para si como verdadeiramente desafiantes.

Vasto detalhe é oferecido pelo grupo nas suas orientações sobre o que a pessoa deve ou não fazer para este fim, as quais poderão ser organizadas em quatro aspetos constituintes da pessoa e da sua vivência: o certo e o errado nos termos do que é estritamente interpretação teológica, no que concerne a potenciais riscos de desvio, e em relação à dimensão da exterioridade e da interioridade do indivíduo. Conheceremos então melhor estes quatro aspetos a seguir, assim como são determinados pela orientação ascética e milenarista do grupo, e

⁸⁰ Palavras utilizadas com fundamentação no texto bíblico João 8: 44 (da versão *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*): “Vocês são filhos do vosso pai, o Diabo, e querem satisfazer os desejos do vosso pai. Ele foi um assassino quando começou, e não permaneceu na verdade, porque não há nele verdade. Quando ele mente, faz o que lhe é próprio, porque é um mentiroso e o pai da mentira.”

sustentados na noção de sacrifício e/ou martirização enquanto incontornável à obtenção da salvação.

O Teológico

Duas das características pelas quais as Testemunhas de Jeová são mais popularmente conhecidas são a sua recusa em celebrar o Natal e aniversários. Na verdade, qualquer tipo de feriado ou evento em honra de acontecimentos históricos, pessoas, santos do catolicismo ou outras entidades divinas não é celebrado pelo grupo, e o facto de não celebrarem feriados nem aniversários significa não só o não tomarem a iniciativa para tal ou não celebrarem os seus, como significa não participarem em qualquer tipo de evento dessa natureza. O único evento que se poderá aproximar da exceção é a Páscoa, mas mesmo esta não é celebrada de acordo com a interpretação do catolicismo, por exemplo, tendo as Testemunhas de Jeová a sua própria interpretação desta altura do ano, a qual marcam apenas na realização do *Memorial* no salão do reino⁸¹. Assim como no Natal ou outras alturas do ano, a Testemunha de Jeová não deve organizar ou participar em nenhum evento em festejo, desejar a outra pessoa que tenha um

⁸¹ O Memorial consiste numa reunião congregacional celebrada em honra da morte de Jesus Cristo, estruturada por um cântico de abertura e outra de fecho, e por um discurso sobre o tema. De acordo com o grupo é seguida o que interpreta como uma orientação bíblica para a comemoração da Ceia de Jesus, cedida pelo próprio aos seus discípulos, conforme encontrado em Lucas 22: 19 (da versão *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*): “Ele tomou também um pão, deu graças, partiu-o e deu-lhes, dizendo: ‘Isto representa o meu corpo, que será dado em vosso benefício. Persistam em fazer isto em memória de mim’.” De acordo com as Testemunhas de Jeová, a última ceia deverá ter sido a “14 de nisã do ano 33 AC”, e para calcular o dia em que deverá ser celebrado a cada ano, afirmam utilizar o “mesmo método da época de Jesus” ao invés do “calendário judaica atual”, e a seguinte explicação detalhada é oferecida: “No calendário judaico atual, o primeiro dia do mês de nisã coincide com a lua nova astronómica, mas esta não era a técnica usada no primeiro século. O mês começava no dia em que se podia ver a lua nova pela primeira vez em Jerusalém, o que poderia ser um ou mais dias depois da lua nova astronómica. Esta é uma das razões pelas quais as Testemunhas de Jeová nem sempre celebram a Ceia do Senhor na mesma data em que os judeus atuais celebram a Páscoa.” Na cerimónia encontram-se também presentes o pão sem fermento e o vinho tinto, representando o corpo e o sangue de Jesus – seguindo o que descreve o texto Mateus 26: 26-28: “Ao continuarem a comer, Jesus pegou num pão e, depois de proferir uma bênção, partiu-o e deu-o aos discípulos, dizendo: ‘Tomem, comam. Isto representa o meu corpo.’, pegando num cálice, deu graças e deu-o aos discípulos, dizendo: ‘Bebam dele, todos vocês, pois isto representa o meu ‘sangue do pacto’, que será derramado em benefício de muitos, para o perdão de pecados.” –, mas apenas como símbolos, não sendo consumidos por serem que não se encontra na Bíblia uma indicação clara para tal. Do artigo “A Ceia do Senhor – porque é que as Testemunhas de Jeová a celebram de modo diferente?”, disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/ceia-do-senhor/>)

“bom Natal/Páscoa/aniversário” ou outro, comprar e montar decorações, assim como imagens ou ícones⁸², ou consumir qualquer alimento que se relacione diretamente com estes festejos, pois, para citar os termos comumente usados pelo grupo, o membro não deve correr o risco de fazer nada que “indique festejo”. A justificação desta recusa prende-se essencialmente com o facto de o grupo não perfilhar de algumas interpretações sobre as datas em que ocorreram eventos relatados na Bíblia que baseiam certas festividades, assim como não aprovar a forma como são festejados. No caso do Natal, o mesmo não é celebrado pelas Testemunhas de Jeová por considerarem que a Bíblia não esclarece claramente qual foi a data do nascimento de Jesus Cristo, ou que o seu aniversário devesse ser comemorado. É explicado que também não celebram este feriado por notarem que tem raízes em “costumes pagãos”, até mesmo que seja possível que “os líderes da Igreja tenham escolhido essa data para coincidir com as festas pagãs realizadas no solstício de inverno ou perto dessa ocasião.” Para mais, o costume da troca de presentes, colocação de luzes e azevinho e da decoração da árvore são todos associados a costumes anteriores de religiões “pagãs”⁸³. Já no que concerne à celebração de aniversários, o grupo reconhece que “a Bíblia não contém nenhuma ordem direta que proíbe os aniversários”, mas defende que existem aspetos suficientes para acreditar que são celebrações erradas, apontando, por exemplo, que a sua origem é pagã e que por esse motivo os “primeiros cristãos não comemoravam aniversários”, que a “única coisa que a Bíblia diz que os cristãos têm a obrigação de comemorar não está relacionada a um nascimento, mas a uma morte: a de Jesus”, e que na Bíblia não é possível encontrar evidências de que “algum servo de Deus comemorou um aniversário”, retratando apenas dois aniversários de “pessoas que não serviam a Deus”, e esses de “forma negativa”⁸⁴. Estas são normas que impactuam as vidas dos seus membros de diversas formas, mas conforme relatado, sentidas ainda mais por quem cresceu no grupo.

⁸² De acordo com o grupo, existe a indicação na Bíblia de que as imagens ou ícones não devem ser utilizados, conforme Êxodo 20: 4, 5 (da versão *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*): “Não faças para ti nenhuma imagem esculpida, nem nenhuma representação de algo que há nos céus, em cima, ou na terra, em baixo, ou nas águas debaixo da terra. Não te curves diante delas nem as sirvas, pois eu, Jeová, teu Deus, sou um Deus que exige devoção exclusiva.”; Isaías 42: 8: “Não permito que as imagens recebam o louvor que somente eu mereço.”; ou Atos 17: 29: “Não devemos pensar que o Ser Divino é semelhante a ouro, prata ou pedra, como algo esculpido pela arte e imaginação do homem.” (Do artigo “Devemos adorar imagens?”, disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/perguntas/devemos-adorar-imagens/>)

⁸³ Do artigo “O que diz a Bíblia sobre o Natal?”, disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/perguntas/biblia-sobre-natal/>

⁸⁴ Do artigo “Por que as Testemunhas de Jeová não comemoram aniversários?”, disponível online em: <https://www.jw.org/pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/aniversarios/>

Rafael, por exemplo, não tem memória de ter tido uma festa de aniversário, lembrando-se apenas vagamente do Natal, mas nota que tudo acabou assim que a sua mãe se inicia na religião, tal como Rute. Já Florbela nota como se sentia segregada pelos seus colegas de escola por não celebrar o Natal, aniversários ou mesmo não cantar o hino nacional. Aqui também está em causa algo que Susana explica, como enquanto criança nas Testemunhas de Jeová era obrigada no início de cada ano a comunicar aos seus professores as inibições impostas pela sua religião à participação em determinadas atividades, que poderiam também ser comunicadas pelos pais ou outros educadores:

“...na religião é ensinado que quando uma criança vai para a escola, os pais devem automaticamente avisar os professores, para as crianças não fazerem nenhuma tarefa como, sobre o Natal, feriados, cantar o hino (...). Tudo o que fosse festas como o Natal, Carnaval, Páscoa, feriados, coisas que tenham a ver com política, feriados religiosos, festas de anos de colegas, eu não podia participar em nada.”

Susana nota que, por este motivo, sentia-se desde logo negativamente diferenciada dos seus colegas, e tornava-se mesmo num alvo de *bullying* por parte dos mesmos quando a sua confissão era referida à turma pelos professores. Sobre o seu passado conclui que: “O ser Testemunha de Jeová é um grande fardo, não te traz alegria não, porque só te traz restrições. E eu não tive uma infância normal (...). Eu sempre estive ali muito reprimida, e sofri muito por parte dos meus colegas.”

David também recorda como teve dificuldades de integração na escola por motivos semelhantes, assim como Tiago, que relata ter também sofrido *bullying* por causa da sua religião, tal como Sofia, que adicionalmente lamenta não ter tido oportunidade de ter as mesmas experiências que as outras crianças. Mas Sofia salienta como mesmo na escola, sem a sua mãe poder saber, tinha a iniciativa de recusar participar nessas atividades, sentindo essa recusa como o ato de coragem que lhe tinham ensinado, ainda que baseado no temor à onisciência de Deus, que acreditava observar e julgar todas as suas ações:

“Eu era aquela rapariga certinha, que se dissesse uma asneira eu orava a deus para pedir perdão. (...) Eu lembro-me uma vez (...), deram-nos um desenho de Natal para pintarmos e eu recusei automaticamente. (...) E eu disse que eu não, não pintava. E a professora então disse: ‘Pinta só a estrela.’ E eu pintei a estrela e estava a chorar. Eu cheguei ao pé da minha mãe a chorar e disse: ‘Mãe, eu pintei uma estrela de Natal, Jeová está chateado comigo’ (...). E a minha mãe disse: ‘Deus vê que estás arrependida, não está chateado contigo, ele vê que tu estás triste, não te preocupes.’ E fiquei descansada. (...)”

Esta crença é igualmente relatada por Carlos, que recorda como a sua mãe lhe ensinou que deveria pensar as suas ações à luz do facto de que Deus o estaria sempre a observar, assim como por Tiago, que salienta como não tinha quaisquer dúvidas: “A questão é que eu realmente acreditava muito naquilo, acreditava que era a verdade... (...) Desde miúdo eu pensava que Jeová estava a ver...” Mas já Mariana é um caso de exceção, pois quando foi para a escola ainda não sentia que as coisas que fazia eram erradas a ponto de ter a iniciativa de as recusar. Cláudia também viveu uma exceção por os seus pais não serem Testemunhas de Jeová, mas não sem consequências:

“A minha posição era muito estranha, porque eu durante a semana era Testemunha de Jeová e ao fim de semana não era. (...) Eu tive sempre Natal, porque eu passava o Natal com os pais. Mas com um sentimento de culpa, porque o que acabou por se criar foi um pequeno problema, porque eu sentia-me culpada de um lado e de outro.”

Existe outra dimensão na qual o exemplo adotado nas palavras da Bíblia tem um impacto profundamente determinante na experiência pessoal, que é na conceção de papéis de género, sexualidade e preceitos sobre o namoro e o casamento.

Um bom cristão, que tenha os seus valores alinhados com os da religião, também necessita de perceber os limites do que é correto e errado no que se refere à sexualidade, entre os quais ocupa um lugar importante a valorização da heterossexualidade e a condenação da homossexualidade, a qual é compreendida como pecaminosa, e tanto mais quando é considerada como uma escolha e, portanto, como algo reversível. Esta perceção leva membros que foram criados na religião e que mais tarde se apercebem que a sua orientação sexual não se conforma com os princípios do grupo a viverem fases de grande sofrimento na relação consigo próprios e com a sua família e com o grupo, que deixam marcas permanentes, uma questão que foi vivida por Gabriel, David e Tiago.

David afirma ter consciência da sua orientação sexual desde muito cedo, o que dentro da religião significou para si uma longa batalha interior, acima de tudo para o conseguir esconder dos seus pais, e perceber como poderia ser “feliz com alguém de que não gostava”, tendo chegado mesmo a tentar formar um relacionamento com uma jovem, um enorme esforço em vão. Por sua vez Gabriel conta ter sido com os seus 18/19 anos que se apercebe – nas suas próprias palavras – de que algo “não funcionava bem”, pois dava por si a dar uma atenção aos homens que não lhe parecia correta, mas rapidamente afasta esta questão como provavelmente

sendo “uma fase”, e entretanto começa a namorar com uma rapariga por quem ainda hoje descreve ter um grande consideração, e por quem, não obstante, tinha um grande afeto à altura. Mas simultaneamente atravessa uma primeira fase depressiva grave, tendo mesmo experimentado pensamentos suicidas, situação originada pela culpa que sentia, e pela pressão que colocava em si próprio para modificar o facto de ser homossexual, conforme o que tinha aprendido na religião:

“Eu não queria ser homossexual, não queria, eu preferia que tudo fosse como estava... (...) ...eu penso que ainda acreditava que poderia reverter a situação, que com apoio da família e orações que as coisas iam ao sítio. (...) Todas as publicações das Testemunhas de Jeová diziam que era um pecado, é que nem sequer havia salvação possível, não era uma escolha inevitável, é uma escolha que se pode evitar. Portanto, ser homossexual para as Testemunhas de Jeová é culpa da própria pessoa. ‘Tu escolheste ser homossexual’, disse a minha mãe, isto foi depois de eu ter contado.”

Tiago descreve como também interiorizou desde criança que a homossexualidade era um pecado, uma perversão. Afirma ter sempre sabido que era “diferente”, com “desejos diferentes”, mas sempre com a sensação de que não era algo natural, acabando por acreditar que seria fruto da sua “imperfeição” humana:

“...a Bíblia diz que Deus não põe as pessoas à prova com coisas más, as Testemunhas de Jeová não ensinam isso. (...) As Testemunhas de Jeová dizem que a homossexualidade é fruto da socialização, mas eu cheguei à conclusão de que não poderia ser fruto da socialização (...). Com gays ‘isso pega-se’, é a influência, as más associações, mas como eu nunca me dei com ninguém... eu pensei que isto só pode ser da imperfeição. Mentalizei-me assim. Temos de lidar com isso, ‘Jeová Deus ajuda-nos a lidar com estes impulsos? ...’”

Tiago afirma que tanto se “mentalizava que era hetero que até acreditava”, e acaba por constituir uma relação com uma jovem de quem gostava, por quem ainda hoje afirma ter mesmo sentido amor, mesmo que não tenha sido num sentido romântico.

Estas ideias têm diretamente a ver com a forma como o homem e a mulher são pensados nas Testemunhas de Jeová: como figuras com características imutáveis, dotados de características definidoras e exclusivas de cada um, e assim responsáveis por papéis distintos e complementares. O relacionamento heterossexual é portanto o único aceite, à luz da imagem de Adão e Eva e como o único que leva à procriação natural, que deve ser o fim principal da relação romântica. A ideia de família nas Testemunhas de Jeová é assim uma ideia marcadamente conservadora, que não deixa lugar para a tolerância de quaisquer desvios deste modelo. O homem é entendido como uma figura de maior autoridade face à mulher, de quem é

a “cabeça” – conforme as palavras preferidas pelo grupo e utilizadas em Génesis –, cuja “cabeça” é por seu turno “Cristo”⁸⁵. Nas Testemunhas de Jeová o homem enquanto marido tem a responsabilidade de cuidar da sua família em termos de subsistência e de assegurar a sua integridade espiritual, assim como ser capaz de ter resiliência emocional e de tomar decisões benéficas para sua esposa e restantes familiares que lhe estejam sujeitos⁸⁶. Embora a mulher Testemunha de Jeová possa trabalhar, ter uma vida independente, e ensinar na religião (embora que com as limitações hierárquicas já conhecidas), mas dela é esperada submissão ao homem, especialmente se for seu marido, mas também deve particular respeito aos homens que se situem acima de si hierarquicamente⁸⁷. Uma publicação do grupo (Testemunhas de Jeová s.d.b. 419) esclarece que “a expressão hebraica para mulher é *'ish·sháh* (literalmente: homem feminino), que também é traduzida ‘esposa’”, e refere como na Bíblia Eva foi criada a partir da costela de Adão, como uma companheira para o mesmo. Explica que “a mulher, criada a partir do homem, dependera do homem para ser trazida à existência. Sendo parte do homem, ‘uma só carne’ com ele, e sendo complemento e ajudadora dele, estava sujeita a ele qual cabeça.” Noutro artigo, explica que “a mulher foi feita do homem e devia ficar sujeita a ele, numa situação dessemelhante da de Deus, que não está sujeito a ninguém.” (Testemunhas de Jeová s.d.a 1164) Mas, encontrando-se tanto o homem como a mulher sujeitos de forma suprema à autoridade de Deus, o único momento em que a desobediência da esposa ao seu marido ou o seu afastamento dele é justificado é quando a vontade deste interfere na sua devoção a Deus e à integridade cristã. De forma geral, o artigo esclarece que:

...a mulher é descrita nas Escrituras como ‘um vaso mais fraco, o feminino’. Deve ser tratada em concordância pelo marido. (...) Ela tem muitos privilégios, tais como ensinar os filhos e em geral cuidar dos assuntos domésticos, sob a aprovação e a direção do marido. (...) Ela tem o dever de estar em sujeição ao marido. (...) Deve-lhe os direitos conjugais.

⁸⁵ Conforme o texto bíblico 1 Coríntios 11:3, da versão *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*: “Mas quero que saibam que o cabeça de todo homem é o Cristo, o cabeça da mulher é o homem, e o cabeça do Cristo é Deus.” Explicado pelo grupo nos textos “O cabeça da mulher é o homem” e “O cabeça de todo o homem é o Cristo” (Testemunhas de Jeová 2021a).

⁸⁶ Alguma elaboração pela parte do grupo sobre estas questões poderá ser encontrada nos seus artigos “O que é que a Bíblia diz sobre o casamento?” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/perguntas/casamento-na-biblia/>) e “Como é que as Testemunhas de Jeová encaram o divórcio?” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/divorcio-conceito-tj/>)

⁸⁷ Conforme explicado no artigo “Quando e por que motivo a mulher precisa de cobrir a cabeça” (Testemunhas de Jeová 2017b: 209), onde a posição da mulher em relação ao homem é explicada ao ser elaborada a justificação da norma de dever cobrir a cabeça quando se coloca a necessidade de desempenhar uma tarefa que normalmente seria realizada por um homem batizado, ou se dirigir um estudo bíblico na presença do mesmo.

Também se refere a “imoralidade sexual”, que se refere então à “fornicação” (Testemunhas de Jeová s.d.a 999), adultério, homossexualidade ou até mesmo comportamentos que, mesmo entre um casal casado, sejam considerados exagerados e desnecessários à concretização da relação sexual, cujo fim último deve ser acima de tudo, relembrar-se, a reprodução, não sendo o prazer em si algo reconhecido como relevante. No seguimento desta linha de raciocínio um casal de namorados verá o seu comportamento provavelmente vigiado, e será incentivado a casar o mais brevemente possível, antes que comportamentos de cariz sexual considerados imorais fora do casamento aconteçam, e neste sentido é também expectável que a pessoa que nunca casou se case sem nunca ter tido relações sexuais, além de que, não obstante, deverá apenas namorar e casar com outros membros do grupo.

Laura e João relembram a pressão que sentiram para se casar, o que acabam por fazer com relativamente pouco tempo de namoro. Laura recorda receber visitas de anciãos apenas para alertar o casal para “perigos” relacionados com o namoro e o passarem tempo sozinhos juntos, e até mesmo depois do casamento, pois mesmo no âmbito do mesmo poderia existir o que é entendido na religião como contactos sexuais perversos, o que de acordo com a doutrina somente não o são se tiverem como fim a reprodução. João ainda hoje se surpreende por ele e a sua esposa terem cedido tão facilmente à pressão exercida sobre eles – com um ano de namoro casam, e segundo João apenas não foi mais cedo por se encontrar a cumprir o seu serviço militar obrigatório. Explica que:

“...nessa altura fomos pressionados pelos anciãos porque os anciãos recomendam que o namoro seja curto, para 'evitar as tentações da carne' - é mesmo assim. E eu na altura, como também já estava doutrinado, eu não a pressionava nesse sentido. Eu achava também que ela se devia manter virgem até ao casamento, e de facto foi isso que aconteceu.”

Olhando atualmente para trás, Madalena também sente alguma incredulidade com a sua decisão em casar, acreditando que teve a ver com a “opressão” que sentia em casa, pela consequente incapacidade em pensar por si própria, e apenas querer fazer o que era esperado de si. Começa a namorar com cerca de 18 anos com um jovem da mesma congregação, conforme o que era aconselhado, e casa-se com 21, seguindo apenas a “ordem natural”: “sair de casa, casar-me, e continuar na fé...” Por sua vez, Susana tinha consciência de que o namoro e a mudança de casa pareciam ser a única forma de sair do domínio dos seus pais. Não fazia planos para casar, mas com os conselhos dos anciãos e tendo um pai já ancião que desejava manter o seu cargo, o mesmo teve uma conversa com Susana que a leva então a aceitar casar.

Numa nota adicional, diretamente relacionada com a conceção da família das Testemunhas de Jeová encontra-se o impacto que esta tem em processos demográficos, como na redução da natalidade. Existe no discurso do grupo um desincentivo geral à natalidade, ou pelo menos uma forte recomendação para a consideração séria de tal decisão, especialmente para um casal que já teve filhos, mas este desincentivo não se equipara a uma proibição e por esse motivo a sua desobediência não significa uma punição. No entanto, é uma orientação repetidamente oferecida ao longo dos anos pelo grupo, baseada na sua consideração de que se deve reconsiderar a decisão de dar à luz no mundo no seu descrito estado de perdição onde predomina o mal e o sofrimento, e também porque evitar sujeitar a criança a tal destino especialmente face à vinda eminente do apocalipse poderia ser uma melhor decisão.⁸⁸ Rafael notou como esta foi

⁸⁸ Numa publicação *Desperta!* de 1975 (Testemunhas de Jeová 1975) – aquando de uma das data de sugestão para a vinda do apocalipse –, em um artigo intitulado “Será esta a época de se ter filhos?”, depois de serem enumeradas várias razões para alguns casais poderem ter optado por não ter filhos, é esclarecido: “Observe-se, contudo, que Jesus não disse que as pessoas não deviam ter filhos. Em nenhuma ocasião aconselhou ele a não se ter filhos. Simplesmente predisse as condições difíceis que existiriam antes e durante a ‘grande tribulação, e disse que seria dura para as mães com filhos pequenos. Os próprios casais teriam de decidir o que fariam quanto a ter filhos, em vista das circunstâncias’ — Mateus 24:3-22” Ultimamente, é clarificado que a decisão de ter filhos é sempre “honrosa”, e que a Bíblia nada diz acerca de uma proibição de tal decisão, mas, não obstante, o artigo é terminado com a consideração seguinte: “Inversamente, há muito boas razões pelas quais alguns casais agora talvez decidam não ter filhos. Até mesmo na profecia de Jesus sobre o tempo do fim se encontram sólidas razões para continuar sem ter filhos. Seria, portanto, inteiramente incorreto que alguém criticasse aqueles que talvez decidam que esta não é a época de se ter filhos.”

Mais tarde, numa *Sentinela* de 1988 (Testemunhas de Jeová 1988), surge um artigo intitulado “Ter filhos de modo responsável neste tempo do fim”, após ser feito o mesmo esclarecimento sobre a positividade da natalidade e alguns conselhos sobre a educação dos filhos, é ainda oferecida a seguinte consideração: “Será que os maridos sempre se dão conta de que cuidar de um bebé ou de uma criancinha muitas vezes impede a esposa de tirar o pleno benefício do Estudo de Livro de Congregação, das reuniões no Salão do Reino, das assembleias de circuito e dos congressos de distrito? Tal situação poderá persistir por meses, e até mesmo por anos, se tiverem um bebé atrás do outro. A própria natureza das circunstâncias faz com que a carga, neste respeito, recaia mais sobre a mãe do que sobre o pai. (...) Em muitos casos é porque seus filhos pequenos as impedem de se concentrar nas reuniões, de fazer estudo bíblico profundo ou de ter participação significativa no testemunho. Poderá a paternidade ser chamada de responsável se permitir que tais condições se desenvolvam?” São em seguida oferecidos exemplos: “Alguns casais jovens decidiram não ter filhos. Embora as esposas tivessem o instinto maternal tão forte como o de outras mulheres, elas decidiram, em concordância com seus maridos, evitar ter filhos a fim de se devotarem a servir a Jeová por tempo integral.”; mas é deixado o esclarecimento: “Atualmente, gerar filhos não é especificamente parte da tarefa dada por Jeová a seu povo. Não obstante, ainda é um privilégio que ele concede aos casais, se o desejarem. (...) Contudo, visto que ‘o tempo que resta é reduzido’, os casais farão bem em pesar cuidadosamente e com oração os prós e os contras de se ter filhos nestes tempos. (1 Coríntios 7:29)”.

As mesmas considerações voltam a ser repetidas, por exemplo, numa *Sentinela* de 2008, num artigo intitulado “Como encarar o casamento e a possibilidade de ter filhos neste tempo do fim” (Testemunhas de Jeová 2008). Noutras instâncias, nunca existindo de facto em algum momento a condenação desta decisão, são no entanto ocasionalmente oferecidos exemplos de casos dos aspetos positivos que advêm da decisão de não ter filhos, como no artigo de 2000 “Por que eles não têm filhos?” (Testemunhas de Jeová 2000b).

a realidade que encontrou enquanto membro: “Olhe, a quantidade de gente que conhecemos que se privou de ter filhos porque o ‘fim estava aí’...” E neste âmbito Carlos oferece como ilustração do sentimento existente sobre a questão a reação que a sua sogra teve aquando do recebimento da notícia de que a sua filha estaria grávida pela segunda vez:

“A minha sogra, quando lhe disse que a minha mulher estava grávida, ela disse: ‘Os meus sentimentos’. (...) disse isso e ‘que vergonha! E o que é que as pessoas vão pensar!’ E eu disse: ‘Mas qual vergonha? A sua filha não é uma mulher casada?’ (...) Bem, horrível, doeu tanto ouvir aquilo, e ela andou a bater mal também, afetou-a muito psicologicamente, deixou de falar com a filha, teve dois ou três meses sem falar com a filha! (...) É a mentalidade das pessoas (...)”

Riscos de Desvio

Revisitando um facto mencionado no ponto anterior deste capítulo, a pessoa vê-se confrontada com, por exemplo, a necessidade de repensar as suas ambições e objetivos. Neste âmbito é notória a posição do grupo no que concerne à dedicação da pessoa a uma carreira profissional ou à continuação dos seus estudos além do que é o mínimo obrigatório para trabalhar onde vive, sendo especialmente grave se escolher ir para a universidade. São oferecidos nas publicações do grupo com alguma regularidade vários exemplos alegadamente fornecidos em primeira mão de pessoas que descrevem ter abandonado as suas ambições profissionais em favor da dedicação à atividade religiosa, encontrando maior felicidade nessa escolha⁸⁹, ou que mesmo depois de conseguirem acabar um curso superior e encontrar um bom emprego não conseguiram encontrar a felicidade ou a sensação de realização pessoal com que contavam, o que apenas encontram quando se dedicam às Testemunhas de Jeová⁹⁰. A busca de sucesso profissional, financeiro e académico é frequentemente descrita como uma busca sem sentido, que não só não traz uma felicidade verdadeira e significativa como leva a pessoa a ter sentimentos que são vistos como errados, como a ganância, a competitividade ou a arrogância. A dedicação do tempo da pessoa a este tipo de compromissos é condenada por a desviar de se ocupar em se tornar numa boa

⁸⁹ Conforme é possível verificar, por exemplo, nos artigos “Encontramos uma carreira mais gratificante” (Testemunhas de Jeová 2015b), “Escolhi a melhor carreira” (Testemunhas de Jeová 2013b), “Escolhi uma carreira melhor” (Testemunhas de Jeová 2010a), “Escolhi a carreira certa” (Testemunhas de Jeová 2007), ou “Os que desistem da carreira são mais felizes” (Testemunhas de Jeová 1981b).

⁹⁰ Exemplificado pelos conteúdos dos artigos “Por que desisti de uma carreira lucrativa” (Testemunhas de Jeová 2010b) ou “Será que a minha vida tem objetivo?” (Testemunhas de Jeová 2012).

cristã e servir a vontade de Deus, o que para as Testemunhas de Jeová deve ser a prioridade máxima na vida da pessoa⁹¹.

Foi mencionado que o cumprimento da atividade religiosa pode interferir com a vida laboral, e tal como Raquel sublinha, a mensagem do grupo é que o indivíduo deve apenas “ter o suficiente para sustento, e que todo o resto do tempo deve ser dedicado à religião”, mas existe ainda o facto de a procura de determinadas carreiras ser associada a comportamentos entendidos como imorais, como, por exemplo, na esfera artística, de que o caso de Susana é um exemplo. Desde a sua infância que Susana manifestava uma paixão pela dança, até à sua vida adulta sempre a teve presente na sua vida, participando em várias aulas e outros tipos de iniciativas, mas esta sempre foi uma questão de grande tensão entre si e o seu pai, para quem os movimentos, o contacto com o par e as roupas eram imorais. A este aspeto juntou-se ainda o do risco de “competição”, uma palavra muito familiar a Susana, um risco de pecado por si, conforme recorda ouvir:

“Não, porque isto é mau ambiente para ti, porque estás a querer fazer estas coisas, estás a ter vontade de fazer o mesmo, e tu sabes que não podes andar em competição, porque isso é contra a Bíblia, porque uma pessoa que está em competição quer ser melhor, quer ganhar, quer ser mais do que o outro, vai criar rivalidade, ambição e ganância, e isso são coisas que são erradas.”

Mas no que concerne ao investimento na educação, as críticas das Testemunhas de Jeová colocam-se quase exclusivamente ao ensino superior. O valor deste tipo de ensino em particular é frequentemente colocado em causa, ou a pessoa é mesmo advertida contra a sua preferência, acima de tudo pelo risco maior que existe de encontrar meios que lhe permitam pensar criticamente a realidade e colocar em causa a crença religiosa, e pela necessidade de separação da mesma que o pensamento científico implica – designado como “conhecimento do mundo”.

⁹¹ No artigo intitulado “Trabalhem como escravos para Jeová” (Testemunhas de Jeová 2013c), é feita referência ao texto bíblico Romanos 12: 11, que diz “Não sejais indolentes . . . Trabalhai como escravos para Jeová”, e poderão ser encontradas as seguintes palavras: “Antes de nosso batismo, nós tomamos a decisão de servir a Jeová, ou seja, de ser seus escravos. Quando nos dedicamos a Jeová, nós prometemos obedecer a ele e fazer a sua vontade. (...) Quando um escravo furava a orelha, ele sentia alguma dor. Mas, em resultado disso, ele ficava com uma marca que mostrava sua decisão de continuar com o seu dono. Para os jovens, pode ser difícil, até mesmo sofrido, fazer escolhas diferentes das escolhas que seus colegas fazem. Por exemplo, Satanás quer que as pessoas pensem que uma carreira neste mundo é o que dá verdadeiro objetivo à vida. Mas isso não é verdade. Colocar Jeová em primeiro lugar é o que dá verdadeiro objetivo à vida. Jesus disse que os que reconhecem e satisfazem suas necessidades espirituais são felizes. Os cristãos dedicam sua vida para fazer a vontade de Jeová, não a de Satanás. Eles leem a Bíblia e meditam nela ‘dia e noite’. Mas em geral o ensino superior não deixa muito tempo para que um servo de Deus sirva a ele e medite na sua Palavra. Por isso, o ensino superior pode ser um problema para os jovens cristãos.”

Se existe algo que é valorizado pelo grupo além do ensino obrigatório é, no máximo, o ensino profissional – o qual é muitas vezes sugerido como alternativa à universidade apenas para tornar a pessoa mais empregável e ter mais chances de ter ganhos suficientes para cobrir as suas necessidades e as da sua família –, e o membro é frequentemente lembrado de que a “educação baseada na Bíblia tem mais valor que a educação escolar”, pois oferece a possibilidade de salvação e a diferenciação entre o que é certo e errado. O ensino superior não apenas coloca em risco a moralidade da pessoa, como a sua espiritualidade⁹².

Os pais de Susana não reconheciam importância em continuar a estudar, pois deveria antes apenas ter um part-time para poder ser pioneira. David recorda ouvir dizer que os estudos não ajudariam no seu futuro, assim como Madalena, pois não valeria a pena perder tempo com os estudos se o mundo iria acabar em breve, conforme as expressões que Rafael lembra:

“‘Para quê, e tal...’ Mas a ilustração que volta e meia usam outra vez é a do navio: ‘Para quê que você vai investir em educação neste sistema de coisas que está prestes a acabar, faz tanto sentido como pintar um navio que se está a afundar.’ Para além do mais corre o risco de ‘o Diabo o apanhar.’”

Raquel descreve que no caso da sua congregação, quando decide não ir para a universidade, outras pessoas da sua geração foram, e as que não foram não acredita que tenha sido por desincentivo, mas sim por preferência. No entanto, Raquel acredita que no espaço da última década o desaconselhamento do ensino superior tem sido intensificado, e sempre louvada decisão de deixar de estudar para se ser pioneiro. Já Mariana lamenta não ter continuado a estudar na altura, e demonstra mesmo revolta contra o grupo e a sua mãe, afirmando ter sido “muito sacrificada”. Prevalcia para a sua mãe a crença de que os estudos seriam inúteis face ao apocalipse iminente, e aos seus 16 anos Mariana já trabalhava como empregada doméstica, a única profissão que a mãe lhe permitia, visto assim também poder conciliar com a atividade religiosa e o cuidado da sua casa e família. Sobre as escolhas das jovens da sua geração, Mariana tem uma perspetiva um pouco diferente da de Raquel:

“Mas então as raparigas da minha geração, da minha congregação... o que é que foi a vida delas? Foi igual à minha. Ora, ajudar a criar irmãos, casarem... a vida doméstica, serem pioneiras, criarem os filhos... embora que muitas trabalham. (...) a conversa que havia nessa altura que era tirarem cursos

⁹² O indicado no ponto anterior é elaborado no artigo “Qual o ponto de vista das Testemunhas de Jeová sobre educação escolar?” (disponível online em <https://www.jw.org/pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/tj-educacao-escola/>). No seu texto, após ser esclarecida a consideração positiva do valor da escolaridade, são oferecidas advertências contra a busca do ensino superior, pois o mesmo pode “expor a pessoa a perigos em sentido moral e espiritual”.

profissionais e trabalharem em part-time (...), tinham o suficiente para comprarem qualquer coisa para comer, mas não estavam agarrados a um emprego a tempo inteiro e podiam ser pioneiros.”

Os casos de Florbela e Gabriel são aqui exemplos de resistência a estes conselhos, tendo prevalecido a sua vontade de ir para a universidade. Florbela recorda que para a sua avó apenas deveria fazer a escolaridade obrigatória, e depois privilegiar a religião:

“Ela considerava que – tal como todo o grupo de Testemunhas de Jeová a que eu pertencia – temos de cumprir a lei à risca, a não ser quando colide com os valores da religião, e para ela era impensável eu não fazer a escolaridade obrigatória.”

Por este motivo aos 12 anos vê-se obrigada a escolher entre continuar a viver com a sua avó ou ir viver com a sua mãe – que entretanto já tinha voltado a casar, abandonado a religião e saído de casa –, junto de quem teria liberdade e apoio para continuar a estudar. Gabriel afirma à altura ter “dois grandes prazeres, que era a religião e estudar.” Na altura recebe visitas de anciãos, alertas semelhantes, conforme relembra:

“Tu pensa bem... por exemplo, se soubesses que um prédio vai cair tu compravas lá um apartamento?” Lembro-me perfeitamente desta conversa e eu disse que não. ‘Então porque é que vais investir num curso universitário que é um curso num sistema que vai ser destruído em breve?’ (...) ‘Vais abandonar a religião por causa da universidade, quando aprendem muito têm sentimentos de que são superiores a outros e que a religião não tem muita importância.’”

Mas, a verdade é que a doutrina, apesar de não o impedir de estudar, sempre o acompanhou. Mantinha em mente que muito do que aprendia seriam na verdade apenas interpretações, opiniões disputáveis, e que a verdade absoluta apenas a Bíblia a continha.

A questão da educação não se faz de recomendações direcionadas apenas para quem faz escolhas para si, mas para quem educa filhos ou outros menores à sua responsabilidade. As opções escolares e profissionais feitas por quem é criado no grupo acabam por também ser responsabilidade dos seus educadores, podendo estes ser penalizados ou questionados sobre escolhas feitas pelos seus educandos que sejam reprovadas pelo grupo. Tiago explica que atualmente, se o filho de um ancião vai para a universidade, o corpo de anciãos da congregação deverá reavaliar a aptidão desse ancião para o seu cargo, à luz da sua atividade e da sua família. Conforme Tiago sublinha, esta é uma informação menos conhecida por ser uma prática mais recente e apenas conhecida pelos anciãos:

“Agora vem uma carta, e o superintendente de circuito não deixa passar isso, nunca. (...) Se um filho de ancião vai para a universidade, é obrigatório na visita do circuito avaliar se ele é bom ancião ou não. Isto não aparece em lado nenhum, só se tu tiveres acesso às cartas dos anciãos.”

Isto porque, por princípio, uma educação feita fora do grupo, ou que deixe livre a escolha da religião, não é uma opção para uma Testemunha de Jeová. De um membro é exigido que crie os seus filhos ou outros menores ao seu cuidado na religião, embora, conforme se nota num artigo⁹³, perante a questão “As Testemunhas de Jeová obrigam os filhos a seguir a religião delas?”, a resposta seja não. Mas esse “não” não significa, porém, que se criem os filhos sem que se lhes ensine a religião, isso é exigido, mas apenas que estes poderão fazer as suas próprias escolhas quando se tornam adultos. Na realidade é claro que existe uma forte pressão sobre os jovens em “continuar na Verdade”, e conflitos familiares são uma consequência expectável e comum de uma decisão em não continuar nas Testemunhas de Jeová.

Além de precisar de mudar a sua perceção sobre escolhas em educação e carreiras, para ser uma boa Testemunha de Jeová a pessoa não pode ter, por exemplo, vícios em álcool, substâncias estupefacientes ou tabaco. Uma Testemunha de Jeová não pode consumir drogas pois estas a podem deixar fora de si ou a levar a ter outros comportamentos reprováveis mas pode beber álcool, desde que seja em grande moderação, ou seja, sem levar à embriaguez, mas não pode de todo fumar. Fumar é passível de punição particularmente grave porque é considerada uma forma de poluição ou dano do corpo⁹⁴, mas não é claro nas fontes da organização porque o consumo do tabaco é neste sentido mais grave que, por exemplo, o do álcool, ou que outros comportamentos que possam ter efeitos nocivos à saúde.

A pessoa também deve considerar se o que faz e aquilo de que participa, mesmo que considere que não esteja a fazer ativamente nada de mal, não a colocam situação de desagradar a Deus – uma dança aparentemente inocente pode ser um convite à imoralidade, a prática de um desporto, mesmo que casualmente, pode levar à competitividade, ou uma visita a uma igreja ainda que meramente como monumento é errado, e todas essas coisas são alvo de crítica e devem assim ser evitadas. Todo o comportamento se encontra constantemente à mercê do juízo

⁹³ Do artigo “As Testemunhas de Jeová obrigam os filhos a seguir a religião delas?”, disponível online em <https://www.jw.org/pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/tj-nao-obrigam-filhos-religiao/>

⁹⁴ Uma explicação para esta proibição e para o consumo de estupefacientes pode ser encontrada no artigo “É pecado fumar?”, disponível online em <https://www.jw.org/pt/ensinos-biblicos/perguntas/pecado-fumar/>

de outros membros, e o membro das Testemunhas de Jeová passa a viver o seu quotidiano sob um escrutínio e policiamento constante que a obrigam a abdicar de muitas coisas e que podem afetá-la grandemente a nível psicológico, assim como social.

Conforme as palavras anteriormente citadas de W. James, para o convertido poderá tornar-se “fácil romper laços”, atitude que também se constitui como uma característica do ascetismo religioso. Embora a Testemunha de Jeová não seja, a rigor, explicitamente proibida de se relacionar com pessoas fora da religião, é vivamente aconselhada a evitá-las. E na medida em que qualquer pessoa que se encontra fora da religião se encontra fora da Verdade e da orientação da mesma, qualquer pessoa poderá constituir-se como uma influência negativa ou causa de desvio da pessoa do seu caminho como Testemunha de Jeová. Em determinado momento a organização utiliza o exemplo de um bebé que, ao crescer, “começa a imitar os pais mesmo sem perceber”, o que de acordo com as suas palavras acontece da mesma forma com as pessoas adultas, pois quando passam uma determinada quantidade de tempo com uma pessoa começam a “falar e agir” como ela (Testemunhas de Jeová 2018a: 31). É claro que diferentes pessoas seguem estas prescrições de forma diferenciada e em diferentes graus, mas de qualquer forma muitas delas, e sobretudo no caso de serem crianças, acabam por ter pouco contacto ou não conhecer os seus familiares fora da religião, ou se mais velhas por se afastarem até perderem o contacto. O mesmo acontece com amigos já existentes, e novas amizades acabam invariavelmente por se restringir apenas a outros membros da religião. O convívio com colegas de trabalho e de escola é também sugerido que seja mantido ao mínimo estritamente necessário, e advertências que acompanham os tempos de hoje desaconselham o envolvimento com pessoas desconhecidas nas redes sociais. Não obstante, o evitamento na participação em eventos/celebrações apenas conduz mais facilmente ao romper de laços ou a estes nunca serem iniciados.

A Florbela não lhe era permitido ter amigos fora da religião, e é mesmo advertida pela sua avó para ter cuidado com o seu avô – que nunca se converteu –, e desencorajado o contacto com o mesmo. Maria também apenas se relacionava com pessoas de dentro das Testemunhas de Jeová, porque quaisquer outros seriam “companhias do mundo”, até mesmo a sua família, os quais acabaram também por se afastar: “Não havia avós, os tios e os primos habituaram-se, porque no Natal nunca estávamos, em passagens de ano e aniversários nunca estávamos, portanto, foi natural desligar... os laços.” Quando acaba a escola, Raquel é obrigada a terminar

quaisquer amizades que ainda tivesse fora da congregação, e recorda que nem com vizinhos da sua idade ou com outros familiares podia conviver, por imposição da sua mãe. As amizades de Rute também se restringiam à congregação, havendo mesmo um forte apelo da sua mãe para Rute e a sua irmã manterem o envolvimento com pessoas de fora do grupo ao mínimo possível, acabando por apenas ver outros familiares raramente, ou por mesmo indiretamente causar o afastamento de outros, como por exemplo: “...às vezes éramos convidadas para uma festa de anos e recusávamos, éramos convidados para ali, recusávamos... e tanto recusávamos que as pessoas acabavam por se afastar.” Já Mariana, mesmo apesar de conviver com as pessoas da congregação considera que nunca “teve uma amiga”, pois a partir da adolescência começa a diferenciar-se do “padrão” dos outros jovens membros. Explica a sua situação:

“Os jovens juntam-se para quê? Para falar de religião? Não, os jovens juntam-se para brincarem, para se divertirem, para falarem de livros, de música, de roupa, de maquilhagem, namoricos... Ali não há. Não havia, porque estes assuntos não existiam nas nossas vidas, e se existissem eram mal vistos. Se eu fosse a estar com raparigas da minha idade para falar sem ser de coisas da religião, da Bíblia e da pregação, é porque eu tenho espírito do mundo. E se tenho o espírito do mundo não sou uma boa companhia, sou uma pessoa a evitar, pois eles diziam que mesmo dentro da congregação nem todas as pessoas são boa companhia. (...) Uma vez até houve um que me disse, quando eu era solteira: ‘Ah, não quero dizer que esses jovens todos com quem te dás que sejam más pessoas, eles até podem nem ser más pessoas, mas será que te incentivam a servir a Jeová?’ (...) Sempre disseram que os colegas de trabalho não eram para ser nossos amigos.”

Gabriel foi igualmente sujeito a pressão por parte da sua mãe para não se envolver com pessoas de fora do grupo, mas apesar desse fator acaba por ter dificuldades de integração na escola, devido ao *bullying* que a sua confissão suscitava. Gabriel explica como esta orientação do grupo acaba por ser eficaz:

“Acho que o facto de haver um refúgio na congregação, na igreja, compensava a exclusão social. Porque o grupo é coeso, é um grupo de pessoas que se ajuda mutuamente, que ouve, que se apoia quando há problemas, é um grupo que vive dentro do grupo e que exclui tudo o que está de fora. (...) Não precisa de haver mais. E uma das táticas de manter as pessoas no grupo é precisamente essa, tudo o que está no exterior é negativo e, portanto, não necessitamos desses contactos. Não precisas de ir com os teus colegas a bares, com amigos ao cinema, porque tens pessoas na religião com quem podes fazer isso. Portanto, todo o apoio social é feito dentro do grupo, e o facto de o exterior ser o inimigo protege os membros do grupo de modo que ficam isolados dentro do grupo, o que também mais tarde dificulta imenso a saída, porque a saída pressupõe abandonar todas as estruturas sociais com as quais estamos ligados, não é.”

Por sua vez, Tiago e Rafael contam uma experiência um pouco diferente neste sentido, pois ainda lhes foi permitido conviver com outras crianças de fora da religião, ainda que com alguma vigilância dos seus pais, mas também com um voto de confiança dos mesmos. Rafael apenas acaba por ver estes laços perdidos com os seus 15 anos, quando muda de casa e de congregação, e nessa altura acaba por ver o seu círculo social limitado apenas aos conhecimentos da congregação. Os casos de Madalena e Laura também se diferenciam um pouco pela sua postura e crítica e desafiadora à doutrina neste âmbito, ambas insistindo em não romper completamente com amizades que mantinham, por não reconhecerem nada de errado nas mesmas. O que acontece com Laura é que por ela própria começa a sentir-se por vezes denegrida pelos seus pares por causa da sua religião, mas Madalena continuou a sentir-se aceite no seu grupo de amigos, e afirma que conseguia participar em atividades sem cometer desvios da doutrina.

“Vestes” e Comportamentos Corretos

O ser-se uma boa Testemunha de Jeová também se encontra diretamente relacionado com a sua aparência exterior. Às Testemunhas de Jeová é exigido que em todos os momentos sejam exemplares, que deem “bom testemunho” na sua personificação dos valores que aprendem na religião, e que dignifiquem a afirmação de serem seguidores de Deus. Uma instância de exemplo é no seu aspeto pessoal, sendo necessária uma imagem que invoque humildade, modéstia – aspeto fundamental e recorrente nesta descrição – e que cative confiança perante potenciais membros. Tanto a homens como mulheres é requerido um aspeto cuidado, com higiene (Testemunhas de Jeová 1995), cabelos bem penteados e roupas limpas e cuidadas, mas tanto a escolha do cabelo como roupas e acessórios deve ser modesta e discreta. É expectável que os homens usem o cabelo curto⁹⁵ e – lembrando algo mencionado no primeiro capítulo – não podendo usar barba, apenas bigode. No que concerne a roupa e acessórios, não querendo incorrer em repetição, a palavra incontornável é de facto a modéstia, acima de tudo. Além do seu bom cuidado, a escolha destas peças não deve ser feita de forma a servirem o propósito e exibir marcas ou as posses financeiras da pessoa, não deve ter um aspeto excessivamente chamativo ou imagens/palavras rudes e, acima de tudo, deve cobrir larga parte do corpo, pelo

⁹⁵ O grupo afirma que “provavelmente Jesus não tinha cabelo comprido porque a Bíblia diz que ‘ter cabelo comprido é uma desonra para o homem’.”, referindo o texto de 1 Coríntios 11:14 – “Não lhes ensina a própria natureza que ter cabelo comprido é uma desonra para o homem...” – da versão *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas* da Bíblia (Do artigo “Como era a aparência de Jesus?”, disponível online em <https://www.jw.org/pt/ensinos-biblicos/perguntas/como-era-aparencia-de-jesus/>).

que também não devem ser demasiado transparentes mesmo que o façam. Dentro e fora das atividades religiosas, é esperado que, por exemplo, homens e mulheres não usem roupas que poderão ser convencionalmente associadas ao outro género. Também é esperado que, para dar outro exemplo, os homens não se dispam da cintura para cima em público a não ser que seja necessário (como numa ida à praia, por exemplo), e que as mulheres não usem decotes que possam ser considerados demasiado reveladores, mostrem a barriga ou usem saias ou calções curtos. Já no contexto das atividades religiosas, acresce que os homens deverão usar sempre fato ou no máximo calças de fato e camisa de manga curta se estiver calor, mas sempre gravata; às mulheres é proibido que usem calças neste âmbito, e as suas saias devem de ser sempre, no máximo, de um comprimento que vá até ao seu joelho. Além destes aspetos, também é reprovado usar peças de roupa que, por exemplo, sejam algum tipo de *merchandise*, por tal denotar idolatria, ou envergar cortes e cores de cabelo não convencionais, assim como modificações corporais⁹⁶, por serem “do mundo”, de acordo com as palavras de Mariana.

Florabela explica que para a sua avó os bens materiais não tinham importância, e que deveria ser “humildezinha, pobrezinha, limpinha e arranjadinha”, usando sempre saias e tendo cuidado para manter um visual conservador:

“...a forma como fui educada... o corpo é para estar tapado, não é para... percebes? Fui sempre... e os homens também, os homens são todos maus, só querem é ter sexo e é afastar-me o máximo possível, cobrir-me o máximo possível (...) ...a minha relação com o corpo sempre foi muito complicada, ou seja, sempre fui muito voltada para o pensamento, para a cabeça, e o corpo era quase como se não existisse (...)”

Para mais, Susana descreve ter visto a sua integração na escola agravada pela forma como era obrigada a vestir-se:

“...e eu não me esqueço, tinha de ir vestida para escola como para a reunião. Calças de ganga? Nem pensar. Ténis? Nem pensar. Eu lembro-me de ir com uma saia de ganga – vá lá, era de ganga –, com uma camisa e uns sapatinhos ou sandália, para a escola. E isto entre o sétimo e o nono ano. É horrível, na altura não havia cacifos, porque se houvesse cacifos eu mudava de roupa quando lá chegasse.”

⁹⁶ Alguns exemplos de artigos que contêm diretrizes sobre este assunto são “Sua roupa mostra que você serve a Deus?” (Testemunhas de Jeová 2016a), “O que o seu guarda-roupa diz sobre você?” (disponível online em <https://www.jw.org/pt/ensinos-biblicos/adolescentes/perguntam/o-que-seu-guarda-roupa-diz-sobre-voce/>) e “Boa aparência” (Testemunhas de Jeová 2002).

Por personificação exterior da doutrina, também se entende o comportamento, hábitos e atitudes da pessoa. Comumente é utilizado o termo “conduta” pelo grupo, e deve ser praticada pela pessoa uma conduta que “glorifique a Deus” (Testemunhas de Jeová 2013d) e mostre respeito e “bons modos”. Este tipo de conduta surge em oposição ao que é descrito como “conduta desenfreada” ou “insolente”, que poderá consistir na desobediência às “leis de Deus”⁹⁷ – no que entre outras normas se inclui os princípios fundamentais de não mentir, matar, magoar, roubar, violar, etc. – e ao sistema legal de cada país. Este tipo de conduta também refere a procura de consumo de substâncias ilícitas e o comportamento descontrolado que pode resultar do mesmo, assim como da embriaguez; assim como é referida a desonestidade e a procura de enganar outros para proveito próprio⁹⁸.

Interesses Adequados e Pensamentos “Limpos”

Distinguir o certo do errado também envolve saber, por exemplo, afastar preferências em entretenimento que possam de algum modo referir assuntos ou celebrar práticas que vão contra a doutrina, ou constituir-se como influências desviantes. Oficialmente, o grupo abstém-se da imposição de proibição do consumo de determinados programas de televisão, filmes, livros ou música, mas, no entanto, são abundantes no seu seio as advertências contra os perigos que os mesmos poderão colocar. É possível encontrar diversos artigos que, ainda que não forneçam proibições específicas, alertam continuamente para a importância da escolha de formas de diversão “sadias”, pois, nas suas palavras, “muitas das coisas que as pessoas fazem para se divertir incluem coisas que Jeová odeia, como violência, imoralidade sexual e ocultismo” (Testemunhas de Jeová 2022b), e “quando escolhemos um filme, uma música, um site, um livro ou um jogo eletrónico, estamos a escolher o que vai encher a nossa mente”, escolhas que “podem influenciar o nosso modo de agir” e pensar, os seus interesses e capacidade de juízo moral, pelo que “a Bíblia aconselha-nos a continuar a ‘considerar as coisas’⁹⁹ que honram a Jeová” (Testemunhas de Jeová 2019b), e a escolher “limitar a nossa diversão ao que é moralmente puro.” (Testemunhas de Jeová 2017b: 63) Por exemplo, no caso do que é referido por conteúdos relacionados com o “ocultismo”, num artigo dirigido aos mais jovens é afirmado que por ter sido dado grande destaque ao mesmo em diversos meios, “em resultado disso,

⁹⁷ De acordo com a sua definição de “conduta insolente”, disponível online em <https://www.jw.org/pt/biblioteca/livros/glossario-da-biblia/conduta-insolente/>

⁹⁸ Conforme a sua definição de “Conduta Desenfreada”, em Testemunhas de Jeová s.d.a : 523.

⁹⁹ Citação do texto bíblico Filipenses 4: 8, da versão *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*.

muitos jovens passaram a interessar-se por coisas tais como astrologia, demónios, vampiros e bruxaria”, o que é perigoso porque “o ocultismo torna-nos aliados dos demónios. (...) Estes anjos maus, chamados demónios, usam médiuns espíritas, videntes, adivinhos e astrólogos para enganar as pessoas”, deixando o conselho: “Assim como um criminoso tenta enganar-te por te fazer pensar que é outra pessoa, os demónios fingem ser alguém querido que já morreu.” Ao mostrar resistência a estes tipos de entretenimento é uma forma de o cristão continuar a demonstrar que está “do lado” de Deus.¹⁰⁰ No entanto, ainda que a escolha de diversão seja considerada aceitável, existe uma advertência adicional: “...precisamos de ter cuidado para não gastar muito tempo com isso. É que pode acontecer não termos tempo para atividades mais importantes. A Bíblia incentiva-nos a usar o ‘tempo do melhor modo possível’¹⁰¹.” (Testemunhas de Jeová 2022b)

Raquel conta como quando a sua mãe a via a ler livros que não fossem relacionados com a religião logo era reprovada pela mesma, pois para si Raquel deveria privilegiar a leitura da literatura do grupo, e chegava mesmo frequentemente a colocar-lhe questões sobre os conteúdos dos mesmos para confirmar se tinha lido. Mariana enumera alguns exemplos de que se recorda sobre este tema:

“Ir a uma discoteca é errado, não se vai. Ir ao cinema só se for para ver certos filmes infantis e não é todos! É preciso ter muito cuidado. Eu conheço um casal (...) que se queixaram que foram ao circo, e foram-se embora quando veio o número de ilusionismo, porque conforme o nome indica, ‘ilusionismo’, não é, é magia, truques do demónio... Se gostas, não podes ir ao futebol, a um estádio de futebol, porque estás no meio do mundo, e é idolatria.”

Procurar excluir da sua mente quaisquer ideias e opiniões que possam divergir da doutrina e potencialmente também permitir-se a desviar-se do caminho correto, podendo mesmo a pessoa que manifesta o seu questionamento ter rapidamente colocada em causa a sua fé e lealdade ao grupo. Raquel explica que, na realidade, os membros acabam por ser mais incentivados a reprimirem as suas dúvidas que a esclarecê-las, pois essas dúvidas poderão ser rapidamente entendidas como fé insuficiente, e a dúvida poderá chegar a ser um receio em si: “É normal para uma Testemunha quando há outra que lhe apresenta evidências a pessoa não querer acreditar, não quer sequer ouvir e recusa, mentalmente, qualquer tipo de dúvida que queiram causar.” Rute enfatiza mesmo que os membros acabam por adotar uma postura que se

¹⁰⁰ Do artigo “Será que o ocultismo é apenas uma diversão inofensiva?”, disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/adolescentes/perguntam/ocultismo-diversao-inofensiva/>.

¹⁰¹ Citação do texto bíblico Efésios 5:15, 16, da versão *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*.

resume a fazer e pensar conforme os outros, de acordo com o que é indicado pelo grupo, não crendo que tinha “direito a emitir opiniões”, e Rafael, de forma semelhante, afirma que o “pensamento independente é das piores coisas que pode acontecer”:

“Eles usam muito um texto do apóstolo Paulo, a dizer que temos de ter a mente de Cristo. Ou seja, nós não podemos ter a nossa mente, temos de ter a mente de Cristo, e ali a mente de Cristo (...) – seja lá o que for – é o que a organização quer que seja. Então é o que vem nas publicações, é o que os anciãos ensinam na tribuna, é o que o superintendente diz... portanto, o bom crente tem de absorver isto tudo, e o pensamento crítico é perigoso... (...) Em que a diversidade de opiniões não existe, só pode existir em questões absolutamente triviais, e mesmo ele dizendo que ‘há questões que cada um decide por si’, eles vão sempre sugerir qual é a maneira desejável da pessoa agir...”

Laura recorda como em determinados momentos havia questões que lhe suscitavam dúvidas, mas que rapidamente as reprimia “porque no meio, com aquelas pessoas, com aquele modo de falar, de ser, de estar nas coisas”, convencendo-se que deviam apenas ser impressões erradas ou equívocos seus, e que provavelmente estaria a ser excessivamente “orgulhosa” face aos ensinamentos. Dá o exemplo de uma vez ter colocado uma questão sobre as transfusões de sangue e frações do mesmo – uma questão que será aprofundada no próximo capítulo –, e face à incapacidade dos anciãos de lhe darem uma resposta clara, foi logo confrontada com a acusação de estar a “questionar a organização”, e:

“...deram-me logo a entender que se eu continuasse sempre a questionar que iria haver problemas, então eu fiquei calada. E ficámos assim, ficámos condicionados, ou seja, deixamos de ter personalidade própria. (...) É como quem diz, ou estão connosco ou contra nós, e nós é que temos a razão, têm muito essa posição...”

Por medo da dúvida e do pecado ou castigo na congregação que poderá resultar, é evitado qualquer risco de exposição à crítica da doutrina, ou seja, à influência que possa levar a tal, mas de qualquer modo existe nesse sentido uma forte persuasão do grupo não só para não consultar conteúdos designados como “apóstatas”, como para ter um cuidado extremo na consulta de quaisquer fontes de informação exteriores ao grupo, pois existirá sempre o risco de a pessoa encontrar informações que possam levar ao seu desvio da crença, e o volume de conteúdos bibliográficos oferecidos pelo grupo é suficiente para criar no membro a sensação de que de facto não precisa de meios alternativos de pesquisa para esclarecer questões que possa ter. Enquanto membro, Florbela relata não ter acesso a outras fontes de informação que as do grupo, pelo que não tinha acesso a nenhum tipo de “termo de comparação”, e Mariana também conta ouvir repetidamente que não era necessário consultar “livros de fora da organização”, pois é

afirmado que os membros têm ali “à disposição todas as ferramentas”. Rafael explica que os membros são “literalmente assustados” para não consultarem nada fora do âmbito das publicações do grupo, e como qualquer conteúdo que questione o grupo é sempre abordado como apostasia:

“Cuidado com a internet, cuidado com os jornais, cuidado com as revistas, cuidado com os livros, porque contêm mentiras, e o Diabo está por detrás dessas coisas’. E então ‘cuidado com os apóstatas’! Basicamente, quem diz mal das Testemunhas de Jeová são os apóstatas. E quando um jornal publica uma matéria desfavorável às Testemunhas de Jeová é porque são os apóstatas...”

Carlos lembra-se de quando se deparou com este termo pela primeira vez, e de um dos primeiros livros de que ouviu falar neste sentido, intitulado *30 Anos Escravo da Torre de Vigia* (Schnell 2001)¹⁰², quando outro membro lhe confessa que o tinha lido e ficado incomodado. Nesta altura Carlos diz não conseguir conceber o que possivelmente haveria para dizer de mal acerca do grupo, “um povo pacífico, um povo que não vai à guerra, que acredita na Bíblia”, era essa a sua perspetiva. Sublinha que as Testemunhas de Jeová são “incentivadas a fugir da apostasia”, e que é provável que o ceder a ler uma publicação apóstata pela primeira vez, ainda que apenas por curiosidade, possa resultar em um “terrível peso na consciência”, e conta que: “...algumas dizem que até tremem, tanto que a sua consciência começa a incomodá-las, portanto, é uma doutrinação muito forte.”

Não obstante, nesta mudança de pensamento encontra-se a aquisição de um entendimento que se encontra sempre presente no discurso do grupo e na vida da Testemunha de Jeová, que se nota que tanto serve o papel de estratégia de *coping* como de prova do seu investimento como membro: a ideia de que seguir a Verdade é equivalente a um caminho de sacrifício, martirização e perseguição (Testemunhas de Jeová 2019c), ou seja, que o “caminho” correto não o será sem os sacrifícios que são pedidos como membro e que assim o seu sofrimento por causa dos mesmos é justificado, que tudo o que acontece de negativo à pessoa em virtude de ser Testemunha de Jeová é evidência de que tem razão e de que se encontra de facto na Verdade,

¹⁰² Obra autobiográfica da autoria de um ex-ancião norte-americano das Testemunhas de Jeová, William J. Schnell, que relata a sua experiência de pertença ao grupo e do seu abandono no contexto da primeira metade do século XX.

porque assim se torna num alvo privilegiado de perseguição das forças do mal. No livro *Organizados para Fazer a Vontade de Jeová*, encontramos as seguintes palavras:

“Você talvez já esteja na verdade há muitos anos. Nesse caso, com certeza, sabe o que significa enfrentar provas de integridade. No entanto, mesmo que conheça a Jeová e se associe com o seu povo há pouco tempo, sabe que Satanás, o Diabo, se opõe a todos os que se sujeitam à soberania de Jeová. Por isso, quer tenha enfrentado muitas provações, quer poucas, não há motivos para ter medo nem se sentir desanimado. Jeová promete que o apoiará e o recompensará com livramento e vida eterna. (...) Todos nós ainda podemos sofrer provações nestes últimos dias do sistema de Satanás. Desde que o Reino de Deus foi estabelecido em 1914, Satanás deixou de ter permissão para comparecer perante Jeová nos céus. Ele e os seus anjos perversos foram lançados para a Terra, e só aqui é que podem agir. As dificuldades cada vez maiores na Terra, incluindo a perseguição dos servos dedicados de Jeová, são resultado da ira de Satanás. Provam que estamos a viver nos últimos dias do seu domínio perverso sobre a humanidade. (...) Satanás sabe que o seu tempo é curto. Juntamente com os demónios, ele faz tudo o que pode para prejudicar a obra de pregação e destruir a união dos servos de Jeová. Isso coloca-nos no campo de batalha da guerra espiritual descrita como ‘uma luta, não contra sangue e carne, mas contra os governos, contra as autoridades, contra os governantes mundiais desta escuridão, contra as forças espirituais malignas nos lugares celestiais’. Para sermos vitoriosos, do lado de Jeová, não devemos desistir da luta, mas manter a nossa armadura espiritual em excelentes condições. Devemos ‘manter-nos firmes contra as artimanhas’ do Diabo. (Efé. 6:10-17) Para isso, precisamos de perseverar.” (Testemunhas de Jeová 2019a: 170, 171)

Conseguir prevalecer perante dificuldades colocadas à sua atividade religiosa, independentemente do preço que essa resistência tenha, é celebrado no grupo como exemplo de dedicação e perseverança. Esta é uma ideia que se conhece como

cristalizada na frase de Tertúlio, ‘o sangue dos cristãos é semente’, frequentemente afirmada como ‘o sangue dos mártires é a semente da igreja’. É proximamente relacionada com uma ética devocional de que o sofrimento poderá resultar em grandes frutos espirituais para a comunidade do fiel. (Weimer 2017: 2)

Esta noção no contexto do grupo assume um significado mais abrangente e aplicável a mais eventos do que poderia ser considerado, por exemplo, no catolicismo, mas a associação entre sofrimento e glória que se encontra na base do seu significado permanece a mesma. Conforme a historiadora A. Weimer notou:

A categoria de martirização tende a se tornar mais difusa ao longo do tempo. Indo além de uma definição estrita de morte pela fé, os americanos têm utilizado a linguagem da martirização para encontrar significação espiritual numa multitude de sofrimentos físicos e interiores. Por exemplo,

freiras franco-canadianos e puritanos da Nova Inglaterra reivindicaram o seu sofrimento quotidiano colonial como uma forma de martirização. (ibid. 1)

E tal como se verifica no caso das Testemunhas de Jeová:

Ainda que tenham rejeitado o culto católico dos mártires com o dos santos, os protestantes de língua inglesa desenvolveram a sua própria tradição sobre os mártires. Aos mártires protestantes não se orava, mas eram lembrados como modelos exemplares de santidade pela sua articulação bíblica da fé e experiências extasiantes quando perante a morte. (...) A espiritualidade protestante de martirização foi uma que afirmou que a verdade bíblica era infinitamente mais valiosa que os confortos terrenos ou até a própria vida. (ibid. 3, 4)

Estes desafios que a Testemunha de Jeová enfrenta ao longo do seu percurso são ultimamente tanto mais toleráveis e suportáveis por se constituírem como evidência de que se encontra no caminho correto para a salvação, à semelhança do entendimento de Paul Bunyan, que viu “as suas provações espirituais e arrependimento como preliminares à salvação: ‘Virar-se’ do mundo ‘para’ Cristo e Deus (...)” (Barbour 1994: 21), o “afastar-se de todas as influências corruptoras que ameaçam o seu esquema de perfeição moral.” (ibid. 24) Relatos pessoais de sacrifícios pela sua fé e princípios, assim como de resistência face a dificuldades, permeiam a literatura das Testemunhas de Jeová, os discursos na congregação e conversas pessoais, comprovando-se o quanto se revela como um enquadramento explicativo recorrente para a vivência de determinadas situações, de outro modo potencialmente desafiadoras da justificação e propósito das mesmas. Carlos também sofreu *bullying* na escola por se identificar como Testemunha de Jeová, mas diz que na altura estas experiências apenas reforçaram a sua convicção de que estaria “realmente no bom caminho, na religião verdadeira”, e para Raquel o seu percurso escolar também foi muito difícil, e diferenciando-se um pouco da atitude de Carlos afirma que os melhores anos que teve foi quando decidiu ocultar o facto de ser Testemunha de Jeová, mas confirma que: “é-nos instituído que se estiveres a ser gozado pela religião é bom sinal (...) ...veem isso de forma positiva.” Esta atitude de receção à dificuldade, especialmente quando em torno da sua fé, como se uma provação se tratasse, foi adotada pela mãe de Rafael face às discussões que tinha com o seu pai por causa da sua atividade religiosa, pois conforme as palavras de Rafael: “...para as Testemunhas de Jeová aguentar firme é uma honra, uma vitória, é o mártir...”; mas também vivida por Laura, que conta que uma noite a sua mãe queixava-se de muitas dores, algo que lhe parecia constantemente acontecer em dias de reunião, o que leva Laura a interpretar a situação como uma provação do Diabo, de acordo com o entendimento de outros membros. Laura costumava acabar por não ir à reunião nessas alturas,

mas nessa noite decidiu ir, pois sentia-se irritada, acreditando que era o Diabo a usar a sua mãe contra si. Sente a sua consciência pesada, mas fica orgulhosa de si. Mas acontece que ao chegar a casa a sua mãe estava no hospital – pouco depois surgindo o seu diagnóstico de doença oncológica –, e o seu orgulho é rapidamente substituído por uma grande perturbação.

Revela-se então uma noção mais concreta do tipo e dimensão das mudanças por que o convertido passa para conseguir ser uma boa Testemunha de Jeová. Mas entre a observação da ocupação do tempo e mudanças pessoais e interpessoais que se dão, revela-se um outro aspeto inerente a se ser membro, ou antes, que se prova o efeito último da procura da pertença e da fé, que estabelece uma relação dialética de causa/efeito com a remoção de si do mundo onde vive todos os dias, e o fechamento neste grupo religioso.

III.III.

Uma Nova Perceção do Mundo, e de Si

Pelo aspeto referido anteriormente salienta-se o fenómeno em torno da construção e a complexidade da sua particular *visão do mundo*, enquanto determinada pela pertença às Testemunhas de Jeová. Foi mencionada a existência da associação entre convivência/envolvimento com o que se encontra fora da religião com fatores de risco, e embora estas palavras possam transparecer uma correlação simples de fatores indicada por diversas orientações do grupo, esta associação não poderá ser explicada apenas nestes termos, pois a sua visão do mundo – e, logo, a que é assimilada pelo membro – constitui-se num conjunto complexo de interpretações e argumentos que lhe é distinto, e que não apenas são a base para se pensar o modo de ser e estar do bom cristão como determinam a forma como o grupo se concebe a si próprio, e como a perceção do membro do mundo exterior e da relação com o mesmo e com o grupo se define neste contexto.

A palavra “mundo” assume um significado particular e de extrema importância nas Testemunhas de Jeová. Mais que uma mera palavra, é uma noção distinta, recorrente nas publicações e discursos do grupo, sendo muitas vezes utilizada de forma alternada com a

expressão “sistema de coisas”, da qual é equivalente. Segundo o grupo, na Bíblia encontra-se a referência ao “atual sistema de coisas”, que deduz referir-se “à situação predominante no mundo em geral e ao modo de vida do mundo.”¹⁰³ Noutro artigo, intitulado “Quando vai ser o fim do mundo?”¹⁰⁴, é esclarecido que para se poder responder a esta questão é necessário entender o que a palavra “mundo” quer dizer na Bíblia. “Na maioria das vezes”, refere-se “ao mundo da humanidade, especialmente às pessoas que não fazem a vontade de Deus”, embora note que a palavra grega *kósmos* “também se refere à forma como a sociedade está organizada, o que inclui os sistemas político, religioso e comercial.” É então explicado que por fim do mundo entende-se o fim *deste* mundo, que significa o mesmo que o “atual sistema de coisas”, noção que é levada à letra pelo grupo e que justifica a sua crença em um apocalipse que não destruirá a Terra mas apenas a sociedade e instituições que vivem afastadas da vontade de Deus, ou “apartadas” da mesma. O texto de 1 João 2: 17 – “Além disso, o mundo está a passar, assim como o seu desejo, mas quem faz a vontade de Deus permanece para sempre” – e o texto de Salmos 37: 9-11 – “Pois os maus serão eliminados; Mas os que esperam em Jeová possuirão a terra. Apenas mais um pouco e os maus deixarão de existir; Olharás para onde estavam; E eles não estarão lá. Mas os mansos possuirão a terra; E terão grande alegria na abundância de paz” – são referidos como prova de que a Bíblia ensina essa interpretação, e como indicação do que a pessoa precisa de fazer para garantir a sua salvação no apocalipse.

1 João 2: 15, 16, “Não amem nem o mundo, nem as coisas no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo o que há no mundo — o desejo da carne, o desejo dos olhos e a ostentação de posses — não se origina do Pai, mas origina-se do mundo”, é citado como um texto que refere “três armadilhas” utilizadas pelo Diabo para afastar a pessoa de Deus (Testemunhas de Jeová 2019d), e como exemplo da veracidade bíblica da necessidade da Testemunha de Jeová viver afastada desse “mundo”. A Testemunha de Jeová é incentivada pelo grupo a “não fazer parte do mundo” ou a não se “amoldar” ao mesmo, esforço que se torna em si a absoluta definição do seu estilo de vida, e entendimento de si e da realidade que os rodeia. O texto de Romanos 12:2, “E porem de se moldar de acordo com este mundo, mas sejam transformados, por renovar a vossa mente, para comprovarem por vocês mesmos a boa, aceitável e perfeita vontade de Deus”, é citado¹⁰⁵ acompanhado da seguinte explicação:

¹⁰³ Da sua definição de “sistema de coisas”, disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/biblioteca/livros/glossario-biblia/sistema-de-coisas/>

¹⁰⁴ Disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/perguntas/fim-do-mundo/>

¹⁰⁵ Do artigo “Romanos 12:2 — ‘Transformai-vos pela renovação da vossa mente’”, disponível online em <https://www.jw.org/pt/ensinos-biblicos/textos-biblicos/romanos-12-2/>

“Aqueles que querem agradar a Deus não devem somente rejeitar influências más, mas devem também mudar sua personalidade. Deus não obriga ninguém a mudar. A pessoa muda porque ama a Deus e reconhece que o que ele pede é amoroso, razoável e para o nosso bem.” É isto que de forma muito sucinta significa para o grupo a pessoa não “se amoldar a este mundo”, mundo este que não se conforma com a vontade que Deus, dado encontrar-se sob a influência do Diabo. De acordo com as Testemunhas de Jeová esta influência poderá estar por toda a parte, encontrando-se a pessoa em qualquer momento sujeita a ser tentada a desviar-se do seu rumo e a cair em tentação, mesmo quando crê que algo ou uma pessoa possa ser inofensiva, pois essa é uma das formas segundo a qual o Diabo ou o demônio, como um “lobo com pele de cordeiro”, poderá enganá-la. É este entendimento que justifica a dimensão das orientações dadas à pessoa, das quais uma síntese se ofereceu no ponto anterior, orientações que se constituem num imenso conjunto de sugestões detalhadas para se tornar diferente em todos os sentidos¹⁰⁶, em comportamentos, gostos, hábitos, pensamentos, objetivos e relacionamentos a evitar, essencialmente preferindo o modo de “pensar de Jeová” (Testemunhas de Jeová 2018c).

Além do que já foi referido, este entendimento é o que fundamenta, por exemplo, a neutralidade política das Testemunhas de Jeová. Além de o grupo equiparar o patriotismo à idolatria, o envolvimento do grupo e dos seus membros em partidos ou movimentos políticos seria o mesmo que se envolver com as instituições que consideram “do mundo”, contexto no qual se insere a polémica questão da oposição das Testemunhas de Jeová à ONU¹⁰⁷, por

¹⁰⁶ Afirmando seguir o exemplo de Jesus Cristo, conforme explicado no artigo “Não Fazem Parte do Mundo” (Testemunhas de Jeová 2018b).

¹⁰⁷ A Organização das Nações Unidas é pensada pela organização das Testemunhas de Jeová como sendo a “fera cor de escarlate” descrita no livro de Revelação 17: 3-18. Nestes versículos bíblicos a “fera” é descrita como tendo “sete cabeças” que representam “sete montes” e “sete reis”, o que o grupo interpreta simbolizar governos, e no seu conjunto a realidade política mundial. É também descrita como procedendo de “outros poderes”, como algo que “desonra a Deus” por estar coberta de “nomes blasfemos”, como sendo montada por “Babilónia a Grande” – a representação do conjunto das “religiões falsas” –, e que também iria ficar algum tempo em “inatividade”, num “abismo”, para eventualmente surgir novamente no mundo. Foi assim relacionada pelo grupo com a ONU pelos seguintes motivos, conforme detalha nas suas próprias palavras: “A ONU tem o objetivo de manter a “igualdade de todos os seus membros”. Por isso, apoia o sistema político mundial. (...) Um reflexo do sistema político mundial. Em 2011, a ONU passou a ter 193 países-membros. Ela afirma representar a grande maioria das nações e dos povos do mundo. (...) Recebe o seu poder de outros reinos. A ONU só existe por causa dos países-membros que representa, e só tem o poder e a autoridade que eles lhe dão. (...) Está ligada à religião. Tanto a Liga das Nações como a ONU sempre receberam apoio de diversas religiões. (...) Desonra a Deus. A ONU foi formada para “manter a paz e a segurança internacionais”. Apesar de se tratar de um objetivo nobre, ao prometer isso, a ONU desonra a Deus. Porquê? Porque Deus diz que apenas o seu Reino trará verdadeira paz e segurança. (...) Ficou em estado de inatividade durante algum tempo. A Liga das Nações foi formada pouco depois da Primeira Guerra Mundial, com o objetivo de manter a paz, e não foi capaz de evitar conflitos entre países. Ela deixou de funcionar em 1939, quando começou a Segunda Guerra Mundial. Depois do fim da guerra, em 1945, a ONU foi formada. Os seus

exemplo, e da sua proibição geral dos seus membros de votarem¹⁰⁸, ou participar em algum tipo de serviço militar¹⁰⁹. Para mais, este envolvimento poderia significar a violação do seu princípio de pacifismo absoluto, podendo também implicar um desvio do empreendimento da pregação, e as Testemunhas de Jeová não acreditam que além do contributo que podem fazer com a pregação tenham em si o direito ou poder de decidir sobre os problemas do “mundo”, pois sobre esses apenas Deus poderá decidir, o que é reforçado nas seguintes palavras de orientação da sua autoria: “(1) confiar que só o Reino de Deus vai corrigir as injustiças, (2) ser neutro em assuntos políticos e (3) não usar de violência”.

Acompanhando estas posições está também a crítica de todo e qualquer preconceito, uma orientação que é de facto afirmada em várias instâncias no discurso do grupo. Um facto sobre as Testemunhas de Jeová é a sua defesa da tolerância e igualdade sobre pessoas de todas as origens, étnicas, culturais ou nacionais, sendo imagens de uma grande diversidade social a conviver em comunhão frequentemente utilizadas nas suas publicações, e este ambiente é efetivamente visível nos seus eventos e atividades. Afinal, todas as pessoas são a criação de Deus, que as amará a todas de modo igual, e a máxima “amar ao próximo como a si mesmo” é tida como tal. No entanto, é óbvio que a noção de tolerância esposada pelas Testemunhas de Jeová não é a mais convencional, dado ter severos limites noutros planos. Como é possível a tolerância e não ter preconceitos se tudo o que se desvia da doutrina é condenável? Esta

objetivos, métodos e estrutura são muito parecidos com os da Liga das Nações.” (Do artigo “O que é a fera de cor escarlate de Apocalipse capítulo 17?”, disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/perguntas/fera-de-cor-escarlate-de-apocalipse-17/>).

¹⁰⁸ Esta medida tem diretamente a ver com a neutralidade política e posição pacifista assumida pelo grupo. Para mais detalhes consultar o artigo “Porque é que as Testemunhas de Jeová são neutras em assuntos políticos?”, disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/neutralidade-politica/>

¹⁰⁹ Também parte da sua neutralidade política e pacifismo. Com o seu exemplo Rafael ilustra o que aconteceu a muitos jovens Testemunhas de Jeová quando ainda existia o serviço militar obrigatório: “Há uma provisão de uma pessoa se tornar objetor de consciência, no meu tempo fui objetor de consciência, mas no meu tempo era diferente, no meu tempo não havia dia da defesa nacional, havia o serviço militar obrigatório, e eu, obviamente, pedi o estatuto de objetor de consciência, mas depois punha-se a questão do serviço cívico de substituição. No meu tempo o serviço cívico era inaceitável para uma Testemunha de Jeová, porque o argumento era: quem faz serviço cívico está sujeito às autoridades militares, se fizer uma asneira vai ser julgado por um tribunal militar, e o estipêndio é pago pela autoridade militar. Portanto, é um serviço militar na mesma, só que sem armas, logo, não é aceitável. (...) O que é que aconteceu: depois de fazer a objeção de consciência, logo na audiência em tribunal, o juiz perguntou-me ‘então o senhor está disposto a fazer o serviço cívico?’, e eu já ia preparado, tinham-me dito que esta pergunta ia surgir, e que deveria dizer que eu não poderia ser questionado sobre a minha intenção de fazer qualquer coisa, e foi isso que disse ao juiz: ‘Senhor juiz, ainda não decidi, e não posso ser agora julgado pela intenção de fazer ou deixar de fazer.’ Entretanto vieram os papéis para o serviço cívico, eu recusei, foi-me posto um processo, e arriscava dois anos de cadeia na altura por desobediência civil qualificada. Entretanto, para minha sorte e por ironia do destino, veio o papa João Paulo II a Portugal, e eu fui amnistiado, ou seja, devo a minha liberdade ao papa.”

incongruência é obscurecida pelo grupo, e as escolhas de palavras utilizadas são cuidadosas, como o evidencia um exemplo citado por Mariana: “Nós não odiamos as pessoas, odiamos as suas práticas.” E se o amor, paz, moderação e sensatez devem ser parte do bom cristão, como podem estas coexistir com a recorrência da indicação de odiar tudo o que seja mau ou contrário à lei de Deus, mesmo que destas coisas se tratem? Como é realmente possível equacionar este ideal de tolerância com a oposição à ONU, colocando em causa os conteúdos da Carta dos Direitos Humanos? Sabe-se que se encontra em causa a interpretação de uma profecia bíblica, mas excetuando o papel da mesma na sua perceção, o que existe na posição oficial da ONU que vá contra os interesses das Testemunhas de Jeová? Esta e outras questões são aqui deixadas para clarificar que a noção de tolerância na posição das Testemunhas de Jeová não é exatamente como afirmada, e embora complemente os seus princípios de neutralidade e pacifismo, não é na verdade colocada em prática sobre o que é “do mundo” – ou seja, pessoas, crenças e práticas que não façam parte e que difiram das Testemunhas de Jeová.

Esta postura surge perante a perceção de se correr um risco constante de se ser alvo da tentação das forças do mal por estas saberem que o membro tenta seguir a Verdade, algo que está presente no quotidiano individual como de todo o grupo. Além de outros argumentos utilizados que suportam a sua conclusão de que são a única religião verdadeira e a única comunidade que tenta fazer o que é correto segundo a vontade de Deus, segundo a narrativa das Testemunhas de Jeová a veracidade desta ideia é ainda provada pela constante e significativa perseguição de que afirmam ser vítimas diariamente – e pela sugestão contínua desta ameaça ao membro¹¹⁰ –, sendo vários exemplos cedidos pelo grupo de casos de Testemunhas de Jeová que são condenadas e presas e vários países e de instâncias da proibição das atividades do grupo¹¹¹, ou até mesmo de como foram também um alvo do regime nazi e torturadas e mortas em campos de concentração¹¹². Em última instância, esta narrativa, embora seja constituída por exemplos de casos cuja veracidade não é questionável, acaba por ser

¹¹⁰ Dois exemplos deste tipo de conteúdo podem ser encontrados nos artigos “Prepare-se agora para a perseguição” (Testemunhas de Jeová 2019c) e “Enfrente perseguição com coragem!” (Testemunhas de Jeová 2022c).

¹¹¹ Tal como é possível notar nos artigos “Lembre-se de Orar Pelos Irmãos Que Enfrentam Perseguição” (Testemunhas de Jeová 2017c), “Três famílias são alvo de perseguição em Yaroslavl” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/noticias/jw-noticias/regiao/russia/Tr%C3%AAs-fam%C3%ADlias-s%C3%A3o-alvo-de-persegui%C3%A7%C3%A3o-em-Yaroslavl/>), ou “Relatório Especial: A Perseguição às Testemunhas de Jeová na Eritreia” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/noticias/legal/por-regiao/eritreia/relatorio-especial-30082019/>).

¹¹² Uma explicação é oferecida no artigo “O que aconteceu às Testemunhas de Jeová durante o Holocausto?”, disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/testemunhas-jeova-holocausto-factos-campo-concentracao/>.

utilizada como prova de que as forças do mal não apenas podem tentar indivíduos, mas que agem por meio do mundo na sua totalidade, fazendo do grupo um alvo preferido. A dimensão dos infortúnios de outras comunidades pelo mundo não é em algum momento referida como comparação, e ao ler o diverso material que é oferecido pelo grupo sobre esta questão e ao ouvir os múltiplos discursos que a referem, mesmo na ausência dessa afirmação é nutrida a sensação de que as Testemunhas de Jeová são uma comunidade vítima, que passa por um sofrimento muito grande ao longo da sua história, que quase parece ser maior que o de outros. É explicado que esta “perseguição” ao “povo de Deus” estaria profetizada¹¹³, que é um sinal de que as Testemunhas de Jeová são esse “povo” escolhido, e que a sua perseguição faz parte do esforço do Diabo em as travar pelo tempo que lhe resta antes de vir o apocalipse. É assim que a sua relação com o mundo é também fundamental na sua doutrina porque permite ao grupo validar continuamente a sua relevância aos olhos dos seus membros e potenciais convertidos, e justificar ao membro que encontrando-se o mundo nas mãos do Diabo desta forma, é natural que se torne vítima da perseguição, oposição, gozo ou confronto¹¹⁴, e que precise de passar por sofrimento no sacrifício de relações, objetivos e preferências. Assim a pessoa permanece no grupo com confiança, racionalizando e aceitando o seu sofrimento, afinal parte do sacrifício do próprio grupo.

Outro aspeto que não se pode deixar de elaborar um pouco mais, é a sua posição perante a ciência. As Testemunhas de Jeová não se apresentam como radicalmente anti-ciência, procurando muitas vezes até citar estudos científicos em artigos de variados temas, mas a questão é que muitas vezes estes estudos não são citados da forma mais correta, são descontextualizados ou de validade dúbia, ultimamente citados na procura de formas de validação de ideias previamente estabelecidas, e reafirmando as “limitações da ciência”¹¹⁵. Afirma-se que a relação das Testemunhas de Jeová com a ciência é um assunto delicado e até mesmo grave porque a relevância da atividade científica em si não é absolutamente reconhecida, sendo na maior parte das vezes referidos estudos e citações de alegados cientistas

¹¹³ Conforme, por exemplo o texto bíblico João 15: 18, 19 (versão *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*): “Se o mundo vos odeia, sabem que me odiou a mim antes de vos odiar. Se fizessem parte do mundo, o mundo iria amar-vos por lhe pertencerem. Agora, visto que não fazem parte do mundo, mas eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos odeia.”; e 2 Timóteo 3: 12: “Todos os que desejarem levar uma vida de devoção a Deus, em união com Cristo Jesus, também serão perseguidos.” Do artigo “Prepare-se agora para a perseguição” (Testemunhas de Jeová 2019c).

¹¹⁴ Tal como também exemplificado pelo artigo “A verdade traz “não a paz, mas a espada” (Testemunhas de Jeová 2017d).

¹¹⁵ Do artigo “Como é que as Testemunhas de Jeová encaram a ciência?”, disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/testemunhas-de-jeova-e-ciencia/>.

de forma a validar a crença religiosa, testemunhos em primeira mão de cientistas que reconhecem que a ciência não consegue ter respostas para tudo e que em vários assuntos a Bíblia acaba por ser a melhor fonte de conhecimento, ou manifestando uma opinião favorável à crença em questões específicas, como é o caso do criacionismo¹¹⁶. Assim, o modo como o grupo se relaciona com a prática científica é tanto mais grave porque influencia a relação do membro com a mesma, e fomenta suspeita e uma falsa sensação de autoridade de conhecimento que pode ter consequências negativas na sua vida e dos que os rodeiam.

Acima de tudo trata-se aqui da questão da sua abordagem ao tratamento médico, que no caso da terapia psicológica, por exemplo, é desaconselhada por poder fazer o crente colocar em causa a religião, e encontramos nos casos exemplos desta vivência em fases difíceis, às quais voltaremos posteriormente. Raquel descreve em alguns momentos sentir-se deprimida, mas a sua mãe dispensava o seu sofrimento como “falta de fé”, e explica que, sendo assim:

“...como é uma questão religiosa, não de medicina, tu não tens de ir ao médico, a um psicólogo ou psiquiatra. Não, tu recorres à Bíblia (...). Eu costumo dizer, nem ter uma depressão tu podes. Tu tens uma depressão e não és tratada. Há muita gente infeliz lá dentro.”

Mariana chega a ser acompanhada profissionalmente para a sua depressão, mas apenas em neurologia, pois não queria contar o motivo da sua depressão na terapia psicológica:

¹¹⁶ Vários exemplos poderão ser encontrados neste âmbito. Nos artigos “Quando é que Deus começou a criar o Universo?” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/perguntas/dias-da-criacao-universo/>), “Como posso defender a minha crença em Deus?” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/biblioteca/livros/Os-Jovens-Perguntam-Respostas-Pr%C3%A1ticas-Volume-2/O-teu-progresso-espiritual/Como-posso-defender-a-minha-cren%C3%A7a-em-Deus/>) são citados alegados estudos científicos que comprovam a criação da Terra tal como descrita no início do livro de Génesis, e incentivado o uso destes argumentos em trabalhos escolares para os jovens membros; Em outros artigos é diretamente discutida a validade da teoria da evolução humana, sendo também citados estudos e cientistas que alegadamente comprovam a legitimidade do criacionismo, como em “Será que Deus usou a evolução para criar os diferentes tipos de seres vivos?” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/perguntas/sera-que-deus-usou-a-evolu%C3%A7%C3%A3o/>), “Como é que a vida começou?” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/biblioteca/series/mais-assuntos/como-comecou-vida/>), ou “Evolução – mitos e factos” (Testemunhas de Jeová 2018d); Ocasionalmente são também publicados testemunhos de alegados cientistas Testemunhas de Jeová, sobre como conciliam a sua fé com a ciência e diversas formas como a doutrina se afigura como igualmente válida ou superior ao que ao conhecimento científico, alguns exemplos dos quais podem ser encontrados nos artigos “Um Neurocientista fala de sua fé” (Testemunhas de Jeová 2017e) ou “Um embriologista fala de sua fé” (Testemunhas de Jeová 2016b), e nos conteúdos online “Irène Hof Laurenceau: Uma cirurgiã ortopédica fala de sua fé” (disponível online em <https://www.jw.org/pt/biblioteca/videos/origem-vida-teorias-fatos/irene-hof-laurenceau-cirurgia-ortopedica/>) e “Monica Richardson: Uma médica fala de sua fé” (disponível online em <https://www.jw.org/pt/biblioteca/videos/origem-vida-teorias-fatos/monica-richardson-medica/>).

“Porque isso era a mesma coisa que expor que a religião, em vez de me estar a fazer bem estava a fazer mal. (...) A dar mau testemunho! Porque não era suposto eu estar naquele estado. No fundo acabava por aceitar que o mal era meu, é o que toda a gente pensa – nós é que somos a causa do nosso estado. Não estamos a cumprir, não estamos a ser obedientes, não temos fé...”

E após o nascimento do seu filho, Rute tem uma depressão pós-parto e pouco tempo depois é diagnosticada com bipolaridade. No caso de Rute houve apoio no seu seio familiar na procura de ajuda profissional adequada, mas ao mesmo tempo, na sua congregação, foi abordada com a sugestão do reforço em orações e horas de pregação, e até da possibilidade de possessão demoníaca. Mesmo assim Rute ainda resistiu durante algum tempo a procurar terapia psicológica por também não querer “expor a religião”. Assim, a pessoa acaba por, em suma, frequentemente ser aconselhada pelos anciãos e outros membros a se envolver mais nas atividades religiosas e orar mais como solução para problemas psicológicos que poderão ser bastante graves e passar muito tempo negligenciados.

Mas a questão possivelmente mais problemática e uma das que tornam as Testemunhas de Jeová mais vezes o foco dos *media* – e de atenção na área da bioética (Howell e Bamber 1987; Rajtar 2013; Redmann et al. 2018) – é a da proibição de transfusões de sangue¹¹⁷. Dentro do seu conhecimento, Rafael oferece alguns detalhes sobre o que terá fundamentado esta proibição em termos bíblicos, mas também sobre como crê ter uma fundamentação insuficiente:

“...a Bíblia não fala de transfusões de sangue, mas como numa parte diz que os israelitas não podiam comer sangue, depois o mesmo princípio foi reafirmado... (...) Os judeus tinham uma posição de que a alma estava no sangue, que a alma de qualquer criatura estava no sangue, e que a alma pertence a Deus. Portanto, comer o sangue é tirar a vida, e os judeus tinham uma posição muito grande de que não se come sangue. Então os animais tinham que ser sangrados... (...) Logo, a questão do sangue refere-se expressamente a não comer, a não consumir o sangue de um animal que já morreu, ou seja, era uma espécie de respeito pela criatura morta não lhe comer o sangue, respeito pela criatura e para com Deus. Os judeus tinham, e têm, um respeito muito grande pela vida, e isso está explícito no que Jesus supostamente ensinou: ‘qual de vocês num dia de sábado, se a ovelha cair no poço não a vai lá buscar? Qual de vocês se um filho se aleijar num dia de sábado não vai lá socorrê-lo?’ É claro que salvar a vida era mais importante, isso estava de acordo com o judaísmo, todo o trabalho que fosse feito para salvar uma vida, nem que fosse a vida de um animal era mais importante do que o sábado.

¹¹⁷ Tal como esclarecida, por exemplo, nos artigos “O que diz a Bíblia sobre transfusões de sangue?” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/perguntas/biblia-transfusoes-de-sangue/>), e “Porque é que as Testemunhas de Jeová não aceitam transfusões de sangue?” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/porque-testemunhas-jeova-nao-transfusao-sangue/>)

Ou seja, pela ordem lógica das coisas, os judeus podem receber uma transfusão de sangue. Estamos a falar dos judeus. Um judeu pode, para um judeu é lícito fazer uma transfusão para salvar a vida, o salvar a vida é mais importante do que o consumo do sangue. (...) A filosofia que está por detrás da recusa em comer está em ‘morreu uma alma, esta alma pertence a Deus’, ora, quando alguém doa sangue não morre.”

É recorrente nas fontes do grupo explicar-se que existem alternativas perfeitamente viáveis às transfusões de sangue¹¹⁸, e que qualquer tratamento pode ser feito evitando-a, apenas não o sendo se não houver recursos ou se o profissional médico não tiver conhecimento ou for inflexível. Chegam a ser criadas pelo grupo as chamadas Comissões de Ligação Hospitalar, que são constituídas por anciãos do grupo que têm a função de entrar em contacto com profissionais de saúde e oferecer informações sobre a sua crença e tratamentos alternativos¹¹⁹. Por causa desta exigência existem as pessoas que acabam por aceitar as transfusões podem receber punições no grupo, mas existem tantos outros de pessoas que faleceram¹²⁰ ou desejaram que isso acontecesse a filhos, somente impedidos pela lei¹²¹. Por este motivo esta proibição é conhecida como uma das mais impopulares e contestadas, sentimento que veio ser agravado por, há poucos anos, ter sido aprovada pelo corpo governante a possibilidade de se receber a transfusão de componentes do sangue, percebida por muitos como incongruente, e até injusta para as pessoas que seguiram a norma e pagaram um preço elevado por isso no passado.

¹¹⁸ De que são exemplo os conteúdos online direcionados tanto para os membros como para profissionais de saúde “Estratégias Clínicas Para Evitar Transfusões de Sangue” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/biblioteca-medica/estrategias-descarregar/estrategias-clinicas-para-evitar-transfusoes-sangue/>), “Transfusões de sangue – O que muitos médicos dizem atualmente” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/paz-felicidade/saude-fisica-mental/transfusoes-de-sangue/>) ou “Estratégias Clínicas sem Recurso à Transfusão de Sangue Para Evitar e Controlar a Hemorragia e a Anemia em Doentes Cirúrgicos” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/biblioteca-medica/estrategias-descarregar/evitar-controlar-hemorragia-anemia/>)

¹¹⁹ Para mais informações sobre as Comissões de Ligação Hospitalar consultar o conteúdo “Comissões de Ligação Hospitalar Para as Testemunhas de Jeová”, disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/biblioteca-medica/estrategias-descarregar/comissoes-ligacao-hospitalar-testemunhas-de-jeova/>.

¹²⁰ Conforme noticiado, por exemplo, em “Jehovah's Witness teenager dies after refusing blood transfusion” (Press Association 2010) ou “Jehovah's Witness mother dies after refusing blood transfusion” (Attewill 2007).

¹²¹ De que são exemplo as notícias “Judge rules on Jehovah's Witness baby blood transfusion” (BBC News 2014) e “Judge to decide on blood treatment for teenage Jehovah's Witness” (BBC News 2019).

Até ao presente momento temos observado uma parte do percurso do membro das Testemunhas de Jeová, enquanto demonstrando um grau de compromisso e assimilação no grupo que é cada vez mais significativo na sua vida: após o primeiro contacto temos um processo de conversão, o qual é sucedido por um encapsulamento da pessoa no grupo que gradualmente se torna total – realidade que é o ponto de partida para quem cresce no grupo – por meio da conformação aos ensinamentos doutrinários e demais exigências por parte do mesmo para com o membro, o que se verifica e divide em algumas grandes dimensões do seu quotidiano e existência, como a gradual absorção do seu tempo, diariamente, nas atividades do grupo, a adequação das suas ambições, objetivos, hábitos, compromissos e relacionamentos, e a conformação da sua expressão individual em termos de gostos pessoais, comportamento, aspeto físico, interpretações ou opiniões. Aliada à concretização destes aspetos, a crença na doutrina e no grupo como a Verdade e a única “religião verdadeira”, como o verdadeiro “reino de Deus”, torna muito difícil a formação da dúvida ou a confiança na mesma e a sua expressão, e o seguimento da sua mensagem e obediência é ou rapidamente se torna absoluto. Conforme expressado por Rafael:

“A pessoa cresce na bolha, e toda a sua percepção do mundo é influenciada... (...) A outra realidade é o lá fora, o mundo... (...) O Diabo ‘controla tudo o que está lá fora, e portanto nós nem sequer queremos...’ O que está lá fora é tenebroso, os que saem vão ser infelizes. Quem sair haverá de ser um infeliz, cai nas garras do Diabo e vai ser infeliz. (...) Há uma expressão que é usada que é ‘o paraíso espiritual’, ou seja, ‘nós aqui na congregação estamos num paraíso espiritual’, o paraíso ainda não chegou, e enquanto não chega a congregação é o paraíso espiritual... e as pessoas vivem vidas inteiras nisto.”

Assim, o membro acaba por – simultaneamente deliberadamente e incidentalmente – se isolar cada vez mais do mundo exterior às Testemunhas de Jeová. Este é o efetivo resultado prático da perspectiva milenarista e ascética particular a este grupo, processo também facilitado, por outro lado, pela crescente sensação de incompatibilidade com esse mesmo mundo e por esse esforço de transcendência do “eu carnal inferior”, tal como descrito por William James. Assim a realidade assume para a pessoa um aspeto distinto, determinado pela pertença ao grupo. Na raiz da adoção desta perspectiva e do processo de mudança pessoal em questão encontra-se o descrito pela fenomenologia, a relação dialética que a pessoa estabelece com o mundo, neste caso determinada pela sua exposição à doutrina. A percepção do mundo influencia a pessoa e a sua experiência altera-o aos seus olhos; a assimilação da forma de ser e estar informa a mudança de visão e esta a primeira. Inevitavelmente estão no mundo, mas tentam não estar – este

significado manifesta-se concretamente não no sucesso da sua remoção total do mundo mas na relação específica com este, uma relação que é de oposição e adversidade, por via do afastamento do que compreende como pertencendo ao mesmo mas como contrário à vontade divina.

No âmbito do subcampo da experiência religiosa e da fenomenologia da religião, em *The Idea of the Holy* (1968), Rudolf Otto descreve o conhecimento de Deus como fundamentalmente *mysterium tremendum et fascinans*, ou seja, como uma realidade “atraente mas que ao mesmo tempo inspira um tipo de medo, ou temor”, um tipo de medo que Otto nota ser distintamente religioso, particular à relação da pessoa com Deus. Esta abordagem é distinguida por Otto da caracterização como “sentimento de dependência absoluta” de Schleiermacher, sendo que de acordo com este a “realidade divina não se dá a conhecer diretamente no sentimento, mas é antes inferida do sentimento”. Para Otto, Deus encontra-se diretamente presente ao invés de inferencialmente, nas “respostas afetivas” do ser humano, respostas que possuem um caráter fenomenologicamente distinto, diferente de outros sentimentos. No seguimento desta ideia, de acordo com Otto, as “respostas emocionais ajudam a enquadrar o pensamento racional”, e assim sendo, efetivamente, a experiência “mundana do crente tornar-se-á em alguns aspetos condicionada pelo seu compromisso religioso, ou irá precisar de demonstrar algum tipo de consonância com este compromisso.” Este tipo de experiência determina para a pessoa o valor do que a rodeia, na constituição do que Otto designa por “padrão de saliência”. Segundo esta ideia, por exemplo, se a pessoa seguir a “doutrina da criação” encontra-se implicada uma “fenomenologia correlativa de tom afetivo, o qual se abre a encontrar prazer no mundo, na sua materialidade”, enquanto criação de Deus (Wynn 2016).

Notámos como William James percebeu, por meio de diversos casos individuais, que após a conversão se dá o que parece ser uma mudança geral do mundo aos olhos do crente, que “um novo céu parece iluminar uma nova terra”, de forma que “o mundo natural parece mais iluminado e vívido, de modo que parece transparecer a glória divina.” Por outro lado, James também descreve que, por exemplo, para a pessoa deprimida o mundo pode parecer “achatado”, pois nesse caso a pessoa “sofre de uma falta de envolvimento emocional com o mundo, e assim também de um sentido distorcido da significância diferenciada das coisas, de forma que os padrões de saliência que normalmente informam o campo perceptivo são achatados.” Seja em qual for o caso, a mudança na aparência do mundo é trazida por uma situação que leva a pessoa a reavaliar as suas circunstâncias, e é um facto que as religiões costumam oferecer “diagnósticos compreensivos das nossas presentes circunstâncias e perspectivas”, e a conversão torna-se numa

“questão de a pessoa vir a subscrever a uma nova conceção das suas circunstâncias (...), e a adquirir assim um novo sentido do seu ‘fundo de possibilidades’, com o resultado de que a sua experiência do mundo quotidiano é então renovada.” O apreendido na doutrina religiosa torna-se assim parte da experiência do mundo de cada crente, transparecendo na forma como essa experiência é vivida, valorizada e interpretada, e no impacto que tem na constituição do Eu, e “então aqui a ‘prática’, ou a preparação do corpo para agir de certas formas no mundo, não é evidentemente separável da ‘doutrina’ (...) ou do sentimento emocional. Ao invés disso, os três perfazem um estado de mente unitário.” (Wynn 2016)

Entendemos então a dimensão do que significa tornar-se e ser membro das Testemunhas de Jeová nos termos das mudanças que tal facto traz à vida da pessoa. Um fenómeno desta extensão e a crença na Verdade que o motiva deixa a pessoa numa posição de tal confiança absoluta no grupo e submissão que nem consegue conceber duvidar do mesmo. Se é a Verdade não faz sentido, ou seria uma ofensa demasiado grave, não apenas por medo da sua receção no grupo mas acima de tudo precisamente por temor, desafiar a vontade divina. Mas, por outro lado, perante esta absoluta devoção quando a dúvida surge tanto mais é destrutiva, e o seu efeito é de uma dimensão proporcional à dedicação ao grupo, pois assim o reconhecimento da sua legitimidade representa uma quebra nesta relação de confiança que dificilmente poderá ser reparada, levando infinitamente a mais dúvidas, e ainda a arrependimentos e mágoas por tudo o que fez no seu passado por crer ser o mais correto, ou a que foi sujeito por outros, pois o que é correto deixa de fazer sentido. Esta quebra de confiança e sofrimento é ainda mais exacerbada por um facto que alguns membros não antecipam, a forma como é recebida pelos outros, e o tipo de consequências que os seus questionamentos e ações podem vir a ter. A seguir compreenderemos então melhor como para algumas pessoas a harmonia na vida integral como membro que temos conhecido até agora poderá ser quebrada, como a dúvida pode surgir e que aspetos poderá assumir, assim como o seu preço.

Segunda Parte – Deixar de ser Testemunha de Jeová, e a Vida Depois

IV

O Processo de Perda de Fé

O termo “fé” – de significado distinto de “crença”¹²² – define-se de forma abrangente pela “forte crença ou confiança em algo ou alguém” (Encyclopædia Britannica 2023), especialmente na ausência fundamentos racionais, e, no contexto da religião, significa a crença no divino, em algo cuja existência não pode ser indubitavelmente provada, ou na legitimidade do próprio grupo religioso e da sua doutrina. Para a maior parte dos membros de uma religião, a fé é uma força suprema, o que acima de tudo motiva e mantém a sua aderência ao grupo e à doutrina, e que impele e facilita todas as mudanças em si e na sua vida que sucedem a conversão. Face a este facto, o desmoronamento desta fé é um processo complexo, muitas vezes doloroso, significando mudanças profundamente impactantes.

Por perda de fé, pretende-se referir aqui especificamente o fenómeno comumente designado pelo termo *deconversion*, ou “desconversão”, tradução literal do termo comumente utilizado em publicações de língua inglesa sem equivalente no português, que significa tanto o rompimento com a crença religiosa como com o grupo, tal como definido por Brinkerhoff e Mackie (1993), assim como similarmente o foi como “a perda de fé e rejeição da comunidade” por Caplovitz e Sherrow (1977). A desfiliação do grupo religioso pode ser forçada por terceiros ou voluntária, mas o processo intelectual que a perda de fé implica é sempre subjetivo e espontâneo. Os resultados dos estudos que têm sido produzidos sobre o tema poderão ser divididos em duas categorias, que poderão surgir isoladas ou em combinação: quantitativos, que apontam, por exemplo, tipos de mudanças na afiliação religiosa e variáveis associadas (por exemplo Need e De Graaf 1996 ou Uecker 2007); e qualitativos, “que tipicamente utilizam as mudanças no estado religioso” (Wright et al. 2011: 2), privilegiando “a descrição e interpretação da experiência” do sujeito, de que são exemplos os trabalhos de Albrech e Bahr (1983) (Wright et al. op. cit. 3) e de John D. Barbour.

¹²² Conforme a definição do dicionário Merriam-Webster (2023), a crença pode nem sempre implicar certeza, enquanto que a fé implica sempre certeza mesmo na ausência de provas.

Em *Versions of Deconversion – Autobiography and the Loss of Faith* (1994), John. D. Barbour define “desconversão” como possuindo quatro características fundamentais:

[Primeiro] a desconversão envolve a dúvida ou negação da verdade de um sistema de crenças. Segundo, a desconversão é caracterizada pela crítica moral não apenas de ações e práticas em particular mas de todo um modo de vida. Terceiro, a perda de fé traz transtornos emocionais, especialmente sentimentos tão dolorosos como o luto, culpa, solidão e desespero. Finalmente, a desconversão de uma pessoa é normalmente marcada pela rejeição da comunidade à qual ele ou ela pertenceram. Assim, a desconversão implica dúvida intelectual, crítica moral, sofrimento emocional e desfiliação de uma comunidade. (Barbour 2)

Às categorias de Barbour, H. Streib (2014) adiciona ainda uma quinta que crê encontrar-se em falta, a “perda de experiências religiosas específicas” (ibid. 2). Para mais, Barbour utiliza também o termo “desconversão” para enfatizar a simetria que crê existir com a conversão: afirma que, de certo modo “qualquer conversão é uma desconversão, e qualquer desconversão uma conversão. O ‘mover de’ e ‘mover para’ são perspectivas alternativas sobre o mesmo processo de metamorfose pessoal, salientando o passado rejeitado do antigo eu ou as convicções presentes do novo eu” (Barbour 1994: 3). De acordo com a sua perspectiva, as narrativas de perda de fé espelham as de conversão no “seu uso da linguagem das escrituras, descrição de uma cena central de crise e tribulação emocional” (ibid. 4). Distingue ainda “desconversão” de “secularização”:

Como uma narrativa literária, uma versão de desconversão representa uma série de eventos ordenados como um enredo e uma decisão que o escritor procura justificar. A secularização é o gradual desvanecimento da crença, conforme a religião simplesmente deixa de informar a vida de uma pessoa, de fazer qualquer verdadeira diferença. (ibid. 2)

Por sua vez, a socióloga Lori L. Fazzino (2014), sistematizando padrões que encontra na literatura qualitativa sobre o tema, descreve a “desconversão” como uma “experiência dinâmica de várias fases de mudança transformativa”, maioritariamente baseada numa “retórica de crise que situa a luta espiritual no âmago da narrativa”, que partilha com a perspectiva da conversão os aspetos constituintes “disposição de movimento”, “resposta emocional”, “reconstrução biográfica” e “transformação pessoal”, modificando-se o conteúdo destes: em contraste com a conversão, no primeiro aspeto é enfatizado o afastamento, a luta espiritual, um “destino ambíguo” e a possibilidade de um “estado liminar”; no segundo o luto, culpa, rejeição e alienação; no terceiro a “ênfase na perda do antigo eu e das associações religiosas”; e no quarto o “eventual alívio”, a “procura continuada pela verdade”, a “libertação e liberdade”, a

“resistência religiosa” e um “estatuto estigmatizado” (ibid. 252; Anexo III, Fig. 1). Em suma, a perda de fé em um grupo religioso e/ou no divino é um processo iniciado pela dúvida, a qual em primeiro lugar leva a tensões emocionais e a questões que, não encontrando resposta na doutrina, resultam em “crises espirituais” que apenas são amenizadas quando “explicações reconstruídas, entendimentos e biografias criam paradigmas seculares que substituem os antigos paradigmas religiosos que não funcionaram.” (ibid. 253)

Aqui assume-se por referência o modelo clássico Kübler-Ross, da autoria da psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross, pioneira no estudo de vivências e percepções relacionadas com a doença e a morte. Este modelo geral sumariza o luto ou pesar em cinco estágios – que não acontecem necessariamente por esta ordem –, que são: negação e raiva, que se seguem pelo início de uma catarse, que envolve a negociação e a aceitação, ou falhando esta, a depressão (Kübler-Ross 2014a). Décadas depois, a autora viria a propor o alargamento do seu modelo de forma a compreender qualquer tipo de perda, e o seu anterior coautor (Kübler-Ross e Kessler 2014b), o bioeticista David Kessler, a introduzir um sexto estágio, o encontro de “significado” (Kessler 2019).

Na sua descrição do processo de perda de fé e desfiliação, de acordo com os resultados das entrevistas em que se baseia o presente estudo, poder-se-á verificar padrões que se aproximam da categorização de Barbour e da sistematização de Fazzino, assim como do que é descrito pelos estágios de perda de Kübler-Ross. Nestes dois últimos capítulos verificaremos como as narrativas descrevem efetivamente um processo que se pode descrever como simétrico, mas em oposição, ao de conversão, que implica um processo trazido por um ou mais fatores que induz uma desconexão da doutrina e do grupo, que resulta na “resposta emocional” e “reconstrução” que contêm os aspetos descritos por Kübler-Ross, e que culminam numa nova transformação pessoal. Assim, começaremos esta exposição por traçar a sua raiz, explorando padrões de motivos para o surgimento da dúvida apontados pelos entrevistados, e como esta é vivida – como fruto do choque ou tensão a longo prazo, negação e/ou raiva; em seguida, verificaremos como se inicia também uma catarse, e se atravessa uma fase de negociação e/ou mediação antes da aceitação, e como se apresenta a sua eventual desvinculação das Testemunhas de Jeová. A fase de aceitação, que aqui se identifica como, na verdade, se iniciando simultaneamente na fase de negociação, integrando a desvinculação e continuando além da mesma, constitui-se no aceitar a saída da religião em si (incluindo a resolução do luto pela fé e pela vida anterior) e do novo eu que se constitui/define no distanciamento da norma do grupo, e o acomodar das

diversas consequências que esse facto traz, como o temor do castigo divino, e dispersão de si até à reconstrução da sua vida, e uma nova reinvenção do eu.

No capítulo seguinte, observaremos então em detalhe as consequências deste desenvolvimento – e de como a pertença passada ao grupo determina a adaptação ao seu abandono –, no que concerne, especificamente, a medidas punitivas e de contenção aplicadas pelo grupo, custos psicológicos e práticos, transformação do relacionamento da pessoa com o divino, assim como do seu entendimento de si e do mundo, e do encontro de novos significados e propósitos.

IV.I.

Motivos

A dúvida, a raiz do processo de perda de fé, pode ser súbita, sentida como uma epifania, trazida por um novo conhecimento adquirido, ou pode ser o fruto de um processo gradual, de uma acumulação de evidências ou experiências que desde cedo causam uma impressão negativa na pessoa ou que a levam a eventualmente colocar um ou mais determinados pressupostos em causa, e a não se identificar mais com o grupo. Mas seja qual for a forma segundo a qual a dúvida surge, no que concerne à crença religiosa ela afigura-se como o início de um caminho sem retorno. Leve a dúvida rapidamente à descrença e afastamento da religião, ou à sua repressão e racionalização pela pessoa que se esforça para manter a sua fé, é um facto que ela é como uma semente que permanece na mente, e que cresce e se multiplica, levando invariavelmente ao mesmo desfecho: a perda de uma perceção anteriormente cristalizada do divino e do grupo, a qual, independentemente da forma como é abordada, se torna irreparável.

Citando como exemplo os resultados do estudo de Albrecht e Bahr (1983), os sociólogos B. R. E. Wright et al. (2011) apontam, como categorias recorrentes de dúvida no contexto da fé religiosa, a “dúvida intelectual”, no que concerne a ensinamentos da religião; “questões sociais”, que refere a perda ou ausência de relacionamentos no grupo; e a “dúvida moral”, que vem da perceção de que “a igreja e os seus membros não correspondem aos seus próprios padrões morais” (ibid. 3). Em comparação, no estudo apresentado pelos autores que examina narrativas de perda de fé recolhidas online, de uma amostra de cinquenta ex-membros de diferentes grupos religiosos cristãos, identifica como padrões nas explicações dos motivos para

a sua saída “questões intelectuais e teológicas”, a “sensação que Deus os havia falhado”, e diversas “frustrações com cristãos” (ibid. 1), aspeto este que se refere à insatisfação com a falta de esclarecimento de dúvidas e à observação de ações percebidas como hipocrisia ou até mesmo como “comportamento amoral” em outros membros (ibid. 9, 10), sendo algo semelhante relatado por John D. Barbour, ao identificar “considerações éticas” como o motivo mais frequente para a “rejeição da fé” (Barbour 1994: 4). Por sua vez, o professor de estudos da religião Heinz Streib (2014), referindo os resultados de inquéritos do Pew Forum on Religion and Public Life de 2009 (Pew Research Center 2009), nota que os motivos mais comuns citados para o abandono da fé foram: a insatisfação de necessidades espirituais, a dúvida de ensinamentos da religião, gradual incompatibilidade e a insatisfação, de uma forma geral, com “instituições, práticas e pessoas”, motivos que H. Streib sumariza como “dúvida intelectual”, “crítica moral”, e a “perda de experiências religiosas” (Streib 2014: 272). No caso do presente estudo, foi possível constatar resultados similares aos referidos, que nos foi possível distribuir entre duas grandes categorias: a primeira designaremos por “tensões pessoais”, que alberga a descrição de diversos aspetos problemáticos vividos a longo prazo de cariz pessoal; e a segunda, “questões morais e intelectuais”, sumariza algumas das dúvidas mais citadas em relação a ensinamentos e práticas das Testemunhas de Jeová. Será possível simultaneamente verificar como a descrição destes motivos evoca o choque – este com mais frequência na segunda categoria –, negação e revolta descritos no modelo Kübler-Ross. Não obstante, antes de continuar é necessário esclarecer que não se pretende afirmar que a realidade de todos os casos se enquadre numa ou outra categoria, constituindo-se na maior parte como uma combinação das mesmas, mas optou-se por apresentar os resultados desta forma com o objetivo de oferecer uma sistematização com a maior clareza possível.

Questões Pessoais

Tensões e Traumas Físicos e Psicológicos

De acordo com as evidências reunidas, frequentemente, é possível traçar o início do processo de perda de fé até muitos anos antes do abandono do grupo, por vezes até mesmo à infância. Trata-se da vivência de experiências – todas de alguma forma relacionadas com a pertença à religião – traumáticas ou de grande tensão, de cariz físico e/ou psicológico, a maior parte ocorrendo numa fase formativa do percurso biográfico, e que deixam marcas psicológicas e/ou na vida das pessoas em causa, com consequências a longo prazo, inclusivamente na sua

impressão do grupo e fé. A “crise de fé” foi um elemento identificado por John D. Barbour como comum nas narrativas de perda de fé (Barbour 1994: 6), mas nestes casos algo diferente ocorre: uma manifestação inversa da noção de conversão gradual de W. James (1985: 189), que tem por base o acumular de evidências e experiências a longo prazo que culminam na cristalização da dúvida sobre a imagem do grupo e dos seus membros, da sua doutrina e ideais.

Um dos exemplos mais salientes é o de David, que relata ter sido vítima de abusos sexuais na infância por parte de anciãos da sua congregação, eventos que decorreram entre os seus 6 e 10 anos. O seu primeiro abusador era também seu vizinho e, por vezes, em dias de reunião, oferecia-se para levar David, e, com a desculpa de ser demasiado tarde para levar David para a sua avó – que já deveria dormir –, e levava-o para sua casa, altura em que ocorriam os abusos. Posteriormente, outros dois anciãos juntam-se a este primeiro, certamente por indicação do mesmo, segundo supõe David. Era muito novo, recebia ameaças dos mesmos de mais violência, e sentia-se impotente para fazer alguma coisa, e não conseguiu contar a ninguém até muitos anos mais tarde.

No que concerne aos restantes casos, entre os problemas mais descritos encontra-se a dificuldade de integração e formação de relacionamentos fora da congregação, a repressão do desenvolvimento pessoal, o uso da manipulação emocional e até mesmo do castigo físico, comumente utilizados como ferramenta de persuasão e disciplina, sendo mesmo sugeridos pelo grupo¹²³. Susana representa um dos exemplos de dificuldades de integração entre colegas de escola por causa da sua religião, e recorda como era comum ver suas amigas fisicamente castigadas nas suas casas, o que a sua mãe e pai também faziam, assim como desde sempre este último recorreu a graves ameaças para conseguir controlar o seu comportamento, como expulsá-la de casa ou até mesmo inibi-la de ver a sua mãe. Enfatiza como a sua infância e juventude foi difícil devido à rigidez do seu ambiente familiar, porque:

“Tudo o que era ensinado era de acordo com a Bíblia, portanto, que praticamente não posso fazer nada. É que há coisas que nós sabemos que são mesmo más e que não se devem fazer mas, era tudo

¹²³ Conforme é possível notar no artigo “A Disciplina É Uma Prova do Amor de Jeová” (Testemunhas de Jeová 2019e). Dois textos bíblicos (versão *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*) apresentados como fundamento são Provérbios 23:13: “Não deixes de disciplinar o rapaz. Se lhe bateres com a vara, ele não morrerá.”; e Provérbios 13:24 “Quem refreia a vara odeia o seu filho, Mas aquele que o ama não deixa de o disciplinar.”

forçado, porque éramos assustadas – as crianças que estavam na religião – que se não fizessemos, éramos castigadas.”

Por sua vez, Maria identifica o que entende ser uma “anulação da identidade” que verifica nos membros da religião, descrevendo a sua existência enquanto Testemunha de Jeová da seguinte forma: “eu não posso ser quem sou, só posso ser na medida do que agrada a Jeová.” Como parte dessa realidade, prevalecia a sensação de que nada do que fizesse era suficiente, e a consciência do valor de todas as suas ações e pensamentos tornava-se tanto mais avassaladora perante a crença na onnipresença de Deus – pois era-lhe ensinado que estaria sempre a observá-la –, um Deus que, nas suas palavras: “causa medo e destrói, não é um Deus amoroso (...) O Deus das Testemunhas de Jeová é um Deus castigador, ciumento dos outros deuses, que vai destruir os que não lhe são fiéis e obedientes.”

Outros aspetos que Maria considera terem sido marcantes foram “crescer com a ideia de que o mundo vai terminar”, a vigilância sentida na congregação e em casa, e a repreensão e punição dos seus comportamentos, de uma forma que considera ter sido excessiva. De acordo com o primeiro, era ensinado que não valia a pena investir a longo prazo na sua vida e em si, um hábito que de diferentes formas, ainda que inconscientemente, acabaria por a acompanhar por muitos anos. O segundo tornar-se-ia numa causa de ansiedade, da sensação de não pertença e confusão, pois em criança não conseguia entender o havia de tão errado no que fazia. Estes acontecimentos, que muitas vezes tinha origem na denúncia por pessoas em que depositava confiança – como a sua mãe (“...a minha mãe (...) nunca me protegeu muito. Ela era a primeira a ir contar aos anciãos se eu tinha dito ou feito qualquer coisa...”) –, a par da proibição de relacionamentos fora do grupo e da falta de integração noutros círculos, resultaram na sua solidão e falta de relacionamentos significativos.

Uma das maiores críticas que Maria deixa às Testemunhas de Jeová é a de que, na sua abordagem ao membro, prevalece a ênfase no que este faz de errado, existindo sempre – conforme o coloca – um “*hateback*” ao invés de “*loveback*”, parte da sua insistência no afastamento da condição inata de “imperfeição” do ser humano. Uma vida subjugada a tipo ambiente e perspetiva descritos, a um estado de “hiperconsciência”, com baixa autoestima, sem “espaço para prazer”, que crê ser um convite à doença mental, especificamente à depressão, conforme hoje entende enquanto psicóloga.

Orientação Sexual e Doutrina

Esta também pode ser uma fase da sua vida em que se torna claro que a orientação sexual, quando contrária aos valores e prescrições da religião, se revela problemática e impossível de conciliar com o ser Testemunha de Jeová.

No caso de David, por exemplo, continuou como Testemunha de Jeová até à sua adolescência, mas o seu lento progresso num grupo em que continuava mais por hábito e pela sua família do que por fé, aliado à sua entrada na vida laboral, contribuiu para que gradualmente deixasse de ser assíduo nas atividades religiosas. Mas, acima de tudo, existia um fator que já sabia que iria tornar impossível a sua permanência na religião, o qual há muito já tinha percebido ser uma parte incontornável de si, e da possibilidade de poder vir a ser feliz. O seu “modo de vida” – tal como se refere à sua orientação sexual –, não se adaptava à religião, e viver esta realidade enquanto membro foi um “martírio” para si durante muitos anos.

Mas para Tiago e Gabriel, esta aceitação demorou mais tempo a construir. Tiago ainda permaneceu vários anos casado, e a consciência da sua orientação sexual apenas o levou por algum tempo a ser mais zeloso, para “mostrar a Jeová que era merecedor”. Mas, eventualmente, a sua dificuldade de relacionamento íntimo com a sua esposa levou à impossibilidade de continuar com a sua tentativa de ocultação e ao fim do casamento, e foi apenas algum tempo depois do seu divórcio que teve o seu primeiro relacionamento com um homem, após os seus 30 anos. Já Gabriel reprime e esforça-se para mudar a sua orientação sexual durante anos. Explica que desde cedo sabia de era de alguma forma “diferente”, mas foi depois de se casar que, lentamente, começa a notar algumas mudanças relacionadas com a sua fé, a princípio aparentemente inexplicáveis como, por exemplo, o crer que quando fazia uma “oração em público já não sentia aquilo que devia”. Entretanto também se tinha casualmente deparado com fontes de informação de fora da religião e documentários que abordavam a realidade da sexualidade humana que apenas lhe semearam mais dúvidas, mas foi efetivamente apenas aos seus 27 anos que o “desmoronar do seu mundo interior” começou, quando conhece uma pessoa na sua congregação com quem tem um breve envolvimento. Foi nesta altura que Gabriel percebeu o que realmente queria para si, e dá-se aqui uma fase em que faz uma “vida dupla”, em que “procurava relacionamentos homossexuais” em segredo, mas levaria anos até conseguir estabelecer um relacionamento com outro homem – livremente, sem dúvidas ou remorsos –, e antes disso ainda teria de ultrapassar grandes dificuldades com os seus relacionamentos mais

próximos, nas Testemunhas de Jeová e, acima de tudo, para se conseguir aceitar e ser feliz com o facto de ser homossexual.

Inibições, Inconformidades e Riscos sobre Relacionamentos

Perante a desvinculação imposta – uma *desassociação*, que perceberemos melhor o que é na secção final deste capítulo – de um familiar próximo, dos membros das Testemunhas de Jeová é expectável que terminem qualquer tipo de interação com essa pessoa. Madalena depara-se com essa situação com a sua irmã, e nos casos de Mariana, Rute e Rafael, com os seus filhos.

Madalena já se tinha casado quando a sua irmã começa a namorar com um rapaz de fora da religião, com quem começa a viver antes de se casar, o que resulta na sua desassociação pelo pecado de fornicção. Eventualmente marca o casamento, e Madalena depara-se com a impossibilidade de ir por causa do estatuto de desassociada da irmã. O seu marido proíbe-a mesmo de ir e vai falar com os anciãos da sua congregação, para alertá-la sobre como poderia perder privilégios se se relacionasse com uma pessoa desassociada. Mas no dia do casamento Madalena decide ir, não conseguindo conformar-se com esta imposição: “No fim de um ataque de choro digo ‘eu não quero saber, vou ao casamento da minha irmã, ela só se vai casar uma vez, eu vou perder este dia que haverá de acabar por ser o dia mais feliz da vida dela, eu não quero saber’, e fui!” Em resultado, Madalena perde privilégios, deixa mesmo de poder comentar nas reuniões, e o seu marido deixa de lhe falar. Mais tarde, Madalena e a sua irmã mudam-se para o mesmo prédio, esta torna-se mãe, e cada vez que a visitava o marido de Madalena deixava de lhe falar também. O seu casamento tornava-se cada vez mais difícil de manter, assim como a sua obrigação como Testemunha de Jeová.

Por sua vez, Mariana, entretanto já casada e mãe, vê-se a lutar com uma depressão. Explica que nem sabe bem como começou, apenas que gradualmente se começou a sentir cada vez mais ansiosa e triste, a chorar constantemente. Mas esta ansiedade parecia dever-se, acima de tudo, à noção da iminência do apocalipse, por se ter convencido de que a sua prestação como Testemunha de Jeová nunca era satisfatória, e por crer que não tinha feito o suficiente para convencer o seu marido a voltar à religião, que, apesar de ter crescido na mesma, se tinha há muito desinteressado. Mariana sentia-se constantemente esmagada por um sentimento de culpa, até pelo facto de se sentir infeliz, pois acreditava que apenas o era por não fazer o suficiente, e nestes momentos de maior tristeza perdia a vontade de ir às reuniões. Curiosamente, afirma que se sentia mais feliz depois de algum tempo afastada, mas eventualmente sentia o peso do

remorso. Então, esforçava-se novamente na religião, mas a sua depressão acabava por se agravar novamente. Um exemplo de algo que a afligia era o facto de não sentir vontade de orar, de nesse ato não sentir “a presença de nada”, conforme diz. Mas este sofrimento viria ainda a piorar, quando o seu filho mais velho é desassociado, por fornicção, sendo-lhe exigido que deixe de lhe falar. Para mais, o seu filho mais novo, entretanto, também se desinteressa da religião e, desejando outra vida para si, abandona-a.

No caso de Rute e Rafael, quando o filho chega aos 16 anos acaba por confessar que não tem fé e que não desejaria também continuar na religião. Antes de chegar a esse ponto já tinha desenvolvido uma depressão grave, largamente perante a possibilidade de os seus pais o expulsarem de casa e/ou lhe deixarem de falar. Este foi o primeiro a dar o passo na família e, embora Rafael já se considerasse entretanto “mentalmente fora”, faz um esforço para continuar, temendo pelo seu casamento, pois Rute permanecia com a sua fé inabalada. Posteriormente esta situação modificar-se-ia, e o seu filho seria desassociado, fato que se revelaria decisivo na tomada de uma decisão permanente por parte do casal.

Foi mencionada a importância do pecado da fornicção nas Testemunhas de Jeová e do risco atribuído a relacionamentos exteriores, o que leva à menção de problemas de outro âmbito. Estabelecer relacionamentos amorosos com pessoas de fora da religião poderá tornar o membro num alvo de inquirimento e desprezo, do que é exemplo Sofia, que ao começar a namorar aos 16 anos com um rapaz que não era Testemunha de Jeová e nota o afastamento repentino dos outros membros, assim como a ira da sua mãe, chegando mesmo a receber visitas de anciãos em sua casa com a finalidade de perceberem o que já teria acontecido entre o casal, para a aconselhar, e possivelmente punir.

Não obstante, mesmo que um parceiro que não seja membro, o término da relação – como no caso de Cláudia –, se envolver um divórcio, será igualmente motivo para o castigo da Testemunha de Jeová. Desejando regularizar a sua posição perante a religião no seguimento do falecimento da sua avó, Cláudia casa. Mas, conforme o diz, a verdade é que era demasiado nova, procurava conforto, e não havia amor, pelo que o seu casamento acaba por não correr bem. Reúne coragem para ir ter com os anciãos e dizer-lhes que se ia separar, uma notícia recebida com muito choque e tratada com gravidade. O divórcio custa-lhe os seus privilégios, deixando de poder comentar nas reuniões e de ser publicadora, sendo-lhe apenas era permitido assistir às reuniões.

Doença Negligenciada

O caso de Rute é também um exemplo de como uma doença psicológica pode ser negligenciada no seguimento das orientações do grupo sobre a procura de diagnóstico e terapia – cuja relevância não é reconhecida no seu seio, e a menção ao grupo nestes contextos desincentivada, como uma possível ofensa à sua imagem e até mesmo ao divino –, e de como esta recusa pode trazer consequências graves, que por sua vez podem ainda resultar em punição no grupo. Esta é uma realidade sobre a qual não é fácil encontrar uma diretriz clara nos conteúdos das publicações da organização, mas confirmada pela experiência em primeira mão.

No seguimento de passar por uma depressão pós-parto, Rute é diagnosticada com doença bipolar, aos 30 anos. Hoje Rute consegue reconhecer como alguns traços da doença já se manifestavam desde há muitos anos, mas não deixa de crer que o sobrecarrego sentido sobre a sua performance na religião terá contribuído para o seu agravamento. Mas, apesar de ter chegado a ser diagnosticada, Rute resiste à procura de apoio psicológico e psiquiátrico – tal como Mariana o fez, por receio de difamar a religião, a causa principal da sua depressão –, o que permite que a sua condição se agrave ao ponto de fazer mais que uma tentativa de suicídio. No rescaldo destes eventos, recorda o tipo de receção que teve no grupo: “‘agora ela tentou o suicídio, como estará a relação dela com Deus?’”

Inconformidade de Ambições, Distanciamento Intelectual

Outro aspeto central da revolta de Susana com os seus pais e a religião foi a forma como foi continuamente desvalorizada e punida por procurar seguir as suas ambições. Não desistindo da sua paixão, aos 22 anos participa numa competição de dança, o que rapidamente resulta em ser chamada para uma *comissão judicativa* – uma formalidade que também será esclarecida no final deste capítulo. Nessa comissão deveria ser decidido se Susana seria desassociada ou se perderia privilégios, e o resultado é o segundo, pelo que deixa de poder comentar nas reuniões e fazer designações¹²⁴. O seu pai deixa de lhe falar e a sua mãe entra em ansiedade, e é nesta fase que Susana decide casar e sair de casa.

¹²⁴ Outro termo comumente utilizado para referir as breves dramatizações na congregação que são permitidas fazer às mulheres, não lhes sendo permitida mais nenhuma forma de discurso público no mesmo contexto.

Já Florbela, desde cedo estudiosa e curiosa, explica como em criança o que era ensinado parecia responder de forma simples e clara a inúmeras questões, mas conforme cresce começa a “observar discrepâncias, e a ter perguntas” que acabavam por ser mal recebidas no grupo, cujas respostas, não obstante, já não a satisfaziam como outrora. Conta que começa a ter mais dúvidas pelos seus 18 anos, quando começa a trabalhar e a conhecer mais pessoas que não eram Testemunhas de Jeová. A adolescência tende precisamente a ser muitas vezes uma fase marcante, enquanto o período de questionamento que é e, tantas vezes, de sensação de incompreensão e revolta. É nesta fase que para algumas pessoas as suas dúvidas sobre a doutrina começam a assumir um peso insustentável, especialmente se entretanto prosseguirem estudos, ou se virem com insatisfação o provável rumo da sua vida adulta enquanto membros, como Florbela, para quem a vida como membro começava a “entrar em conflito com tudo” dado que o que queria para si era acima de tudo continuar a estudar.

Questões Intelectuais e Morais

Uma outra ordem de dúvidas apresentadas concerne ao doutrinal e teológico, e à perceção de irregularidades no seio e funcionamento do próprio grupo. Para algumas pessoas, este tipo de dúvida surge de forma repentina e chocante, até como uma epifania, uma quebra na imagem que tinham do grupo, que leva a uma busca por esclarecimento que apenas resulta no aumento da sua confusão e sentimento de revolta, convidando a uma espiral de questionamento de toda a realidade conhecida até então, e ao aparecimento de mais dúvidas. Em outros casos, como alguns citados anteriormente, as mesmas apenas ajudam a consolidar a sua insatisfação com as Testemunhas de Jeová, assim como a vontade em não continuar como tal.

A questão doutrinal que se verifica mais frequentemente suscitar indignação é o ensinamento da recusa de transfusões de sangue, mesmo que tal implique a morte. Além de ser uma questão muito difícil para quem a vivencia, é alvo de crítica por algumas pessoas crerem que não se encontra bem fundamentada na Bíblia, e por ser uma doutrina entretanto sujeita a mudanças, sendo que atualmente as Testemunhas de Jeová permitem que a pessoa receba componentes do sangue¹²⁵.

¹²⁵ Por exemplo, no artigo “O que diz a Bíblia sobre transfusões de sangue?” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/perguntas/biblia-transfusoes-de-sangue/>) é possível ler: “A Bíblia proíbe-nos de aceitar sangue por qualquer via. Por isso, devemos rejeitar sangue total ou os seus

Cinco anos depois de se casar, a esposa de Carlos engravida, e quando o casal procura um ginecologista depara-se com esta questão. Carlos já tinha procurado perceber se poderia pedir para preservar células estaminais, e a informação que encontra é a seguinte:

“...encontro uma Sentinela com perguntas dos leitores, a perguntar se era correto um cristão preservar o sangue do cordão umbilical, e lá dizia que não. Dizia que não porque era sangue e a Bíblia proíbe o preservar do sangue, porque há um texto em Levítico que diz que o ‘sangue tem de ser derramado para o solo’, e que isto não era apropriado para um cristão.”

Já era então permitido pela religião a transfusão de componentes do sangue, e logo aqui depara-se com o que lhe parece ser uma incoerência:

“E o meu clique aí foi: ‘Espera lá, então de onde é que vêm as frações de sangue que podemos aceitar? Não é do sangue que é doado por outras pessoas? Então porque é que isso não é pecado, não é errado, e isto já é? Não há aqui coerência.’ (...) E é assim, as pessoas, porque eles estão sempre a mudar, pensam: ‘Então eu vou morrer por uma coisa que hoje não é permitida mas que amanhã já é?’ Todas as frações do sangue eram proibidas nos anos 60, 70, 80 e 90 (...), e a pessoa era expulsa da religião por causa disso.”

O casal decide então avançar com a recolha das células estaminais, em segredo. Entretanto, dá-se uma conversa com o ginecologista, em que o mesmo adverte o casal para a frequência com que poderia haver hemorragias no parto, e como nesses momentos as alternativas à transfusão de sangue não seriam a melhor opção. O médico garante-lhes que já tinha visto muitas Testemunhas de Jeová a aceitar quando o momento chegava, e que a equipa até os ajudaria, levando o casal para um local mais isolado, permanecendo a questão apenas entre a equipa médica e o casal. No seguimento desta advertência, Carlos decide falar com um ancião da sua congregação. Este pertencia à *Comissão de Ligação Hospitalar*, constituída por comissões de anciãos criadas por Betel, designados para falar com médicos com o objetivo de os informar sobre a posição do grupo e convencê-los a recorrer com mais frequência a

componentes primários, quer como alimento, quer por meio de uma transfusão.” A data deste conteúdo online não é revelada, mas, no entanto – numa drástica mudança de posição –, no apêndice à publicação de 2017 *Mantenha-se no Amor de Deus* (Testemunhas de Jeová 2017b), em uma secção intitulada “Frações de sangue e procedimentos cirúrgicos”, já é possível ler: “Será que os cristãos devem aceitar terapias que utilizam frações sanguíneas? A Bíblia não dá detalhes específicos, de modo que cada um deve tomar a sua própria decisão perante Deus segundo a sua consciência. Alguns decidem recusar todas as frações, raciocinando que a Lei de Deus a Israel exigia que o sangue retirado de um animal fosse ‘derramado na terra’. (Deuteronómio 12:22-24) Outros, embora recusem transfusões de sangue total ou dos seus componentes primários, talvez aceitem tratamentos que utilizam frações de sangue. Talvez raciocinem que, num determinado ponto, as frações que são extraídas do sangue deixam de representar a vida da pessoa ou do animal do qual o sangue foi retirado.”

alternativas às transfusões de sangue, sobre as quais acaba por não saber esclarecer Carlos. Entretanto, este depara-se mais vezes com a falta de respostas à sua situação, o que o leva pela primeira vez pesquisar mais por conta própria fora das fontes da religião, momento em que começa a ler conteúdos que seriam considerados apóstatas.

Um *website* que se lembra tê-lo marcado foi o AJWRB¹²⁶, fundado por ex-membros da Comissão que se assumiram opositores ao ensinamento do grupo sobre as transfusões de sangue, onde expunham detalhadamente como o mesmo era incoerente, “tanto de um ponto de vista doutrinal como científico”, informação que deixa Carlos “estarecido”. Todas as informações que encontrava ia partilhando com a sua esposa, e acabam por se convencer de que a sua posição como Testemunhas de Jeová estava errada. Entretanto, o parto corre bem, mas o casal já tinha decidido que fariam o que fosse preciso para salvar a vida do bebé e da mãe.

Após este evento a vida do casal como Testemunhas de Jeová continua dentro da normalidade, até que dois anos depois surge um anexo à publicação *Ministério do Reino* dedicado à questão das transfusões de sangue, onde se encontrava uma tabela explicitando o que seria aceitável ou não. Neste momento a indignação de Carlos é reavivada, e sente um ímpeto em expor a incoerência que via no ensinamento, criando um *blog* para esse fim. Pouco depois, o casal começa a ler o conhecido *Crise de Consciência*, que seria decisivo em expandir o âmbito das suas dúvidas sobre a religião.

Por sua vez, Raquel deparou-se com este risco em primeira mão. Teve uma grande hemorragia no seu parto, mas recusou a transfusão de sangue. Insistiu na transfusão de uma fração e tudo acabou por correr bem, e explica que: “Tu nem pões em causa se vais morrer ou não, é ‘se tiver que ser, pronto.’ (...) Eu ainda apanhei as frações serem aceites. Mas tu não pensas se isso é incoerente, tu não te permites pensar.”

No seu relato, Florbela explica como gradualmente “houve uma altura em que a religião deixou de ser bela e acreditar nela deixou de ser belo” e, além da forma como a vida enquanto Testemunha de Jeová se revelava incompatível com o seu desejo de conhecimento, um aspeto doutrinal abala a sua crença quando se coloca a necessidade de a sua avó ser operada. Esta pede-lhe para ser responsável por não receber uma transfusão de sangue, como a única familiar que tinha na religião. Florbela recusa, e acontece que a sua avó não chega a ser operada, mas a confrontação com esta responsabilidade leva ao desmoronamento da “pouca crença ou possibilidade de segurança” que pudesse restar-lhe. Florbela não concordava, não via o porquê

¹²⁶ *Advocates for Jehovah’s Witnesses Reform on Blood* - <https://www.ajwrb.org/>

de precisar de agir sobre um assunto desta gravidade somente de acordo com o que a religião diz, tendo em conta as possíveis consequências da recusa, e descreve este acontecimento como tendo sido a “gota de água em termos de pensamento”.

Para Laura, é quando se depara com uma reportagem televisiva sobre as Testemunhas de Jeová que se apresenta seriamente, pela primeira vez, a dúvida. Um dos assuntos abordados foi a questão da proibição das transfusões de sangue, algo que a deixa pensativa. Posteriormente, pouco depois do seu batismo, é publicada uma edição do *Ministério do Reino*¹²⁷ onde encontra um texto onde dizia que “ficava à consciência do cristão se havia de tomar as frações de sangue”, e no seguimento dessa leitura Laura questiona um ancião. Desejava saber se então já poderia dar sangue, mas o ancião responde-lhe que não, o que confunde Laura, pois não conseguia entender porque seria um pecado grave doar sangue enquanto não o seria beneficiar de uma fração de sangue, certamente proveniente de uma doação.

Outra questão recorrente prende-se com a contínua determinação por parte do grupo – mais explícita ou implícita – de datas para o Armageddon, e o seu sucessivo incumprimento. Esta evidência tende a colocar em causa a confiança em afirmações futuras do grupo, assim como na sua autoridade na interpretação dos textos bíblicos, e possíveis intenções no seu uso, entendido por alguns como por vezes forçado, na justificação de determinados ensinamentos e mudanças práticas e doutrinárias ao longo do tempo. Mas primeiro, lembremo-nos que:

Russell havia determinado 1914 como a data do Armageddon. Quando a Primeira Guerra Mundial se iniciou nesse ano, os Estudantes da Bíblia regozijaram-se. Quando o fim não veio, Russell adiou o Armageddon para 1918, mas faleceu antes de a data chegar. Rutherford continuou a marcar datas, inicialmente comprometendo-se com 1920, depois 1925 e finalmente 1940. Após a morte de Rutherford a 8 de janeiro de 1942, as Testemunhas de Jeová pararam de marcar datas específicas. No entanto, durante fins dos anos 60 a crença de que o fim viria em 1975 começou a circular e em breve ganharia aceitação alargada (ainda que nunca se tivesse tornado numa perspetiva oficial). (Stark e Iannaccone 1997:135)

Na sua reflexão sobre o crescimento das Testemunhas de Jeová, publicada em 1997, o R. Stark e L. Iannaccone notaram como o incumprimento da vinda do apocalipse em 1975 levou a uma quebra nos totais dos membros na altura, mas também como o tempo foi capaz de trazer

¹²⁷ Atualmente intitulada *Vida e Ministério Cristãos*. Com a informação facultada não foi possível precisar a edição referida por Laura.

novos membros e o crescimento de outros que já não viveram esta era da mesma forma, sem a mesma memória dessas premonições. Efetivamente, as Testemunhas de Jeová conseguiram acabar por sobreviver e prevalecer ainda com um número significativo de membros mesmo após esta fase de desilusão:

Durante finais dos anos 60, a crença começou a circular de que o mundo terminaria em 1975. Pelo início dos anos 70, existia uma larga antecipação no grupo pelo fim. (...) ...esta excitação fez com que aumentassem os seus esforços. O número de publicadores americanos subiu em 15.2% entre 1973 e 1974 (...). Os batismos de adultos na igreja subiram de 55000 em 1973 para mais de 80000 em 1975. Em 1974 o número médio de horas declaradas pelos publicadores atingiu o seu máximo a 196.8 horas para o ano. (...) Em 1975 as Testemunhas de Jeová aguardaram pelo dia do julgamento. No entanto, conforme o ano passou, a atividade das Testemunhas de Jeová começou a baixar subtilmente. Então, em 1976, iniciou-se um decréscimo de 3 anos. (...) Em 1978 apenas 20741 pessoas foram batizadas na igreja, um quarto das que o foram em 1975. Entretanto, em 1979, as Testemunhas de Jeová começaram a recuperar a sua moral e as tendências aumentaram. O número total de publicadores parou de diminuir e aumentou um pouco. O número de batismos aumentou e os publicadores declararam mais horas. Por 1980, as coisas estavam a voltar ao normal, e em 1983 um rápido crescimento voltou. (Stark e Iannacone 1997: 144)

Alguns dos entrevistados descrevem o que viveram na primeira pessoa a antecipação sentida em 1975 e anos posteriores, ou conheceram sobre a mesma em relação às mesmas datas ou anteriores, por terceiros. Outro aspeto salientado é a observação de mudanças em ensinamentos ou da posição do grupo por motivos aparentemente ilegítimos, parecendo tratar-se menos da assimilação de novos resultados interpretativos e correções do que revisões feitas com base na impopularidade de algumas doutrinas, ou quando as mesmas não se cumprem ou tornam-se insustentáveis – à semelhança da concessão da aceitação de componentes do sangue.

Maria recorda ouvir que “a geração que tinha assistido à guerra de 1914 estaria viva para ver o Armageddon”, assim como Cláudia, que nota que posteriormente passou a ser dito que afinal “quem conheceu a geração de 1914 não passará”, ou seja, que seriam estes que viveriam para ver o apocalipse acontecer. Rute e Rafael lembram-se claramente de como foi a expectativa sobre o ano 2000 e 2014, mas clarificam que não a partilharam. Rafael crê que, atualmente, muitas Testemunhas de Jeová não têm noção de quantas vezes datas concretas para o apocalipse foram apontadas, como “1914, 1915, 1918, 1919, 1925”, 1975, 2000, e depois 2014 “porque passavam 100 anos desde 1914”. Recorda que “numa reunião de preparação para o memorial estava assim escrito num livro: ‘Será este o nosso último memorial?’, ou seja, sem dizer, mas estão a criar a expectativa.” Afirma que esta abordagem é comum na religião:

“É assim, eles estimulam a especulação, e as pessoas especulam. (...) Depois a data passa e nada acontece, e o que é que eles vêm dizer? ‘Nós nunca dissemos, nós nunca afirmamos... a Bíblia diz que ninguém pode saber de um dia ou hora, portanto, é escusado.’ (...) Nós passámos uma ou duas fases dessas de grande empolgação, de ‘está aí, está aí’, e depois não aconteceu nada.”

Nota que a culpa do incumprimento das expectativas acabava por frequentemente ser atribuída ao crente, pois o que a organização posteriormente afirmaria que “alguns crentes é que ‘se adiantaram’”. Para e si e outros, o facto era que: “...os anos vão passando, uma pessoa habitua-se, e aceita”, e “conforma-se”, Rute acrescenta.

Outro ensinamento contestado é comumente designado por “a questão das duas esperanças”, sendo que uma é reservada aos cristãos *ungidos*¹²⁸ e a outra às restantes “ovelhas”. Estas “esperanças” seriam reveladas com o início do apocalipse, quando os “cristãos ungidos” fossem ressuscitados para lutar com Jesus Cristo contra o Diabo e os seus demónios para os erradicar permanentemente, para depois permanecerem no reino celestial para governar do seu lado, enquanto outros cristãos viveriam no paraíso terrestre. De acordo com as palavras do grupo e a sua interpretação do livro de Revelação, estes “ungidos” são, o “pequeno rebanho”, 144 000¹²⁹ cristãos “escolhidos por Deus” para “servir com Jesus, trabalhando como reis e sacerdotes durante mil anos”¹³⁰, parte dos “novos céus” que e irão governar sobre a “nova terra”¹³¹, e para sempre sobre o paraíso terreno que sucederá o milénio. Para alguns participantes, este ensinamento não pareceu encontrar-se devidamente suportado na Bíblia após

¹²⁸ Segundo a interpretação da organização, ao longo do capítulo 13 do livro de Mateus, Jesus Cristo utiliza uma ilustração, na qual se refere à separação do trigo e do joio para descrever como “cristãos ungidos” seriam separados de “cristãos de imitação”. Em Mateus 13: 25, ““Enquanto os homens dormiam, o seu inimigo veio e semeou joio no meio do trigo”, este “inimigo” é interpretado como sendo o Diabo e o joio os “cristãos de imitação”. Em Mateus 13: 30, ““Deixem ambos crescer juntos até à colheita, e na época da colheita eu direi aos ceifeiros: Apanhem primeiro o joio e amarrem-no em feixes para ser queimado; depois, ajuntem o trigo no meu celeiro””, é tido que Jesus descrevia como o trigo, ou os “cristãos ungidos”, seria separado/ceifado por “anjos” (Testemunhas de Jeová 2018e).

¹²⁹ De Revelação 7: 4 (versão *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*): “Então, ouvi o número dos selados: 144 000, selados de todas as tribos dos filhos de Israel”

¹³⁰ Seguindo o texto de Revelação 14: 1-3: “Então, vi o Cordeiro de pé no monte Sião, e com ele 144 000, que têm o nome dele e o nome do seu Pai escritos na testa. Ouvi um som vindo do céu, como o som de muitas águas e como o som de um forte trovão. O som que ouvi era como o de cantores a tocarem as suas harpas ao cantar. Estavam a cantar o que parecia ser um novo cântico, diante do trono e diante das quatro criaturas viventes e dos anciãos. Ninguém podia aprender aquele cântico, exceto os 144 000 que foram comprados da terra.”; e de Revelação 20: 6: “Feliz e santo é todo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre eles, a segunda morte não tem autoridade, mas serão sacerdotes de Deus e do Cristo, e reinarão com ele durante os mil anos.”

¹³¹ Do artigo “Quem vai para o céu?”, disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/ensinos-biblicos/perguntas/quem-vai-para-o-ceu/>.

pesquisa própria, e Carlos, por exemplo, contesta o fundamento da ideia, oferecendo uma explicação:

“...eles pegaram no número dos 144 000, que é um número que aparece no livro de Apocalipse, e que surge como ilimitado, e eles depois pegam noutros textos e ligam, textos que dizem que deverá haver um paraíso terrestre habitado, e portanto, têm de haver cristãos que vão viver na Terra e cristãos que vão viver no céu, duas classes separadas. Por exemplo, pegam naquele texto de João 10:16, em que Jesus Cristo diz ‘eu tenho outras ovelhas que não são deste aprisco, mas a estas também tenho de trazer, para tornar um só rebanho de um só pastor’, e eles nesse texto dizem que Jesus está a ensinar duas esperanças. O contexto mostra que Jesus estava a falar dos gentios, que se estava a referir aos cristãos israelitas e que estava a dizer que outros viriam...”

Carlos também nota que ao longo dos anos diversas pessoas começaram a ser reconhecidas como unguidas pela organização, mas acontece que entretanto muitos envelhecem e morrem – o que deveria ser um “sinal de que o Armageddon estava perto” – e, posteriormente, o seu número volta a aumentar, apresentando-se uma situação difícil de explicar. Carlos diz então a posição da organização sobre o reconhecimento dos unguidos muda, evitando o seu comprometimento expresso.

Sobre o mesmo tema, Rafael recorda que costumavam surgir em publicações questões como “‘Como é que você sabe que não vai para o céu mas que vai viver na Terra?’”, e afirma que a resposta costumava assemelhar-se a estas palavras: “‘se as coisas que você gosta são coisas aqui da Terra, então é a sua esperança, porque quem sabe que vai para o céu não gosta das coisas da Terra.’” Ressalva que esta é uma informação que não pode ser confirmada na Bíblia, o que percebe quando começa a pesquisar os ensinamentos das Testemunhas de Jeová em segredo. Começa então a aperceber-se de que existiria um “revisionismo” nos ensinamentos das Testemunhas de Jeová quando estes falhavam, e omissões sobre a sua história nas suas fontes. Rafael acaba por então se dedicar a escrever um texto detalhando como não deveriam existir duas esperanças, mas apenas uma: “que toda a gente ia para o céu”.

A hipótese da queda de Jerusalém (ou da sua conquista por Babilónia) em 607 AC, de acordo com outros cálculos que têm sido apresentados, é uma interpretação das Testemunhas de Jeová que tem sido refutada. Este ensinamento é basilar para o grupo porque é se afigura como fundamento para a afirmação de que Jesus Cristo terá iniciado o seu reinado celestial em

1914, ano em que terminaria o “tempo dos gentios”¹³² iniciado em 607 AC, e do qual dependem outras noções importantes, como o início dos “últimos dias” em 1914 e a necessidade do esforço de pregação, o cálculo da geração dos ungidos, ou a identificação do “escravo fiel e discreto”.

No caso de Carlos e da sua esposa, as suas dúvidas e pesquisa em fontes não reconhecidas e autorizadas pelo grupo ainda perduraram por cerca de 10 anos, ao mesmo tempo que demonstravam ser membros aparentemente comuns. Depois de lerem *Crise de Consciência*, Carlos começa a ler sozinho outros dois livros de destaque neste contexto, intitulados *Liberdade Cristã* (Franz 1991) e *Tempo dos Gentios Reconsiderado* (Jonsson 2021):

“...comecei a ler sozinho o *Liberdade Cristã*, que é sobre a organização na mesma mas apresenta uma explicação mais bíblica de certos assuntos, diga-se que enquanto um é mais biográfico o outro é mais comparativo com outras doutrinas, sobre o que a organização ensina. Entretanto também leio o *Tempo dos Gentios Reconsiderado*, que deu origem à expulsão do Raymond Franz e de uma caça às bruxas na Torre de Vigia. Fala sobre a descrição de Israel e do local onde Cristo ascendeu aos céus, isto é a base da religião, atenção... Ele era ancião e Testemunha de Jeová, e escreveu um pequeno artigo que mandou para Betel em Brooklyn a mostrar por A mais B – factos históricos, científicos – que Jerusalém não pode ter caído em 607.”¹³³

Por esta altura, Carlos começa a sentir-se verdadeiramente “enganado”, e absolutamente “sem pé”.

Outro aspeto apontado foi a tomada de conhecimento da mudança da posição oficial das Testemunhas de Jeová face à ONU, à qual explicitamente se opõem, mas, na verdade, nem sempre o fez, um fato sobre o seu passado que não é hoje assumido em fontes oficiais, e desconhecido por muitos membros. Também foi notada a aparente incongruência entre a sua

¹³² Seguindo Lucas 21:24 (versão *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*): “E cairão ao fio da espada, e para todas as nações serão levados cativos; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem.” O artigo “1914 – um ano significativo na profecia bíblica” fornece uma explicação para esta interpretação (Testemunhas de Jeová 2017f: 215-218).

¹³³ De acordo com a interpretação secular, a data que reúne mais consenso até ao momento é antes 587 AC (Gruss 1972). Para esta data é demonstrada fundamentação em evidências históricas, arqueológicas e até astronómicas. Por exemplo, conforme o explica *O Tempo dos Gentios Reconsiderado* (Jonsson 2021), com apoio no Cânone de Ptolomeu e de acordo com o escrito na relíquia VAT 4956, uma tábua que detalha um fragmento de um diário de observações astronómicas, entre os quais cinco são datados do 37º “ano de Nabucodonosor II”, o que corresponde a 568/67 AC. Esta evidência é importante na refutação da asserção das Testemunhas de Jeová porque em 2 Reis 25: 2, 8 lê-se que o “décimo primeiro ano do Rei Zedequias” corresponde ao “nono ano do Rei Nabucodonosor”, e sendo que o reinado de Zedequias terminaria no mesmo, de acordo com as datas atribuídas ao reinado de Nabucodonosor o seu nono ano teria sido em 587 AC.

posição de oposição à ONU ao mesmo tempo que fazem uso nos seus artigos de ideias que têm origem em informações provenientes das suas agências.

Aquando do ponto mais grave da sua depressão, Mariana começa a refletir mais sobre os ensinamentos, e questiona-se: se segundo o grupo a ONU é o que na Bíblia é profetizado como a “fera no lugar santo”, a “besta-fera, a coisa repugnante que causa desolação”¹³⁴, então porque são feitas “nas publicações referências ao trabalho de órgãos seus?” Por sua vez, Raquel lembra-se de ter encontrado na pregação um morador que foi hostil, e quando se despede este faz-lhe a “pergunta derradeira”, que “revoluciona” a sua vida: “Ele virou-se para e mim e para a minha colega e disse: ‘Por acaso vocês conhecem a história do fundador da vossa religião?’ (...) E aquilo ficou a bater-me: ‘o que é que o homem queria dizer com o fundador da minha religião?’ (...) Foi qualquer coisa estranha, mas não quis pensar mais nisso.” Cerca de duas semanas mais tarde encontra na internet um comentário de uma pessoa que afirmava que as Testemunhas de Jeová teriam estado associadas à ONU por cerca de 10 anos¹³⁵, o que faz Raquel começar a procurar por esta informação. Neste seguimento acaba por começar a frequentar um fórum de discussão para ex-Testemunhas de Jeová, e a partir de então encontrou-se num ponto sem retorno.

¹³⁴ Novamente uma menção ao que se lê em Revelação 17: 1-6 (versão *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*): “Um dos sete anjos que tinham as sete tigelas veio e disse-me: ‘Vem, vou mostrar-te o julgamento da grande prostituta que está sentada sobre muitas águas. Os reis da terra cometeram imoralidade sexual com ela, e os habitantes da terra embriagaram-se com o vinho da imoralidade sexual dela.’ Ele levou-me no poder do espírito para um deserto. E vi uma mulher sentada numa fera de cor escarlate que estava cheia de nomes blasfemos e que tinha sete cabeças e dez chifres. A mulher estava vestida de púrpura e escarlate, estava adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas, e tinha na mão um cálice de ouro cheio de coisas repugnantes e das coisas impuras da sua imoralidade sexual. Na sua testa estava escrito um nome, um mistério: ‘Babilónia, a Grande, a mãe das prostitutas e das coisas repugnantes da terra.’ Vi que a mulher estava embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus...”

¹³⁵ Apesar da sua perceção da Organização das Nações Unidas, a Watchtower Bible and Tract Society procurou, em 1992, o estatuto de ONG junto do seu Departamento de Informação Pública (UN – DPI), para o qual procurou a sua terminação em 2001, após a exposição desta relação no *The Guardian* (Bates 2001a, 2001b). Em 2004, foi divulgada pela ONU uma carta do DPI, na qual foi esclarecido que o propósito deste relacionamento é a procura de “disseminação de informação de forma a aumentar o entendimento público dos princípios, atividades e cumprimento de objetivos das Nações Unidas e das suas Agências”, e que a aceitação do estatuto de ONG pela mesma implicaria que a “organização concordou em cumprir os critérios para a associação, incluindo o suporte e respeito dos princípios da Carta das Nações Unidas, assim como assumir o compromisso e meios para conduzir programas de informação acerca das atividades da ONU para os seus constituintes e uma audiência alargada” (Hoeffel 2004). Para mais, a sociedade também já apelou ao Comité para os Direitos Humanos das Nações Unidas face às sanções aplicadas em alguns países contra as atividades do grupo, tendo submetido, por exemplo 48 apelos entre 2013 e 2016, tal como noticiado em “Kazakhstan: Punished for worship meetings; UN appeals” (Corley 2016).

Adicionalmente, já vimos como nas Testemunhas de Jeová é ensinada uma concepção estrita sobre os papéis de género, que determina uma posição de submissão da mulher ao homem e do homem como responsável por diversos aspetos na vida familiar e como o único que pode ter cargos de maior responsabilidade no grupo, além de determinar, por exemplo, os limites do vestuário e aspeto pessoal. Por outro lado, a rigidez ou falta de esclarecimento sobre a sexualidade pode ser um motivo de tensão tanto para homens como mulheres, como notámos nos casos de pessoas que não têm uma orientação heterossexual.

Para Florbela este era outro aspeto que não lhe agradou acerca da doutrina. Recorda, por exemplo, como nos estudos bíblicos, se fosse uma mulher a ensinar um homem esta tinha de cobrir a cabeça, que entende hoje em dia como uma questão de submissão. A “subordinação da mulher ao homem” era algo impensável para Florbela, e estava fora de questão para si seguir uma religião onde este princípio fosse defendido. Não acreditava que este ensinamento pudesse realmente ser verdade, e não lhe fazia qualquer sentido.

A par da recusa das transfusões de sangue, a outra questão que mais choque e revolta se verificou ter provocado entre os entrevistados foi a evidência de casos de abusos sexuais e pedofilia no seio do grupo, e da falta de medidas tomadas para a punição dos perpetradores e apoio das vítimas.

A reportagem mencionada por Laura havia focado, principalmente, a ocorrência desta natureza de casos nas Testemunhas de Jeová, e foi emitida próxima da altura em que surgem notícias sobre o tema na Austrália¹³⁶. Laura conta que, inicialmente, fica chocada com o que vê e não o queria admitir como verdade a si própria, mas não deixou de pensar nessa possibilidade. Não muito tempo depois acaba por encontrar um fórum para ex-Testemunhas de Jeová na internet, o qual passou a ler ocasionalmente, parecendo-lhe fazer sentido algumas das coisas que lia. Clarifica que tem consciência que um crime como a pedofilia pode existir em qualquer contexto, mas o que realmente a acaba por chocar mais foi notar a abordagem do grupo ao

¹³⁶ Por exemplo, “Australia Jehovah's Witnesses 'did not report 1,000 alleged abusers'” foi uma das primeiras notícias avançadas pela BBC News (2015).

mesmo. Após surgir em público o caso australiano, o manual dos anciãos é modificado em relação ao tipo de procedimento a adotar perante uma denúncia, explicando Laura que, em contraste, anteriormente a vítima era confrontada e desincentivada de procurar as autoridades seculares para não colocar em causa a imagem da religião. Hoje em dia já se encontra no manual algo diferente, mas que ainda assim considera insuficiente:

“Se a pessoa queixosa quiser contactar as autoridades, só se a pessoa perguntar é que podem dizer que ‘fazer queixa na polícia é um direito seu’, porque se a pessoa não quiser dizer nada eles não devem dizer nada, nem devem de aconselhar a pessoa a ir à polícia, mesmo que haja provas, e acho isto das coisas mais graves que há.”¹³⁷

Quando Raquel começa a frequentar o mesmo tipo de fóruns e se depara pela primeira vez com alegações sobre casos de pedofilia nas Testemunhas de Jeová, também pensa, num primeiro instante, que poderia ser mentira. Mas, entretanto, vê a mesma reportagem, o que diz

¹³⁷ A publicação conhecida popularmente como *Livro dos Anciãos*, a rigor intitulado “*Pastoreiem o rebanho de Deus*” – 1 Pedro 5: 2 (2020a) – um tipo de manual que serve para guiar o ancião nas suas responsabilidades, estritamente reservado ao conhecimento dos mesmos – existe um capítulo dedicado à questão do “abuso de menores”, conforme é o seu título. No mesmo pode-se ler: “a vítima, os seus pais ou qualquer outra pessoa que denuncie um alegado abuso aos anciãos deve ser informada, de modo claro, de que tem o direito de denunciar o assunto às autoridades seculares. Os anciãos não devem criticar ninguém que decida fazer tal denúncia.” (ibid. 110) No que concerne a recomendações sobre qual deve ser efetivamente a atuação dos anciãos ao saberem de um caso desta natureza, primeiro é salientado que o crime deve ser denunciado de imediato às autoridades seculares se a pessoa com esse conhecimento for obrigada por lei. A fim de não haver dúvidas quanto ao cumprimento da lei, o ancião é instruído a contactar de imediato o “Departamento Jurídico da filial a fim de obter esclarecimento jurídico” (ibid. 111), e sobre o seguimento do contacto não é mais informação adiantada no texto, a não ser a possibilidade de o caso poder ser encaminhado para o Departamento de Serviço, mas sem esclarecimento para que fim. Já noutro ponto intitulado “considerações congregacionais”, mais alguns esclarecimentos sobre o assunto são fornecidos. É desde logo clarificado que, no que é uma definição particular, “do ponto de vista da congregação”, o abuso sexual de menores “não se refere à situação em que um menor, quase adulto, consente em praticar atividade sexual com um adulto que é apenas alguns anos mais velho. De modo geral, também não se refere a situações em que apenas menores estão envolvidos. Em vez disso, refere-se à situação em que um adulto é culpado de abusar sexualmente de uma criança ou em que um adulto é culpado de se envolver sexualmente com um menor, quase adulto, sem o consentimento do menor.” (ibid. 113) Os anciãos são também orientados, a ajudar espiritualmente a vítima, mostrando-lhe empatia e sendo “bons ouvintes”, oferecendo consolo com base na Bíblia, e desaconselhando a inquirição de demasiados pormenores sobre os abusos. (ibid. 113, 114) Após serem recebidas as orientações da filial poderá ser formada uma comissão judicativa para o acusado, na qual deverá ser determinada a sua culpa e grau de arrependimento. Se não se mostrar arrependido deve ser desassociado (podendo mais tarde pedir a readmissão), mas se não se mostrar não o é, devendo ser antes outra repreensão anunciada à congregação (ibid. 115, 116). No caso de um conhecido culpado de abuso sexual de menores voltar à congregação, os anciãos devem somente restringir a sua aquisição de privilégios e adverti-lo para não estar sozinho com menores ou manter qualquer tipo de intimidade com os mesmos, assim como devem alertar os “chefes de famílias” com filhos menores na congregação, mas somente se o Departamento de Serviço o determinar (ibid. 117, 118). Em qualquer caso de “atividade sexual” entre menores a mesma não será considerada abuso, sendo somente aconselhada a ajuda espiritual, mas sempre primeiro o contacto com o Departamento Jurídico (ibid. 121, 122).

ter sido a “gota de água” para si: “Então ouvíamos tanta coisa a atacar os católicos e afinal temos o mesmo problema, e pior, abafado?” Começa então uma “luta interna”, onde indignação e a raiva prevalecem, pois sente-se enganada em relação ao meio onde nasceu, à realidade que sempre conheceu.

Nas suas pesquisas, o primeiro caso neste âmbito com que Rafael se deparou foi o de uma mulher chamada Candace Conti¹³⁸, nos EUA, a quem foi paga uma indemnização milionária pelo grupo, mas já tinha também conhecido pessoalmente o caso de uma pessoa que tinha sido abusada sexualmente por um ancião, o qual nunca acabou por ser castigado, tendo sido antes a jovem desassociada. Já para Rute, ainda que mais tarde, este foi também um aspeto determinante na mudança da sua perspetiva sobre a religião. Numa fase em que era a única pessoa na sua casa que mantinha a sua fé, por várias vezes o seu marido e filho a tentavam persuadir a mudar o seu pensamento, e chega uma noite em que não consegue dormir:

“...levantei-me, fui para a sala e peguei no meu iPad. E não sei o que é que me deu, porque também não era meu hábito fazer isso – aliás, nunca o tinha feito –, mas digitei ‘Testemunhas de Jeová’ no Google. E lá dei com uma série de sites, e chamou-me à atenção qual? Aquele que o [Rafael] falou da Candace Conti (...) e eu começo a ler aquilo... até me estou a emocionar... e penso: ‘eu não posso acreditar que isto... que isto acontece connosco, com as Testemunhas de Jeová’. Porque eu pensava assim que casos de pedofilia havia em todas as religiões, menos na nossa, porque a nossa é verdadeira, nós é que somos bons, e ‘essas coisas não acontecem cá dentro’.”

Rute encontra outras notícias semelhantes nesse momento, e não muito tempo depois vê a reportagem na televisão mencionada pelos outros participantes, e se já sentia incerteza sobre a religião esta reportagem foi o que a fez tomar uma decisão.

No entendimento de João, a pedofilia é um “problema grave” nas Testemunhas de Jeová, pois crê que o tratamento inadequado das denúncias no grupo apenas convida a uma sensação de impunidade para se perpetuar este crime no seu seio. Também salienta que este problema poderá ser maior do que se sabe por muitas vítimas terem medo de falar e vergonha, e por crerem que provavelmente não irão acreditar nelas, ou atribuir-lhes culpa, conforme exemplifica: “Porque estava de saia curta, porque passou num sítio escuro à noite, pronto, é sempre a vítima que tem a culpa.”

¹³⁸ Um exemplo foi a notícia da ABC “Former Jehovah's Witness Accuses Church of Hiding Child Abusers from Congregations” (Harris e Capote 2015).

E, para Mariana, o encontro da reportagem mencionada anteriormente revela-se também um ponto de viragem. Toma ainda por seu meio conhecimento da existência do livro *Crise de Consciência*, o qual diz ter lido em três dias logo a seguir, e a partir deste preciso momento afirma apenas ter prevalecido um forte sentimento de “ódio” face ao grupo.

A percepção do uso abusivo do poder por parte de quem tem um estatuto mais alto na congregação foi também exposta, especialmente na investigação e julgamento de ações de membros por parte dos anciãos. João explica que um dos maiores problemas que sentiu em primeira mão foi precisamente de consciência, quando começa a participar em comissões judicativas como ancião. Conta que acontece ver-se inserido em situações onde fica incomodado com as questões que eram colocadas, com o modo como a pessoa investigada era abordada, o que lhe parecia acontecer especialmente com mulheres mais jovens. Assistiu a outros anciãos a colocarem perguntas excessivamente íntimas, que considera terem sido desnecessárias, as quais não se encontravam entre as normas indicadas no livro dos anciãos. Exemplifica:

“A partir do momento em que estamos perante um casal de que há suspeita que foi cometida fornicção – ou porneia, que é o termo bíblico –, se o casal disser assim: ‘houve contacto, eu toquei com a minha mão no sexo da minha namorada’, não é preciso perguntar mais nada, já houve fornicção, isso já é suficiente para desassociação, caso a pessoa não se mostre arrependida.”

João clarifica que é uma atitude incomum para um ancião ir além destes pormenores, mas que se deparou com este cenário na sua congregação. Ultimamente, afirma que não gostava de comissões judicativas, por sentir que era um tipo de “tribunal”, e que no seu âmbito acabava por ter de invadir a privacidade de outros. Verificou a existência um abuso de poder e falta de compaixão que não faziam sentido para si:

“...a esmagadora maioria das pessoas considera a justiça primeiro que o amor, e amor verdadeiro eu não via, via injustiça (...) Isso no fundo começou a ser... o véu que eu tinha sobre os olhos começou a cair. (...) O pormenor de se essa pessoa está arrependida, até que ponto, ser amoroso com a pessoa, porque se essa pessoa está a vir buscar ajuda é porque precisa de ajuda, não precisa de ser disciplinada. Pronto, para mim a pedra de toque de um ancião e de uma comissão judicativa deve ser o amor, e não a disciplina.”

Outro aspeto percebido como incongruente é a forma como a questão dos donativos monetários tem sido abordada no grupo recentemente, descrevendo os participantes mudanças no que concerne a tornar os peditórios mais visíveis, algo que não era comum antes, sendo mesmo um aspeto do qual o grupo se orgulhava e que criticava em outras religiões¹³⁹. Hoje em dia são mais vezes mencionados à congregação, nos seus vídeos e publicações, tendo mesmo surgido na *Sentinela* instruções sobre as várias formas de os fazer.

Mariana recorda como até há alguns anos na religião era comum a crítica à igreja católica ou a grupos evangélicos, por exemplo, por confrontarem os seus membros com a necessidade de donativos, e descreve como, atualmente, as Testemunhas de Jeová também já possuem um canal online onde divulgam frequentemente vídeos entre os quais figuram o mesmo tipo de exortações, como existem terminais de multibanco em “locais de reunião, congresso e assembleias” para esse fim, e que de três em três meses vem um “lembrete” na *Sentinela*, um esclarecimento acerca das “maneiras de apoiar o Reino”, como por exemplo: “com heranças, beneficiários de seguro, a Torre de Vigia pode ser beneficiária de um seguro de vida, apartamentos...” Mariana conta ainda que, entre os vídeos divulgados, as Testemunhas de Jeová começaram a produzir um segmento de desenhos animados destinados ao ensino das crianças, e dá o exemplo de um particularmente memorável: “têm um vídeo em que a criança está indecisa com a moedinha entre ir comer um gelado ou pôr na caixa”, o que considera “imoral”. Laura recorda ter-se sentido chocada com o mesmo vídeo, que descreve:

“...eu lembro-me que quando vi a primeira vez um vídeo foi projetado na reunião, e é o vídeo da Sofia em que a mãe lhe dá uma moeda para comprar um gelado e depois estão ali a raciocinar e a miúda é induzida a pensar que não vai comer o gelado mas antes pôr a moedinha para o donativo para o salão do reino. Então a miúda põe lá a moeda – imagina-se a comer o gelado, mas põe lá a moeda – e depois sai mais contente. (...) Sente-se mal, de consciência pesada...”

Uma outra mudança recente que veio para alguns modificar a experiência do grupo foi a modificação da estrutura das reuniões, nas quais foi tornada mais restrita a participação dos membros na resposta a questões e à sua colocação nos estudos, um aspeto que fazia parte de

¹³⁹ Como por exemplo, se nota nos esclarecimentos “Será que as Testemunhas de Jeová dão o dízimo?” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/testemunhas-de-jeova-dao-dizimo/>), e “Como é que a obra das Testemunhas de Jeová é financiada?” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/donativos-obra-mundial-financiamento-dinheiro/>).

todas as reuniões e que era muito apreciado como um fator diferenciador. Adicionalmente, as reuniões foram modificadas de forma a integrarem os vídeos que a organização começa entretanto a produzir, deixando ainda menos espaço para discursos e dramatizações originais da autoria dos anciãos e outros membros, e à participação da audiência.

Laura explica que, para si, antes destas mudanças as reuniões tinham “um ar de maior seriedade”. Afirmar que a diferença é muito grande, parece-lhe que atualmente “é tudo muito à base de vídeos, de manipulação pela imagem e emoção”, e que os cortes foram demasiados:

“Deixou de haver estudo do livro em casa. Do estudo do livro foi feita uma fusão com a reunião da semana. Ao fim de semana mantém-se igual, que é o discurso público e *Sentinela*. Durante a semana o que é feito é: começa pelo estudo do livro – cerca de meia hora, mais ou menos –, depois passa para a parte que era de escola, em que há as designações (...), e a primeira designação que era vista não era uma designação em palco, era com vídeo, a demonstração de um cenário. Na primeira página do que era o *Ministério do Reino* - agora chama-se *Manual de Atividades* - tem lá no fundo uma pequena caixa de texto onde tem três ou quatro frases de uma conversa idealizada, e isso é encenado no vídeo, como é que podemos colocar esta revista, iniciar este assunto ou conversa... (...) ...e depois há sempre perguntas a fazer sobre o vídeo, o que é que acham importante, a destacar... (...) Antigamente lembro-me que tínhamos mesmo perguntas e respostas de parágrafo, agora já não há nada disso, é muito pouco. E ainda há a parte da leitura da semana da Bíblia, e depois há algumas perguntas que têm a ver com isso, se bem que agora as respostas são dadas com outras publicações, ou seja, temos pergunta e resposta já dada. (...) Com uma linguagem... não digo simplificada demais, mas uma linguagem infantil. (...) Dantes ainda havia alguma matéria ou estudo mais a fundo, que nos punha realmente a estudar o assunto, agora não, agora é sempre tudo muito na superfície (...) E lá está, a parte que era da reunião de serviço é basicamente toda com vídeos. Ou se tem dois vídeos com pergunta e resposta, mas aí as perguntas são feitas com base no que aconteceu no vídeo (...) ou então vai ter uma parte com talvez dois parágrafos ali em que se tem duas perguntas em que a pessoa até responde um pouco por si própria (...) E as reuniões são muito na base disto, e para mim tornam-se maçadoras porque é excesso de vídeos...”

Laura conta que, num primeiro momento, quando começaram a ser exibidos nas reuniões vídeos com discursos dos membros do corpo governante, foi uma novidade impressionante para os membros, mas que posteriormente tornam-se impopulares, passando a haver uma audiência cada vez mais reduzida quando os mesmos eram projetados. Acrescenta que estes vídeos eram longos, até cerca de uma hora e meia, e que se tornaram também maçadores para si, e até por incluírem sempre músicas tipo *jingle* e até cânticos feitos com um estilo semelhante ao *gospel*,

o que a leva a pensar: “...eles criticavam o televangelismo, o que faziam na televisão, e estão a fazer isto...”

IV.II.

Negociação, Mediação

O modelo Kübler-Ross aponta para um ponto de catarse após a revolta, no qual surge uma fase de negociação, que corresponde tentativa do sujeito de conquistar algum controlo sobre a sua nova realidade. Resume a variedade de estratégias empregues para evitar o sofrimento, e recuperar ou manter a normalidade antes conhecida. Poderá ser sentida culpa e serem feitas tentativas de mudança pessoal e de criação de novos compromissos. De acordo com o mesmo modelo, esta fase poderá ser seguida pela depressão ou aceitação.

Verificando-se o tipo de processos enunciados pela autora, reflete-se sobre que padrões específicos de negociação e mediação se apresentam entre os casos do presente estudo: a busca de esclarecimento de dúvidas e ajuda junto dos anciãos, a frustração com a falta de apoio e respostas, tentativas de redenção, punições, e o seu evitamento. Ao invés de se mencionar uma depressão, a referência a uma fase de desorientação parece ser mais adequada, antes da tomada de decisão sobre o seu lugar no grupo e perante o divino, e a entrada no processo de aceitação de uma nova realidade.

Clarifica-se que existiram algumas exceções, nos casos em que a transição da dúvida para a desvinculação do grupo se revelou como um processo mais rápido e menos problemático, ou cuja desvinculação foi repentina e não necessariamente enraizada na dúvida.

Entre os exemplos de exceção a tais padrões, encontramos os casos de Madalena, Sofia, João e Cíntia. Diferenciando-se o que sucede com Cíntia – a quem acontece uma desvinculação repentina num percurso até então pouco problemático, e que é recebida com maior surpresa, e cuja dúvida sobre a religião, assim como o sentimento de revolta, seria enfrentada com mais intensidade apenas após a sua saída –, os restantes retratam o desconectar gradual do grupo e da doutrina, assim como o afastamento ou saída sem passagem pelos aspetos enunciados, com

desfechos de importância marginal ou até mesmo desejados, no contexto de uma vida e pensamento entretanto já constituídos além da norma das Testemunhas de Jeová.

Entre a sua anterior vida “normal” como membro e a sua desvinculação, João apenas descreve um “afastamento natural”. Sentindo-se cada vez mais desconfortável com a sua posição e desiludido com o que via acontecer na sua congregação, começa também a explorar questões, a pesquisar por si próprio na internet, e entrega o seu cargo de ancião. Continua a ir às reuniões durante algum tempo mas cada vez com menos frequência, e ao expor o que encontra à sua esposa, esta acompanha-o no seu abandono.

Para Sofia, o início de um namoro com um rapaz que não era Testemunha de Jeová torna-se num ponto sem retorno, sentindo que a sua relação com a congregação tinha deixado de ser a mesma. Explica que começou a ser tratada de forma diferente, tendo o seu namoro trazido um afastamento dos outros membros. Continua a ir às reuniões principalmente por receio da sua mãe, assim como à pregação, mas afirma eventualmente não aguentar mais, e deixa de ir. Chega mesmo a não ter ninguém a interessar-se em falar consigo no salão, e este desprezo a par do peso dos juízos de terceiros sobre a sua escolha torna-se algo insuportável. E, para Madalena, algo semelhante aconteceu.

A vida com o seu marido torna-se cada vez mais difícil, revelando-se este ciumento e manipulador, procurando constantemente denegrir o aspeto e atos de Madalena, afastá-la dos seus colegas de trabalho, amigos e família. Madalena atravessa então uma fase de depressão, mas chega a uma altura que consegue tomar a decisão de terminar o seu casamento. Sabia que esta decisão que nunca poderia ser feita de ânimo leve, pois significaria graves consequências para si, conforme diz: “quando tomei a decisão de me divorciar... o meu mundo desabou. Porque entretanto pesei os prós e os contras todos, ia acabar com todo um mundo de vida anterior.” Após prosseguir com o divórcio, dá por si sozinha na religião. Começa a notar uma atitude modificada por parte dos outros membros, que se afastam de si, pois, segundo explica, “simplesmente tinha desvirtuado o sentido e a santidade do casamento”, porque não tinha “motivos bíblicos” para se divorciar, sendo mesmo a postura abusiva do seu marido para alguns interpretada como de proteção ou amor. Madalena passa então a receber visitas de pastoreio frequentes, e ainda tenta continuar a ir às reuniões mas já não era bem acolhida, e começa a sentir-se cada vez mais distante. Decide então deixar de ir a “um sítio onde não era desejada”, e apenas continuou a aparecer no memorial por ser importante para si: “...porque sentia que devia de ir, entrava, saía (...) Mas lá está, era um momento meu, não era tanto para

eles, mas era um momento em que eu entendia que devia de estar presente.” Mas, eventualmente, acaba por também deixar de comparecer nestas ocasiões.

No que concerne aos restantes casos, notemos em primeiro lugar as situações de David, Florbela e Cláudia. Muitos anos depois do que sofreu na infância, David encontra coragem para fazer uma denúncia na sua congregação, mas o seu caso é desde logo dispensado por não haver testemunhas, pois, de acordo com normas de atuação que o grupo determina para os anciãos, para julgar um caso como este é necessário haver pelo menos duas testemunhas¹⁴⁰. E, apesar de não sentir em si a fé e adequação à doutrina necessária, evita durante vários anos a saída do grupo para poder manter o relacionamento com os seus pais sem problemas, embora a sua orientação sexual e vida laboral o afastassem cada vez mais.

Por sua vez, Florbela, após o adquirir o seu primeiro emprego e ir estudar para o ensino superior, envolve-se cada vez mais com meios e pessoas exteriores à esfera das Testemunhas de Jeová. Conforme o termo que utiliza, começa a levar um tipo de “vida dupla”, em que ia descobrindo e aprofundando outros interesses e criando uma “relação de maior segurança com a pessoa” em que se via a “transformar”, ao mesmo tempo que mantinha discrição e a sua imagem perante o grupo inalterada. Durante este tempo descobria a certeza do que desejava para o seu futuro, e a coragem para o revelar, especialmente à sua avó.

Depois de se divorciar, Cláudia chega a ser chamada para uma reunião com dois anciãos para julgar o seu caso, e descobre que o que realmente estava em questão era que tinham presumido que teria havido adultério. Cláudia tentou convencê-los que de que era uma decisão consciente, mas foi sempre recebida com dúvidas e sujeita a acusações e ameaças que na altura a deixaram muito chocada e desiludida. Acaba por conseguir evitar a acusação de adultério, e continua como Testemunha de Jeová, mas a sua impressão do grupo nunca mais seria a mesma.

¹⁴⁰ No livro *“Pastoreiem o rebanho de Deus” – 1 Pedro 5: 2*, pode-se ler que “Mesmo que um irmão seja acusado de um pecado grave, só se deve formar uma comissão judicativa se houver evidências suficientes de que o pecado realmente ocorreu” (Testemunhas de Jeová 2020a: 91), e para tal fim dois aspetos devem ser considerados: a existência de uma confissão e/ou testemunhas do pecado, sendo que “é necessário haver duas ou três pessoas que tenham visto pessoalmente o pecado. Elas não podem simplesmente repetir rumores de outros. Se houver apenas uma testemunha, nenhuma ação judicativa deve ser tomada.” (ibid. 92)

Já no caso de Gabriel, após o envolvimento com o jovem da sua congregação decidem que o melhor seria contar tudo aos anciãos e pedir ajuda. Mas esta ajuda não é encontrada, e o que acontece é que Gabriel perde todos os seus privilégios, ou seja, deixa de ser ancião e pioneiro especial – assim como a sua esposa –, o que significa que também perde todas as ajudas de custas que recebia como tal. O casal não tinha emprego ou “estruturas sociais tirando a congregação”, mas Gabriel decide continuar a lutar pela manutenção da sua vida na religião e pelo seu casamento. Adquire então dois empregos, e a sua esposa começa a trabalhar também e, posteriormente, procura complementar a sua educação para poder tornar-se professor. Entretanto depara-se com uma oferta de trabalho no ensino de línguas no estrangeiro, onde o aceitam, e após a mudança o casal começa a frequentar uma congregação no país. Mas, nesta fase, algo muda em Gabriel. Longe do seu país, família e pessoas que o conheciam, pela primeira vez sente-se livre, “com a independência completa”, num local distante onde “podia ser aquilo que queria ser.” É aqui que reúne coragem para falar com a sua esposa e expor as suas razões para não conseguir continuar casado, e quando esta regressa a Portugal é que Gabriel se desvincula totalmente.

Laura, ao procurar esclarecimento junto dos anciãos para a sua dúvida sobre a questão da recusa das transfusões de sangue e aceitação das frações, além de não encontrar o esclarecimento que buscava, depara-se com a acusação de estar a “questionar a organização”, e é-lhe dado a entender que poderia ter problemas se continuasse. Fica profundamente insatisfeita com esta reação, mas, sentindo-se condicionada, acaba por abandonar o assunto.

Continua a esforçar-se por ser uma boa Testemunha de Jeová, acreditando ser o mais correto, mas notava que não conseguia sentir-se inteiramente bem, e questionava-se sobre o que estaria a fazer de errado para não se sentir melhor, pois explica que essa é uma ideia comunicada pelo grupo, que: “se não temos essa suposta alegria é porque o espírito santo não está a atuar em nós, é porque não estamos ainda a fazer tudo o que devíamos.” Eventualmente, a sensação de que o grupo não poderia ter sempre razão prevalece, assim como o questionamento contínuo de Laura: “Eles estão sempre ‘os apóstatas isto, os apóstatas aquilo, não vão ver sites, não vão ver nada na televisão’, e eu penso, ‘o que é que eles têm tanto medo que se saiba?’ Se não tivessem medo nenhum não diziam nada, não tinham de se estar a justificar... eu tenho de perceber.” Face à falta de esclarecimento até então encontrada, Laura decide então começar a

pesquisar mais por conta própria, fora das fontes da autoria do grupo, e ao mesmo tempo distancia-se, começando a ir às reuniões e pregação com menos frequência. Durante anos – três, especificamente –, esta situação perdura, dando-lhe tempo para refletir sobre o que lia e o que queria sem se comprometer prematuramente.

Chega então o momento em que sente que continuar na religião já não fazia qualquer sentido, e decide finalmente conversar com o seu marido, submetendo-se ao risco de colocar em causa o seu casamento. Conta-lhe como se sentia, tudo o que tinha descoberto nas suas pesquisas, e informa-o de que nunca mais voltaria ao salão do reino. A estas declarações o seu marido responde-lhe: “Só agora é que tu me dizes isso?” Este havia crescido na religião e mantinha-se por ser o que sempre conheceu, pela sua família e casamento, mas há algum tempo que já não sentia interesse, especialmente depois de se ter tornado servo ministerial e passado a ter um conhecimento privilegiado do funcionamento do grupo. O casal então deixa gradualmente de ir às reuniões até ficarem *irregulares*, procurando alguma discricção ao evitarem o estatuto de *inativos*, porque ainda enviavam relatórios com horas de pregação, ainda que não as fizessem. Com o estatuto de inativo, o indivíduo pode continuar a desfrutar da ausência da proibição de contacto com outros membros, e enquanto mantiver este estatuto não deixa de ser membro da congregação, não vendo assim necessariamente a sua relação alterada com a mesma – pelo menos não por imposição do grupo –, e se o desejar pode posteriormente voltar à atividade religiosa quando quiser.

Maria lembra-se de ter tentado colocar dúvidas aos anciãos, mas a partir de dado momento começa a ser acusada de apostasia, e de ter falta de fé. Na adolescência as suas questões apenas se multiplicam, mas já não as procurava esclarecer por medo do que pudesse ser acusada, ou de ser denunciada: lembra-se de uma vez ter tentado desabafar com outra jovem que considerava sua amiga, apenas para a mesma contar aos anciãos em seguida.

Na fase da sua vida, a sua situação agrava-se. Sente-se um alvo de desprezo na congregação e pela sua mãe, e a crescente desilusão e desamparo sentidos acabam por a levar a uma grave depressão. As queixas contra si acumulavam-se, assim como os castigos, que neste caso se afiguraram como a perda sucessiva de diversos privilégios, até ao que custou mais:

“...há um privilégio que me tiram que é para mim uma vergonha muito, muito grande, que é dito publicamente que a partir da data X, dando o meu nome completo, que eu seria considerada como uma

companhia imprópria e que não poderiam privar socialmente comigo. Podiam sair ao testemunho comigo mas não me podiam falar nas reuniões, não podia haver convívio comigo.”

A partir de certo momento Maria explica que apenas sabe que quase todas as semanas era chamada aos anciãos, por queixas que já nem conseguia compreender:

“...ou porque fazia uma coisa, porque dizia uma coisa, porque estava com alguém, porque perguntei se a pessoa... (...) E há um dia que me chamam mais uma vez e eu digo, eu estou exausta nesse momento, psicologicamente exausta – percebo agora –, não tinha força...”

É então que a sua condição psicológica se deteriora: “...eu não vivia, sentia-me a morrer por dentro, eu não sabia quem é que era. Eu não posso ser quem sou (...) porque ser eu é ser contra a religião.” A sua depressão culmina numa tentativa de suicídio, aos 16 anos, sucumbindo à exaustão, esmagada pela perspectiva de estar constantemente a falhar perante Deus, esta por se ter convencido de que não era boa pessoa – com a sua própria mãe acusando-a de ser “filha da destruição” e do Diabo – ou que nunca iria “fazer nada de bom”, e por se sentir desprotegida e sem ninguém em quem confiar na religião, sem amor ou apoio. Tal como o diz, foi o resultado da acumulação de experiências negativas ao longo de anos. Do próprio dia apenas recorda o desespero, encontrando-se sozinha em casa quando faz a tentativa, desejando mesmo não haver ninguém que a pudesse socorrer. Após este dia, Maria só se lembra de acordar no hospital, e os meses que se seguem são de uma recuperação lenta, em casa, dos quais Maria tem uma memória turva. Mas algo que recorda é continuar a ir às reuniões, apenas para receber um novo castigo, pois tinha “atentado” contra a sua vida, e, posteriormente, por ter “dado mau nome à religião” na sua terapia psiquiátrica. Ainda hoje esta recordação é algo que magoa muito Maria, e que a emociona. Mas chama a atenção para como retornar à escola foi para si “voltar à vida”, e este envolvimento renovado com “um mundo para além da religião” é o início de um ponto de viragem na sua vida.

Tiago ressalva que há algum tempo que para si era difícil estar na tribuna na congregação e “ensinar uma coisa”, ao mesmo tempo que no seu “interior era uma pessoa diferente”. Acreditava que era verdade que “como diz na Bíblia, o marido deve dar à esposa o que é devido e a esposa dar ao marido o que é devido”, e enfatiza que havia verdadeiramente afeto e carinho, mas não mais. Um dia que a sua esposa finalmente confronta-o, e Tiago decide contar-lhe a verdade. Nesse mesmo dia escreve um carta, em que entrega os seus privilégios de ancião e pioneiro, apenas argumentando que o seu casamento não se encontrava bem e que naquele

momento não estava à altura dos cargos, o que é imediatamente aceite pelos anciãos da congregação. Após este dia, Tiago não deixa de se esforçar para ser uma boa Testemunha de Jeová e continua a frequentar as reuniões, sempre acreditando que esta religião era a verdadeira, admitindo apenas que “não estava à altura dela”.

Algum tempo depois, sentindo o peso avassalador de continuar a tentar parecer alguém que na verdade não era, decide revelar a sua orientação sexual à sua família e aos anciãos, permitindo assim também que a sua esposa se divorciasse com motivos legítimos para a congregação, e pudesse continuar com a sua vida sem problemas.

Quando descobre notícias sobre casos de abusos sexuais na religião, Rafael também quis primeiramente acreditar que poderia não ser inteiramente verdade, e explica como o seu conflito interior foi agravado pela dificuldade do crente em “desobedecer ao corpo governante e ir investigar”:

“Porque é muito fácil para uma Testemunha de Jeová receber este choque da realidade mas depois não ir ver por medo, porque a pessoa tem medo de encontrar coisas que... e depois ficam na dúvida: ‘Será que é verdade ou não? Se calhar é mentira, se calhar é propaganda, se calhar são os demónios...’ E eu fazia as coisas com medo, a pensar que a qualquer momento me ia cair um raio na cabeça, mas lá fui. (...) quanto tempo demorei a ganhar coragem para desobedecer ao corpo governante e começar a pesquisar? Levou anos... Mas eu estava literalmente à espera que a qualquer momento me acontecesse qualquer coisa, que me desse um AVC, ou que...”

Entretanto também lê o *Crise de Consciência*, mas antes de começar, conta que: “...fiz uma oração a Deus a dizer: ‘Se tu existes e estás aí, eu vou ler um livro que é proibidíssimo, e se é de facto errado o que eu vou fazer faz agora qualquer coisa para me impedir de ler.’ Não aconteceu nada, e li.” Rafael apenas se sente ainda mais revoltado, e torna-se na sua missão retirar a sua esposa e filho da religião.

Quando começa a escrever o seu argumento sobre a questão das duas esperanças, fá-lo em segredo, por medo das consequências daí pudessem resultar. Mas, chega o momento em que o comportamento estranho de Rafael é notado por Rute, que o confronta. Evita a abordagem desta, mas um dia sai e deixa o seu texto terminado para Rute ler sozinha. Rute descreve ter-se sentido “envenenada”, “doente” com o que lê, e apressa-se a expor a situação à sua irmã, que a aconselha a entregar o texto aos anciãos em Betel, o que faz, crendo que poderiam ajudar o seu marido. O que acontece é que Rafael começa a ver o seu comportamento escrutinado, e

perde gradualmente os seus privilégios até ficar inibido de comentar nas reuniões, mas tenta manter a sua posição no grupo por medo de perder a sua esposa. Rute recorda que na altura chegou a ser lembrada de que se não entregasse o seu marido poderia ser ainda acusada de cumplicidade, e foi-lhe também sugerido que tinha “motivos bíblicos” para pedir a separação. Rafael esclarece que: “...entre as Testemunhas de Jeová, a apostasia é tão grave que... por exemplo, entre as Testemunhas de Jeová o divórcio não é permitido, a menos que haja adultério, mas em algumas circunstâncias permitem a separação, numa das quais se um dos cônjuges se torna apóstata.”¹⁴¹

Entretanto, aos 16 anos, o seu filho informa-os de que não iria mais às reuniões. Rafael não se sente muito surpreendido, pois já tinha reparado que o seu filho parecia deprimido e, antecipando a causa, já lhe tinha oferecido o seu apoio para qual fosse o rumo que decidisse adotar para o seu futuro. Por sua vez, Rute fica chocada, mas clarifica que nunca foi uma opção para si abandonar o seu filho por fazer tal escolha. Após esta ocasião Rafael também deixa de ir às reuniões, e durante algum tempo apenas Rute permanece na religião, tempo em que o seu marido e filho tentavam refutar a doutrina e convencê-la a abandonar. Rute recorda que de facto havia coisas que eles lhe diziam que a deixavam a pensar, e é neste ponto que toma a iniciativa de pesquisar sobre as Testemunhas de Jeová pela primeira vez. No dia seguinte diz a Rafael que não voltaria às reuniões, e a influência de Rafael passa a ser tida na congregação como a fonte dos desvios da sua família. Este foi chamado para uma comissão judicativa, com a presença de cinco anciãos, e com a ajuda da defesa de Rute, da sua irmã e cunhado, ao fim de 4 horas é decidido que lhe estenderiam misericórdia. Rafael não desejava ser expulso por ter outros familiares na religião, e os três passam então a permanecer como inativos.

A partir do momento em que Raquel toma conhecimento da existência de casos de pedofilia no grupo e encobrimentos dos mesmos revolta-se, e começa a abandonar as reuniões e a pregação. O seu problema era o facto de toda a sua família ser parte do grupo, e o seu marido resiste muito a acreditar no que lia. Este acreditou que Raquel apenas passava por uma fase de

¹⁴¹ A par de “quando o marido se recusa a sustentar a família”, “quando o marido ou esposa sofre sérias agressões físicas no casamento”, ou de “quando o marido ou esposa torna impossível que a outra pessoa sirva a Deus”, o comportamento desta pessoa que se poderá considerar desviante da outra, o que é o caso da influência do apóstata, é um dos motivos que o cônjuge poderá alegar para o seu divórcio e que será passível de ser reconhecido como legítimo, permitindo-lhe voltar a casar na religião. Do artigo “Como é que as Testemunhas de Jeová encaram o divórcio?”, disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/divorcio-conceito-tj/>.

“crise de fé”, e durante meses houve alguma tensão no seu casamento, até finalmente permitir-se ouvir o que a sua esposa lhe queria dizer, e começar também a pesquisar.

No ardor do seu sentimento de revolta, Raquel sente-se na obrigação de falar com os seus familiares e amigas mais próximas para contar o que tinha descoberto, na esperança de oferecer ajuda, mas esta atitude de Raquel é denunciada aos anciãos, e passa a ser considerada apóstata. Consegue, no entanto, evitar a punição por dois anos, mas havendo uma vez por ano visitas do superintendente de circuito à congregação, faz parte das funções do mesmo procurar saber que membros estão inativos e incentivar à regularização das suas situações, pelo que perante o desinteresse de Raquel durante este tempo fazem várias tentativas em marcar uma comissão judicativa, desfecho que desejava evitar por ter a sua família na religião. Ao longo de um ano o seu marido continua a ir às reuniões sozinho, mas eventualmente junta-se a Raquel e deixa de ir também.

Algum tempo depois dos eventos relatados na secção anterior, Carlos e a sua família mudam de casa, e assim também de congregação, ocasião que aproveita para renunciar ao cargo de ancião – pois já lhe era difícil ensinar algo em que não acreditava – alegando falta de tempo e cansaço. Entretanto a sua esposa engravida novamente e aborta espontaneamente pelos 5 meses de gestação. Com a sua fé na religião já abalada e perante este trauma decide “preservar-se”, e deixa de ir às reuniões. Pouco tempo depois Carlos deixa também de ir e, tendo-se presumido na congregação que o afastamento da família se deveria ao luto, não foram incomodados. Os poucos contactos que receberam foram atenciosos, apenas desejando saber como estavam. Alguns meses depois recebem uma visita do superintendente de circuito e de um ancião, para oferecer consolo ao casal e os deixar à vontade para voltarem, assim como para Carlos o retorno ao cargo de ancião, quando quisesse. O casal procura não se comprometer nesse momento e apenas declaram que iriam pensar. Acabam por não voltar às reuniões e explicam a situação aos seus pais, que aceitam, permanecendo o seu relacionamento igual.

Com o seu marido e filhos fora da religião, Mariana vê-se assim a única que permanecia da sua família, e vive continuamente em depressão por sentir que falhava, e face à perspectiva de poder vir a perder a família no apocalipse.

“E depois eu chorava e pensava: ‘eu não quero ir para o novo mundo sozinha, eu quero que eles vão comigo, eu não quero ficar cá e morrer com eles, mas eu quero é que eles venham comigo...’ E uma depressão, chorava... só queria dormir, porque enquanto dormia pelo menos não pensava. (...) E como eu não parava [de falar com o meu filho] lá vinha mais a amargura de estar a errar, a desobedecer. Eu estava a falhar, porque o senhor Jeová diz que não podemos falar com os desassociados, mesmo família, e portanto a culpa era minha, eu falhava, eu estava a fazer mal, a desobedecer, a não cumprir com o que Jeová queria, porque eu não era capaz, era fraca.”

Na congregação, o consolo que recebia resumia-se ao incentivo a envolver-se mais com a religião, a pregar e a estudar mais, porque se o fizesse em medida suficiente acabaria por não se sentir tão mal. Acaba por decidir ir falar com dois anciãos para dizer-lhes que precisava “de um tempo” para cuidar de si, e que não conseguia deixar de falar ao seu filho, ao que um deles lhe responde: “mas a irmã não precisa... ninguém lhe diz que não pode falar com ele, pode falar com ele, não pode é ter convivência íntima com ele. Se lhe precisar de telefonar para perguntar se está bom e se precisa de alguma coisa pode telefonar. Não pode é conviver com ele.” Mas, para Mariana, isso não era o suficiente.

É posteriormente que vê a reportagem anteriormente mencionada e lê *Crise de Consciência*, e após essa leitura encontra pela primeira vez alívio. Descreve ter-se operado em si uma mudança radical, tendo quase de imediato deixado a sua medicação psiquiátrica, sentindo-se então tomada por um grande sentimento de raiva. Conta que nesse momento apenas se sente “enganada”, e com certeza de que não faria sentido ser aquela a “religião verdadeira”.

IV.III.

Desvinculação

A desvinculação é um desfecho comum aos percursos dos participantes e, de certo modo, uma forma de manutenção do grupo. R. Stark e L. Iannacone notaram que um fator que ajuda a manter a harmonia e autoridade das Testemunhas de Jeová é “uma porta de saída bem aberta” (Stark e Iannacone 1997: 152), pois o seu crescimento depende também de deixar ir, ou forçar a saída, dos que mostram não se enquadrar, face à alternativa de “modificar o movimento num esforço de satisfazer os que estão descontentes, o que invariavelmente significaria reduzir a sua rigidez.” (ibid. 153)

A desvinculação da pessoa das Testemunhas de Jeová pode assumir diferentes formas, as quais se podem dividir entre um afastamento definitivo, a desassociação e a dissociação, cada uma implicando processos próprios.

Afastamento Definitivo

Em alguns casos, o afastamento que se pensa ser temporário torna-se uma desvinculação permanente.

Se a pessoa não for batizada e quiser sair do grupo este é o único cenário possível pois não se coloca a desvinculação formal e a proibição de contacto que a mesma implica. Este foi o caso de Sofia, que antes de conhecer o seu então namorado, se encontrava preparada para se batizar mas não chega a fazê-lo, pelo que não houve necessidade de uma desvinculação formal.

Já João e a sua esposa encontram-se ainda hoje somente afastados, e afirma nunca mais ter sido abordado. Gabriel também nunca chegou a ser desassociado, nem se desassociou. Depois de se separar da sua esposa e esta voltar para Portugal, simplesmente desaparece para a sua antiga congregação, e não permite que se realize uma comissão judicativa, pois conforme o justifica: “Eu nunca me deixei... nunca me sujeitei a essa comissão porque deixei de reconhecer a autoridade das pessoas para me julgarem, e também não estava interessado em que a minha mãe deixasse de falar comigo.”

Se a pessoa for batizada poderá haver uma urgência maior por parte dos anciãos em a ajudar a reverter o seu estatuto de inatividade ou “regularizar” a sua situação perante o grupo de outro modo. É normal que a pessoa comece a receber tentativas de contacto de anciãos com a intenção de realizarem visitas de pastoreio, nas quais procuram conhecer melhor a situação da pessoa e ajudá-la com conselhos, ou, em alguns casos, por meio de longas sessões de consulta de textos bíblicos e de realização de orações. Estas sessões, além da orientação, persuasão ou conforto da pessoa – conforme a sua situação –, poderão ter ainda outro tipo de importância: a oração em voz alta e a proclamação do nome de Deus é algo que o grupo acredita que tem o poder de afastar as forças demoníacas com mais eficácia que o pensamento individual, forças demoníacas que acreditam poder estar por detrás do mal-estar da pessoa.

Mas, na maior parte das vezes, estas visitas apenas servem para aconselhamento ou apurar se a pessoa deve passar por uma desvinculação formal do grupo ou não. Esta encontra-se reservada a quem foi batizado no grupo, ou seja, a quem assumiu publicamente a sua

identificação como Testemunha de Jeová, pois a representação indevida do grupo nas ações de cada membro não é tolerada. Quando o superintendente de circuito se encontra numa congregação uma das suas tarefas é conhecer os números das congregação, que pessoas se encontram dadas como inativas e apelar à resolução destes casos, no sentido de voltar a fazer parte dos totais de membros ativos, ou, caso contrário, de a desvincular quanto antes, pois beneficia da permissão do contacto com membros quando poderá ser uma influência desviante para os mesmos, e a “pureza moral e espiritual” (Testemunhas de Jeová 2019a: 141-156) da congregação deve ser mantida.

Desassociação

Os dois tipos existentes de desvinculação formal reservam-se apenas a pessoas que foram batizadas nas Testemunhas de Jeová, e um destes é a *desassociação*.

Especificamente, é a forma de penalização mais grave existente nas Testemunhas de Jeová, resultado da verificação de pecados e infrações consideradas graves, e, a rigor, apenas pode ser aplicada se houver admissão dos mesmos, testemunhas ou provas, e a demonstração de falta de arrependimento e intenção de correção do seu comportamento. A pessoa poderá ser confrontada com o questionamento de anciãos sobre a sua conduta e a ocorrência destes pecados no contexto das mencionadas *comissões judicativas*, as quais normalmente são realizadas no salão do reino com três anciãos¹⁴² – ou por vezes mais, no caso de a pessoa a ser julgada ser outro ancião, por exemplo –, onde questionam a pessoa ou pessoa em causa e as testemunhas, para apurar a sua inocência ou culpabilidade e ser decidido um castigo apropriado¹⁴³. É fundamento para desassociação a responsabilidade por um crime (por exemplo roubo, assassinato – categoria na qual as Testemunhas de Jeová incluem o aborto –, violação, etc.), o divórcio, fumar, a tentativa de suicídio, fornicação, idolatria, adultério, apostasia e blasfémia, alcoolismo e toxicodependência, ser homossexual (ou, na verdade, assumir-se de qualquer outra forma que

¹⁴² Raquel oferece uma breve explicação: “...para uma comissão judicativa, (...) são necessários três anciãos, porque um serve de inspetor e os outros dois servem de duas testemunhas que são necessárias em casos judicativos, em caso de pecado eles dizem que para provar que aquela pessoa pecou têm de existir duas testemunhas, e então aqueles dois anciãos servem de duas testemunhas para eles apresentarem o relatório.”

¹⁴³ Uma descrição detalhada de como este processo é realizado pode ser encontrado em “*Pastoreiem o rebanho de Deus*” – 1 Pedro 5: 2 (2020a: 129-140).

não heterossexual), participação nas práticas de outras confissões, ou ser “desonesto em negócios” (Testemunhas de Jeová 1963).

Independentemente do motivo, pessoa que é acusada e recebe uma decisão de desassociação, não a contestando, deve de imediato parar de participar nas atividades religiosas e de contactar outros membros, e o anúncio da sua desassociação é feito a toda a congregação na tribuna, para todos serem informados de que não devem continuar a relacionar-se com aquela pessoa.

Maria, após voltar à escola e encontrar um novo fôlego na sua vida, é entretanto mais uma vez chamada aos anciãos, e nesse momento decide colocar um fim à sua situação como membro das Testemunhas de Jeová. Tinha medo de sair, mas não aguenta mais e pede mesmo para ser desassociada, pedido que logo foi aceite. Depois de conseguir evitar a acusação de adultério, não muito tempo após Cláudia é vista a fumar. Posteriormente é convidada a comparecer a uma reunião, o que recusa e responde: “façam o que tiverem a fazer”, e assim é prontamente desassociada.

Madalena, ao fim de um ano e meio após o seu divórcio continua ainda a receber tentativas de contacto do seu ex-marido, e sente necessidade de afirmar encontrar-se num relacionamento amoroso, quando na verdade não estava, na esperança de pôr termo à situação. Acontece que um dia recebe um telefonema a questioná-la sobre se seria verdade. Nesse telefonema perguntam-lhe se desejava então ainda continuar como Testemunha de Jeová, e a seguinte conversa sucede-se:

“Não, se não me querem aí eu também não quero estar aí.’; ‘Então sabe que isso significa a desassociação?’; ‘É como quiserem, é como entenderem melhor.’ Foi uma coisa tão impessoal, ao fim de tantos anos, uma pessoa que até julgava que me era próxima, que era amiga da família, e quando ele me liga e faz diretamente esta pergunta... ‘Vai ser dado esse anúncio na congregação’, ‘é como quiserem...’”

No caso de Rute, Rafael e do seu filho, depois de conseguirem manter-se afastados, veem-se a braços com a desassociação deste último, que é chamado para participar no Dia da Defesa Nacional, ao qual deseja ir. Rafael explica que os anciãos sabem quando saem os editais com os nomes dos membros da congregação que são chamados para esse dia, e, sabendo que o seu filho tinha sido chamado, visitam-no para lhe perguntar se estaria interessado em obter o estatuto de objetor de consciência, o que seria esperado de uma Testemunha de Jeová, mas o

seu filho não se mostra interessado. Cerca de um mês depois de participar no evento, é visitado e convocado para uma comissão judicativa. Recusa ir, e é nesse momento informado de que se encontraria a partir de então desassociado.

Já Cíntia, à semelhança de Cláudia, vê o seu destino no grupo ser decidido repentinamente. Aquando do velório de uma tia não pertencente ao grupo, Cíntia comparece ao mesmo acompanhando uma familiar com mobilidade reduzida, e na igreja, procurando manter o respeito que sentia dever, levanta-se e senta-se nas alturas apropriadas, o que é presenciado por membros que ficaram no exterior, sendo posteriormente denunciada por participar na cerimónia de outra religião. Cíntia é chamada a uma comissão judicativa e vai. Recorda ter-se sentido indignada por já há anos trabalhar como fotógrafa profissional, pelo que precisava de estar presente em diversos eventos de cariz religioso, e nunca ter sido acusada por isso. Não mostra arrependimento e nessa altura é então decidido que deveria ser desassociada.

Depois de revelar a sua orientação sexual à sua esposa e a alguns membros da família e do grupo, é convocada uma comissão judicativa mas Tiago não comparece à mesma:

“...eu confessei a pessoas para que essas pessoas falassem por mim, porque se eu fosse à comissão iam-me perguntar com quem foi, como foi (...), é horrível, é a verdade. E depois iam tentar fazer-me acreditar que... ‘o que é que levou isto a acontecer’, e o que levou isto a acontecer é que eu sou assim, ponto. Iam tentar inventar que tinha sido por isto ou por aquilo, e iam tentar fazer com que me arrependesse de uma coisa de que eu não estava arrependido (...)”

Tendo sido ancião, Tiago sabia que bastava duas pessoas saberem e participarem na reunião de comissão para dispensar a sua presença. É então prontamente desassociado por “homossexualismo”, citando o termo utilizado no grupo.

E Raquel, no seu esforço em tentar ajudar a sua família a perceber o que estaria errado na religião, escreve uma carta à sua mãe que acaba por servir como prova para ser expulsa da religião por apostasia. O casal, exausto face às tentativas de abordagem dos anciãos, ao fim de cerca de dois anos desde o afastamento de Raquel, cede a comparecer a uma comissão judicativa. É informada na mesma que, se estivesse arrependida, deveria voltar às reuniões e aceitar um estudo bíblico, mas já não encontra em si capacidade de fazer. Há um pormenor que Raquel salienta, que é o confronto com uma questão comumente colocada ao membro julgado para a decisão da desassociação:

“...eu sabia que essa pergunta ia surgir, ‘se eu ainda me identificava como Testemunha de Jeová’, e aí eu não podia mentir. Até podia omitir muita coisa e muitos pensamentos e sentimentos, mas essa

é crucial, e eu tive de dizer que não, que já não me identificava como Testemunha de Jeová pelos motivos que tinha acabado de expor. No fundo, eu estava como que a dissociar-me automaticamente.”

Nesse momento é então decidida a desassociação de Raquel, assim como do seu marido, por ter demonstrado que concordava com a sua esposa. Sublinha como a apostasia é um dos pecados mais graves no grupo, esclarecendo que: “O que eles dizem não é que foste contra a organização, é que estás a revelar-te diretamente contra Deus, eles põem as coisas nesse nível.”

O caso de Carlos exemplifica também uma desassociação por apostasia. Esclarece o conceito de apóstata no contexto que conheceu, confirmando ainda o afirmado por Raquel:

“Convém explicar o conceito de apóstata: o apóstata, perante a organização, é aquela pessoa que – sendo Testemunha de Jeová ou ex – ativamente expõe ou discorda de doutrinas da religião. Passa a ser um apóstata, é aquele que se rebela contra a religião, para eles é rebelar-se contra Deus, rebelar-se contra a organização é exatamente a mesma coisa que rebelar-se contra Deus.”

Carlos é chamado para uma comissão judicativa por ter sido descoberto que tinha dado uma entrevista a um ex-ancião. Decide ir, sem outra esperança senão a saída, já desejando mesmo romper o seu laço com a religião. É desassociado por apostasia, e até hoje não recebeu mais nenhum contacto da sua congregação.

Perante uma decisão de desassociação, a pessoa que não concorde poderá também apelar e recorrer da mesma, o que deverá ser comunicado por carta até sete dias após a decisão sobre a sua desassociação. O corpo de anciãos deverá então entrar em contacto com o superintendente de circuito, quem escolherá um grupo de três anciãos para formar uma comissão de apelação, a qual deverá realizar uma audiência dentro do prazo de uma semana após a receção da carta. Enquanto o processo de apelação decorre, o anúncio da desassociação é adiado, mas durante esta fase a pessoa encontra-se acusada, o que significa que pode participar na pregação e assistir às reuniões, mas que se encontra impedida de comentar ou dirigir orações, por exemplo¹⁴⁴. Laura ilustra esta situação com um caso que conheceu na sua congregação:

“...há uma família que tem quatro ou cinco filhos, e a mais velha engravidou. Ninguém sabia de nada, ela foi abortar para Espanha (...). As duas muito caladas, mas a miúda pesou-lhe na consciência e ela foi ter com os anciãos para dizer o que aconteceu. Por certo matou uma vida, e a mãe e ela ficaram

¹⁴⁴ Conforme detalhado em Testemunhas de Jeová 2019a: 150-152.

desassociadas durante um ano, não se podia falar para elas, e andaram a assistir às reuniões, sempre tudo certinho, e ao fim de um ano são readmitidas.”

Dissociação

Nos casos em que é o próprio membro que decide iniciar a desvinculação formal das Testemunhas de Jeová, o ato é designado por *dissociação*. Para se dissociar pode comunicar a sua decisão aos anciãos, mas quem deseje evitar falar com os mesmos pode enviar uma carta diretamente para Betel.

A dissociação assemelha-se à desassociação na medida em que o estatuto da ex-membro perante a congregação se torna no mesmo, sendo igualmente anunciada à congregação proibida de contactar os seus membros e participar nas atividades religiosas. Aos olhos do grupo incorre na mesma rejeição da sua “posição como cristão”, seguindo o grupo as palavras encontradas em 1 João 2: 19, onde se encontra escrito: “Eles saíram do nosso meio, mas não eram dos nossos, pois, se fossem dos nossos, teriam permanecido connosco. Mas saíram para que se mostrasse que nem todos são dos nossos.”¹⁴⁵

Aquando da desassociação de Cíntia, os seus pais decidem de imediato dissociarem-se, e posteriormente o seu marido. Por sua vez, Rute conta que já tinha decidido que o dia em que desassociassem o seu filho seria aquele em que escreveria a sua carta de dissociação, e assim foi, a par de Rafael. Não obstante, atualmente são os três considerados dissociados porque, de acordo com um aspeto para o qual Rafael chama a atenção:

“...agora o [nosso filho] também é considerado dissociado, que eles agora têm esta nuance, no caso das transfusões de sangue, do Dia da Defesa Nacional e de mais outro caso qualquer, para não correrem o risco de estarem a desassociar pessoas por não fazerem coisas que seriam contra a lei, então eles dizem que a pessoa pela sua ação é que se dissociou. Por isso é que eles podem ir à televisão e dizer que não desassociam ninguém por levar uma transfusão de sangue.”

Eventualmente, Laura e o seu marido também sentem que já não fazia sentido continuarem como inativos. Laura também fazia questão de ser ela própria a decidir a sua saída, pelo que simplesmente escreve uma carta, em conjunto com o seu marido, que envia diretamente para

¹⁴⁵ Da versão *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, e conforme mencionado em Testemunhas de Jeová 2019a: 152.

Betel, o que evitaria possíveis tentativas posteriores de contacto da parte da sua congregação para os convencer a não o fazer, assim como comissões judicativas. Desta forma o processo é agilizado, o superintendente de circuito toma conhecimento antes da congregação, e é apenas dado o anúncio na mesma.

Na perspetiva de Susana, este desfecho também parecia já ser o único possível. Ainda recebe visitas de anciãos com o objetivo de ajudar o casal a melhorar o seu casamento – oferecendo, por exemplo, estudos bíblicos com apoio num panfleto utilizado nestes contextos intitulado *O Segredo de uma Vida Familiar Feliz* –, mas Susana não aguentava continuar. Pede o divórcio e escreve logo em seguida uma carta de dissociação para a congregação.

David descreve chegar a um momento da sua vida em que se vê confrontado com uma decisão: continuar como Testemunha de Jeová ou “ser feliz”, dois aspetos que para si se excluía mutuamente. Decide então também dissociar-se, e no seu caso informa pessoalmente os anciãos da sua congregação, reunião na qual aproveita para trazer à luz os abusos sexuais que sofreu em criança, mas sem qualquer justiça para si. A partir deste momento desvincula-se completamente da religião, mas nota que vem a saber recentemente que um dos autores dos seus abusos ainda continua com uma vida normal como membro.

Florbela ainda sentiu alguma dificuldade em se desvincular porque embora para uma parte de si não fizesse sentido continuar, ao mesmo tempo, como diz, o que era “em parte era a religião”, mas eventualmente faz a decisão de se dissociar, a qual a sua avó recebe muito mal. Já Mariana, após ter lido *Crise de Consciência*, apenas desejou desvincular-se o mais depressa possível e com o mínimo de contacto, tendo marcado uma reunião com os anciãos somente para lhes entregar a sua carta de dissociação, e a partir desse dia o seu contacto com a religião termina de forma absoluta.

V

Após as Testemunhas de Jeová

Temos vindo a observar o que se poderá designar como a primeira parte deste processo de perda de fé, que, na evidência de uma simetria ao de conversão, se inicia pelo encontro com o que motiva, sucedendo-se o confronto e o afastamento intelectual e físico, até à formalização da desvinculação. Consideremos então, finalmente, a segunda parte, que engloba os efeitos imediatos e a longo prazo deste processo em termos subjetivos e interpessoais. Alguns estudos têm vindo a oferecer conclusões sobre estes efeitos e, mesmo enquadrados em diversas perspetivas disciplinares, alguns padrões poderão ser verificados.

Com o objetivo de perceber como a “desconversão” pode estar relacionada com a personalidade, o bem-estar psicológico e o desenvolvimento da fé, foi realizado o Cross-Cultural Study of Deconversion¹⁴⁶ da Universidade de Bielefeld. De carácter multidisciplinar, contou com o contributo da psicologia, sociologia e teologia, com recurso a uma combinação de métodos quantitativos e qualitativos, tendo sido baseado no inquérito a 129 pessoas que abandonaram a sua fé dos Estados Unidos e Alemanha, assim como a 1067 que ainda permaneciam na religião (Streib 2014: 13). Em suma, dois padrões notados foram a frequência da descrição pelos participantes norte-americanos da aquisição de uma maior “autonomia e crescimento pessoal”, e, por outro lado, pelos alemães a perceção da perda do “domínio do seu contexto, relações positivas com outros, propósito de vida e autoaceitação” (ibid. 17).

Por sua vez, Lori L. Fazzino (2014) apresenta evidências de “resultados positivos a níveis micro e macro” no abandono da religião, apesar de notar como os indivíduos precisaram de abordar “questões existenciais e sociais”. Revelou-se a ocorrência de um processo de transformação pessoal, o qual, nos termos de Fazzino, implica “trabalho paradigmático” por parte dos indivíduos, o que define como “o espectro de atividades sociais e cognitivas que um indivíduo realiza para mudar a sua visão do mundo”, sendo que a procura de “informação e autoreflexão” (ibid. 258) e a exposição a novas informações e ambientes seculares se tornam centrais para o trabalho de introspeção. As redes sociais anteriores perdidas são substituídas por

¹⁴⁶ Mais informações sobre o mesmo e resultados poderão ser consultados no website da Universidade de Bielefeld, em <https://www.uni-bielefeld.de/fakultaeten/theologie/cirrus/forschung/streib/research-and-results/deconversion/>. As informações reunidas e o esforço de aprofundamento deste estudo deu origem à sua transformação num estudo longitudinal (Streib et al. 2021).

novas associações, que fornecem aos participantes a “validação, aceitação e suporte” de que precisam, e que não conseguiram – ou deixaram de – encontrar nas anteriores comunidades religiosas. Este “trabalho paradigmático” também resulta no que designa pela substituição dos quadros de referências religiosos anteriores por seculares, o que significa a “reconquista de um sentido de segurança ontológico, tornarem-se mais tolerantes, e confiantes para lidar com injustiças religiosas” (ibid. 259). Apesar de Fazzino ter verificado entre os participantes o relato dos aspetos encontrados no inquérito de Bielefeld, chama a atenção para como um outro aspeto se revela comum a quase todos os relatos: a descrição do abandono como, ultimamente, uma experiência de libertação pessoal. Para mais, a maioria dos participantes mostraram fazer uso da contínua ênfase dos “efeitos sociais, cognitivos e emocionais negativos da crença e da participação religiosa para solidificar as suas transformações como não-crentes” (ibid. 260), assim como um “compromisso com a autenticidade” e a “autopreservação” (ibid. 262).

De acordo com a síntese da socióloga I. W. Jindra, os resultados de outros estudos recentes que abordaram as consequências do abandono da fé revelaram como alguns que abandonam grupos cristãos parecem experimentar vergonha e culpa por terem pertencido ao grupo, assim como também a perda de identidade, a perda de relacionamentos familiares e de amizade, e a sensação de libertação e de descoberta de uma nova identidade (Jindra 2022: 327). No âmbito do aspeto da perda de identidade, foi notado que, por exemplo, no caso da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a perda de um papel adquirido por relação à Igreja foi lamentada, e que o estabelecimento de novos papéis foi um aspeto crucial no “processo de reconstrução identitária.” (ibid. 328) Já numa perspetiva que combina os contributos da psicologia e da sociologia, R. F. Paloutzian et al. (2013) concluíram que a conversão religiosa não causa mudanças na personalidade se a mesma for pensada em termos de traços fundamentais, mas, por outro lado, aspetos da personalidade como “funções de nível médio, objetivos, propósitos, esforços”, “significado e visão do mundo” parecem modificar-se após a conversão (ibid. 400, 401). Consideram que a conversão e a “desconversão” partilham de processos psicológicos que se aproximam (ibid. 408), e assim, de forma similar, que o abandono da religião deverá sempre envolver uma “transformação, ou pelo menos uma modificação, de propósito último e visão do mundo.” (ibid. 409)

No caso do presente estudo, em comparação, é possível dizer que foram relatados mais ganhos que perdas. Veremos que a maior ênfase destas últimas centra-se no relato da perda dos relacionamentos e afetos, comum a todos os casos. Não foram feitas menções à perda de um sentido de identidade, assim como não foi lamentada a perda de papéis anteriores ou propósitos.

Pelo contrário, foi antes enfatizada a sua autodescoberta no abandono das Testemunhas de Jeová, assim como de autonomia, crescimento pessoal e valor próprio. Aspectos do âmbito descrito por Paloutzian et al. (2013) foram assim também relatados no que concerne à aquisição de novos objetivos e propósitos, mas também a mudança da visão de si e do mundo, construída gradualmente no prolongamento do envolvimento dos sujeitos com o mundo secular. Com esse envolvimento houve quem enfatizasse a aquisição de uma capacidade maior de tolerância, mas também a experiência de um sentimento de vergonha e culpa sobre o passado. Foram também vividos medos, nomeadamente sobre o castigo divino e a legitimidade da sua decisão de sair, os quais acabam por ser vencidos à medida que o seu sentido de autoconfiança é conquistado. O vivido e observado neste passado é igualmente entendido como uma fonte de lições para o futuro, e alguns novos conhecimentos sobre desenvolvimentos posteriores na religião são percebidos como confirmações de que a sua decisão foi correta. Igualmente comum a quase todos os testemunhos foi o relato de uma sensação de alívio e libertação.

Ao longo deste último capítulo analisaremos então, em detalhe, as consequências deste desenvolvimento, no que concerne, especificamente, a medidas punitivas e de contenção aplicadas pelo grupo, e custos psicológicos e práticos. Numa segunda parte observaremos como se afigurou o processo de transformação pessoal neste âmbito, explorando-se a forma como se modifica o relacionamento da pessoa com o divino, assim como do seu entendimento de si e do mundo, considerando, finalmente, que novos propósitos foram encontrados.

V.I.

Consequências

O Social

A desassociação e dissociação são sinónimo de excomunhão e ostracização, sendo que se trata aqui, especificamente, de uma forma da prática que é conhecida em inglês como *shunning*, o qual “envolve a total remoção de contacto social, espiritual e económico de um membro ou antigo membro de um grupo religioso. A pessoa desvinculada pode perder, entre outros, o seu cônjuge (Miller 1988: 272), filhos, negócio e posição na comunidade.” (ibid. 273)

Nas palavras de Justin K. Miller, numa discussão sobre a relação entre a prática do *shunning* e a lei secular, até certo ponto, a unidade de um grupo religioso encontra-se

“dependente do medo dos seus membros de serem forçados a viver fora do grupo”, principalmente se este for minoritário, e são oferecidas pelo autor duas possíveis justificações no contexto das Testemunhas de Jeová:

Primeiro, presumindo que grupos religiosos mais pequenos são constituídos maioritariamente por convertidos de outros grupos maioritários, a ameaça de sanções pode persuadir os convertidos a permanecerem fiéis ao seu novo grupo após o desvanecimento da primeira onda de inspiração. Além disso, os novos convertidos frequentemente mantêm fortes laços familiares ou a outros grupos fora da nova religião. Uma forte sanção contra o abandono ou o vacilar contradiz as tentações e pressões aplicadas por familiares ou amigos para convencer o novo convertido a abandonar o novo grupo.

Uma segunda explicação para o *shunning* é que reforça distinções importantes entre membros do grupo e não membros. Este raciocínio parece aplicar-se mais em grupos com estilos de vida que diferem significativamente da cultura que os rodeia. Assim, a prática do *meidung*, ou *shunning*, encontra-se profundamente enraizada nos Amish da Antiga Ordem e na Igreja Menonita Reformada, para cujos membros um estilo de vida distinto é parte integral da sua religião. De facto, para religiões que pretendem resistir às influências do mundo em mudança, não é surpreendente que a distinção entre ‘nós’ e ‘eles’ assuma uma importância crucial. (ibid. 283, 284)

A partir deste ponto a pessoa deixa de ser Testemunha de Jeová, de fazer parte dos totais do grupo, poder ir à pregação, participar nas reuniões (às quais apenas lhe é permitido assistir), ou de se associar com outros membros. Se os membros respeitarem esta diretriz, o penalizado perderá todos os relacionamentos que tem no grupo, mesmo que sejam de família. Existe apenas uma exceção, para o caso de ser partilhada a habitação com outros membros, nesse caso é permitido que continue a lidar com os mesmos sobre assuntos não relacionados com a religião¹⁴⁷. Especificamente, assumindo-se que o desassociado “pelo seu proceder (...) escolheu romper o vínculo espiritual que tinha com a família”, não pode participar em, por

¹⁴⁷ No artigo “Evitam as Testemunhas de Jeová aqueles que Deixaram de ser da sua Religião?” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/testemunhas-de-jeova/perguntas-frequentes/ex-membros/>), pode-se ler: “Nós *não* evitamos Testemunhas de Jeová batizadas que deixaram de participar na pregação ou até de se associar conosco. Na verdade, procuramos contactar essas pessoas e reavivar-lhes o interesse pelas coisas de Deus. (...) No entanto, se uma Testemunha de Jeová batizada passa a ter o costume de violar o código de moral da Bíblia e não se arrepende, é desassociada, ou evitada. A Bíblia diz claramente: ‘Removam a pessoa má do vosso meio.’ — 1 Coríntios 5:13.” Mas também: “O que acontece se um homem que tem esposa e filhos Testemunhas de Jeová for desassociado? Embora o vínculo religioso que ele tinha com a família tenha mudado, o vínculo familiar continua. O relacionamento conjugal e as afeições e tratos familiares continuam.”

exemplo, um estudo bíblico, exceto se o desassociado se tratar de um filho menor, caso em que os pais continuam a ter a responsabilidade de tentar educá-lo segundo a Bíblia¹⁴⁸.

De acordo com o grupo, esta prática é necessária porque “honram o nome de Jeová” ao não aceitarem determinados comportamentos e punirem outros membros para “proteger a congregação”, e também por haver a possibilidade de este tipo de punição levar “o transgressor a cair em si”. Por este motivo, a desassociação, e assim a ostracização, é frequentemente descrita pelo grupo como uma “provisão amorosa”¹⁴⁹, mas, por outro lado, na realidade foram descritas grandes dificuldades e sofrimento em resultado da mesma, assim como o oposto à vontade de voltar, sendo mais frequentemente relatados sentimentos de desilusão e até ira.

Noutra nota, mesmo havendo uma proibição geral de relação com desassociados e dissociados, se a morada da pessoa for mantida como parte de notas sobre o território de pregação, de tempos a tempos poderá receber visitas com a intenção de tentar uma reaproximação e, possivelmente, o retorno ao grupo. Estas abordagens também poderão assumir um carácter mais casual, em encontros imprevistos, e poderão acontecer por um tempo indefinido – especialmente se existirem familiares no grupo – e apenas abrandar se a pessoa mudar de residência ou adotar uma postura determinante sobre o seu desejo de não ser abordada. Acontece que, por vezes, perante a evidência de que a maior parte destas interações acabam por ser tentativas de persuasão a voltar – desejando que antes fossem somente por desejo de não lhe deixar de falar ou saber como está, por exemplo –, a própria pessoa acaba por desejar terminar estes contactos e de facto a assumir essa decisão por iniciativa própria, por exaustão e frustração.

Em qualquer caso, a perceção do grupo da pessoa nesta posição como possivelmente perigosa e desviante frequentemente coexiste com o entendimento da mesma como digna de pena, condenada à perdição e incapaz de alcançar uma felicidade genuína, tal como qualquer indivíduo que viva “apartado de Deus”. Como exemplo ilustrativo da imagem que as pessoas desassociadas assumem na religião, Laura recorda que num congresso é mostrado um vídeo centrado numa jovem que é desassociada:

¹⁴⁸ Tal como notado no artigo “Como tratar uma pessoa desassociada” (Testemunhas de Jeová 2017b: 207-209).

¹⁴⁹ Conforme o é, por exemplo, no artigo “Por que motivos a desassociação é uma provisão amorosa” (disponível online em <https://www.jw.org/pt-pt/biblioteca/revistas/w20150415/desassociacao-uma-provisao-amorosa/>), ou em “A Disciplina É Uma Prova do Amor de Jeová” (Testemunhas de Jeová 2019e).

“...não se sabe qual é o motivo mas ela diz que é desassociada, percebe-se que pela encenação que os pais a puseram porta fora, ela ia ligando aos pais e os pais não atendiam a chamada, e passado não sei quantos anos ela fica sozinha com dois filhos, assim uma coisa, e ela decide retomar o estudo e depois volta outra vez para a comunidade religiosa. Ela depois diz que voltou para Jeová. Quer dizer, procura-se [dizer] que se não serve mais a Jeová já não existe mais, e depois o corpo governante, o que é que põe nas publicações? O contrário. Vão pôr que uma pessoa por deixar a religião não deixa de existir, que pode haver vida familiar na mesma, etc. Mas depois na prática não é nada disso.”

Existem sempre exceções, como as dos membros que escolhem desobedecer a esta diretriz e continuar em contacto com a pessoa desassociada. Quem desobedece e/ou que até questiona essa norma, além de ser percebido como uma pessoa indisciplinada e que poderá estar a questionar a doutrina, torna-se aos olhos do grupo alguém que deliberadamente escolhe manter associação com pessoas que são vistas como pecadoras e desviantes, ou seja, não só sujeita-se conscientemente à sua influência como poderão estar a demonstrar ao grupo que não vêm gravidade suficiente nos seus atos.

Existe ainda o facto de as pessoas afastadas poderem igualmente vir a sofrer este tipo de corte de relacionamentos, mesmo que não tenha havido uma desvinculação ou que nunca tenham chegado a ser batizadas. O que acontece é que a pessoa nesta posição poderá efetivamente não vir a sofrer tanto a ausência de relacionamentos por estes não se encontrarem, a rigor, proibidos nestes casos, mas a pessoa poderá ser igualmente evitada por o seu afastamento evidenciar uma falta de afinidade com o grupo, e assim ser possivelmente uma má influência. Algumas pessoas nesta posição eventualmente poderão ser mais surpreendidas com o tratamento semelhante ao formalmente desvinculado que recebem, mas sofrem igualmente perante a confirmação de que os seus familiares e amigos são efetivamente capazes de tomar esta decisão, algo que poderiam ter esperança de que na prática não fizessem de forma total. Um exemplo é o de Sofia, que sublinha que apesar de nunca ter sido batizada e por esse motivo também não poder ser desassociada, passou a ser tratada com um distanciamento semelhante a uma pessoa nessa posição. Outro é o de Gabriel, quem ainda permanece como membro oficialmente, por não ter havido uma desvinculação formal, mas acaba por, mesmo assim, se deparar com o término do contacto por parte da sua mãe. João e a sua esposa, de forma semelhante, veem todo o contacto com as pessoas que conheciam na congregação desvanecer-se após o seu afastamento.

Na maior parte dos casos, após a desvinculação do grupo dá-se efetivamente uma perda repentina da rede de relacionamentos que tinha anteriormente, e a imposição de uma vida muito

mais solitária, facto tanto mais agravado pelas restrições aos relacionamentos exteriores aos quais a pessoa se submeteu enquanto membro, o que significa que para algumas pessoas não se dá apenas a perda da família e amigos que tinham no grupo, mas deste tipo de relacionamentos na sua totalidade, não lhes restando em quem se apoiar fora da esfera do mesmo. Conforme Raquel o diz:

“Tu quando saís, saís sozinha, literalmente. Emocionalmente saís com uma mão à frente e outra atrás. Tens de começar do zero. As tuas bases familiares e de círculo social desapareceram. É como se tivesses mudado de país e começado num sítio qualquer em que não conheces ninguém.”

No caso de David, por exemplo, é perdido o contacto com os seus pais, perda que não era absoluta até estes começarem a ser pressionados pelos anciãos a cumprirem com a diretriz, e Tiago afirma que atualmente o seu pai apenas o contacta por motivos muito importantes, ou se precisar de algo na ausência do seu irmão. Cláudia perde igualmente o contacto com o seu avô – quem apenas a contacta duas vezes em 17 anos, pela ocasião do nascimento das suas filhas – e com todos os outros membros, salientando que: “...de um dia para o outro essas pessoas viam-me e mudavam de passeio.” A mãe de Maria também lhe deixa de falar, e nota algo semelhante ao significado das palavras de Cláudia: “Um dos momentos mais difíceis da minha vida (...) é que quando eu fui desassociada as pessoas de um dia para o outro passaram para o outro lado da rua, como se toda a nossa vida em comum não significasse nada.” Já Laura e o seu marido sentem-se hoje um pouco sozinhos e, conforme as suas palavras, trata-se de uma “reconstrução social” que têm agora em mãos, um processo doloroso, pois apesar de terem consciência do dever que é exigido aos membros, não obstante é-lhes triste ver como as pessoas que conheciam efetivamente lhes deixam de falar repentinamente, do que é exemplo a família do seu marido.

Susana perde igualmente todos os relacionamentos que tinha anteriormente, sendo o seu único suporte posterior o seu namorado e a família deste. É apenas contactada ocasionalmente pela sua mãe, sempre na ausência do seu pai, por esta recriar a reação deste. Explica que esta depende do marido, e que, conforme o que a Bíblia diz sobre o papel da esposa, sempre lhe foi submissa e obediente, mas sofre muito por não ter liberdade para falar com a filha sem consequências. Além de se encontrar dissociada, a situação de Susana é atualmente agravada pelo facto de viver com uma pessoa com quem não é casada, encontrando-se em situação de “fornicação” aos olhos da religião.

Salientando a dimensão da sua perda, Raquel afirma: “...eu costumava dizer que era órfã de pai, agora sou órfã de mãe, de irmãos, primas, tudo. Estão lá meus irmãos, cunhadas...

primos, primas, tios, tias, tudo.” Recorda em uma ocasião ter ido deixar os seus filhos com a avó, mas esta finge não a conhecer e não a recebe em sua casa. Conforme sublinha, algo que a ajudou muito na sua saída foi o “suporte emocional” que encontrou nas suas colegas de trabalho, que são hoje suas amigas e que desempenharam um papel fundamental em a ajudar a “ver que há um mundo por aí, que a vida não acabou.” Não obstante, Raquel enfatiza o quanto sofreu psicologicamente, especialmente no primeiro ano fora da religião, mas não deixa de chamar a atenção para um aspeto:

“Para quem nunca teve uma experiência nas Testemunhas de Jeová às vezes põem em causa, por exemplo, o amor pelos filhos. Eu tenho a certeza de que a minha mãe me ama, e te garanto, deve sofrer muito mais do que eu. A minha sofre por duas situações: sofre porque tem de demonstrar lealdade a Deus e por isso tem que cortar comigo e com os netos, e sofre pela imagem de que nós estamos condenados e vamos ser destruídos no Armageddon.”

Sofia recorda como a sua mãe se despediu quando abandonou a religião: “Disse só ‘felicidades’, que estava bem, que não podia falar comigo, ‘felicidades para a tua vida.’” Na seu caso teve a possibilidade de contar com o apoio do seu namorado e de alguns amigos de fora da religião, assim como com o do seu pai e avós, pelo que não fica inteiramente sozinha, mas recorda uma mensagem da sua mãe que a marca: “A minha avó disse-me [que a minha mãe disse]: ‘Se ela quiser conviver comigo, eu posso conviver com ela, mas só quando ela se tornar numa Testemunha de Jeová’, ‘E não queres conhecer o teu genro?’, ‘Não, porque ele não é uma Testemunha de Jeová.’”

Rafael aponta para o carácter fundamentalmente efémero das relações na religião, pois, conforme o entende, a crença “determina e condiciona a amizade”, amizade esta que apenas surge com base na crença em comum, e que acaba quando uma das partes deixa de partilhar da crença. As pessoas com quem se dava na congregação deixam de lhe falar, mas o seu lado da família não, ao contrário de Rute – à exceção do seu pai –, e exemplifica:

“A minha irmã não me fala, o meu cunhado não me fala, nem ‘olá’, nem ‘bom dia’... quando se dirige a mim por mensagem para falar de assuntos sobre o meu pai (...) não me cumprimenta, é ‘olha isto’ e ‘olha aquilo’, que é para levar à letra a orientação bíblica de não cumprimentar os apóstatas. E agora quando foi o funeral de uma tia-avó (...) ela estava lá com o meu pai e o marido, e eu pensei cá para mim: ‘Eu vou falar ao meu pai. Então eu falo ao meu pai sempre, não vou falar hoje?’ Dirigi-me a ele, disse-lhe ‘bom dia’, viro-me para ela e digo ‘bom dia’, e ela vira-me as costas e o meu cunhado.”

Similarmente, Florbela relata um “corte radical” quando sai, pois todas as pessoas com quem se dava deixam de lhe falar. Não deixa de clarificar que, no entanto, não levava a mal,

pois tinha consciência de que seria esta a atitude expectável por parte dos membros. A sua saída é para a sua avó um grande desgosto, e Florbela conta que no primeiro ano foi muito difícil pois a sua avó sofria muito com a obrigação de ter de restringir o seu contacto, mas ao fim de pouco mais de um ano a situação altera-se. A avó de Florbela começa a ficar cada vez mais doente e a precisar de assistência, e perante esta necessidade os anciãos abrem uma exceção, dizendo-lhe que poderia ser ajudada por Florbela e pela sua filha, sendo que apenas não poderiam falar de assuntos da congregação.

No que concerne a Carlos, conta que quem o conhecia hoje em dia passa por ele na rua e age como se não o conhecesse, mas, à semelhança do caso de Madalena, os seus pais e da sua esposa mantiveram sempre uma relação normal com eles. No entanto, nota que começaram a ser pressionados na congregação a deixar de lhes falar, e a serem repreendidos pelo seu comportamento. Afirmam ser alvo de várias críticas, salientando o comportamento reprovável de Carlos, assim como o seu mau carácter por associação, e sentiram também um afastamento pela parte dos outros membros.

Já Gabriel afirma que o mais provável é não voltar a Portugal, pois não consegue estar em um lugar onde a sua mãe se encontra tão próxima e mesmo assim não fala consigo e recusa as suas visitas, apesar de ter feito tudo o que podia para evitar este desfecho. Recorda um momento que o marcou, quando a sua mãe lhe diz que precisavam de “cortar relações”, pois, conforme diz: “eu posso-te explicar porquê, porque tu tens o conhecimento exato e portanto não tens desculpa.” Esta evidência tem levado Gabriel a ponderar escrever uma carta de dissociação, mas continua à espera, na esperança de que a sua mãe mude de ideias.

E, finalmente, no caso de Cíntia, a sua desvinculação e dos seus pais da religião veio a trazer uma clivagem no seio familiar. Explica que o seu avô não compreende porque a sua avó já não se senta à mesa com a família, assim como a sua tia. Pelo lado da família do seu marido, o rompimento das relações é absoluto. Cíntia explica que ainda hoje tenta trabalhar a raiva que sente face à religião, pela forma como as pessoas que eram suas amigas lhe deixam de falar e afastam-se de si na rua, e por como, até certo ponto, lhe retirou um dos “valores” mais importantes da sua vida, a família: era comum vários familiares juntarem-se em refeições, conviverem com muita frequência e, subitamente, alguns abandonam estas iniciativas. Atualmente faz um esforço para se preservar, para ignorar quem não lhe fala e deixar de pensar nessas pessoas. Reconhece que esta poderia ser na sua ótica uma forma de a fazer arrepende-

se e voltar, mas nota que: “Agora, com a informação que há, as pessoas não querem voltar para aquilo que eram, porque perceberam que podem ter muito mais”.

Num estudo do âmbito da psicologia realizado a partir do inquérito de uma amostra de 554 ex-Testemunhas de Jeová, foi concluído que os resultados evidenciaram que a prática do *shunning* pode “impactuar de forma adversa as vidas e possibilidades de quem abandona”, resultando em “efeitos prejudiciais para a saúde e bem-estar dos que são afetados”, à semelhança dos exemplos encontrados em “judeus ultraortodoxos¹⁵⁰ (Berger 2015), muçulmanos (Khalil e Bilici 2007), mórmons (Bahr e Albrecht 1989), evangélicos (Fazzino 2014) e amish (Faulkner 2017).” (Ransom et al. 2021: 54) Em suma, a vítima deste tipo de ostracismo enfrenta a ameaça de quatro necessidades básicas identificadas pelas autoras, o “controlo, existência significativa, autoestima e a pertença”. Notemos como estes se manifestaram nos relatos recolhidos em seguida, assim como alguns efeitos determinantes da pertença, que permanecem muito além da saída.

O Psicológico

Não existe uma definição universalmente aceite na psicologia para a dor psicológica, mas sim, alguns padrões e aspetos mencionados com mais frequência. Neste sentido foi afirmado pelas psicólogas Esther L. Meerwijk e Sandra J. Weiss que, de um modo geral, a dor psicológica poderá ser caracterizada como “uma sensação desagradável duradoura e insustentável, que resulta de uma avaliação negativa de uma inabilidade ou deficiência do eu”, autoavaliação negativa esta que poderá ser “evocada pela perda de alguém ou algo, ou pelo insucesso em conquistar algo que se encontra intimamente relacionado com necessidades psicológicas centrais.” (Meerwijk e Weiss 2011: 402) Este tipo de experiência poderá ainda resultar, de um ponto de vista negativo, na formação ou agravamento de patologias “mentais e em consequência potencialmente físicas”, mas por um lado positivo na “adaptação e crescimento pessoal”, assim

¹⁵⁰ Davidman e Greil 2007 e Davidman 2014 (apud Ransom et al. 2021: 56) relataram resultados similares “entre antigos judeus ultraortodoxos, tendo também documentando temas de incerteza, medo e solidão ao entrarem no mundo secular. (...) De forma similar, um estudo israelita recente (Itzhaki, Yablon e Itzhaki 2020) que explora casos de abandono escolar entre judeus ultraortodoxos notou que o tornar-se menos religioso se encontrava associada a um reduzido bem-estar psicológico. Neste estudo os jovens relataram experienciar uma redução no amor parental por causa da sua recusa em se conformarem com normas religiosas.” (Ransom et al. 2021: 56)

como um “sentido de significação aumentado” (ibid. 411). Seja por força da acumulação de experiências negativas impactantes e/ou traumáticas ao longo dos anos como membro, pela combinação da pertença ao grupo com questões alheias ao mesmo que eram agravadas pelo seguimento da doutrina, pelo impacto das mudanças que se deram na vida das pessoas na saída, ou por uma combinação de todos estes aspetos, a verdade é que a descrição de problemas e sofrimentos de natureza psicológica é uma constante em grande parte dos relatos.

Existe quem refira, por um lado, a continuação de sofrimento por vivências do passado. Susana já procurou terapia psicológica, encontrando-se a tratar uma depressão. Procura salientar como o seu passado a afetou neste sentido, tudo o que viveu desde a sua infância, especialmente por parte do seu pai: “...se me perguntares se eu gosto do meu pai, eu digo na cara, tal como já disse: eu não gosto do meu pai! Eu tenho pai no papel, no cartão de cidadão, porque ele nem foi um pai. Um pai não faz isto a uma filha.” Afirma que até hoje não se encontra bem, pois gostaria de “apagar” o que viveu e como se sentiu, mas não consegue, pois vive ainda no mesmo lugar, onde vê a sua família e vários membros da sua ex-congregação com regularidade. Por sua vez, David descreve ter-se sentido “atormentado” durante toda a sua vida pelas memórias dos abusos que sofreu, e além de sofrer por estas lamenta não ter conseguido denunciar às autoridades competentes mais cedo. Tem consciência de que não teria provas, convenceu-se de que não seria levado a sério pela polícia, além de que provavelmente o crime já estaria prescrito. Há algum tempo que é seguido por uma psicóloga, e tem aprendido a lidar com as suas memórias e obtido algum alívio com a ajuda da terapia, e sentido menos dor conforme mais procura falar sobre o que se passou consigo.

Também existe um significativo conjunto de experiências de sofrimento psicológico que por sua vez são potenciados precisamente pelo processo de saída e a adaptação à vida fora das Testemunhas de Jeová, e da convivência com a culpabilização das suas decisões. Na busca de uma definição para uma noção proposta na psicologia de “trauma religioso”, este foi descrito como “o dano psicológico e penetrante que resulta de mensagens, crenças e experiências religiosas” (Stone 2013: 324), o qual costuma ocorrer “de forma gradual, através da exposição a longo prazo a mensagens que minam a saúde mental.” Os indivíduos em questão provavelmente terão nascido ou crescido num sistema de crenças, nos quais estiveram assim imersos durante vários anos, e “em mensagens que afetam as suas ideias acerca de si próprios e do mundo”, alicerçadas em dicotomias claras de “bom e mau”. Por exemplo:

Em particular, as religiões dogmáticas frequentemente entendem as emoções e os pensamentos de forma hierárquica, com as chamadas emoções negativas tais como o medo, a inveja, tristeza, ódio e luxúria categorizadas como pecaminosas ou menos maduras que as chamadas emoções positivas, tais como o amor e a compaixão. Os indivíduos que tentam aderir ao padrão pouco realista de experienciar apenas aspetos positivos da natureza humana encontram-se perante uma tarefa impossível que pode ser psicologicamente danosa e levar a sentimentos de culpa, vergonha e baixa autoestima. Sem nenhuma saída aceitável para metade do seu leque de emoções, os seguidores das religiões dogmáticas poderão ser propensos a usar uma variedade de estratégias defensivas para lidar com as mesmas, incluindo a repressão, negação, identificação projetada, formação de reação, e divisão. (ibid. 325)

O medo do castigo divino, de noções como o inferno – ou um destino mais adequado à doutrina das Testemunhas de Jeová, o perecer no apocalipse – ou do ostracismo social acabam por ser frequentemente utilizadas por determinados grupos, e esta instrumentalização do medo “para motivar a fé é comum em igrejas conservadoras e fundamentalistas, e pode causar terror ao longo da vida da condenação eterna, ‘auto silenciamento dissociativo’, quando aspetos do eu são compartimentalizados e reprimidos, e trauma.” (ibid. 325) Sofia, por exemplo, após afastar-se do grupo ainda sofre por algum tempo com medo de surgir o Armageddon e poder morrer por causa da sua decisão. Tinha frequentemente pesadelos com este assunto, interpretava a abordagem de Testemunhas de Jeová na rua como potencialmente uma forma de Deus a tentar levar para o caminho correto, e fundamentalmente acreditava estar errada e ir pagar as suas ações com a sua vida.

A construção do tipo de avaliação que o indivíduo faz da sua performance é outro aspeto em que a mensagem religiosa tem uma influência determinante e duradoura. Ransom et al. (2021) notaram que a avaliação que o indivíduo faz do seu contributo ao grupo parece encontrar-se diretamente relacionada com a sua autoestima, sendo que a perceção de um maior contributo surge maioritariamente com a exibição de uma autoestima reduzida. Relembrem como anteriormente já havia sido notado que “um dos melhores fatores de previsão de autoestima é a perceção do grau de aprovação pelo grupo que os seus membros possuem” (Richmond e Leary 2009 cit. por Ransom et al. op. cit 64). O valor que atribuem à sua “contribuição pode ser danosa à autoperceção”, e em alguns casos especialmente se a “sua anterior identidade de grupo como Testemunha de Jeová entrar em conflito com a sua atual identidade não-Testemunha de Jeová, o que pode provocar sentimentos de culpa”. Durante a pertença, “uma importante fonte de autoestima é derivada do trabalho realizado no cumprimento dos objetivos da organização (Holden 2002, Hookway e Habibis 2015)” (Ransom et al. op. cit. 64) Neste âmbito temos como exemplo o caso de Mariana e a luta pela sua

autoestima, minada enquanto membro pela noção de tudo o que fazia ser insuficiente. Afirma que cresceu convencida de não ser uma pessoa capaz, tanto que atualmente sente que precisa de evitar este pensamento na sua vida laboral, ou despede-se por acreditar não ser capaz ou não conseguir gerir o stress. Também crê não ser capaz de ter confiança na sua prestação se não houver alguém que a lidere, o que complementa com esta explicação: “Nós podemos esforçarmo-nos muito, mas nada do que fazemos é por nós, é pelo senhor Jeová, percebes? Fazemos ou que fizemos o mérito nunca é nosso.”

No caso de Tiago e Gabriel, encontramos o esforço de libertação da noção de serem pecadores e de poderem estar a fazer algo perigoso e proibido, por a sua forma de ser não se adaptar à doutrina das Testemunhas de Jeová. Tal como recordada por Mariana, a afirmação “odiamos o pecado, não a pessoa” e a ideia que comunica “oferece pouco conforto a uma pessoa que está a tentar aceitar e integrar um aspeto tão inato de si como a sexualidade” (Stone 2013: 335), que eventualmente se depara com “o dilema agonizante de escolher entre aceitar a sua identidade sexual e ser aceite pelo único Deus que conheceram, assim como por membros da sua família ou comunidade religiosa.” (ibid. 336) Apesar da libertação que Gabriel encontra ao abandonar a religião e terminar o seu casamento, nesta altura dá por si no que descreve como o “segundo período negro” da sua vida, pois apesar de desejar descobrir-se a si próprio e à sua felicidade, encontrava-se num país estrangeiro sozinho, e conforme vive as suas primeiras experiências de relacionamentos com outros homens, vive também muita culpa, durante anos:

“‘Porque é que fazes isto? Estás a fazer mal, vais ser destruído’, ainda estes pensamentos, duraram anos... eu levei 10 anos, dos 30 aos 40 a tentar culpar-me a mim próprio. Pensei ‘se apanhares o HIV, se tiveres SIDA, a culpa é tua’, portanto foi sempre esse tipo de culpa. (...) Estava decidido, era perdido. (...) Aliás, as conversas com a minha mãe e as pessoas da congregação eram: ‘Tu estás a fazer mal. Porque é que não voltas?’ Durante anos, telefonemas e telefonemas de pessoas: ‘Mas porque é que tu não voltas para a congregação? Porque é que não vens? Toda a gente sabe que tu és tão empenhado, e estás a perder-te no mundo... Volta.’”

Gabriel volta aqui a passar por uma fase depressiva, tem momentos de grande isolamento em casa e de tristeza, e levou muito tempo até se convencer de que deixar a religião não teria sido o maior erro da sua vida.

Igualmente após terminar o seu casamento e o seu envolvimento com a religião, Tiago confronta os seus remorsos face à forma como agiu no seu passado, e ainda hoje sofre bastante com isso. Afirma que no fundo sabia que nunca deveria ter casado, mas efetivamente encontrava-se em negação sobre si próprio. Tem ainda hoje um grande sentimento de culpa

sobre a sua ex-esposa, e já procurou ajuda psicológica para lidar com estes sentimentos, e também com a sensação que permanece de que poderá estar a fazer algo errado, ainda que não esteja sempre presente na sua mente, mas que afeta a qualidade dos seus relacionamentos amorosos.

Deparamo-nos ainda com a falta de capacidade relatada em conseguir estabelecer e manter novos relacionamentos no mundo exterior às Testemunhas de Jeová. Num estudo sobre a relação entre a ocorrência de abusos na infância e a qualidade das relações na vida adulta, os resultados sugeriram que várias vítimas tiveram dificuldades em estabelecer relacionamentos saudáveis ao longo da vida. Muitas destas vítimas culpavam-se pelos seus abusos, e contribuíram ainda para uma “falta de habilidade em confiar nas pessoas, uma sensação de isolamento dos outros, e uma dificuldade em formar laços sólidos.” O estudo sugeriu também que se tornava mais provável que posteriormente os indivíduos “se culpassem e distanciassem quando se deparassem com uma fonte de stress, e evidenciaram maior incidência de autoisolamento”, o que inibiu o desenvolvimento de laços interpessoais com qualidade. Outro estudo relatou que indivíduos com este passado também “tiveram dificuldade em formar laços saudáveis e formavam laços desorganizados. Estes padrões desorganizados de laços podem levar a uma falta de habilidade em regular emoções, o que é um aspeto fundamental em manter relações saudáveis.” (Larsen 2011: 436) Numa referência ao caso específico do abuso físico na infância, são descritas as diferentes formas pelas quais a qualidade dos relacionamentos pode ser afetada:

(a) o abuso físico na infância pode impactuar negativamente o desenvolvimento de habilidades sociais, o que cria dificuldades no relacionamento com um parceiro, (b) o abuso na infância pode limitar a capacidade de uma pessoa em formar um laço saudável com o seu cônjuge, diminuindo assim a qualidade da relação, (c) o abuso na infância pode ter uma influência negativa na seleção de parceiros, escolhendo as vítimas parceiros que não são adequados para si, e (d) o abuso na infância pode aumentar a vergonha, diminuindo assim a confiança e partilha íntima entre parceiros. (ibid. 440, 441)

O que acontece é que a criança entende o seu valor por relação à abordagem do seu cuidador, e desse modo “desenvolvem um conjunto de crenças sobre (...) se são merecedoras de cuidado e amor.” A experiência do abuso fomenta uma visão de si que dificulta a capacidade do indivíduo de “aceitar amor de formas saudáveis”, pois no fundo acredita ainda que não é merecedor do mesmo, assim como vem a ter dificuldade em confiar nas pessoas, e a entender os “laços como um risco perigoso que já não estão dispostos a tomar.” Em adição, dá-se a

“dificuldade em manter limites saudáveis na relação; assim, são mais suscetíveis a se envolverem com parceiros que as maltratam ou que têm igualmente limites saudáveis pobres.” (ibid. 441)

O caso de Maria é um exemplo deste tipo de efeitos do que foi uma situação abusiva no seu passado, neste caso psicologicamente. Permanecem noções difíceis de contrariar sobre o que é certo e errado, e de desconfiança sobre outros, o que também é agravado pela sensação de rejeição trazida pelos castigos e pelo ostracismo, e pela habituação à vigilância e denúncia no grupo pela parte das pessoas em que depositaram confiança, levando a uma dificuldade geral em confiar e se achar digna de confiança, esperando a traição a qualquer momento. Maria escolhe estudar psicologia, o que também a ajuda a “resolver vários temas”, e há uma matéria de estudo que recorda ter feito sentido ao refletir sobre si própria:

“...nesta coisa de evolução da espécie... nós temos coisas muito arcaicas, por exemplo, a nossa resposta de medo é mais rápida do que a consciência de que temos medo, e dentro destas coisas ‘antigas’, o ser expulso de um grupo é das coisas mais traumáticas que pode acontecer a uma pessoa, porque isto nestes termos é como se eu fosse condenada à morte. (...) Porque é que os mamíferos – que não somos só nós – se juntam em grupo? Por uma questão de proteção, segurança, e de acesso a melhor alimento. Se eu sou expulsa do grupo, fico à mercê dos perigos.”

À luz deste entendimento percebe também porque posteriormente sempre viveu com uma dificuldade em pertencer a qualquer tipo de grupo, porque sempre se sentia como se não se integrasse e que os outros poderiam sempre estar contra si.

“Eu trazia isto dentro de mim, que é: ‘eu não mereço estar num grupo, que estão todos contra mim, e eu estou em perigo.’ Lá dentro é que era seguro, e quando venho cá para fora é para o mundo de destruição, como a minha mãe dizia, o ‘antro vil de devassidão’, que era os sítios onde eu andava.”

Outra dificuldade vivida por Maria encontra-se na capacidade de manutenção de relações significativas e duradouras. Exemplifica que, até recentemente, no caso de haver um desentendimento, a sua maneira de o resolver era não voltar a falar com aquela pessoa, um processo sempre doloroso para si e com um motivo específico:

“...o que acontece é que – e eu tenho-me esforçado muito para desmontar este mecanismo – antes do outro me expulsar, eu expulso, mas não digo à pessoa o que é que me está a incomodar, deixo chegar aquilo até à última. Porque se eu disser aquilo que eu sinto ou acho, a outra pessoa não vai aceitar, porque está errado e vai deixar de gostar de mim, e deixo andar...”

Com a ajuda das suas amigas mais próximas e da sua parceira amorosa, tem conseguido melhorar, mas ainda hoje trabalha na sua terapia psicológica no sentido de se tornar capaz de construir confiança nas outras pessoas.

Ao contrário de evidências como as notadas por Ransom et al. (2021), não foram oferecidos entre os testemunhos relatos de consequências psicológicas graves como a ideação suicida, ou até mesmo de menor autoestima, enquanto diretamente relacionadas com a saída do grupo. O experimentado neste sentido foi resultado da própria experiência de pertença. Nestes casos encontramos com maior frequência queixas ao sair da vivência de medos, do divino e do desconhecido no exterior, e tanto mais de desilusão, mas esta – aliada à saturação de viver com medo – aparenta acabar por conceder mais força e resiliência para a reconstrução da sua vida. Ultimamente, não foi relatado nada que tenha feito os entrevistados arrependem-se da sua decisão ou considerar voltar ao grupo. Ao contrário do que esperavam, Ransom et al. notaram também que, independentemente do grau de envolvimento, a capacidade de “transição de identidade além da religião é notável.” Consideram então que outras conclusões poderão ser retiradas: a evidência de capacidade para o compromisso, independentemente do contexto (ibid. 63). Acrescentaríamos, neste sentido, uma chamada de atenção para como a capacidade de oratória, defesa, confrontação e construção de argumentos, em linha com as habilidades adquiridas no grupo, ajudaram em alguns casos, como nos de ex-anciãos. Finalmente, se tivermos em mente que o próprio grupo ou doutrina é a fonte do sofrimento psicológico, o afastamento desta causa ultimamente traz, naturalmente, benefícios.

Habilitações Práticas

Como resultado da dedicação quase exclusiva da sua vida à doutrina e ao grupo, de vários anos passados no mesmo círculo fechado de relacionamentos e preocupações em torno dos mesmos, encontra-se a realidade de a vida de algumas pessoas fora do grupo se tornar ainda mais difícil por não terem enquanto membros reunido habilitações necessárias para terem rendimentos suficientes ou frustrando sonhos sobre o seu caminho profissional. Por motivos semelhantes de carácter doutrinal, nomeadamente para quem cresceu no grupo, também acontece que algumas pessoas afirmam nunca terem aprendido até então a gerir as suas finanças, como poupar dinheiro ou investir, não tendo fundos de reserva nos quais se suportar na saída, conforme exemplificado por Maria.

Maria descreve ter apenas começado a cuidar da sua “vida prática”, como juntar bens seus, constituir poupanças, ter uma casa, “comprar roupa melhor” e pensar na sua vida e necessidades a longo prazo dois anos antes de oferecer o seu relato, cerca de 27 anos após deixar as Testemunhas de Jeová. Esclarece que, na verdade, a noção de que não valeria a pena fazer nenhuma dessas coisas por o fim do mundo se encontrar iminente é algo que a acompanha há muito tempo, um hábito que no não-cuidar da sua vida permanece, mesmo quando a crença no apocalipse já não.

Além da falta de preparação sobre a dimensão financeira e profissional, é também relatada uma falta de aprendizagem geral sobre o funcionamento do mundo exterior às Testemunhas de Jeová, o qual sempre foram ensinadas a evitar ao máximo e a perceber como mau, tal como referido por Susana. Recorda ter ouvido tantas vezes a palavra “proteção”, associada à circunscrição da sua vida à esfera da religião, mas afirma que essa “proteção” se afigura na realidade como uma forma de incapacidade de lidar com o mundo exterior.

“Porque quando tu tens de te dar ao mundo, e vir cá para fora, tu não sabes é lidar com isso, porque tu estás tão protegida a ver da forma que eles veem, que quando estás no mundo, no ambiente norma deste mundo (...) aparecem-te coisas que tu achas que é tipo extraterrestre, mas não é. Tu não estás é preparada para sobreviver neste mundo (...)”

Susana precisa de aprender a lidar sozinha com a realidade exterior na altura em que sai, o que descreve como tendo sido um processo “horrível”. Acrescenta:

“...tu realmente, enquanto estás nas Testemunhas de Jeová desde criança tu és protegida no sentido em que não conheces o que está cá fora. (...) Mas os pais esquecem-se, e as Testemunhas de Jeová esquecem-se, de que nós vamos ser adultos, e temos de arranjar um emprego. Aí não há redoma.”

Encontra-se aqui em causa a falta de preparação e desenvolvimento de uma independência necessária para ser bem-sucedido no mundo exterior ao grupo, uma preparação que poderá ser irrelevante enquanto membro, enquanto parte de uma rotina e rede de apoio que a dispensa e se revela suficiente no estilo de vida do membro, mas que na eventualidade de um corte absoluto com o grupo deixa a pessoa sem as ferramentas adequadas, assim como dado a entender pelas palavras de Florbela: “Então há uma fase em que tu saís e há uma diferença muito grande entre aquilo que é os hábitos da sociedade e aquilo que tu viveste, e isso traz traumas não é? Como é óbvio. Agora, depende de como cada um os resolve, como consegue ganhar ferramentas para lidar com isso.”

V.II.

Transformação

John D. Barbour descreveu a “desconversão” enquanto “metáfora de transformação pessoal”, que, à semelhança da conversão, poderá ser sinónimo de “experiências de mudança, envolvendo a dúvida radical, repulsa moral de um modo de vida, conflito emocional, e rejeição de uma comunidade.” (Barbour 1994: 35)

Revisitando o exemplo de Teufelsdröckh em *Sartor Resartus*, Thomas Carlyle (2022) descreve a perda de fé como a “morte e renascimento da imaginação do indivíduo e energia moral” (Barbour op. cit. 43), fenómeno que tem sido igualmente associado ao surgimento de “um novo centro de lealdade e despertar das emoções” (ibid. 46), assim como ao abandono e encontro de novos papéis (ibid. 49). Barbour acrescenta que a forma narrativa da “desconversão-conversão” concede ao locutor uma “forma coerente de apreender e apresentar uma transição entre duas visões do mundo, compromissos ideológicos e modos de vida muito diferentes.” (ibid. 50), apresentando um padrão que envolve uma “dúvida crescente e conflito interno que chegam a uma crise súbita e culminam numa nova crença e compromisso.” (ibid. 51) É nesta transformação que localiza o encontro da “autenticidade”, menção que se revela recorrente na literatura sobre o tema, sendo um aspeto, por exemplo, também salientado em Ransom et al. 2021: 63 (“o processo de saída pode representar uma experiência emancipatória que ajuda a construir o que é percebido como uma identidade mais ‘autêntica’.”), Fazzino 2014: 262 (“...os não-crentes neste estudo exibiram um compromisso com a autenticidade (...”), e por Charles Taylor, quando na sua obra *A Secular Age* (2018) refere a noção de “Ser-Para-a-Morte” (*Sein-zum-Tode*) de Martin Heidegger. Conforme escreve:

...na face da morte, ao ver a vida a atingir o seu fim, pode focar-se a questão acerca de para o que vivemos. O que tudo significou? Em outras palavras, a morte pode trazer à luz a questão do significado na sua forma mais aguda. Isto é o que se encontra por detrás da afirmação de Heidegger de que uma existência autêntica envolve uma perspetiva de ‘Sein-zum-Tode’, ser para a morte. (ibid. 722)

Segundo o pensamento de M. Heidegger, o Dasein é constituído por um estado de abertura¹⁵¹ (Heidegger 2016: 304), devendo o Ser-Para-a-Morte (*Sein-zum-Tode*) primeiramente ser caracterizado como “*Ser para uma possibilidade – de facto, para uma*

¹⁵¹ *Disclosedness/ Erschlossenheit*

possibilidade distintiva do próprio Dasein.” (ibid. 305) A morte “deve ser entendida como uma *possibilidade*, cultivada como uma *possibilidade*, e devemos considerá-la como uma *possibilidade*, na forma como nos comportamos perante a mesma.” (ibid. 306) Ser-Para-a-Morte é descrito pelo autor como sendo a antecipação de uma “potencialidade-para-Ser”, e é na “revelação antecipatória” da mesma que o Dasein se revela a si próprio “no que concerne à sua máxima possibilidade”, ou seja, a possibilidade da “*existência autêntica*”, e “Ser para” tal possibilidade revela ao Dasein a sua “*mais própria*” potencialidade-para-Ser. Por sua vez, a compreensão do Dasein de si próprio revela-se na projeção, que mostra a sua “fáctica perdição no caráter quotidiano” do *das Man*¹⁵² (ibid. 307). Quando, na antecipação, a pessoa “se torna disponível *para* a sua morte, é libertada da sua perdição nessas possibilidades (...) e pela primeira vez pode autenticamente compreender e escolher entre as possibilidades factuais que se apresentam.” (ibid. 308) Indica ainda como “ansiedade” o estado que caracteriza Ser-Para-a-Morte: “Neste estado-de-mente, o Dasein enfrenta o ‘nada’ da possível impossibilidade da sua existência. A ansiedade é estar ansioso *sobre* a potencialidade-para-Ser da entidade assim destinada, e deste modo revela a sua máxima possibilidade.” (ibid. 310)

Numa observação que parece, no seu significado, aproximar-se da ideia que Taylor procura referir, John D. Barbour sublinha como a “desconversão” implica a desilusão e a tribulação emocional, mas também como este sofrimento é necessário para descobrir essa autenticidade sobre a existência: “tanto a amargura, nostalgia e dor envolvida na perda da base da confiança de uma pessoa e conforto, e o reconhecimento de que apenas quando as ilusões são destruídas pode a realidade ser percebida e uma vida mais autêntica experimentada.” Finaliza com a questão: “Qual é o significado de tais momentos de crise e o seu significado a longo prazo na vida?” (Barbour 1994: 6)

C. Taylor utiliza ainda a expressão “mundo encantado” enquanto uma negação de “desencantamento”, conforme o significado de Max Weber. Se Weber pretendia descrever a condição da sociedade moderna com esse termo, Taylor, por outro lado, pretende apresentar a noção contrastante, fazendo referência a um tempo em que a crença em Deus “era quase impossível”, tal como o regresso ao “mundo dos espíritos, demónios e forças morais em que os nossos antepassados viviam.” (Taylor op. cit. 25, 26) Partindo desta perspetiva, deseja explicar como a “ascensão da modernidade não é apenas uma história de perda, de subtração”, conforme

¹⁵² Vulgarmente traduzido para inglês como “the One”, significando não um alguém em particular mas qualquer pessoa, pelo que, por exemplo, o filósofo William Blattner preferiu utilizar como hipótese de tradução “the Anyone” (Blattner 2006: 15).

a conotação que Max Weber¹⁵³ apresentou, mas antes uma mudança do entendimento do que designa por *fullness*, “entre uma condição na qual as nossas aspirações morais e espirituais mais elevadas apontam, inescapavelmente, para Deus (...), e uma em que podem ser relacionadas com diversas fontes, e que frequentemente negam Deus.” (ibid. 26) Refere como exemplo o estabelecimento da autoridade da ciência – que abre o “caminho para a exclusividade do humanismo” –, momentos da história de rebelião contra a igreja, e a subsequente procura de alternativas ao divino, um processo que identifica como o da secularização da humanidade (ibid. 27). O autor nota como no cristianismo a adoração de Deus é o “objetivo supremo”, sendo que nesta tradição “Deus é percebido como desejando o florescimento humano, mas a devoção a Deus não é vista como contingente a isto”, pois, como parte dessa adoração, o crente é comumente exortado a “se desvincular do seu próprio florescimento, ao ponto da extinção do eu por um lado, ou de renunciar à realização humana para servir a Deus.” (ibid. 17) Em contraste, segundo o autor, encontra-se o “humanismo exclusivo” da “secularidade moderna”, em que “o eclipsar de todos os objetivos além do florescimento humano se torna concebível; ou melhor, se torna numa vida imaginável para as massas.” (ibid. 19, 20)

A partir do momento em que o indivíduo se desvincula da religião, confronta-se com a necessidade de definir referências para que possa reencontrar (ou, para alguns, encontrar pela primeira vez) o que Taylor exprime por *fullness*, que poderia anteriormente existir alicerçada na sua perspectiva enquanto Testemunha de Jeová. Depois de um período turbulento, a oportunidade de encontrar novos propósitos e significados e do encontro dessa autenticidade na sua vida apresenta-se, e, à semelhança do processo de conversão, o processo de perda de fé culmina assim na constituição de uma transformação pessoal, simétrico ao que advém da conversão, em que no lugar do grupo e da doutrina, são as experiências do passado e os novos conhecimentos no exterior que informam um novo entendimento de si e do mundo, assim como do divino. Uma nova vida apresenta-se, a descoberta de uma nova forma de ser, de uma realização antes desconhecida, a transcendência de limites e expectativas, e a possibilidade de um verdadeiro florescimento pessoal, agora livre dos limites da doutrina e tribulações anteriores, mas sem os quais nunca poderiam ter descoberto esta possibilidade de existência.

¹⁵³ Do alemão *Entzauberung*. Expressão que se torna conhecida no sentido que o autor a utiliza em um seminário dado pelo mesmo em 1918. Uma elaboração sobre a mesma pode ser encontrada no artigo de Jenkins 2000.

Relação com o Divino

Independentemente de qual pudesse ser o grupo religioso em foco, uma parte integral do processo de perda de fé é a modificação da relação com o divino. Fazzino (2014) identificou três tipos de descrentes na sua amostra: ateus, agnósticos e os que designa como “espirituais mas não religiosos”, os quais mantêm um “interesse em assuntos espirituais mas escolhem conhecê-los fora do contexto de uma organização religiosa formal” (ibid. 254). Já Streib (2014) elabora sobre esta tipologia, sugerindo seis possíveis “trajetórias de perda de fé”:

(1) saída secular: término da (da preocupação com) crença religiosa e prática, e, em adição, desfiliação da religião organizada; (2) saída polarizadora: adoção de um sistema de crenças diferente e envolvimento em práticas rituais diferentes, aquando a afiliação com uma organização religiosa de maior tensão, mais polarizadora, como a conversão a um grupo fundamentalista; (3) troca religiosa: migração para uma organização religiosa com um sistema de crenças e rituais diferentes, sem diferença, ou com uma diferença marginal, em termos de integração; (4) saída integrada: adoção de um sistema de crenças diferente e envolvimento em práticas religiosas diferentes, aquando a afiliação com uma organização religiosa integrada ou mais acomodada; (5) saída para a prática privada: desfiliação de uma organização religiosa, eventualmente incluindo a terminação como membro, mas com a continuação da crença e prática religiosa privada; e a (6) saída herética: desfiliação de uma organização religiosa, incluindo eventualmente a terminação de se ser membro, e a apropriação herética de um novo sistema de crenças ou o envolvimento em diferentes práticas religiosas mas sem uma nova afiliação organizacional. (ibid. 3)

Fazzino acrescenta ainda que atualmente se verifica o crescimento de uma espécie de mercado religioso, que “representa e suporta mobilidade numa sociedade pluralista.” Frequentemente as pessoas “alteram os seus estilos espirituais com base nas suas necessidades sociais e psicológicas.” (Fazzino op. cit. 249)

Por sua vez, Gooren (2010) notou que em casos de pessoas com “sentimentos negativos em relação aos seus pais” e/ou “experiências negativas com a religião organizada” relataram com mais frequência terem-se tornado ateias – nos casos mais complexos evitando mesmo qualquer tipo de exposição a um ambiente, pessoas ou materiais religiosos por trazerem sensações negativas por associação – ou agnósticas, sendo que dentro desta última categoria encontra-se como referência mais comum um “tipo pessoal de religião”, por muitas vezes

descrito como “espiritualidade”. (ibid. 111) Noutra nota, por vezes a perda de fé pode significar para a pessoa a perda de um conforto anteriormente encontrado na crença (Wright et al. 2011: 11).

Em suma, tal como descrito por Barbour (1994), na mente do indivíduo a crença é gradualmente “traduzida num padrão secular” conforme adquire progressivamente novos conhecimentos, e conforme descobre a sua “identidade e vocação” no mundo exterior ao grupo, sendo comprometido o seu “compromisso para com Deus e a igreja” (ibid. 37). Não obstante, este processo pode sempre implicar, ou não, a adesão (ou recusa de) a uma nova fé ou perceção do divino.

Entre os aspetos mais interessantes que se verificam resultar da passagem pelas Testemunhas de Jeová e o seu abandono é precisamente a forma como a relação da pessoa com o divino se modifica à luz dessa experiência. Alguns dos participantes relataram ainda manter uma crença cristã, ainda que de acordo com a sua própria interpretação do divino e da Bíblia, sem novo vínculo a qualquer religião.

Carlos ainda se considera cristão mas clarifica não acreditar na religião organizada. Laura conta que desde que deixou as Testemunhas de Jeová sente que recuou até à altura em que foi batizada, com a perspetiva que tinha antes de ter decidido batizar-se, só que “com um bocado mais de bagagem e com uma opinião mais crítica.” Afirma que nenhuma outra religião será agora capaz de a convencer seja do que for, e explica que face à experiência tão intensa que é vivida como Testemunha de Jeová, no seu abandono, tal como Carlos, sente-se incapaz de voltar a acreditar numa religião organizada, ou a desejar pertencer a uma. Não abandona, no entanto, a sua crença na Bíblia, uma crença guiada pela sua sensibilidade e necessidades, e hoje encara a Bíblia como “um guia para vivermos a vida, ou seja, para nos sentirmos melhor com nós próprios e nos tornarmos pessoas melhores.” Madalena também mantém ainda a crença em Deus, a quem diz muitas vezes recorrer em oração, numa relação que veio a desenvolver a “título pessoal”, conforme lhe veio a fazer mais sentido. Identifica-se como agnóstica, pois não segue uma religião, mas identifica-se igualmente como cristã. Acima de tudo faz-lhe sentido os ensinamentos de Cristo e afirma procurar aplicá-los na sua vida, e clarifica que para si, a quem está obrigada a “dar satisfações” é somente a Deus, e não a uma religião.

Outros descreveram a inclinação para uma crença fora do âmbito convencional do cristianismo ou não cristãs de todo, numa aparente necessidade de procura por interpretações

alternativas às anteriormente conhecidas – ou mais normativas – da realidade e dos textos sagrados. Nesta vertente foi mais frequentemente referida a inclinação para a “espiritualidade”, ou para sistemas de crença orientais, como os ensinamentos do budismo.

Quando Sofia saiu ainda acreditava em Deus, mas depois começou a acreditar no que descreve antes como o “poder do universo”. Recorda que nesta altura o seu namorado – ateu – também lhe coloca algumas questões que a fazem refletir sobre a sua crença na Bíblia, tais como: “...então se Deus é onisciente, se vê tudo, então porque é que quando Eva comeu o fruto ele teve que chamar por eles, que não os via? Se Deus sabe tudo, porque é que ele fez um anjo que se ia revoltar contra ele e mesmo assim fez?” Estas questões incentivam Sofia a procurar esclarecimentos, mas ultimamente o que acontece é que também se torna atea.

Por sua vez, Cíntia diz que chegou recentemente a uma conclusão acerca da sua crença, um tema que era conflituoso para si. Prefere não se basear numa doutrina em concreto, ou numa noção de Deus, mas não lhe fazendo sentido que não possa existir mais nada além do que a ciência conhece, e refletindo sobre a questão da “criação” da vida, atualmente apenas consegue afirmar que acredita na possibilidade de uma “consciência”.

Já para Raquel parece estranha a possibilidade de existirem pessoas que possam decidir ir para outras religiões após pertencer às Testemunhas de Jeová, numa observação semelhante à de Laura, pois tendo sido esta experiência tão imersiva e determinante em tantos aspetos da sua existência e quotidiano, quando se desvincula o mais natural parece-lhe ser colocar “tudo em causa”. Face a como sente que a religião lhe mentiu em alguns aspetos, perde toda a confiança e coloca a possibilidade de poder ter mentido “em tudo, até na origem da vida”, por exemplo. Sai do grupo identificando-se como agnóstica, e explica encontrar-se agora mais inclinada para uma “vertente mais espiritualista”. Acredita em Deus mas não conforme o que aprendeu na Bíblia, utilizando no seu lugar a expressão “universo”, e identifica-se mais com as crenças do budismo, por exemplo, sem no entanto o desejar assumir como sua religião. Não acredita na Bíblia como antes, como um “livro inspirado”, e esclarece que para si tem tanto valor como outros livros sagrados, mas coloca a possibilidade de algumas pessoas na Bíblia poderem ter de facto existido, especialmente tendo em conta as semelhanças que encontra em histórias e personagens de outros livros, como o Alcorão. Em suma, sente igualmente aversão ao envolvimento com qualquer outro grupo religioso, em acredita no divino nos seus próprios termos, sem a mediação de uma religião em particular.

Percebemos assim que a evidência mais avassaladora que se apresenta é a recusa na aderência a outra instituição religiosa por todas as pessoas entrevistadas. E a par desta a tendência maioritária para a descrença total na Bíblia, no divino e na religião em geral, numa mudança de atitude drástica e impressionante em relação ao seu passado, no qual tais pensamentos seriam inconcebíveis de se assumir perante o grupo, e completamente incompatíveis com a sua percepção da realidade e de si. Lembremo-nos que Raquel mencionou sentir-se traída, e de certo modo poderemos neste sentimento ancorar a base para a ocorrência e recorrência deste tipo de mudança tão drástica – sendo o grau de compromisso com a religião tão absoluto nas Testemunha de Jeová, e a equiparação da organização à representação da vontade divina na Terra, que deixar de acreditar na doutrina das Testemunhas de Jeová torna-se sinónimo da perda de fé no divino, além de que a insistência no mesmo apenas evoca sentimentos negativos por associação, visto aquela interpretação e impressão adquirida e assimilada durante tantos anos no grupo ser muito difícil de esquecer e substituir.

Mariana, refletindo agora sobre o seu passado, conclui que nunca teve realmente fé, tendo vivido com mais medo que fé, tendo servido a Deus nas Testemunhas de Jeová por medo e não por fé: “O que tinha era medo, e daí quando tinha aquelas crises de remorsos andava ali apavorada uns dias e era isso que me fazia andar, o medo.” Hoje já não acredita na Bíblia e chega à conclusão de que não acredita em Deus, mas cede esta reflexão: “...se Deus existe e se tem amor, acho que o amor dele deve ser superior ao facto de as pessoas estarem nesta ou na outra religião, porque há tantas pessoas que não têm religião nenhuma e são tão boas pessoas, portanto acho que se Deus existe o seu amor será superior a tudo isso.”

Atualmente João também coloca em causa toda a doutrina das Testemunhas de Jeová, a organização, e a própria “inspiração da Bíblia”, acreditando ser antes um “repositório de mitos compilados” de outras religiões. No entanto não se identifica como ateu, somente como agnóstico, mas cético: “Eu não sinto necessidade de explicar o divino. Nem tampouco acredito plenamente que ele exista, mas também não digo de caras que ele não existe.”

Florbela sente que só perdeu o “cordão umbilical com a religião” quando a sua avó faleceu. Como sempre dizia que nunca iria morrer, no fundo Florbela tinha assimilado esta crença também, e o seu falecimento não deixou de ser recebido com algum choque. Foi como uma confirmação para Florbela de que estaria certa, e acaba por se sentir mais tranquila, de certo modo, pois se se tratasse efetivamente da Verdade, a sua avó não deveria falecer.

Rafael esclarece que não se identifica como ateu, nem agnóstico, nem antiteísta, mas antes como “apateísta”, termo que adota como significando a descrição de uma pessoa que acredita que:

“a ideia de Deus é irrelevante, quer ele exista ou não, não me faz diferença. Eu estou nesse campo, eu sinto-me um bocadinho entre o agnóstico e o apateísta, ou seja, eu não tenho qualquer evidência da existência de Deus mas não recuso essa possibilidade, e acho que se Deus existe e é como descrito na Bíblia (...) não me interessa relacionar-me com ele.”

Um Outro Eu, e Visão do Mundo

“...mesmo depois de visões do mundo não-religiosas terem sido adotadas, quem perde a fé vem a conhecer-se a si próprio atualmente à luz de quem outrora foram.” (Fazzino 2014: 249)

A partir dos resultados de um estudo do âmbito da psicologia da autoria de S. Pérez e F. Vallières, cujo principal objetivo era responder à questão “Como é que as pessoas religiosas se tornam ateias?”, e empiricamente baseado em 30 testemunhos de ex-membros do clero de diferentes grupos cristãos, os autores propuseram como fase final do processo de perda de fé uma fase de “desenvolvimento pessoal” (Pérez e Vallières 2019: 1). Esta é descrita pelos autores como “caracterizada por um processo que resulta no descartar da crença religiosa e no desejo de uma maior liberdade, poder, honestidade e um interesse no autoconhecimento.” (ibid. 9) Afirmaram também parecer “plausível estabelecer algumas conexões com os processos descritos pela noção de “autoatualização”¹⁵⁴ – fazendo referência à mais alta das necessidades básicas da escala proposta pelo psicólogo Abraham Maslow¹⁵⁵ (2017) – se considerarmos como alguns participantes tiveram de ultrapassar o conflito e medo pessoal para atingir níveis mais altos de bem-estar”, e citam Schnell e Keenan 2011 ao declarar que “para ateus fortemente comprometidos, os comportamentos de autoatualização são parte das fontes utilizadas para

¹⁵⁴ Tradução literal do termo utilizado em inglês – *self-actualization* – inexistente em português, mas que aqui se escolhe manter nesta forma para fins de clareza.

¹⁵⁵ Frequentemente representadas visualmente em pirâmide, estas necessidades são, da mais baixa à mais alta: fisiológicas, segurança, pertença e amor, estima, cognitivo, estético, e autoatualização. Apenas ao ser atingida esta última pode ser atingida a transcendência. Definiu autoatualização como “autorealização, a tendência para o indivíduo se tornar atualizado no que potencialmente pode ser”, ou, por outras palavras, o desejo e esforço da pessoa em ultrapassar os seus próprios limites, em continuamente se melhorar (Maslow 2017).

encontrar significado na vida.” Salientam que poucas pessoas com comportamentos de autoatualização foram descritas como religiosas, e algumas características desta autoatualização que parecem presentes aos autores no processo de perda de fé são: “autoaceitação (contrária à falta de autoestima relacionada com o eu religioso anterior), autonomia (quebrar com as normas e socialização religiosa), e fortes padrões éticos (tal como evidenciado no seu descontentamento com a posição da religião sobre certos tópicos).” (ibid. 11)

Segundo Fazzino (2014), frequentemente, a “desilusão e desencantamento que precedem a perda de fé provocam sentimentos de rejeição, alienação, luto e culpa”, e na narrativa costuma manifestar-se uma ênfase na “perda do velho eu e de todos os laços religiosos enquanto o indivíduo reafirma um compromisso em procurar a verdade sobre a moralidade e a comunidade” (ibid. 252). Com esta transformação, por outro lado, também são muitas vezes enfatizados benefícios, como sensações de alívio e a experiência de libertação, tanto psicológica como na prática. De certo modo, a perda de fé representa ainda uma perspectiva distinta da conversão, no sentido em que a “participação religiosa gera dúvida intelectual e/ou crítica moral”, resultando num conflito interior cujas questões “não podem ser respondidas pelo dogma ou reconciliadas pela fé”, crises espirituais que apenas encontram alívio quando “explicações, entendimentos e biografias reconstruídas criam novos paradigmas seculares que substituem os velhos paradigmas religiosos que não funcionaram.” (ibid. 253)

Sendo o efeito da socialização na religião tão profundo como o é nas Testemunhas de Jeová, e tornando-se por esse motivo a religião uma parte tão central da própria identidade do indivíduo, antes de “terem sido capazes de transformar as suas identidades, precisaram de explorar quem eram sem a religião e como a não-crença poderia moldar quem se tornariam.” (ibid. 258) Estas pessoas tiveram de passar, por exemplo, pelo risco de entrarem em meios e fazerem coisas que se habituaram a conhecer como potenciais ameaças a evitar, e por aprenderem a ver o “bom nos outros e no mundo”, exemplificando como Anthony Giddens (1991) notou que “as autoridades religiosas frequentemente cultivam a sensação de que os indivíduos se encontram cercados por ameaças e perigos”, mas conforme um dos participantes do seu estudo explicou, ao não se encontrar afastado do mundo secular percebe como na realidade existem pessoas boas o suficiente para não serem condenados ao castigo no inferno, percebendo assim que não teria tanto que temer como imaginava. Além de aprenderem a reconhecer o positivo nos outros fora da esfera da sua antiga religião, também aprenderam a ver o mesmo em si próprios. (Fazzino op. cit. 259)

Precisaram então de encontrar novas associações (ibid. 259), mas mais do que terem aprendido a encontrar “o bom” no que os rodeia, muitos precisaram aprender a ver este “bem” em si mesmos. Também ao longo das narrativas recolhidas, mas principalmente na sua conclusão, vários participantes “ênfatizaram continuamente quem eram como crentes de forma a desenvolver, compreender, perpetuar e justificar quem eram como não crentes.” (ibid. 260)

Um dos aspetos mais citados em relação à questão do processo de construção de um novo entendimento de si após a saída das Testemunhas de Jeová prende-se com a frequentemente citada dificuldade em “se libertar” das noções assimiladas no grupo, ou, por outras palavras, a dificuldade em se “libertar de si próprio”, que, quando não se prendendo com questões doutrinárias, referem-se sentimentos de culpa em relação a si e outros que ainda permanecem.

Cíntia por exemplo, à semelhança de Sofia, também guardou durante muito tempo medo do Armageddon e da morte, e afirma encontrar-se hoje um pouco mais à vontade com essa questão, mas não totalmente.

Gabriel afirma ser hoje uma pessoa completamente diferente, e que apenas se conseguiu “libertar” cerca de quatro anos antes de oferecer o seu relato. Afirma ser agora a “pessoa mais feliz do mundo”, por ter conseguido abandonar a culpa, insegurança e tristeza que sentia. Explica ter vivido até então uma fase marcada por dúvidas, sobre o que seria “correto ou não”, se viveria de acordo com o que “a sociedade espera” ou de acordo com o que queria, e sobre a “diferença entre normas e valores, a independência da pessoa e a afirmação do carácter da pessoa”. Mas agora estas dúvidas tornaram-se em algo do passado, voltou a casar e vive realizado com o seu relacionamento e consigo próprio.

Algum tempo depois de Tiago sair ainda acreditava que as Testemunhas de Jeová eram a Verdade, e apenas a partir de um ano depois é que consegue começar a desconstruir a imagem que tinha na sua mente do que era “proibido” e “perigoso”. Também só consegue aceitar recentemente que é uma pessoa “normal”, e parar de se castigar, pois entende: “eu não sou má pessoa, isto não pode estar errado, não pode, é impossível!” Mas uma das maiores culpas que Tiago ainda guarda é sobre a sua ex-esposa, ainda sofre muito com remorsos, e frequenta ainda

a terapia psicológica e encontra-se até a fazer hipnoterapia. Sublinha: “Dentro da aliança dela sabes o que é que estava? A minha assinatura e ‘amor eterno’, e no fundo eu cumpri.”

Também são salientados sentimentos de revolta, por parte de Susana, por exemplo, que lamenta ter tido uma infância e adolescência infeliz, e Cíntia, que durante anos guardou mágoas que diz terem-lhe retirado a alegria que tinha antes. Afirma que foi uma pessoa alegre enquanto acreditou plenamente na religião, e atualmente tem lutado para gerir a revolta e indignação que sente face à religião e membros da sua antiga congregação, e com a ajuda da terapia psicológica procurado criar empatia com a posição destas pessoas, com cuja atitude perante o conhecimento do que a fez ter dúvidas não se consegue identificar, ou perceber como são capazes de a desprezar. Por sua vez, além da revolta que sente perante o grupo desde que conseguiu sair, Mariana recrimina-se ultimamente por ter deixado acontecer tudo o que lhe aconteceu, por ter “aberto os olhos” tarde na sua vida, e mesmo por não ter sido capaz de alguma vez desobedecer à sua mãe. Lamenta os anos da sua vida que crê terem sido perdidos na sua subjugação à religião – 40 no total –, e o ter acabado por não continuar a estudar ou construir uma carreira com essa educação. Vive com estes remorsos e ainda por acreditar que poderia ter sido melhor mãe: “...não fui má mas podia ter sido melhor mãe, porque podia ter sido mais tolerante em certas coisas, podia ter sido mais proativa, mais amiga, mais brincalhona, melhor, podia ter sido melhor, mais tolerante, podia ter sido muito melhor mãe e hoje vivo com esses remorsos.”

Além disso são ainda mencionados certos tipos de preconceitos e dogmas, que alguns se têm esforçado para desconstruir ao longo do tempo. Tiago afirma precisar ainda de fazer um esforço para não fazer juízos de valor sobre outros integrantes da comunidade LGBT, conforme teria sido habituado, e Mariana recorda, por exemplo, ser ensinado no grupo “nós não odiamos as pessoas, odiamos as práticas delas”, palavras que salienta como incongruentes, visto na realidade tantas vezes a aplicação da afirmação implicar o que é negado, ou não serem essas práticas consideradas como não sendo parte da pessoa ou vinculadas ao seu caráter, pelo que reflete que consegue agora ser “melhor pessoa”. Noutra nota, Maria chama a atenção para o quanto o Natal é para si agora muito importante, um aspeto que crê ser transversal à maior parte das ex-Testemunhas de Jeová, embora acrescente que se tenha desabituaado dos aniversários, tendo tido o seu último aos 5 anos. Para Madalena a festividade do Natal também é hoje igualmente importante, mas salienta que para si continua a ser a celebração “da vinda do filho de Deus à Terra”, e que o que mais importa é o “espírito de partilha e de união familiar”, os “valores” que acha mais importante passar aos filhos.

Já Susana conta que apenas nos últimos anos começa a fazer o que nunca tinha experimentado, como festas, montar uma árvore de Natal, ir a uma discoteca ou até tarde ao cinema, todos exemplos que eram impossíveis enquanto fazia parte das Testemunhas de Jeová e vivia com os seus pais. Outro aspeto que melhorou é a sua capacidade de vestir roupas diferentes das que usava, descrevendo tendo sido uma luta para tantas vezes aceitar que com certas peças estaria bem, sem pensar se estaria “indecente”, por exemplo. O que reforça é a sensação que permanece ao longo de muitos anos de que poderá estar a fazer algo errado quando na verdade não está: “...foram 30 anos a colocar na cabeça que aquilo é errado que tu nem te sentes feliz a fazer uma coisa que tu gostes porque tu achas que estás a fazer alguma coisa errada, mas que no fundo tu queres. Isto é uma luta horrorosa cá dentro.”

Por sua vez, Florbela exemplifica que apenas consegue visitar igrejas já perto dos seus 30 anos, dado que quando saiu não se sentia capaz de fazer coisas que não eram permitidas na religião. Também chama a atenção para como as doutrinas e preconceitos ensinados são assimilados e difíceis de desconstruir, permanecendo acima de tudo a noção de ser pecado, a sensação de ser errado e o sentimento de culpa. Noutra exemplo, ainda hoje afirma não comer nada à base de sangue: “...é uma coisa muito forte, e às tantas tu dizes ‘também para quê que vou lutar contra isto? (...) se for por causa de um preconceito ainda luto para alterar, mas se for algo que já me iria fazer mal deixo estar, percebes?’”

Ultimamente, conforme explica Maria, o que é preciso muitas vezes acontecer é uma reformulação do quadro de valores do ex-membro. Confessa que nem sempre baseou as suas ações “pelos melhores valores” porque na verdade não sabia quais adotar, pois depois de ter vivido com um “quadro de valores em que é tudo errado” e precisar de construir outro, pode não ser fácil perceber quais são esses valores potencialmente ideais. Dá o exemplo de ter sido traída e mesmo assim ter continuado com o namoro e, por outro lado, de ter já feito “sofrer muita gente” porque essencialmente, para si, a “traição não era uma coisa assim muito importante”. É apenas conforme vai percebendo como as suas ações também magoam que percebe como “a confiança no outro é um valor basilar”. Mas afirma ainda hoje continuamente trabalhar na construção de confiança nos seus sentimentos e ações, um processo demorado, visto significar algo fundamentalmente diferente do que aprendeu desde a infância, conforme explica:

“‘Isto é adequado, faz sentido’, isto são coisas que se aprendem na infância, na adolescência... Nós, em pequeninos – e isto é uma questão de mamíferos, de sobrevivência, estamos programados para isso – olhamos para os nossos progenitores e aprendemos a fazer exatamente o que eles fazem. O

bebé gorila passa dois anos com a mãe na floresta para perceber as plantas venenosas e as não venenosas. Nós quando somos crianças somos máquinas de copiar, por isso é que aprendemos facilmente várias línguas, é tudo alimento... E depois a determinada altura, e isto para a estabilização do ser humano, em que deixamos de pôr em causa algumas coisas, os padrões neuronais estão lá. Mas é preciso ter novas experiências, ver, sentir coisas novas, para constantemente nos atualizarmos...”

Por outro lado, Florbela acrescenta ainda a libertação que se dá de toda uma ideia e expectativa anterior de si própria. Estava habituada a ter uma imagem modelo na congregação, e para si é um alívio sair porque sabia que a pessoa que os outros membros viam não existia. Afirma ter sido uma libertação, mas a necessidade de avaliação da sua prestação não a abandonaria com facilidade: “Mas agora, como é que eu me vejo livre e me largo de mim própria?” Porque tudo o que eram aquelas pessoas e como elas olhavam para mim também acaba por ser parte de como olhava para mim própria. Eu em qualquer sítio quero ser um bom exemplo.”

Em alguns casos essas noções assumem um impacto menos debilitante na sua vida, mas noutros é necessário vencer essa luta interior para se obter a tão desejada e idealizada felicidade para a vida, a dado momento perdida ou nunca conquistada, a qual depende desta aquisição de paz interior que vem da pessoa se permitir a perdoar a si própria, a ser mais branda no juízo das suas ações, deixar de temer o castigo divino e de se repensar a uma outra luz, não tanto como pecadora, imperfeita e incapaz, mas como merecedora de igual dignificação que os outros, como tendo as suas ações e decisões passadas sido justificadas, e a sua forma de viver atual como tão legítima como outras formas, e permitindo-se a fazer o que, e a ser como, a faz feliz.

Perante a sua felicidade recentemente encontrada, Gabriel não tem agora dúvidas que abandonar as Testemunhas de Jeová foi a melhor decisão que fez. Madalena tem nos últimos anos também descoberto novos hobbies e experiências com a companhia da sua irmã, a ver um outro “lado da vida” que crê que poderia ter visto mais nova, mas que apenas começa a descobrir com 27 anos, ressalvando, não obstante, nunca ter abandonado a “mesma linha de orientação” e princípios, adotando sempre uma conduta sem desvios perante Deus e si própria. Depois de Susana se divorciar e abandonar o grupo, embora tivesse ainda de lidar com as questões de sofrimento psicológico que nos contou, para todo o efeito afirma ter começado nesta altura o período mais feliz da sua vida, em que começou a fazer tudo o que queria e sozinha, a evoluir em termos laborais, viajar e continuar a investir livremente na sua paixão pela dança. Raquel também crê apenas ter conseguido ser verdadeiramente feliz quando sai, parecendo-lhe que “a

nível pessoal, familiar, até profissional, finalmente tudo se começa a encarrear”, sendo que também se sente aliviada por saber que os seus filhos não vão ser criados nas Testemunhas de Jeová, aspetos que afirma compensar todo o mal-estar que advém de haver familiares que não lhe falam, e fez paz com o seu passado: “...eu acho que tive de nascer na família que nasci, passar pelo que passei, para ser a pessoa que sou hoje, foi esse o trabalho de aceitação que tive de fazer nos últimos anos, e neste momento sinto-me confortável no que eu sou hoje.” Já para Cíntia esta busca pela felicidade após a pertença ao grupo tem sido atribulada. Tem trabalhado no contexto da sua terapia psicológica sobre a sua autoestima, para se convencer de que é merecedora de felicidade, e para conseguir sentir compaixão por determinadas pessoas da religião e abandonar a revolta que sente, e ultimamente conseguir encontrar paz com o seu passado. Mas crê que se encontra no bom caminho, e tem feito progressos para “fechar a ferida” e conseguir conceder uma oportunidade a “novas coisas, novas emoções, novas pessoas”, e aprender com o seu sofrimento. Apenas deseja paz neste momento, mas ainda há progressos a fazer:

“Só que há exercícios... eu empaquei num em que tenho que escrever à pessoa que acho que pior me fez, a agradecer o que me fez, o porquê, a perdoar... isso é muito... poderia ser muito libertador, mas não consigo ainda. Já consegui agora fazer os outros mas naquele ainda não consegui pegar, mas vou conseguir. Mas ainda estou aqui a ganhar um bocadinho de estofó emocional.”

Em alguns casos um novo propósito revelou-se ainda no assumir da missão de potencialmente ajudar outras pessoas que passem pelo mesmo que elas próprias passaram, conforme Laura o tem feito através dos fóruns na internet, Carlos pelos mesmos e outras plataformas – onde ajuda diretamente quem precisa ou divulga desconstruções de práticas e doutrinas do grupo –, ou Rafael, que decide criar uma petição para pedir a extinção do estatuto das Testemunhas de Jeová em Portugal, explicando que, em suma, o que quer dizer é que “esta religião não tem direito a receber benefícios do estado”, pois além de no fundo menosprezar a importância do mesmo e impor aos seus membros a não participação em atividades como o voto, ao mesmo tempo que não se nega a usufruir dos mesmos benefícios fiscais que outras religiões, não oferece sequer qualquer tipo de serviço público como estabelecimentos de ensino, lares ou orfanatos, conforme Rafael exemplifica. Além destes motivos, Rafael sente que o estado não deveria permitir que o grupo continue a praticar, por exemplo, a ostracização do ex-membro, pois conforme explica:

“A petição surge por eu achar que... eu acho que a consequência pior da experiência da pessoa deixar de ser Testemunha de Jeová é a questão do *shunning*, da ostracização, acho que é o que causa

mais danos. É perigoso a pessoa recusar tratamentos sem sangue, é irresponsável e a pessoa até pode perder a vida, mas só uma pequena fração das Testemunhas de Jeová é que passa por uma situação limite dessas. A questão da pedofilia é chocante, mas também é uma pequena franja de pessoas lá dentro... (...) do meu ponto de vista é uma violação dos direitos humanos (...). O dano psicológico leva pessoas não só a viverem vidas inteiras com depressão, como ao suicídio, e faz com que pessoas levem... tanto Testemunhas de Jeová que fiquem lá dentro sofram, porque têm que se privar do convívio com as pessoas que gostam, portanto, isto vai contra a natureza humana.”

Quando inquiridos sobre que tipo de impressão hoje guardam sobre as Testemunhas de Jeová e os seus membros, as opiniões revelam-se diversas e multifacetadas.

Gabriel ressalva sentir-se mais revoltado com a própria organização da religião, pois acredita que muitos dos membros são de facto pessoas generosas e amigas. Cíntia salienta entender como o que a religião ensina, especialmente em relação à vida eterna e ressurreição, possa ser atraente, mas não consegue aceitar que possa ser comum perpetuar a mensagem de que as Testemunhas de Jeová sejam mais merecedoras que as outras religiões, e que pareça haver desde logo um juízo “sem conhecer o coração das outras pessoas”. Já Madalena aponta como era “tudo muito culposos, muito pecaminosos”, e como consumia a vida da pessoa, pois a verdade é que ser Testemunha de Jeová não é apenas ter uma religião, mas é todo um modo de vida, concordando que neste contexto não é possível existir a noção de “não praticante”, ou se é totalmente ou não de todo. E Maria crê que a imagem que as pessoas no exterior do grupo costumam ter sobre o mesmo é de os seus membros serem pessoas “pacatas”, mas “nada de especial”, não “uma coisa muito má”, mas mais uma vez aponta para como é mau sujeitar uma criança a crescer num lugar “que torna as pessoas ansiosas, com baixa autoestima, falta de confiança”.

Cláudia acredita que existem “coisas piores” que esta religião, e que alguns membros também são pessoas “genuinamente boas”, que poderão não ver “a maldade do outro” e que vivem grandemente em ignorância sobre a história e funcionamento da religião, mas não acredita que quem detenha o estatuto de ancião e superiores não tenha consciência dessa realidade, mas clarifica que também acredita que poderá haver exceções pontuais. Também é da opinião que as Testemunhas de Jeová é um grupo religioso que atrai frequentemente determinado “tipo de pessoa”, isto é, pessoas que gostam do poder que obtêm no seu seio, e pessoas psicologicamente fragilizadas. Acredita ainda que alguns membros ficam por poder ficar mais insensíveis à aplicação de castigos por terem assimilado uma “mentalidade ‘nós

versus eles””, e concorda que a prática da ostracização não deveria ser legal, pois afirma que deixar uma religião equivale ao exercício do seu direito de livre escolha, e não deveria ser castigada por isso, sendo mesmo “contra os direitos humanos condenar uma pessoa a estar socialmente morta.”

Por sua vez, Rafael crê que muitos membros poderão efetivamente acreditar no que pregam e ensinam, mas também acredita que alguns membros entre os cargos mais altos da religião poderão ter “delusões de grandeza”, pois “alguns que acham que foram tocados pelo divino, acham que têm um chamamento especial, e isto é um mito que se perpetua, vem da geração anterior, da geração anterior, e eles apenas constroem em cima e vão modificando o mito.” Carlos critica a forma como entende que as Testemunhas de Jeová controlam os seus membros, nas suas palavras, “uma manipulação tão grande na vida das pessoas que elas ficam completamente devotas”, utilizando a crença para controlar e manipular a pessoa até “nos mais pequenos aspetos da sua vida”, existindo possivelmente motivações financeiras por parte da liderança, mas também o que vê como um “complexo de messias”, pois é a narrativa de serem um povo escolhido por Deus e com uma missão superior a qualquer outro aspeto ou comunidade da vida terrena que prevalece no grupo. Carlos salienta que o próprio Raymond Franz refere essa realidade no seu *Crise de Consciência*, sublinhando como na verdade os membros da liderança são “vítimas de vítimas”, pois entram como comuns crentes e continuam a acreditar a sua vida toda que chegam à liderança incumbidos dessa missão.

Noutro tipo de observação sobre os atuais membros, alguns participantes também salientaram como acreditam que algumas pessoas continuam apenas por ser tão difícil deixar o grupo, tendo em conta que tipo de consequências essa decisão significa.

Cláudia afirma que existem pessoas que continuam porque lá têm as suas famílias e “não querem perder tudo”, assim como Mariana o crê. Rafael conta que a sua irmã e cunhado ainda são membros mas têm sido pouco ativos, mas não abandonam a religião porque ainda acreditam na Bíblia. Rafael acrescenta que pode ser difícil para uma pessoa admitir que estava errada quanto mais tempo passou a investir numa determinada ideia, e é também da opinião de que existem pessoas que precisam “daquela estrutura”, que “precisam que lhes digam o que fazer”, e que não conseguem viver sem as noções fundamentais sobre a vida que aprendem na Bíblia:

“E depois, não conseguem explicar o mundo, a vida, sem Deus, e o que é que eles concluem? Bom, ‘esta organização até tem a verdade, até pode estar corrompida mas deus no fundo vai... e

portanto eu tenho que continuar cá' (...). Mas lá está, isto é uma visão distorcida, nós queremos tanto acreditar numa coisa que distorcemos a realidade. E depois equacionar a vida sem aquilo?"

Raquel sabe que a sua mãe sofre com a crença de que poderá “passar para o novo mundo” sem a filha e os netas. Sabe que também acha que há vários aspetos errados com a religião, mas prefere continuar a “ser leal a Deus”, não conseguindo separar essa ideia de ser leal a uma organização. Crê também que na geração da sua mãe, na qual mais pessoas se converteram ao invés de já terem nascido na religião em comparação a gerações mais novas, existe mesmo fé, e valorizam ainda esta confissão em comparação à sua anterior fé católica: “...devem pensar que ‘por muito que exista coisa má aqui, sempre é melhor do que de onde eu vim’. No caso da minha mãe ela diz isso muitas vezes: ‘eu sei que não há aqui pessoas perfeitas, há aqui muita coisa malfeita, mas... ainda é o melhor lugar para se estar.’ É essa a mentalidade.” Raquel é também da opinião que o que mantém as gerações mais novas no grupo é o medo de perder os seus laços sociais:

“...havia muita envolvência, nunca estávamos sozinhos, e portanto, a pressão do grupo é de tal forma que a pessoa não sabe o que é estar sozinho, e é esse receio, o ter de estar sozinho, sem amigos, familiares, que amedronta muita gente de dizer ‘não acredito nisto e não estou aqui a fazer nada’, e preferem manter-se, a fazerem qualquer coisa apesar de já não terem fé, mas é melhor ‘manter-me por aqui’, porque tem mais vantagens segundo eles, do que começar do zero com uma vida, só a ideia de começar do zero já assusta muita gente.”

A algumas pessoas foi precisamente colocada a questão sobre o que creem que mantém o sucesso do grupo atualmente, o que no geral suscitou contestação sobre a realidade desse sucesso, sendo lembrada a tendência para a secularização no geral na sociedade, e o quanto o grupo encontra suporte nas famílias e em lugares com registo de maior pobreza e menor escolaridade, de acordo com a sua opinião.

“No Brasil há muitas Testemunhas de Jeová... Mas é assim, os cantos que estão a ter mais expansão em termos de número, são países de África - que têm menos informação -, e os países de Leste, onde a informação também não é muita. Porque nos países mais industrializados, onde é um maior acesso à internet, o número de Testemunhas de Jeová está a estagnar, ou está estagnado, ou até mesmo a baixar. Portugal é um deles. E eles estão preocupados com isso. Cada vez há mais dissidentes...” – *Carlos*

“...as pessoas estão expostas à internet, ao ensino... (...) Há uma erosão do grupo. Onde é que as Testemunhas de Jeová crescem neste momento? Em África, onde há um nível de instrução... muito baixo. É aí que elas estão a crescer. (...)” – *Rafael*

João também aponta para como as Testemunhas de Jeová em Portugal se têm mantido mais por causa das estruturas familiares em que se baseiam as congregações, e assimilação das gerações mais novas do que por números de conversões, que têm baixado ao longo do tempo. Ressalva que é um facto que os totais dos seus membros têm baixado e que têm fechado alguns salões do reino, e que nota como parece atualmente haver uma tendência para o afastamento das pessoas da religião organizada, uma maior secularização da sociedade, sendo raro – já no seu tempo – haver pessoas a interessarem-se somente pela mensagem, como foi o seu caso. Laura também é da opinião que o grupo se mantém maioritariamente por causa das famílias que o integram, e Rafael igualmente aponta para a secularização da sociedade, a exposição mais facilitada a outras fontes de informação e ao ensino, como motivos para a diminuição do grupo, assim para como as Testemunhas de Jeová têm agora um maior crescimento fora da Europa e da América do Norte, conforme Carlos nota. Também lhe parece que existem cada vez menos pessoas a tomar a decisão de se converterem em adultos, e quando o fazem são muitas vezes pessoas que se encontram em situações de vulnerabilidade, ou solidão, conforme João e Rafael igualmente notam:

“As congregações são muito baseadas na estrutura familiar, ou seja, se nós formos a ver, uma congregação é um conjunto de três ou quatro famílias, em que um é irmão, o outro é sobrinho, o outro é cunhado, o outro é... ou seja, são pequenos núcleos familiares que formam uma congregação. (...) ...hoje há a tendência de as pessoas se afastarem de qualquer tipo de religião, as pessoas estão cada vez... mais secularizadas, digamos assim, e estão cada vez mais indiferentes à religião, há uma grande indiferença. (...) Estão a perder membros, estão a fechar salões por todo o lado, se bem que os números falam sempre em crescimento mas eu não acredito nesses números... (...) Vão conseguindo manter alguma coisa pelos membros familiares que entram, pelas crianças que se batizam... mas não pessoas como eu, pessoas como eu nas congregações eram uma raridade, porque as congregações, como lhe disse há bocadinho, eram núcleos familiares, e nós éramos outsiders. É muito raro ver-se pessoas adultas ingressarem só pela mensagem em si.” – *João*

“Há cada vez menos pessoas a tomar essa decisão em adultos, e quando há, é como disse, são normalmente pessoas que são apanhadas em situações de vulnerabilidade. Ou são idosos que estão sozinhos, ou são pessoas que já têm como base um respeito pela Bíblia, uma crença base. As Testemunhas de Jeová não conseguem convencer ninguém que não seja crente.” – *Rafael*

De acordo com os totais a nível mundial divulgados pelo grupo, destaca-se os seguintes valores para fins de comparação, entre os anos de 2018 e 2022:

	2022	2021	2020	2019	2018
<i>Filiais</i>	86	87	87	87	87
<i>Congregações</i>	117960	119297	120387	119712	119954
<i>Auge de Publicadores</i>	8699048	8686980	8695808	8683117	8579909
<i>Média de Publicadores</i>	8514983	8480147	8424185	8471008	8360594
<i>Total de novos batizados</i>	145552	171393	241994	303866	281744
<i>Países que relataram</i>	239	239	240	240	240
<i>Percentagem de aumento sobre o ano anterior</i>	0.4	0.7	-0.6	1.3	1.4

E em Portugal¹⁵⁶:

	2022	2021	2020	2019	2018
<i>Congregações</i>	656	654	653	652	652
<i>Auge de Publicadores</i>	51334	50921	50022	49692	49299
<i>Média de Publicadores</i>	51116	50675	49561	49286	49299
<i>Total de novos batizados</i>	676	810	887	1117	1072

De acordo com os números divulgados, destaca-se nos totais gerais a perda de um país e filial, e maioritariamente a tendência para o aumento nos publicadores, com a exceção de 2020, o que poderá ser parcialmente justificado com o surgimento da pandemia de Covid-19. É sobre o “auge de publicadores” que a secção “percentagem de aumento sobre o ano anterior” parece ser baseada, mas se notarmos o total de congregações e novos batismos a tendência é inversa. Existe um constante aumento no número de congregações entre 2018 e 2020 – um total de 433 em comparação –, mas entre 2020 e 2022 dá-se um decréscimo significativo, um total de menos 2427 congregações. No que concerne ao total de novos batismos o pico encontra-se em 2019,

¹⁵⁶ Estes dados sobre Portugal, outros países e os totais a nível mundial podem ser encontrados, correspondentemente, em Testemunhas de Jeová 2018g, 2019f, 2020d, 2021b e 2022d.

com 303 866, mas a partir deste ano verifica-se a diminuição para cerca de metade dos mesmos, existindo uma diferença de menos 158 314 batismos entre 2019 e 2022. Os totais referentes a Portugal demonstram uma tendência semelhante à global, exibindo um aumento em 4 congregações entre 2018 e 2022, o crescimento constante de publicadores, mas a grande diminuição nos novos batismos, menos 441 comparando o ano com o valor mais alto – 2019 – com o de 2022. O que poderá ser possível apreender destes dados, de forma geral, é que à exceção do impacto negativo que o surgimento da pandemia em 2020 poderá ter significado, a atividade de proselitismo das Testemunhas de Jeová revela um sucesso constante no recrutamento de novos publicadores, mas de facto significativamente menos na sua permanência a longo prazo, conforme se verifica na comparação entre os números de publicadores e novos batismos, que além de mostrarem uma diminuição geral também se destacam por serem consideravelmente inferiores face à globalidade de publicadores. Possivelmente relacionado com a dificuldade de manutenção de novos membros a longo prazo, surge a par o largo decréscimo do número de congregações, o único parâmetro que em Portugal revela uma tendência inversa à mundial.

Não obstante, não deixam de ser ressaltados alguns aspetos que são considerados positivos e que não desejam contrariar, ou em alguns casos, deixar de transmitir aos seus filhos. Tiago valoriza o tipo de educação e “maneiras” com que cresceu, assim como Cláudia valoriza os “princípios morais bons” que hoje tem, referindo certos padrões para a distinção entre o bem e o mal, o “respeito pelo mais velho”, ou “cumprimentar as pessoas quando se chega”, por exemplo. Madalena salienta os “princípios éticos”, de não fumar, embriagar-se, ou simplesmente ter um comportamento moderado, algo que deseja transmitir à sua filha. Já Florbela nota que existem hábitos que não vê necessidade de desconstruir, dando o exemplo de como ainda hoje não é capaz de mentir, por esse aspeto ter sido uma parte tão importante da sua educação. Gabriel também sublinha como pelo mesmo motivo nunca teve o hábito ou sentiu inclinação a procurar fumar, embriagar-se, experimentar substâncias estupefacientes, e como foi positivo aprender como é negativo, por exemplo, o roubo ou a violência, além de que crê que o envolvimento nas atividades da religião e as obrigações de ensino que advieram de ter chegado a ancião ajudaram a fazer de si uma pessoa sociável.

Outro aspeto salientado foi o encontrar na sua experiência uma forma de aprendizagem e crescimento pessoal, tal como Laura sente que o seu passado serviu para a sua educação e

evolução pessoal, e Madalena entende que, apesar de escolher criar a sua filha na crença cristã, é importante que ela mostre interesse, e respeitar as suas escolhas futuras. Atualmente Raquel também encara o seu passado como uma parte fundamental de poder chegar a ser quem é hoje, acreditando que: "...a minha alma escolheu seguir este caminho, nascer na família onde nasceu, e este percurso para ter este tipo de evolução e aprendizagem onde estou hoje."

Mas sobre esta questão de desenvolvimento pessoal um outro aspeto transversal permanece: a força de vontade que várias pessoas adquirem perante a consciência da existência da expectativa no grupo de que o ex-membro será infeliz ou que cairá em desgraça fora do mesmo, expectativa que creem todos os dias poder ser a prova viva de que não é verdade, conforme Maria sentiu:

"Há aqui uma questão, como eles na religião esperavam que a partir daí eu começasse a consumir drogas, álcool, enfim, fosse a filha da destruição, eu tinha uma coisa cá dentro que... 'então eu vou estudar, ser a melhor aluna que consigo ser, e vou para a faculdade' e é uma espécie de chapada de luva branca, foi isso que fiz. E assim que pude saí de casa, saí de casa no segundo ano de faculdade, fui trabalhar e estudar ao mesmo tempo."

A par de, ou talvez até antes, de a pessoa se aceitar a si própria e a sua vida, e explorar novas práticas e formas de expressão, precisa de aceitar o mundo exterior às Testemunhas de Jeová, o mundo em que agora se insere, como um lugar onde também existe o bem e onde a felicidade é possível. Para se permitir a viver, a pessoa precisa de se permitir a ser feliz neste mundo, e para esse fim conseguir construir uma nova perceção do mesmo, da qual não sobressai apenas o perigo e o mal, mas também coisas e pessoas boas, que lhe permitem encontrar o seu lugar nele.

Quando o que se apresenta como a única Verdade deixa de o ser, a avaliação do mundo parece servir um determinado propósito de benefício próprio e passa a ser colocada em causa, e este "mundo" para o qual a pessoa é "atirada" é reavaliado nesse processo. Pode-se dar um choque inicial, mas aos poucos apercebem-se que "nem tudo é tão mau quanto dizem", e as novas experiências a que se permitem neste mundo tornam-se na base de construção de uma nova perceção do mesmo, e de si por relação a este e em contraste ao seu passado e à perceção

das Testemunhas de Jeová, construção esta que é um processo lento de coleção de novas ferramentas que permitem reajustar o seu quadro de valores, do que é certo ou errado, até mesmo sobre o divino e a religião.

Considerações Finais

Foi mencionada no início deste trabalho a importância de trazer um maior e mais rigoroso conhecimento de um grupo religioso que tem um lugar relevante na sociedade portuguesa, não tanto pela sua dimensão¹⁵⁷, mas porque, apesar da sua discrição, possui uma presença pública incontornável que tem por base o seu ativo proselitismo, e porque, conforme esta tese procurou mostrar, revela ter um impacto significativo na vida e cidadania dos seus membros. A imagem pública das Testemunhas de Jeová é, no entanto, superficial, a de um grupo e organização cristã com algumas especificidades bem conhecidas, como a sua atividade de proselitismo, a sua crença no apocalipse ou a recusa de transfusões de sangue, esta última até episodicamente tratada na imprensa.

O conhecimento superficial das Testemunhas de Jeová é, sem dúvida, em grande medida resultado de uma estratégia deliberada por parte da organização: por um lado, um mecanismo de controlo dos seus membros, e, por outro, de proteção da sua imagem pública, uma imagem que desejam manter como positiva – a de um grupo cristão exemplar, o único que se mantém absolutamente fiel ao que entendem dizer a Bíblia sobre uma vida e adoração religiosa correta. Esse fechamento do grupo sobre si mesmo e o seu (quase sempre) bem-sucedido esforço para o obrigar de olhares e contactos externos, determinou desde logo uma impossibilidade na investigação que conduziu a esta dissertação: a de ter acesso direto aos seus membros. Assim, toda a informação não documental desta investigação resultou de entrevistas aprofundadas somente a ex-membros. Essa ausência de uma perspetiva “interior”, porém, não se revelou como um obstáculo para esta investigação, dado que, por um lado, atualmente o website oficial das Testemunhas de Jeová oferece gratuitamente acesso a grande parte das suas publicações em formato digital, as quais fornecem ampla informação sobre aspetos doutrinários e práticos e sobre a sua posição perante questões sociais e políticas fundamentais; mas, por outro lado, também porque aqueles que abandonaram a religião ou dela foram expulsos ainda a mantêm vivamente presente na sua memória (em alguns casos bastante recente, e correspondente à maior parte dos

¹⁵⁷ Conforme os últimos resultados da organização das Testemunhas de Jeová, o auge de publicadores em 2022 foi de 51 334. Já de acordo com os últimos resultados definitivos dos Censos do INE (Instituto Nacional de Estatística 2022), de uma amostra de 8 781 900 residentes, 7 043 016 declararam-se católicos, 60 381 ortodoxos, 186 832 protestantes ou evangélicos, 63 609 testemunhas de Jeová, 90 948 possuidores de outra confissão cristã, 16 757 budistas, 19 471 hindus, 2 910 judeus, 36 480 muçulmanos, 24 366 pertencentes a outra confissão não cristã, e 1 237 130 sem religião. Assim sendo, segundo os dados do INE, a confissão Testemunhas de Jeová é representada por cerca de 0,72% da amostra e 0,85% dos cristãos.

anos da sua vida), e nos deram a conhecer nas entrevistas a sua experiência no interior das Testemunhas de Jeová e o seu conhecimento das consequências práticas que emanam da sua organização institucional.

Na análise dos resultados das entrevistas, foram notadas várias particularidades e transversalidades nos trajetos dos entrevistados: para alguns uma fase inicial de conversão, onde se revela a abordagem particular das Testemunhas de Jeová ao potencial membro, os motivos que prevaleceram na adesão/conversão, as formas de integração no grupo até se formalizar a sua pertença e o papel simbólico da cerimónia de batismo; os papéis, estatutos e responsabilidades que a partir de então se apresentam para os membros da organização – já para outros que cresceram no grupo este progresso é parte do próprio processo de crescimento e socialização, que inevitavelmente os integra nas práticas e crenças deste. Observámos através desses testemunhos como o quotidiano, a forma de ser e estar e até mesmo de perceber a realidade são modificados ou constituídos com base na doutrina e orientações das Testemunhas de Jeová e no seu colocar da atividade religiosa acima de todas as outras dimensões da vida, no que é uma fase de plenitude como membro. Abordámos posteriormente as razões e os desenvolvimentos que levam ao aparecimento e aprofundamento da dúvida, os temas recorrentes neste âmbito e as estratégias e respostas do grupo a esse mesmo questionamento e desvios – potencialmente considerados como atos de apostasia. Acompanhámos, por fim, os modos de desvinculação voluntária ou coerciva e, em seguida, como o processo de perda de fé e desvinculação trazem uma vida completamente diferente da anterior, nomeadamente pela perda de laços sociais passados significativos, acarretando muitas vezes consequências negativas para o bem-estar e saúde mental, a descoberta ou confirmação da falta de preparação e recursos para lidar com o “mundo exterior” que então encontram, e uma mudança da relação com a crença religiosa; finalmente, notámos nos testemunhos dos ex-membros como esse processo é também o abrir-se da possibilidade (e necessidade) de operar uma transformação de todas as esferas da sua vida, de a construir em certo sentido de novo, e como tal é concomitante da reconstituição identitária da pessoa, do encontro de novos propósitos, mas também de dificuldades duradouras pela maior parte dos ex-membros, ainda sentidas. Globalmente, destacou-se assim a forte, determinante e exigente vivência intelectual, social e emocional – e ultimamente transformativa – desta fé.

De forma a aprofundar o estudo e apresentar este fenómeno de uma forma compreensiva, foi então construído um texto de carácter monográfico constituído por uma descrição extensiva destes trajetos biográficos conforme relatados na primeira pessoa. Foram igualmente cumpridos

os demais objetivos inicialmente propostos, tendo-se ao longo dos capítulos procedido a uma contextualização que dedicou particular atenção à história, doutrina e estrutura institucional das Testemunhas de Jeová, que pensamos indispensável à compreensão da forma como este grupo aborda e cativa os seus novos membros e enquadra as suas vidas e comportamentos nas diferentes fases do seu percurso, assim como das normas e formas de punição que as Testemunhas de Jeová aplicam em casos de desvio. É também nesse contexto amplo que se define o modo como o grupo se relaciona com a sociedade, procurando o afastamento geral do que comumente designa por “mundo” e tendo como papel central na sua crença a eminência do apocalipse e ênfase na salvação aquando o mesmo, o que se traduz em decisões de impacto significativo na vida dos membros e até mesmo na sociedade em que se inserem, sendo exemplos o desincentivo à natalidade, a desacreditação da atividade científica e desvalorização da busca de educação superior, o fomento e a recusa de tratamento adequado de patologias físicas (como a frequentemente trazida à discussão pública recusa de transfusões sanguíneas) e também mentais, além do desincentivo ao investimento em carreiras laborais e à realização de deveres cívicos, como o voto.

Ao apresentar a análise das experiências dos ex-membros tornou-se ainda inevitável refletir sobre as variações e padrões no fenómeno de conversão religiosa; sobre como a criança é integrada no grupo e o seu desenvolvimento a subjetividade constituídas pelo seguir da doutrina e práticas das Testemunhas de Jeová; que concepções sobre sexualidade, família e género se encontram e advêm sua doutrina e como se manifestam neste contexto noções sobre moralidade, pureza e impureza; como são entendidas outras confissões, e que posição os seus membros são ensinados a ter para com diferenças na fé e estilos de vida; e como a passagem pelas Testemunhas de Jeová e o seu abandono determina a perceção do divino, do verdadeiro e do falso, e sobre o sentido e finalidade da Bíblia. Acrescenta-se ainda um destaque para como se torna assim possível entender como a posição deste grupo determina a atitude pacifista dos seus membros, mas também a procura de desacreditar aos olhos dos mesmos o trabalho de instituições como a ONU, e o valor dos esforços da ação humanitária e de fomento da igualdade e desenvolvimento social.

Creemos que, de forma geral, a relevância deste trabalho se prende por oferecer meios de trazer ao conhecimento e debate público e académico a *experiência* de ser-se Testemunha de Jeová, estas próprias um objeto de estudo largamente por explorar no âmbito da antropologia, das ciências sociais e no contexto da produção académica em Portugal; mas também como contributo ao tema geral da experiência religiosa.

Quero, por último, mas não de forma menos importante, expressar a minha gratidão aos entrevistados pela sua disponibilidade e voluntarismo em partilhar as suas vidas de forma exhaustiva e por vezes mesmo na presença de impactos emocionais associados ao reviver de eventos passados, e cujo esforço e dedicação ao mesmo se fundamentou no reconhecimento de que através dessa partilha se poderia cumprir um desígnio presente das suas vidas, o de trazer ao conhecimento público o que foi a sua experiência como membros das Testemunhas de Jeová, na certeza de que as mesmas são representativas das de muitos outros, no passado e no presente.

Bibliografia

- ALBRECHT, Stan L., e Howard M. BAHR, “Patterns of Religious Disaffiliation: A Study of Lifelong Mormons, Mormon Converts, and Former Mormons”, *Journal for the Scientific Study of Religion*, EUA, The Society for the Scientific Study of Religion, 1983, vol. 22, pp. 366-379, <https://doi.org/10.2307/1385774>
- ANDREWS-SWANN, Jenna E., “A Community Displaced: Cuban *Testigos* Creating Place in the American South”, *North American Dialogue*, EUA, American Anthropological Association, 2011, vol. 14, nº 2, pp. 33-37, <https://doi.org/10.1111/j.1556-4819.2011.01040.x>
- ATTEWILL, Fred, “Jehovah's Witness mother dies after refusing blood transfusion”, *The Guardian*, 2007, 5 de novembro, artigo jornalístico disponível online em <https://www.theguardian.com/uk/2007/nov/05/health.religion>
- AUGUSTINE OF HIPPO, *Confessions*, Harmondsworth, Reino Unido, Penguin, 1961, Penguin Classics, ISBN 978-0536708229
- AVILA, Teresa of, *Way of Perfection*, EUA, Image, Doubleday, 1991, ISBN 0385065396
- BAHR, H. M. e Stan L. ALBRECHT, “Strangers once more: Patterns of disaffiliation from Mormonism”, *Journal for the Scientific Study of Religion*, EUA, The Society for the Scientific Study of Religion, vol. 28, nº 2, 1989, pp. 180–200, <https://doi.org/10.2307/1387058>
- BALDICK, Chris, *anagogical*, The Oxford Dictionary of Literary Terms, 3ª ed., Reino Unido, Oxford University Press, 2008, disponível online em <https://www.oxfordreference.com/display/10.1093/acref/9780199208272.001.0001/acref-9780199208272-e-49>
- BARAN, Emily B., *Dissent on the Margins – How Soviet Jehovah's Witnesses Defied Communism and Lived to Tell About It*, Reino Unido, Oxford University Press, 2014, ISBN 978-0-19-994553-5
- BARBOUR, John D., *Versions of Deconversion – Autobiography and the Loss of Faith*, Charlottesville e Londres, The University Press of Virginia, 1994, ISBN 0-8139-1546-5

- BATES, Stephen, “Jehovah's Witnesses link to UN queried”, *The Guardian*, 2001a, 8 de outubro, artigo jornalístico disponível online em <https://www.theguardian.com/uk/2001/oct/08/religion.world>
- BATES, Stephen, “'Hypocrite' Jehovah's Witnesses abandon secret link with UN”, *The Guardian*, 2011b, 15 de outubro, artigo jornalístico disponível online em <https://www.theguardian.com/uk/2001/oct/15/religion.unitednations>
- BBC NEWS, “Judge rules on Jehovah's Witness baby blood transfusion”, *BBC News*, 2014, 3 de março, artigo jornalístico disponível online em <https://www.bbc.com/news/uk-england-birmingham-26420908>
- BBC NEWS, “Australia Jehovah's Witnesses 'did not report 1,000 alleged abusers’”, *BBC News*, 2015, 27 de julho, artigo jornalístico disponível online em <https://www.bbc.com/news/world-australia-33673240>
- BBC NEWS, “Judge to decide on blood treatment for teenage Jehovah's Witness”, *BBC News*, 2019, 6 de junho, artigo jornalístico disponível online em <https://www.bbc.com/news/uk-england-48548491>
- BECKFORD, James, *The Trumpet of Prophecy – A Sociological Study of the Jehovah’s Witnesses*, EUA, John Wiley and Sons, 1975, ISBN 978-0470061381
- BECKFORD, James, “Accounting for Conversion”, *The British Journal of Sociology*, Reino Unido, Wiley, 1978, vol. 29 (2), junho de 1978, pp. 249-262, <https://doi.org/10.2307/589892>
- BERGER, R., “Challenges and coping strategies in leavening an ultra-orthodox community”, *Qualitative Social Work*, EUA, Sage, 2015, vol. 14, nº 5, pp. 670–686, <https://doi.org/10.1177/1473325014565147>
- BERGMAN, Jerry, *Jehovah’s Witnesses and Kindred Groups: A Historical Compendium and Bibliography*, EUA, Garland, 1984, ISBN 0824091094
- BLATTNER, William, *Heidegger’s Being and Time – A Reader’s Guide*, Londres e Nova Iorque, Continuum, 2006, ISBN 0-8264-8680-8
- BRINKERHOFF, Merlin B., e Marlene M. MACKIE, “Casting Off the Bonds of Organized Religion: A Religious-Careers Approach to the Study of Apostasy”, EUA, Religious Research Association, 1993, *Review of Religious Research*, vol. 34, pp. 235-258, <https://doi.org/10.2307/3700597>

- BROWN, John Aquila, *Even-Tide*, Londres, J. Offord, 1823
- BUCKSER, Andrew e Stephen D. GLAZIER, *The Anthropology of Religious Conversion*, EUA, Rowan & Littlefield, 2003, ISBN 0-7425-1777-2
- CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, *Metamorphosis*, Cambridge Academic Content Dictionary, Cambridge University Press, 2008, disponível online em <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/metamorphosis>
- CANTÓN, Manuela, *Bautizados en Fuego: Protestantes, Discursos de Conversión y política en Guatemala (1989-1993)*, Guatemala, Centro de Investigaciones Regionales de Mesoamérica, 1998, Volume 9 de Serie Monografica, ISBN 0910443149
- CAPLOVITZ, David, e Fred SHERROW, *The Religious Drop-Outs: Apostasy among College Graduates*, EUA, Sage, 1977, ISBN 0803907141
- CARLYLE, Thomas, *Sartor Resartus – Vida e Opiniões de Herr Teufelsdröckh*, Portugal, Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 2022, ISBN 978-972-27-3014-3
- CHRYSSIDES, George D., *Historical Dictionary of Jehovah's Witnesses*, Lanhan, Toronto e Plymouth, Scarecrow Press, 2008, Historical Dictionaries of Religions, Philosophies, and Movements No. 85, ISBN 978-0-8108-6074-2
- CORLEY, Felix, “Kazakhstan: Punished for worship meetings; UN appeals”, *Forum 18 Oslo*, 2016, 13 de Maio, artigo jornalístico disponível online em https://www.forum18.org/archive.php?article_id=2177
- COY, Patrick G. et al., eds., *Social Conflicts and Collective Identities*, EUA, Rowman and Littlefield, 2000, ISBN 0742500500
- CUCCHIARI, Salvatore, “‘Adapted for Heaven’: Conversion and Culture in Western Sicily”, EUA, American Ethnological Society, 1988, *American Ethnologist*, vol. 15, nº 3, pp. 417-441, *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/645749>
- CURRY, Melvin Dotson, *Jehovah's Witnesses: The Millenarian World of the Watch Tower*, Garland, Nova Iorque e Londres, 1992, ISBN 081530773X
- DANNHAUER, Johann Conrad, *Hermeneutica Sacra, Sive Methodus Exponendarum S. Literarum Proposita Et Vindicata*, [Alemanha, J. Staedelii, 1654](#)

- DASCHKE, Derek e William M. ASHCRAFT, *New Religious Movements: A Documentary Reader*, Nova Iorque e Londres, NYU Press, 2005, ISBN 978-0814707036
- DAVIDMAN, L., *Becoming un-Orthodox: Stories of ex-Hasidic Jews*, EUA, Oxford University Press, 2014, ISBN 978-0199380503
- DAVIDMAN, L., e A. L. GREIL, “Characters in search of a script: The exit narratives of formerly ultraorthodox Jews”, *Journal for the Scientific Study of Religion*, EUA, The Society for the Scientific Study of Religion, 2007, vol. 46, nº 2, pp. 201–216, *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/4621969>
- DAWSON, Lorne L., ed., *Cults and New Religious Movements – A Reader*, Oxford, Blackwell, 2013, ISBN 978-1-4051-0181-3
- DIX, Steffen, “Religious Plurality within a Catholic Tradition: A Study of the Portuguese Capital, Lisbon, and a Brief Comparison with Mainland Portugal”, Reino Unido, Taylor & Francis, 2009, *Religion*, vol. 39, pp. 182-193, <https://doi.org/10.1016/j.religion.2009.01.018>
- DOSTAL, Robert J., “Time and Phenomenology in Husserl and Heidegger”, em Guignon, Charles, ed., *The Cambridge Companion to Heidegger*, Reino Unido, Cambridge University Press, 1993, pp. 141-169, ISBN 9781139000512
- ELLER, Jack David, *Introducing Anthropology of Religion*, Nova Iorque e Oxon, Routledge, 2007, ISBN 0-203-94624-3
- EMERSON, Michael O. e David HARTMAN, “The Rise of Religious Fundamentalism”, *Annual Review of Sociology*, EUA, Annual Reviews, 2006, vol. 32, pp. 127-144, <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.32.061604.123141>
- ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA, *church*, Encyclopædia Britannica, 2019, última revisão a 19 de setembro de 2019, disponível online em <https://www.britannica.com/topic/church-Christianity/additional-info#history>
- ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA, *faith*, Encyclopædia Britannica Dictionary, 2023, disponível online em <https://www.britannica.com/dictionary/faith>
- FAULKNER, C. L., “Identity Change Among Ethno-Religious Border Crossers: The Case of The Former Amish”, EUA, Religious Research Association, 2017, *Review of Religious Research*, vol. 59, nº 4, pp. 447–470, <https://doi.org/10.1007/s13644-017-0309-2>

- FAZZINO, Lori L., “Leaving the Church Behind: Applying a Deconversion Perspective to Evangelical Exit Narratives”, EUA, Taylor and Francis, 2014, *Journal of Contemporary Religion*, vol. 29, nº 2, pp. 249-266, <https://doi.org/10.1080/13537903.2014.903664>
- FERGUSON, Duncan Sheldon, *Biblical Hermeneutics: An Introduction*, Reino Unido, Westminster John Knox Press, 1986, ISBN 0804200505
- FRANCO, Joaquim, “Igreja Católica Apostólica Romana”, em Vital, Mariana, coord., *Cosmovisões Religiosas e Espirituais – Guia didático de tradições presentes em Portugal*, Lisboa, Alto Comissariado para as Migrações, 2016, pp. 29, 30, ISBN 978-989-685-080-7
- FRANZ, Raymond Victor, *In Search of Christian Freedom*, EUA, Commentary Press, 1991, ISBN 0914675168
- FRANZ, Raymond Victor, *Crise de Consciência*, Brasil, Hagnos, 2002, ISBN 9788588234369
- GEERTZ, Clifford, *The Interpretation of Cultures: Selected Essays*, Nova Iorque, Basic Books, 1973, ISBN 978-0465034253
- GERLACH, Luther P. e Virginia H. HINE, “Five Factors Crucial to the Growth and Spread of a Modern Religious Movement”, *Journal for the Scientific Study of Religion*, EUA, Wiley, 1968, vol. 7, pp. 23-40, <https://doi.org/10.2307/1385108>
- GERLACH, Luther P. e Virginia H. HINE, *People, Power, Change: Movements of Social Transformation*, EUA, Bobbs-Merrill, 1970
- GIDDENS, Anthony, *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*, Stanford, Stanford University Press, 1991, ISBN 9780804719445
- GOOREN, Henri, *Religious Conversion and Disaffiliation – Tracing Patterns of Change in Faith Practices*, Nova Iorque, Palgrave, 2010, ISBN 978-0-230-10453-2
- GOOREN, Henri, “Anthropology of Religious Conversion”, em Rambo, Lewis R. e Charles E. Farhadian, eds., *The Oxford Handbook of Religious Conversion*, Reino Unido, Oxford University Press, 2014, pp. 84-116, ISBN 9780199984596
- GREW, Henry, *An Examination of the Divine Testimony Concerning the Character of the Son of God*, EUA, Merrihew and Thompson, 1855
- GRUSS, Edmond C., *Jehovah's Witnesses and Prophetic Speculation*, EUA, Presbyterian and Reformed Publishing, 1972

- HARRIS, Dan e Nick CAPOTE, “Former Jehovah's Witness Accuses Church of Hiding Child Abusers from Congregations”, *ABC News*, 2015, 12 de março, artigo jornalístico disponível online em <https://abcnews.go.com/US/jehovahs-witness-accuses-church-hiding-child-abusers-congregations/story?id=29586778>
- HEIDEGGER, Martin, *Being and Time*, Nova Iorque, SUNY Press, 2010, Edição revista de 2010, 1ª Edição 1996, ISBN 978-1438432762
- HEIDEGGER, Martin, *Being and Time*, Reino Unido, Blackwell, 2016, 38ª Edição (1ª Edição 1962), ISBN 978-0-6311-9770-6
- HIEBERT, Paul, *Transforming Worldviews: An Anthropological Understanding of How People Change*, EUA, Baker Academic, 2008, ISBN 978-0801027055
- HOEFFEL, Paul, *Watchtower Letter*, DPI-NGO, 2004, documento disponível online em <https://www.un.org/sites/un2.un.org/files/2020/11/Watchtower%20Letter%20-%20Paul%20Hoeffel-2004.pdf>
- HOLDEN, Andrew, *Jehovah's Witnesses – Portrait of a Contemporary Religious Movement*, Londres e Nova Iorque, Routledge, 2002, ISBN 0-203-46058-8
- HOOKWAY, Samuel Nicholas e Daphne HABIBIS, “‘Losing my Religion’: Managing Identity in a post-Jehovah’s Witness World”, in *Journal of Sociology*, EUA, Sage, 2015, 51, nº 4, pp. 843-856, <https://doi.org/10.1177/1440783313476981>
- HOOKER, J. R., “Witnesses and Watchtower in the Rhodesias and Nyasaland”, *The Journal of African History*, EUA, Cambridge University Press, 1965, vol. 6, nº 1, pp. 91-106, <https://doi.org/10.1017/S0021853700005351>
- HOWELL, P. J. e P. A. BAMBER, “Severe Acute Anaemia in a Jehovah’s Witness: Survival Without Blood Transfusion”, *Anaesthesia*, Reino Unido, The Association of Anaesthetists of Great Britain and Ireland, 1987, vol. 42, pp. 44-48, DOI: 10.1111/j.1365-2044.1987.tb02943.x
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, População residente com 15 e mais anos de idade (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2021) e Religião, Instituto Nacional de Estatística, 2022, disponível online em <https://tabulador.ine.pt/indicador/?id=0011644>
- ITZHAKI, Yael, Yaacov B. YABLON., e Haya ITZHAKY, “Becoming less religious (BLR) and well-being among high school dropouts”, *Psychology of Religion and Spirituality*, EUA, APA

Div. 36 Society for the Psychology of Religion and Spirituality, vol. 12, nº 1, 2020, pp. 45–54, <https://doi.org/10.1037/rel0000179>

JAMES, William, *The Varieties of Religious Experience*, EUA, Penguin Books, 1985, ISBN 978-0-14-039034-6

JENKINS, Daniel T., *Congregationalism*, Encyclopædia Britannica, 2019, artigo disponível online em <https://www.britannica.com/topic/Congregationalism>

JENKINS, Richard, “Disenchantment, Enchantment and Re-enchantment: Max Weber at the Millenium”, *Max Weber Studies*, Reino Unido, Max Weber Studies, 2000, vol. 1, pp. 11-32, *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/24579711>

JERSAK, Brad e Michael HARDIN, eds., *Stricken by God?: Nonviolent Identification and the Victory of Christ*, Grand Rapids, Michigan, William B. Eerdmans Publishing, 2007, ISBN 080286287X

JINDRA, Ines W., “Deconversion from the Church of Jesus Christ of Latter-Day Saints and the Quest for Identity”, *Pastoral Psychology*, EUA, Springer, 2022, vol. 71, pp. 325-343, <https://doi.org/10.1007/s11089-022-01001-7>

JONSSON, Carl Olof, *The Gentile Times Reconsidered- Have Jehovah's Witnesses Been Wrong all Along About 607 BCE?*, 4ª ed., Canadá. Friesen Press, 2021, ISBN 1039110800

KESSLER, David, *Finding Meaning: The Sixth Stage of Grief*, Nova Iorque, Scribner, 2019, ISBN 1501192736

KHALIL, M. H., e M. BILICI, “Conversion out of Islam: A study of conversion narratives of former Muslims”, *The Muslim World*, EUA, Hartford International University, 2007, vol. 97, nº 1, pp. 111–124, <https://doi.org/10.1111/j.1478-1913.2007.00161.x>

KLASS, Morton, *Ordered Universes – Approaches to the Anthropology of Religion*, Nova Iorque, Routledge, 1995, ISBN 0813312140

KLING, David W., “Conversion to Christianity”, em Rambo, Lewis R. e Charles E. Farhadian, eds., *The Oxford Handbook of Religious Conversion*, Reino Unido, Oxford University Press, 2014, pp. 598-631, ISBN 9780199984596

KNOX, Zoe, “The Watch Tower Society and the End of the Cold War: Interpretations of the End Times, Superpower Conflict, and the Changing Geo-Political Order”, *Journal of the American*

Academy of Religion, Reino Unido, Oxford University Press, 2011a, vol. 79, nº 4, dezembro de 2011, pp. 1018–1049, <https://doi.org/10.1093/jaarel/lfr038>

KNOX, Zoe, “Writing Witness History: The Historiography of the Jehovah’s Witnesses and the Watch Tower Bible and Tract Society of Pennsylvania”, *Journal of Religious History*, EUA, Wiley-Blackwell, 2011b, vol. 35, nº 2, junho de 2011, pp. 157-180, <https://doi.org/10.1111/j.1467-9809.2010.01030.x>

KNOX, Zoe, “The History of the Jehovah’s Witnesses – An Appraisal of Recent Scholarship”, *Journal of Religious History*, EUA, Wiley-Blackwell, 2017, vol. 41, nº 2, junho de 2017, pp. 251-260, <https://doi.org/10.1111/1467-9809.12425>

KNOX, Zoe, *Jehovah’s Witnesses and the Secular World – From the 1870’s to the Present*, Reino Unido, Palgrave Macmillan, 2018, ISBN 978-1-137-39605-1

KRAFT, Charles H., *Christianity in Culture: A Study in Dynamic Biblical Theologizing in Cross-Cultural Perspective*, Nova Iorque, Orbis, 1979, ISBN 088344075X

KÜBLER-ROSS, Elizabeth, *On Death and Dying*, Nova Iorque, Scribner, 2014a, ISBN 1476775540

KÜBLER-ROSS, Elizabeth e David KESSLER, *On Grief and Grieving*, Nova Iorque, 2014b, Scribner, ISBN 1476775559

LARSEN, Carly D. et al., “The Effects of Childhood Abuse on Relationship Quality: Gender Differences and Clinical Implications”, *Family Relations*, EUA, National Council on Family Relations, 2011, vol. 60, nº 4, outubro de 2011, pp. 435-445, <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2011.00661.x>

LEONE, Massimo, *Religious Conversion and Identity: The Semiotic Analysis of Texts*, EUA, Routledge, 2004, ISBN 9780415859936

LOFLAND, John e Norman SKONOVD, “Conversion Motifs”, *Journal for the Scientific Study of Religion*, EUA, Wiley, 1981, vol. 20, nº 4, pp. 373-385, <https://doi.org/10.2307/1386185>

LUSA, “Testemunhas de Jeová Reconhecidas como Comunidade Religiosa Radicada em Portugal”, Público, 2009a, 7 de outubro, artigo jornalístico disponível online em <https://www.publico.pt/2009/10/07/sociedade/noticia/testemunhas-de-jeova-reconhecidas-como-comunidade-religiosa-radicada-em-portugal-1404048>

- LUSA, “Testemunhas de Jeová Reconhecidas como Comunidade Religiosa Radicada em Portugal”, RTP, 2009b, 7 de outubro, artigo jornalístico disponível online em https://www.rtp.pt/noticias/pais/testemunhas-de-jeova-reconhecidas-como-comunidade-religiosa-radicada-em-portugal_n284936
- MARTY, Martin E., “Sects and Cults”, *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, EUA, Sage, 1960, vol. 332, nº 1, novembro de 1960, pp. 125-134, <https://doi.org/10.1177/000271626033200113>
- MASLOW, Abraham, *A Theory of Human Motivation*, EUA, BN Publishing, 2017, ISBN 1684113180
- MELTON, J. Gordon, *The Family International*, Encyclopædia Britannica, 2023a, artigo disponível online em www.britannica.com/topic/The-Family-International
- MELTON, J. Gordon, *Peoples Temple*, Encyclopædia Britannica, 2023b, artigo disponível online em www.britannica.com/topic/Peoples-Temple
- MEERWIJK, Esther L. e Sandra J. WEISS, “Toward a Unifying Definition of Psychological Pain”, *Journal of Loss and Trauma*, Reino Unido, Routledge, 2011, vol. 16, nº 5, pp. 402-412, <https://doi.org/10.1080/15325024.2011.572044>
- MERRIAM-WEBSTER, *faith*, Merriam-Webster Dictionary, última atualização a 29 de março de 2023, disponível online em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/faith>
- MILLER, Justin K., “Damned if You Do, Damned if You Don’t: Religious Shunning and the Free Exercise Clause”, *University of Pennsylvania Law Review*, EUA, University of Pennsylvania Law School, 1988, vol. 137, pp. 271-302, <https://doi.org/10.2307/3312170>
- MONTAGUE, Havor, “The Pessimist Sect’s Influence on the Mental Health of its Members: The Case of Jehovah’s Witnesses”, *Social Compass*, EUA, Sage, 1977, vol. 24 nº 1, pp. 135-148, <https://doi.org/10.1177/003776867702400109>
- NEED, Ariana, e Nan Dirk DE GRAAF, “Losing My Religion: A Dynamic Analysis of Leaving the Church in the Netherlands”, *European Sociological Review*, Reino Unido, Oxford University Press, 1996, vol. 12, pp. 87-99, <https://doi.org/10.1093/oxfordjournals.esr.a018179>
- NEW YORK TIMES, “Jehovah's Witnesses Go Before Lisbon Court”, *The New York Times*, 1966, 26 de junho, pp. 14, artigo jornalístico disponível online em:

<https://www.nytimes.com/1966/06/24/archives/49-jehovahs-witnesses-go-before-lisbon-court.html>

NUNES, Carla, “Crentes de mais de 40 países a “falar a mesma língua” num estádio cheio”, *Público*, 2019, 28 de junho, artigo jornalístico disponível online em <https://www.publico.pt/2019/06/28/sociedade/reportagem/aqui-amor-congresso-testemunhas-jeovas-decorre-ate-domingo-1878125>

ORMSBEE, J. Todd, “‘Like a Cord Snapping’: Toward a Grounded Theory of How Devout Mormons Leave the LDS Church”, *Critical Research on Religion*, EUA, Sage, 2020, vol. 8, nº 3, pp. 297-317, <https://doi.org/10.1177/2050303220924096>

OTTO, Rudolf, *The Idea of the Holy*, Reino Unido, Oxford University Press, 1968

PALMER, Richard E., *Hermeneutics - Interpretation Theory in Schleiermacher, Dilthey, Heidegger, and Gadamer*, EUA, Northwestern University Press, 1969, ISBN 0-8101-0027-4

PALOUTZIAN, Raymond F. et al., “Conversion, Deconversion, and Spiritual Transformation – A Multilevel Interdisciplinary View”, em Raymond F. Paloutzian e C. L. Park, org., *Handbook of The Psychology of Religion and Spirituality*, Nova Iorque, The Guilford Press, 2013, pp. 399-421, ISBN 146251006X

PENTON, James, *Jehovah’s Witnesses and the Third Reich – Sectarian Politics Under Persecution*, Toronto, Buffalo e Londres, University of Toronto Press, 2004, ISBN 0-8020-8927-5

PENTON, James, *Apocalypse Delayed – The Story of Jehovah’s Witnesses*, 3ª Edição, Toronto, Buffalo e Londres, University of Toronto Press, 2015, ISBN 978-1-4426-4793-0

PÉREZ, Sergio e Frédérique VALLIÈRES, “How do Religious People Become Atheists? Applying a Grounded Theory Approach to Propose a Model of Deconversion”, *Secularism and Nonreligion*, Reino Unido, Ubiquity Press, 2019, vol. 8, nº 3, pp. 1-14, <https://doi.org/10.5334/snr.108>

PEW RESEARCH CENTER, *New Pew Forum Poll Explores Why Americans Change Religious Affiliation*, Pew Research Center, 2009, 27 de abril, disponível online em <https://www.pewresearch.org/religion/2009/04/27/new-pew-forum-poll-explores-why-americans-change-religious-affiliation/>

PINTO, Pedro, “A Implantação das Testemunhas de Jeová em Portugal e no Ultramar Português (1925-1974)”, *Lusitania Sacra*, Lisboa, Portugal, Centro de Estudos de História Religiosa –

Universidade Católica Portuguesa, 2012, vol. 25, janeiro-junho de 2012, pp. 127-179, <http://hdl.handle.net/10362/19497>

POEWE, Karla O., “Religion, Matrilineity and Change: Jehovah’s Witnesses and Seventh Day Adventists in Luapula, Zambia”, in *American Ethnologist*, EUA, Wiley, 1978, vol. 5, nº 2, pp. 303-321, *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/643293>

PRESS ASSOCIATION, “Jehovah's Witness teenager dies after refusing blood transfusion”, *The Guardian*, 2010, 18 de Maio, artigo jornalístico disponível online em <https://www.theguardian.com/uk/2010/may/18/jehovahs-witness-dies-refuse-blood-transfusion>

RAJTAR, Malgorzata, “Bioethics and Religious Bodies: Refusal of Blood Transfusions in Germany”, *Social Science and Medicine*, EUA, Elsevier, 2013, vol. 98, pp. 271-277, 10.1016/j.socscimed.2013.02.043

RAMBO, Lewis R., *Understanding Religious Conversion*, EUA, Yale University Press, 1993, ISBN 9780585363257

RANSOM, Heather J. et al., “Life After Social Death: Leaving the Jehovah’s Witnesses, Identity Transition and Recovery”, *Pastoral Psychology*, Reino Unido, Springer, 2021, vol. 70, pp. 53-69, <https://doi.org/10.1007/s11089-020-00935-0>

REDMANN, Andrew J. et al., “To Transfuse or not to Transfuse? Jehovah's Witnesses and Postoperative Hemorrhage in Pediatric Otolaryngology”, *International Journal of Pediatric Otorhinolaryngology*, EUA, Elsevier, 2018, vol. 115, pp. 188-192, 10.1016/j.ijporl.2018.10.008

ROGERSON, Alan, *Millions Now Living Will Never Die: A Study of Jehovah's Witnesses*, Londres, Constable, 1969, ISBN 0094559406

ROSS, Alice, “Jehovah's Witnesses under pressure over handling of sexual abuse claims”, *The Guardian*, 2016, 12 de agosto, artigo jornalístico disponível online em <https://www.theguardian.com/society/2016/aug/12/jehovahs-witnesses-under-pressure-over-handling-of-sexual-abuse-claims>

ROYAL COMISSION, Public Hearing into The Jehovah's Witnesses And Watchtower Bible And Tract Society Of Australia Ltd – Case Study 54, Royal Commission Into Institutional Responses To Child Sexual Abuse, Sidney, Austrália, 2016, relatório disponível online em

<https://www.childabuseroyalcommission.gov.au/sites/default/files/file-list/Case%20Study%2054%20-%20Opening%20address%20-%20Institutional%20review%20of%20the%20Jehovah%27s%20Witnesses%20-%20Sydney.pdf?guid=10908a67-70c5-4103-94cc-dac096fdb585&type=openingaddresspdf&filename=case-study-54%2C-march-2017%2C-sydney-opening-address&fileextension=pdf>

SINGELENBERG, Richard, “It Separated the Wheat from the Chaff”: The ‘1975’ Prophecy and Its Impact among Dutch Jehovah's Witnesses”, *Sociology of Religion*, Reino Unido, Oxford University Press, 1989, vol. 50, nº 1, primavera de 1989, pp. 23–40, <https://doi.org/10.2307/3710916>

SCHNELL, William J., *30 Years a Watchtower Slave*, Grand Rapids, Michigan, Baker Publishing, 2001, ISBN 0801063841

SCHNELL, T. e W. E. KEENAN, “Meaning-making in an atheist world”, *Archive for the Psychology of Religions*, Alemanha, International Association for the Psychology of Religion, 2011, vol. 33, pp. 55–78, <https://doi.org/10.1163/157361211X564611>

SMITH, David Woodruff, *Phenomenology*, The Stanford Encyclopedia of Philosophy, Edward N. Zalta, ed., 2018, verão de 2018, artigo disponível online em www.plato.stanford.edu/archives/sum2018/entries/phenomenology/

SOCIAL COMPASS, vol. 24, nº 1, EUA, Sage, 1977, ISSN: 1461-7404, disponível online em <https://journals.sagepub.com/toc/scp/24/1>

SPENCER, John, “The Mental Health of Jehovah's Witnesses”, in *British Journal of Psychiatry*, Londres, Cambridge University Press, 1975, vol. 126, pp. 556-559, 10.1192/bjp.126.6.556

SPRAGUE, Theodore, *Jehovah's Witnesses: A Study in Group Integration*, Dissertação não publicada no âmbito de mestrado em Sociologia, Harvard University, 1942

SPRAGUE, Theodore, “Some Notable Features in the Authority Structure of a Sect”, *Social Forces*, Reino Unido, Oxford University Press, 1943, vol. 21, nº 3, março de 1943, pp. 344-350, <https://doi.org/10.2307/2570674>

SPRAGUE, Theodore, “The ‘World’ Concept Among Jehovah's Witnesses”, *Harvard Theological Review*, EUA, Cambridge University Press, 1946, vol. 39, nº 2, abril de 1946, pp. 109-140, 10.1017/S0017816000023130

- STARK, Rodney e Laurence R. IANNACONE, “Why the Jehovah’s Witnesses Grow so Rapidly: A Theoretical Application”, *Journal of Contemporary Religion*, EUA, Routledge, 1997, vol. 12, nº 2, pp. 133-157, <https://doi.org/10.1080/13537909708580796>
- STONE, Alyson M., “Thou Shalt Not: Treating Religious Trauma and Spiritual Harm with Combined Therapy”, *GROUP*, EUA, Eastern Group Psychotherapy, 2013, vol. 37, nº 4, inverno de 2013, pp. 323-337, <https://doi.org/10.13186/group.37.4.0323>
- STREIB, Heinz, “Deconversion”, em Rambo, Lewis R. e Charles E. Farhadian, eds., *The Oxford Handbook of Religious Conversion*, Reino Unido, Oxford University Press, 2014, pp. 271-296, ISBN 9780199984596
- STREIB, Heinz, et al., *Deconversion Revisited – Biographical Studies and Psycho-metric Analyses Ten Years Later*, Alemanha, Vandenhoeck & Ruprecht, 2001, ISBN 3525568681
- STROMBERG, Peter G., “The Role of Language in Religious Conversion”, em Rambo, Lewis R. e Charles E. Farhadian, eds., *The Oxford Handbook of Religious Conversion*, Reino Unido, Oxford University Press, 2014, pp. 117–139, ISBN 9780199984596
- TAYLOR, Charles, *A Secular Age*, EUA, The Belknap Press of Harvard University Press, 2018, ISBN 978-0-674-98691-6
- TEIXEIRA, Alfredo et al., coord., *Identidades Religiosas e Dinâmica Social na Área Metropolitana de Lisboa*, Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2019, ISBN 978-989-8943-84-2
- TIPPETT, Alan R., “Conversion as a Dynamic Process in Christian Mission”, *Missiology*, EUA, Sage Publications, vol. 5, nº 2, 1977, pp. 203-221, <https://doi.org/10.1177/009182967700500206>
- TOLSTOI, Lev, *Uma Confissão*, Lisboa, Alêtheia Editores, 2014, ISBN 978-989-622-660-2
- UECKER, Jeremy E., Mark D. REGNERUS e Margaret L. VAALER, “Losing My Religion: The Social Sources of Religious Decline in Early Adulthood”, *Social Forces*, Reino Unido, Oxford University Press, 2007, nº 85, pp. 1667-1692, <https://doi.org/10.1353/sof.2007.0083>
- VIEGAS, Alzira Manuel da Rocha Gomes, *A Bioética entre as Convicções do Doente e o Avanço Científico*, Dissertação não publicada no âmbito do mestrado em Bioética, Universidade de Lisboa – Faculdade de Medicina, 2008

- VILAÇA, Helena, “Novas Paisagens Religiosa em Portugal: do Centro às Margens”, *Didaskalia*, XLIII, Lisboa, Universidade Católica, 2013, vol. 1, nº 2, pp. 81-114, <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2013.2396>
- WEBER, Max, *Sociology of Religion*, 2ª Edição, Boston, Beacon Press, 1993, ISBN 9780807042052
- WEIMER, Adrian Chastain, “Martyrdom and Religion in North America”, *Oxford Research Encyclopedia of Religion*, Reino Unido, Oxford University Press, 2017, pp. 1-16, <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780199340378.013.433>
- WENGRAF, Tom, *Qualitative Research Interviewing: Biographic Narrative and Semi-Structured Methods*, Londres, Thousand Oaks e Nova Dehli, Sage, 2001, ISBN 0 8039 7500 7
- WILSON, Bryan R., “Jehovah’s Witnesses in Kenya”, *Journal of Religion in Africa*, EUA, Brill, 1973, vol. 5, nº 2, pp. 128-149, <https://doi.org/10.2307/1594759>
- WILSON, Bryan e Jamie CRESSWELL, eds., *New Religious Movements – Challenge and Response*, Londres e Nova Iorque, Routledge, 1999, ISBN 9780415200509
- WRIGHT, Bradley R. E. et al., “Explaining Deconversion from Christianity – A study of Online Narratives”, *Journal of Religion and Society*, EUA, The Kripke Center, 2011, vol. 13, pp. 1-17
- WYNN, Mark, *Phenomenology of Religion*, The Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2016, artigo disponível online em: <https://plato.stanford.edu/entries/phenomenology-religion/>
- ZELLNER, W., *Of Another World: The Jehovah’s Witnesses*, Tese não publicada no âmbito de doutoramento em Sociologia, South Dakota State University, 1981
- ZYGMUNT, Joseph F., “Prophetic Failure and Chiliastic Identity: The Case of Jehovah’s Witnesses”, *American Journal of Sociology*, Chicago, University of Chicago Press, 1970, vol. 75 (6), pp. 926-948, *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/2776152>

Bibliografia – Testemunhas de Jeová

- ASSOCIAÇÃO DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *As Testemunhas de Jeová em Portugal – Implantação Histórico-Social*, Alcabideche, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2000
- RUSSELL, Charles Taze, *The Object and Manner of Our Lord's Return*, Nova Iorque, Office of Herald of the Morning, 1877
- RUSSELL, Charles Taze, *Food for Thinking Christians: Why Evil Was Permitted and Kindred Topics*, Nova Iorque, Watch Tower Bible and Tract Society, 1881
- RUSSELL, Charles Taze, *The Divine Plan of the Ages*, Nova Iorque, Watch Tower Bible and Tract Society, 1886
- RUTHERFORD, Joseph Franklin, *Millions Living Will Now Never Die*, EUA, International Bible Students Association, 1920
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *Estudo Perspicaz das Escrituras – Volume 1*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, s.d.a
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *Estudo Perspicaz das Escrituras – Volume 2*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, s.d.b
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “O Que Significa a Desassociação”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 1963, 15 de novembro de 1963, vol. 15, nº 11, pp. 693-697
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Será esta a época de se ter filhos?”, *Despertai!*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 1975, vol. 22, nº 3, pp. 9-12
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “A Colheita no ‘Tempo do Fim’”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 1981a, 8 de janeiro de 1981, pp. 21-26
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “‘Os que desistem da carreira são mais felizes’”, *Despertai!*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 1981b, vol. 8, nº 3, 8 de março de 1981, pp. 11
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “14 de Nisã – dia de recordações”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 1985a, 15 de fevereiro de 1985, pp. 10-15

- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Devíeis ser instrutores”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 1985b, vol. 1, nº 7, pp. 23-27
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Ter filhos de modo responsável neste tempo do fim”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 1988, vol. 1, nº 3, pp. 23-27
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Perfect Government At Last!”, *Awake!*, EUA, Watchtower Bible and Tract Society, 1990, vol. 12, nº 22,
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “A limpeza honra a Deus”, *Nosso Ministério do Reino*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 1995, vol. 12, nº 95, dezembro de 1995, pp.7
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Cultivaram o ‘campo’ antes da colheita”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2000a, 15 de outubro de 2000, pp. 25-30
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Por que eles não têm filhos?”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2000b, 1 de agosto de 2000, pp. 20-23
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Boa aparência”, *Beneficie-se da Escola do Ministério Teocrático*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2002, pp. 131-134
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Escolhi a carreira certa”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2007, março de 2007, pp. 13-15
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Como encarar o casamento e a possibilidade de ter filhos neste tempo do fim”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2008a, abril de 2008, pp. 16-20
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Aceite a autoridade de Jeová”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2008b, junho de 2008, pp. 18-22
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Escolhi uma carreira melhor”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2010a, abril de 2010, pp. 10-12
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Por que desisti de uma carreira lucrativa”, *Despertai!*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2010b, junho de 2010, pp. 24-26
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Pergunta 1: Será que a minha vida tem objetivo?”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2012, vol. 133, nº 21, 1 de novembro de 2012, pp. 4, 5

- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Você fará sacrifícios pelo Reino?”, *A Sentinela*, Brasil, Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2013a, vol. 134, nº 24, 15 de dezembro de 2013, pp. 11-15
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Escolhi a melhor carreira”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2013b, 1 de dezembro de 2013, pp. 8-10
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Trabalhem como escravos para Jeová”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2013c, , vol. 134, nº 20, 15 de outubro de 2013, pp. 9-14
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Conduta que glorifica a Deus”, *Nosso Ministério do Reino*, Brasil, Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2013d, vol. 4, nº 13, pp. 3-6
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “A verdade vos libertará”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2013e, novembro de 2013, pp. 7
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Existe alguma religião digna de confiança?”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2013f, julho de 2013, pp. 7
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *Quem Está Fazendo a Vontade de Jeová Hoje?*, Brasil, Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2015a
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Encontramos uma carreira mais gratificante”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2015b, março de 2015, pp.4-6
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Por que pregamos?”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2015c, setembro de 2015, pp. 7
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Sua roupa mostra que você serve a Deus?”, *A Sentinela*, Brasil, Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2016a, vol. 137, nº 14, setembro de 2016, pp. 17-21
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Um embriologista fala de sua fé”, *Desperta!*, Brasil, Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2016b, vol. 97, nº 2, pp. 10, 11
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *Anuário das Testemunhas de Jeová – 2017*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2017a
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *Mantenha-se no Amor de Deus*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2017b

- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Lembre-se de Orar Pelos Irmãos Que Enfrentam Perseguição”, *Vida e Ministério Cristãos*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2017c, janeiro de 2017, pp. 8
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “A verdade traz ‘não a paz, mas a espada’”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2017d, outubro de 2017, pp. 12-16
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Um neurocientista fala de sua fé”, *Despertai!*, Brasil, Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2017e, vol. 98, nº 4, pp. 12, 13
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *O Que a Bíblia Realmente Ensina?*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2017f
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *Continue a Amar a Deus*, Brasil, Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2018a
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “‘Não Fazem Parte do Mundo’”, *Vida e Ministério Cristãos*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2018b, outubro de 2018, pp. 6
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Quem é que está a moldar o seu modo de pensar?”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2018c, vol. 139, nº 14, novembro de 2018, pp. 19-22
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Evolução – mitos e factos”, *Será que a Vida Teve um Criador?*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2018d, pp. 18-23
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “A Ilustração do Trigo e do Joio”, *Vida e Ministério Cristãos*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2018e, fevereiro de 2018, pp. 3
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *Boas Notícias de Deus para Você*, Brasil, Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2018f
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *Relatório Mundial das Testemunhas de Jeová do Ano de Serviço - 2018*, EUA, Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 2018g
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *Organizados para Fazer a Vontade de Jeová*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2019a
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Escolha Bem o Seu Entretenimento”, *Vida e Ministério Cristãos*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2019b, junho de 2019, pp. 7

- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Prepare-se agora para a perseguição”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2019c, vol. 140, nº 9, julho de 2019, pp. 2-7
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Não Amem o Mundo, Nem as Coisas no Mundo”, *Vida e Ministério Cristãos*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2019d, novembro de 2019, pp. 2
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “A Disciplina É Uma Prova do Amor de Jeová”, *Vida e Ministério Cristãos*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2019e, setembro de 2019, pp. 5
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *Relatório Mundial das Testemunhas de Jeová do Ano de Serviço - 2019*, EUA, Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 2019f
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Pastoreiem o rebanho de Deus” – 1 Pedro 5: 2, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2020a
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “A verdade pode mudar sua vida”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2020b, vol. 141, nº1, pp. 16
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Em Busca da Verdade”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2020c, vol. 141, nº1, pp. 3-5
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *Relatório Mundial das Testemunhas de Jeová do Ano de Serviço - 2020*, EUA, Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 2020d
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “O cabeça de todo o homem é o Cristo”, *A Sentinela*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2021a, fevereiro de 2021, pp. 2-7
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *Relatório Mundial das Testemunhas de Jeová do Ano de Serviço - 2021*, EUA, Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 2021b
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Por que os cristãos devem se esforçar para fazer mais?”, *Nossa Vida e Ministério Cristão – Apostila da Reunião*, Brasil, Associação Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 2022a, novembro-dezembro de 2022, pp. 6
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Como escolher bem as diversões”, *Seja Feliz para Sempre!*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2022b, pp. 221-224
- TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, “Enfrente perseguição com coragem!”, *Seja Feliz para Sempre!*, Portugal, Associação das Testemunhas de Jeová, 2022c, pp. 245-248

TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, *Relatório Mundial das Testemunhas de Jeová do Ano de Serviço - 2022*, EUA, Watchtower Bible and Tract Society of Pennsylvania, 2022d

Anexo I

Comparison of Christian millennial teachings

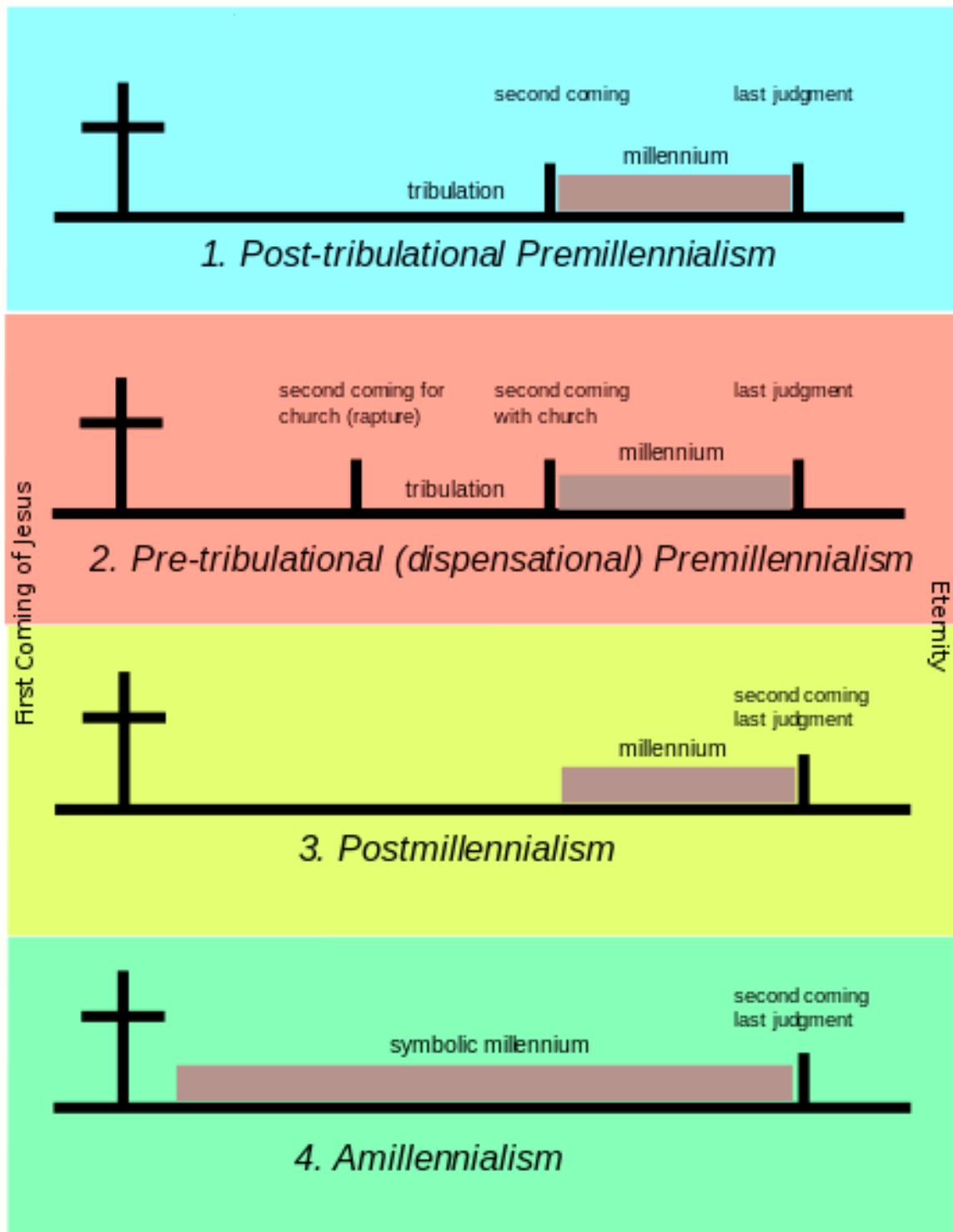


Figura 1 “Comparação de Ensinamentos Milenaristas Cristãos”, autoria de Lamorak, encontrado em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=5744605>

Comparison of Christian Tribulation Views

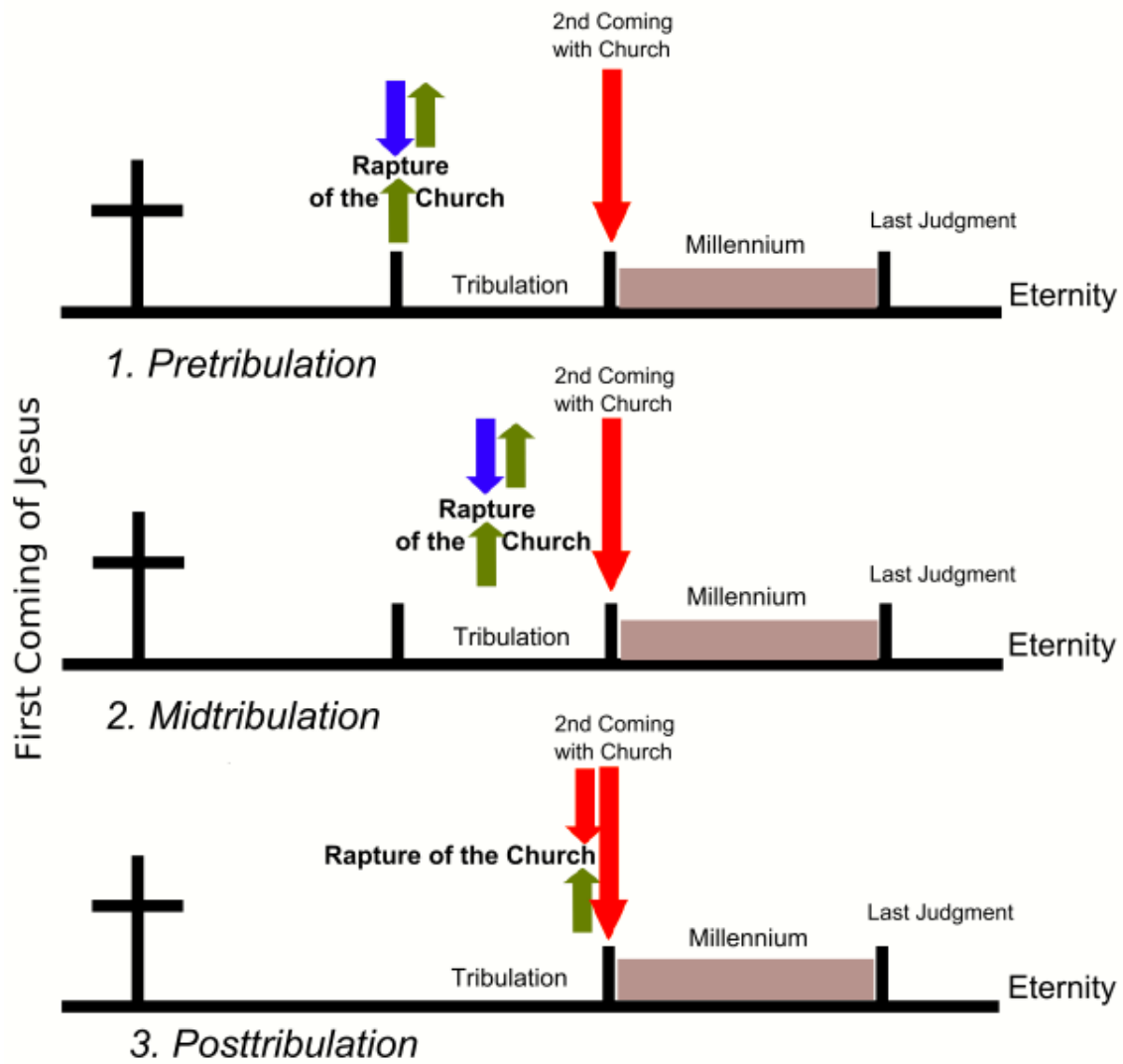


Figura 2 “Comparação de Perspetivas Cristãs sobre a Tribulação”, autoria de Lamorak, encontrado em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=6710032>

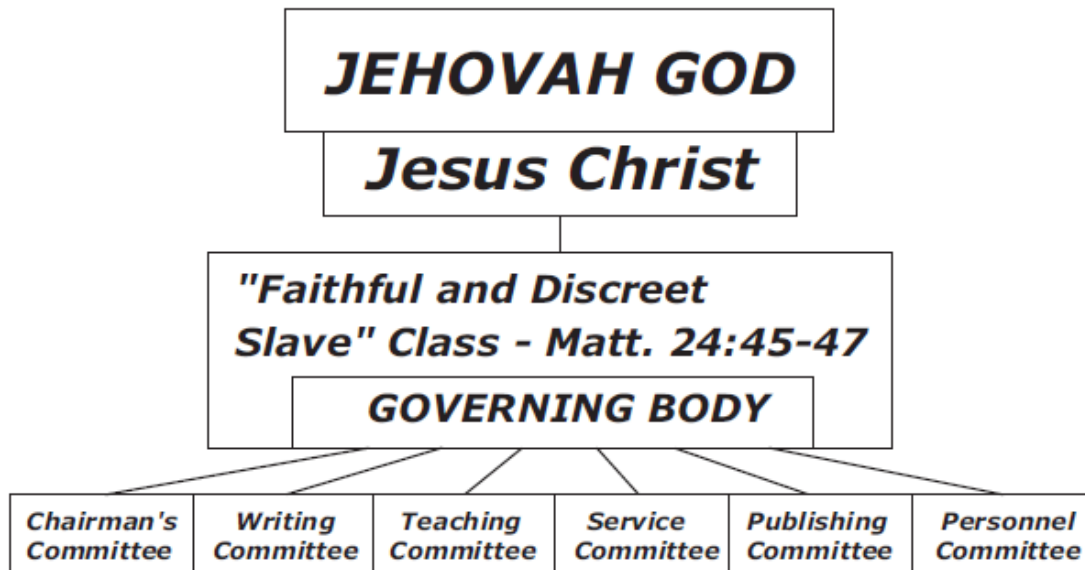


Figura 4 A “Visão Idealizada pela Torre de Vigia do Governo Teocrático” (Penton 2015: 292). Uma esquematização da hierarquia dos cargos mais altos da organização, localizados na sede de Nova Iorque.

The Pope of Rome	The President of the Watch Tower Society
The College of Cardinals	The Governing Body of Jehovah’s Witnesses
The Papal Curia	The Committee Structure of the Governing Body
The Vatican	The Brooklyn Bethel
Archbishops	District Overseers
Bishops	Circuit Overseers
Priests	Elders
Deacons	Ministerial Servants
Regular Orders	Pioneers
The Catholic Laity	The Jehovah’s Witness Community

Figura 5 Uma comparação com a estrutura hierárquica da Igreja Católica, para clarificação (Penton 2015: 292, 293).

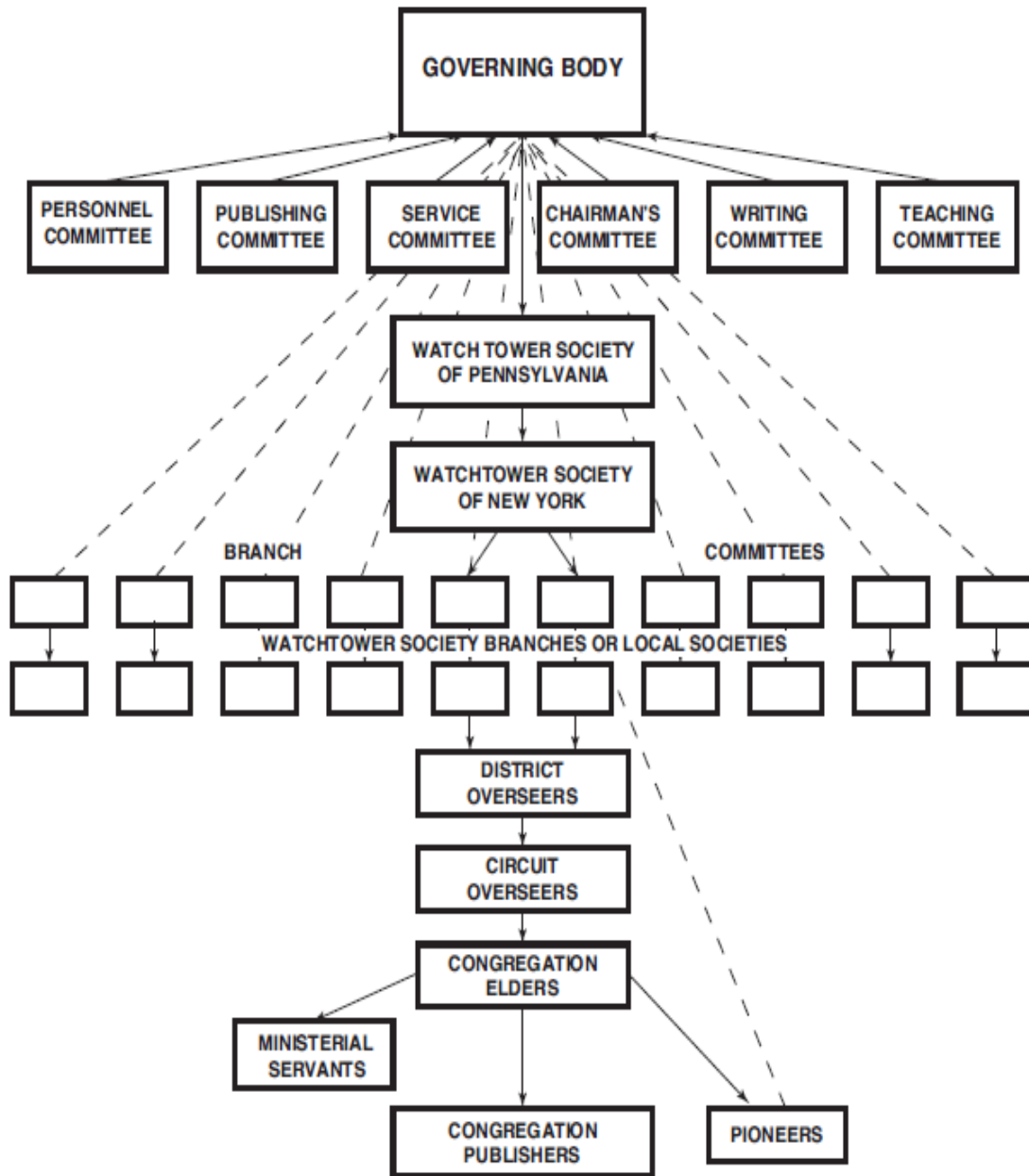


Figura 6 A estrutura hierárquica das Testemunhas de Jeová na sua totalidade (Penton 2015: 293)

Anexo II

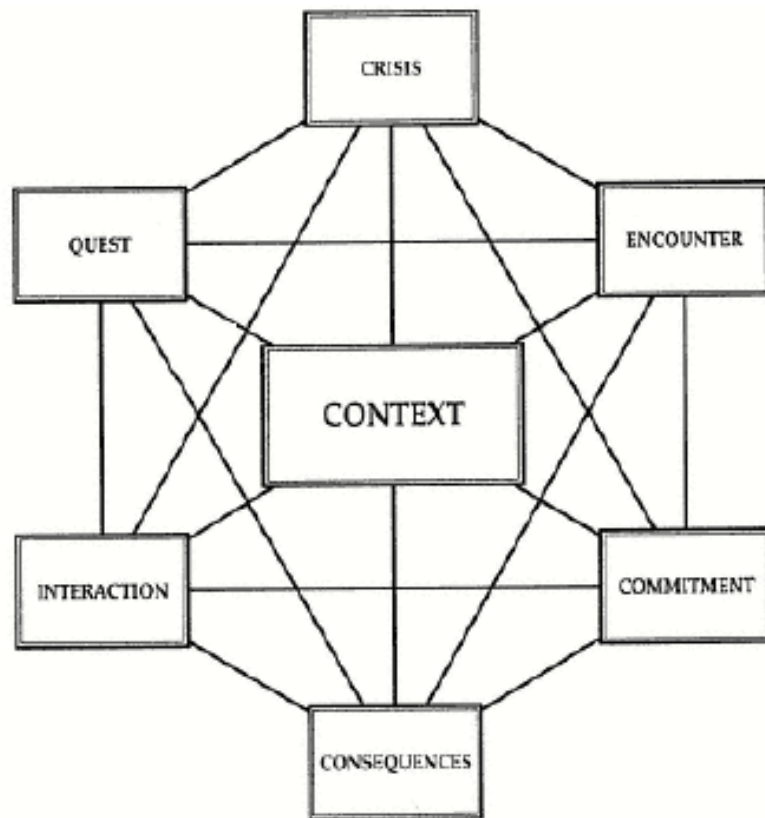
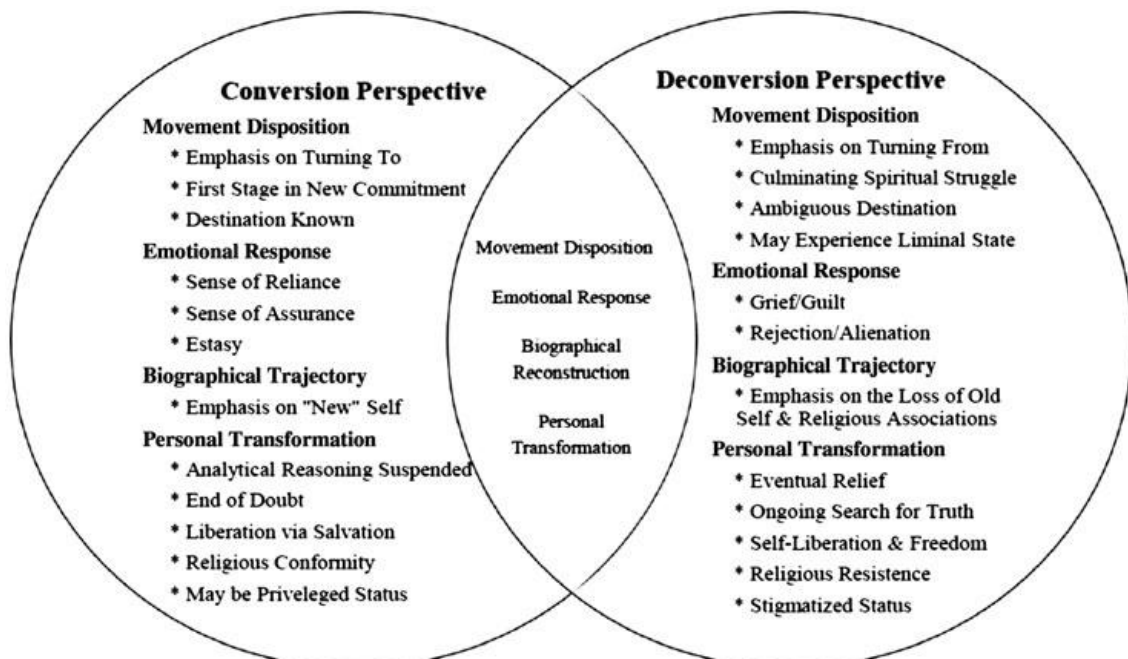


Figura 1 O modelo por fases de Lewis R. Rambo (Rambo 1993: 18)

Anexo III



Sources: Barbour; Harrold; James; McKnight and Ondrey; Snow and Machalek

Figura 1 "Perspectivas de Conversão e Perda de Fé" (Fazzino 2014: 252)